Cate Tiernan
INIMIGO SOMBRIO
AMADA IMORTAL
Volume 3
GALERA

Outras obras da autora publicadas pela Galera Record

Amada imortal

Cair das trevas

Inimigo sombrio

Cate Tiernan

AMADA IMORTAL

Volume 3

INIMIGO SOMBRIO

Tradução

Regiane Winarski

1ª edição

GALERA RECORD

RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2014

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Tiernan, Cate

T443i

Inimigo sombrio / Cate Tiernan; tradução Regiane v. 3 Winarski. – 1ª. ed. – Rio de Janeiro: Galera Record, 2014. (Amada Imortal; 3)

Tradução de: Eternally Yours

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-01-05344-2 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. I. Winarski, Regiane. II. Título. III. Série.

14-09050

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Título original em inglês:
ETERNALLY YOURS

Copyright © 2012 by Gabrielle Charbonnet

Publicado mediante acordo com Rights People, London.

Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução, no todo ou
em parte, através de quaisquer meios.
Os direitos morais do autor foram assegurados.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Composição de miolo da versão impressa: Abreu's System

Design de capa: Renata Vidal

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil
adquiridos pela
EDITORA RECORD LTDA.
Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000,
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-05344-2

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.

Para os meus leitores, com amor.
Vocês me fazem seguir em frente.

CAPÍTULO 1

UPPSALA, SUÉCIA, 1619

— *Vali! Vali!* Onde *está* a garota?

Ouvi a voz do meu chefe e subi do depósito no subsolo.

— Aqui! — falei sem fôlego, colocando a pesada caixa de linha dourada no balcão. Os degraus de madeira do porão da loja eram pouco mais que uma escada de mão; precisei segurar a caixa com uma das mãos enquanto a outra me impedia de cair da escada. Com o tempo, eu ganharia a agilidade de um cabrito montês, mas estava ali havia apenas um mês, e a escada era, mesmo pelos padrões escandinavos, íngreme e estreita. Acrescente a isso as saias longas e as anáguas, e teria um desastre em potencial.

Meu chefe, o Sr. Nils Svenson, deu seu sorriso costumeiro.

— Vali é nova aqui. Ainda está aprendendo sobre os produtos.

Fiz uma pequena reverência, mantendo o olhar baixo.

— Mas ela está se saindo muito bem, não é, querida? — O Sr. Svenson assentiu para mim em aprovação, depois voltou toda a atenção para o homem dedicado a decidir se golas de babados largos estavam mesmo saindo de moda ou não.

Peguei um espanador de penas do bolso do avental e comecei a limpar os rolos de tecido que revestiam duas paredes. Meu senhor era um dos alfaiates mais procurados de Uppsala, conhecido por ter os tecidos mais refinados: lãs delicadamente tecidas, macias ao toque e tingidas em tons intensos de pedras preciosas; linhos lisos e coloridos de fios variados, desde os tão finos como a asa de uma mariposa até o tecido pesado e resistente para bombachas e espartilhos; sedas do Oriente Distante, incrivelmente sofisticadas, em cores vibrantes que pareciam bem exóticas e deslocadas no novembro daquele país.

O sino de prata sobre a porta da loja tilintou, e uma mulher muito elegante entrou, com o chapéu ornado por uma pena turquesa de avestruz que, eu sabia, custava o equivalente a seis meses do meu salário.

— Olá, minha querida — cumprimentou o homem, virando-se e segurando com gentileza a mão enluvada da mulher para dar-lhe um beijo. — Peço desculpas pelo atraso.

— Não me incomodo nem um pouco — disse ela graciosamente. — Termine seu negócio.

Ela pareceu deslizar pela loja em delicados sapatos de pelica que quase não faziam barulho. Momentos depois, aproximou-se de mim enquanto eu espanava e tentava não fitar sua bela capa cinza-tempestade, toda bordada com flores pretas.

— Que tecido refinado — murmurou ela, tocando delicadamente uma seda *moiré* cor de pêssego, bordada em prata, o que a deixava pesada e rígida. Ela se virou para o marido. — Meu querido, você deveria fazer um...

Não sei por que ela olhou para mim bem naquele momento, mas foi isso o que fez; os límpidos olhos azuis passaram distraidamente por mim para depois se cravarem e atraírem meu rosto como um imã. Ela parou no meio da frase com os olhos arregalados. Uma de suas mãos tocou em um pedaço de seda e ficou segurando-o, como se ela fosse cair se não fosse pelo tecido.

— Sim, querida? — disse o marido dela.

Ela largou a seda e deu um sorriso trêmulo.

— Um momento.

Ela se virou graciosamente de costas para os dois homens e olhou para mim de novo.

— Você — disse ela, com a voz baixa demais para que eles pudessem ouvir.

— Sim, senhora? — perguntei, preocupada. E então... não sei como descrever. Ainda não consigo. Não sei como sabemos e nem o que é. Mas encontrei seu olhar, e um instante de reconhecimento passou entre nós. Fiquei boquiaberta e quase soltei um gritinho abafado.

Tínhamos nos reconhecido pelo que realmente éramos: imortais. Jamais havia encontrado uma pessoa como eu em três países, oito cidades e quase cinquenta anos.

— Quem é você? — sussurrou ela.

— Meu nome é Vali, senhora.

— De onde você é?

A mentira de décadas veio com facilidade.

— De Noregr, senhora — murmurei, torcendo para haver de fato imortais na Noruega. Não tinha conhecido nenhum quando morei lá.

— Minha querida — chamou o marido dela.

Com um último olhar penetrante, a mulher se afastou de mim e se juntou ao marido. Pouco depois, saíram para a tarde escura e fria. Eram apenas 15h30, mas é claro que o sol já havia se posto no extremo norte.

Fiquei parada ali com a cabeça a mil até perceber que o Sr. Svenson estava olhando para mim. Voltei a espanar, agitada.

No dia seguinte, meu senhor me chamou da vitrine de laços de seda que estava arrumando.

Ele embrulhava alguma coisa em papel marrom, dobrando cuidadosamente e amarrando com barbante encerado.

— Preciso que leve isto para a Sra. Henstrom — disse ele. — Ela pediu várias amostras de tecido. — Ele pegou a caneta, mergulhou-a na tinta e escreveu, com a caligrafia inclinada de um homem estudado, o nome da rua e o número da casa

no papel. — Seja rápida, Vali. E tome. Compre um pão para você na volta. — Ele me entregou algumas moedas de cobre.

— Obrigada, senhor — agradeci. Ele era um homem genuinamente gentil, e trabalhar para ele não estava sendo nada ruim.

Ajeitei o cachecol que eu usava sempre, coloquei minha áspera capa de lã verde-musgo e saí apressada. Essa Sra. Henstrom morava a cerca de trinta minutos de caminhada. Desviei da sujeira das ruas, de cavalos e de pessoas lotando as lojas das ruas do centro, e fiquei feliz de novo por morar em uma cidade, e não mais no campo. Uppsala era de longe a maior cidade em que eu tinha vivido desde Reykjavik. No campo, a noite se fechava sobre você como um sino cobrindo uma luz, de forma silenciosa e implacável. Ali, mesmo à meia-noite, era possível ouvir ocasionalmente o estalo de ferraduras de cavalo nas pedras do pavimento, um choro de bebê, às vezes a cantoria desafinada e desbocada de homens que haviam bebido demais. E ali, naquela cidade, morava pelo menos mais uma imortal.

As ruas faziam curvas e mais curvas, e mais de uma vez precisei voltar e pegar um caminho diferente. Andei o mais depressa que podia, principalmente para me manter aquecida, mas o frio úmido e enevoado entrava por baixo da capa e pelas botas chegando até o tornozelo. Quando encontrei a casa de número certo, estava gelada até as unhas e tremendo de frio.

A casa era grande e elegante, feita de tijolos marrons e coloridos, arrumados em um desenho, e uma fachada falsa de zigurates. Tinha quatro andares de altura, com a entrada no topo de um lance alto de escadas. Bati várias vezes na aldrava pesada de metal com cabeça de leão. A porta preta envernizada foi aberta quase imediatamente por uma mulher grande e redonda que usava um avental branco impecável. Ela tinha as mãos avermelhadas e ásperas de uma criada, mas também um inconfundível ar de importância. Talvez fosse a governanta.

— Sou da loja do Sr. Svenson — falei. — Trouxe amostras de tecido para a senhora. — Estiquei o pacote para que ela o segurasse, mas a mulher só abriu mais a porta.

— Ela a está esperando na primeira sala de visitas.

— Eu? Sou só a vendedora da loja.

— Vá logo. — A governanta acenou em direção a uma porta dupla alta pintada de cinza-pomba.

Ali dentro, uma mulher estava sentada em frente a uma lareira de mármore branco entalhada com frutas e guirlandas. Azulejos brancos e azuis, com navios pintados, cercavam a área da lareira, e fiquei com vontade de me ajoelhar e observar cada um enquanto apreciava o delicioso calor do fogo. Em vez disso, fiquei insegura, de pé na entrada, e, então, a mulher se mexeu e pude ver seu rosto. Meu coração acelerou: era a mulher que esteve na loja na tarde anterior. A imortal.

— Ah, que bom. As amostras do Sr. Svenson — disse ela, com uma voz macia e modulada, de sotaque refinado. — Preciso que você espere, garota, enquanto dou uma olhada nelas. Assim poderá levar diretamente minhas escolhas para seu senhor.

— Sim, senhora — concordei, perplexa.

— Obrigada, Singe — disse ela à governanta, e a mulher saiu com relutância, claramente curiosa e desaprovando a presença de uma vendedora na bela sala de visitas.

Quando a porta se fechou em silêncio, a Sra. Henstrom fez um sinal para que eu me aproximasse.

— Perdoe-me por tê-la enganado, mas eu não podia convidar uma vendedora de loja sem mais nem menos — afirmou, com voz baixa, e eu assenti. — Você disse que era de Noregr?

Assenti outra vez.

— E a senhora? De onde é? — perguntei, sendo audaciosa.

— Da França — respondeu ela. Eu sabia tão pouco sobre imortais naquela época que fiquei chocada. Eles estavam em todos os lugares? Em todos os países?

Eu tinha 20 e poucos anos quando me contaram o que eu era. Antes disso, não sabia. Afinal, tinha visto minha família inteira ser assassinada na minha

frente; todos morreram, e então ficou claro para mim que eu também podia morrer. Mas depois que meu primeiro marido faleceu, um não imortal, quando eu tinha 18 anos, segui para Reykjavik e me tornei a criada de uma grande família de classe média. Descobri que eles também eram imortais. A senhora da casa, Helgar Thorsdottir, foi quem me ensinou sobre nós. Na época, eu era tão jovem que o conceito de viver para sempre não significou nada para mim.

Isso foi há cinquenta anos. Conforme o tempo foi passando, primeiro devagar e depois mais rapidamente, começou a parecer real para mim: eu olhava para um pedaço de metal polido ou, em algumas ocasiões, para um espelho de verdade ou para a água parada de um lago ou de uma poça e via a mesma pessoa. Década após década. Minha pele não tinha rugas, e meu cabelo, apesar de claro o bastante para ser quase branco, não ganhava fios grisalhos com a idade. Eu era a mesma, sempre.

— Quantos anos você tem, minha querida? — perguntou a Sra. Henstrom. Ela não falou que eu podia me sentar nem me ofereceu uma bebida; eu era só a funcionária de uma loja.

— Sessenta e oito — falei baixinho. E ainda mal aparentava ter 16.

— Tenho 229 — disse ela, e meus olhos se arregalaram, o que a fez rir. — Certamente já conheceu pessoas mais velhas que eu.

Não sabia quantos anos meus pais tinham. Não tinha certeza da idade de Helgar e do marido, embora, pelas coisas que ela disse, parecesse ter uns 80 anos. Naquela época. Então estaria com uns 130.

— Acho que não. Não conheci muitos como nós.

— Mas, minha querida, estamos em toda a parte! — Ela deu outra risada, e um pequeno spaniel que eu ainda não tinha visto saiu de debaixo da cadeira e pulou no seu colo. Ela acariciou-lhe a cabeça macia e as orelhas exageradas. — Na França e na Inglaterra. Na Espanha. Na Itália. Aqui na Suécia — acrescentou, gesticulando para a janela.

Esperei que ela dissesse "Islândia", porque foi ali que nasci, mas ela não o fez. Jamais tinha ido a nenhum daqueles países, mas aquele instante, aquele

momento, se destacou consideravelmente de tantos outros, porque naquela hora eu soube que algum dia iria. O pensamento me fez prender a respiração, revelando um futuro que eu nunca contemplara. Dali a cinquenta anos, a ideia de ser mais que uma criada, funcionária de loja ou esposa, a ideia de morar em outro lugar que não fosse os países nórdicos, era um sonho tão sem forma que jamais me agarrara a ele.

Da mesma forma, perguntas que não tinha feito a Helgar, coisas sobre as quais me questionei, incertezas que povoavam meu cérebro havia anos então borbulharam na superfície, e eu não conseguia pronunciar as palavras com rapidez suficiente.

— A senhora conhece muitas outras... pessoas como nós?

A Sra. Henstrom sorriu.

— Sim, é claro. Várias. Sem dúvida, as que moram em Uppsala. E foi por isso que fiquei tão surpresa em encontrar uma que jamais tinha visto.

— E seu marido?

— Mortal, infelizmente. Um bom homem. — A tristeza dominou o adorável rosto de porcelana, e não demorei muito para entender que um dia ele morreria, diferentemente dela.

— Todos os que a senhora conhece são assim? — Apontei para o papel de parede damasco, para a mobília e a casa. Queria dizer rico, elegante.

Ela inclinou a cabeça para o lado, olhando para mim.

— Não. Estamos presentes em todas as classes da sociedade, em todos os níveis de nascimento, educação, criação.

Meus pais haviam sido ricos e poderosos. Tínhamos o maior e mais luxuoso castelo naquela parte da Islândia, feito de enormes blocos de pedra, com vidro de verdade nas janelas; tinha pelo menos 14 aposentos; paredes cobertas por tapeçarias; servos, professores, instrumentos musicais; até mesmo livros. Quando perdi minha infância, perdi tudo o que fazia parte dela.

— A natureza da coisa é tal — disse a Sra. Henstrom — que, quando uma pessoa vive um longo período, tem bastante tempo para preencher. Com

aprendizado, da forma que for possível. Conhecendo gente, pessoas influentes. Desempenhando uma ocupação pequena, mas permanecendo nela tempo o suficiente para crescer. O dinheiro aumenta com o tempo. Ou pelo menos se você souber usá-lo.

— Não tenho dinheiro. — Eu não pretendia dizer isso, mas, sem perceber, dei voz aos meus pensamentos. Corei porque devia ser bem óbvio que eu não tinha dinheiro.

A Sra. Henstrom assentiu com gentileza.

— Você nunca foi casada?

— Duas vezes. Mas eles também não tinham dinheiro. — Não queria pensar neles, nem no doce e ignorante Àsmundur, com quem me casei aos 16 anos, nem no homem terrível com quem pensei poder construir toda uma vida uns quarenta anos depois. Os dois estavam mortos, de qualquer maneira.

— Talvez você tenha casado com os homens errados. — A Sra. Henstrom não estava sendo sarcástica. Era mais uma sugestão. Ela indicou a sala com a mão, da mesma forma como eu havia feito. — Tenho meu próprio dinheiro, mas também procuro me casar com homens ricos. E quando eles morrem, o dinheiro deles passa a ser só meu, está vendo?

Olhei para ela boquiaberta.

— A senhora está querendo dizer... que eu deveria tentar casar com um homem rico?

— Acho que ter casado com homens pobres não ajudou em nada a melhorar sua posição — disse ela, acariciando o cachorrinho. — Você tem um rosto lindo, minha querida. Com outras roupas e um penteado moderno... poderia chamar a atenção de muitos homens.

— Não tenho família, relação alguma — balbuciei. — Sou órfã, não tenho nada. Quem iria querer casar comigo? — Não mencionei que não queria casar de novo; nunca mais.

Novamente, a Sra. Henstrom inclinou a cabeça para o lado.

— Minha querida, se eu contasse para você que era a quinta filha de um rico proprietário de terras inglês, como você comprovaria ser verdade? O mundo é tão grande, com tanta gente. Ninguém conhece *todas* elas. Cartas, investigações, isso leva meses e meses. Crie uma família para você, uma história, da próxima vez que esfregar um piso... ou tirar o pó de rolos de tecido. E então, *seja* essa pessoa. Apresente-se assim. Torne-se uma nova pessoa, como sem dúvida já fez antes. Não seja apenas a mesma pessoa com um novo nome.

Suas palavras entraram em meu cérebro como um cometa, deixando espaço para novas ideias, novos conceitos. Mas foquei outra vez em minha realidade limitada. Minhas mãos puxavam a capa áspera e a saia lisa com a barra lamacenta. Era coisa demais. Não sabia por onde começar. Estava assustada.

— Eu não... — comecei a falar.

A Sra. Henstrom ergueu a mão.

— Minha querida, estamos em novembro. Permaneça com o Sr. Svenson enquanto pensa em quem gostaria de ser se pudesse ser qualquer pessoa, qualquer uma no mundo. Vou mandar chamá-la em março.

— Sim, senhora — concordei, estupefata e assustada e... eufórica.

E, em março, a Sra. Henstrom realmente mandou me chamar. Deixei de trabalhar com o Sr. Svenson, peguei o dinheiro que havia e economizado com muito esforço nos seis meses anteriores e fui para a casa de campo dos Henstrom, a uns 15 quilômetros da cidade. A costureira dela estava ali, e, sob as ordens de sua patroa, três novos vestidos foram feitos para mim, seguindo minha vontade específica de manter o pescoço coberto. Eram bem mais bonitos e elegantes que qualquer coisa que eu já usara, mas não tanto a ponto de despertar curiosidade.

Quando me olhei no espelho, meu cabelo iluminado pelo sol, preso em tranças elaboradas, meu vestido azul tão mais bonito que qualquer coisa que tive desde que era criança, olhei nos olhos da Sra. Henstrom, Eva, e ela deu um sorriso de aprovação.

— Posso perguntar...? — comecei a falar, hesitante.

— Sim?

— Posso perguntar por que a senhora está fazendo isso? Provavelmente vai levar anos até que eu consiga pagar minha dívida.

Uma expressão pensativa surgiu no rosto de Eva.

— Porque... há mais de 200 anos, eu era como você. Tinha o dobro da sua idade, mas não avançara nada. Era ignorante, sem sonhos para o futuro. E então, conheci uma pessoa. E ela... teve pena de mim. Só quis me ajudar. Era a pessoa mais velha que eu havia conhecido, com bem mais de 600 anos na época. — A Sra. Henstrom sorriu com certa nostalgia. — Enfim, ela fez por mim a mesma coisa que estou fazendo por você. Sempre quis ajudar alguém. Seria uma maneira de acertar as contas com ela. — Outro sorriso gracioso. — É meu ato de generosidade. Aceite e aproveite, minha querida.

Muitas coisas aconteceram depois disso, coisas boas e ruins, mas, apenas 28 anos depois, eu era Elena Natoli, pertencente à classe média e dona de uma loja de rendas em Nápoles, na Itália. Poderia ter sido muito mais rica, com um estilo de vida bem mais confortável, mas não consegui me casar de novo.

Nunca mais vi a mulher que dizia se chamar Eva Henstrom no começo dos anos 1600. Se a visse, lhe agradeceria. Ela mudou o rumo da minha vida, assim como uma tempestade é capaz de fazer um rio ultrapassar a margem e seguir em frente.

CAPÍTULO 2

WEST LOWING, MASSACHUSETTS, EUA, ATUALMENTE

Muito bem, levante a mão se você já: (1) deixou cair comida, sorvete ou bebida na frente de (ou em) alguém; (2) percebeu que tinha uma mancha enorme na sua roupa, que aparentemente estava ali o dia inteiro e as pessoas devem ter notado, mas ninguém falou nada (pontos extras se tiver relação com um evento cíclico feminino); (3) percebeu, depois de um jantar importante, que estava com uma migalha na boca, razão pela qual recebia sinais sutis que não entendia; (4) pronunciou de forma errada uma palavra óbvia na frente de um grupo de pessoas.

Poderia dar mais exemplos. A questão é que esse tipo de coisa acontece com todo mundo. Aposto que você ainda fica chateado ou sente vergonha, certo?

Bem, pode *ir superando essa crise de autopiedade derrotada, dramática e cheia de frescura.*

Quando *você* tiver fugido de pessoas que só estavam tentando ajudar; ido atrás de um antigo amigo que todo mundo (inclusive você) sabia que não prestava; passado tempo com ele mesmo depois de a pessoa ter dado sinais de insanidade; e testemunhar seu surto completo, que, ao contrário de alguns, não envolveu simplesmente tirar a roupa e dançar em um chafariz público, mas sim magick poderosa, das trevas, apavorante, sequestro, desmembramento e morte... Bem, quando você tiver feito isso e depois *voltado* a falar com as pessoas que só

estavam tentando ajudar... pode me ligar para conversarmos. Mas, até lá, não posso lidar com quaisquer que sejam as pedrinhas que você possa ter no seu sapato hoje.

— Nas? Nastasya?

Pisquei, focando rapidamente no rosto de uma das minhas professoras, Anne. Seus redondos olhos azuis estavam cheios de expectativa, o reluzente cabelo castanho cortado logo acima dos ombros.

— Hum... — Mexi no cachecol ao redor do pescoço. Que pergunta ela havia feito mesmo? Ah. Certo. — Cravo-de-defunto amarelo — falei, citando a flor alaranjada que me era familiar no cartão que Anne estava segurando. Cartões com figuras, feitos para ajudar os estudantes a aprender os infinitos fatos sobre cada. Coisa. Existente. No mundo físico, metafísico e espiritual. Só para começar.

Ao meu lado, Brynne descruzou as longas pernas debaixo da nossa mesa e as cruzou outra vez. Conseguia senti-la vibrando com a vontade de se meter (ela sabia muito mais que eu; todo mundo ali sabia), mas conseguiu manter a boca fechada.

— Propriedades?

Anne não era tão paciente quanto River, e estávamos começando a nos irritar por termos de passar tantas horas juntas, tentando enfiar conhecimento no meu cérebro o mais rápido possível. Não estava indo tão mal, pois tinha disposição para aprender, mas hoje a concentração parecia algo muito distante. Minhas bochechas começaram a ficar quentes conforme o silêncio aumentava e ia preenchendo o ambiente. Minha pele formigava de tão ciente da presença de Reyn, sentado silenciosamente ao lado de Brynne e Daisuke, que estudava sozinho em um canto. A derrota era iminente: buscar fatos no meu cérebro sobre o cravo-de-defunto amarelo era como correr tentando pegar vaga-lumes. Vaga-lumes com energia turbinada. Depois de cheirarem coca.

— São usados com frequência na... Tailândia e na Índia com propósitos religiosos — falei, tentando manter a dignidade. Odiava me passar por burra, embora, a essa altura, já devesse ser tão natural quanto respirar. Mas Reyn estava

ali, e eu odiava, odiava, odiava parecer imbecil na frente dele, dentre todas as pessoas.

— Sim? — disse Anne, me encorajando.

Imagens piscaram na minha mente: carrinhos de madeira — com pilhas de flores claras de perfume almiscarado — alinhados em mercados de rua no Nepal. Sem dúvida ainda faziam isso hoje em dia, mas a lembrança que eu tinha era do final dos anos 1800. De passar pelo Nepal a caminho de Bombaim para pegar um navio de carga até a Inglaterra. E agora, vamos todos bater palmas para o Canal de Suez por diminuir uns bons cinco ou seis meses daquela viagem. Quem concorda comigo?

— Nastasya. — Anne suspirou e afastou o cabelo da testa. — Seria útil para você saber essas coisas.

— Eu sei — falei, tentando não me encolher ao ouvir Reyn se mexendo na cadeira. — Eu quero saber. Sei que preciso. É só que... minha cabeça já está cheia de coisas.

Quero dizer, é *óbvio*, não é? Coisas relativas a 459 anos de vida. Identidades, aventuras, vidas e mais vidas vividas, cada uma tão intensa quanto a outra. Parte intrínseca de toda a história de imortalidade.

Brynne começou a se contorcer como um cão de caça que viu um coelho.

— OK — falei de repente, sentando-me mais ereta. Eu sabia isso. Aprendi um milhão de vezes. — OK, é usado principalmente para... proteção. E força. Como fortalecer o coração ou proteger do mal. Ah.

O objetivo de aprender sobre o cravo-de-defunto amarelo ficou claro para mim, e percebi que, junto a um número intimidante de outras coisas (como olíbano, pulicaria, verbena, urtiga, ferro e ônix, para citar apenas *algumas*), isso tinha o intuito de ajudar a me proteger do mal. Algumas pessoas tentam não pegar resfriados. Eu tento não atrair o mal antigo. Tudo é relativo.

Mal antigo. É estranho que isso realmente exista. Mas existe. De verdade. E meu encontro mais recente com ele, o show de horror em Boston com meu ex-melhor amigo, Incy, demonstrou com toda a clareza o quanto meu domínio de

magick era inadequado. Se eu soubesse mais naquela noite, poderia ter sido capaz de salvar Katy e Boz. Poderia não ter precisado testemunhar suas mortes aterrorizantes. Poderia ter conseguido me salvar mais cedo e sem quase fazer minha cabeça explodir.

Eu havia voltado a River's Edge havia um mês. Poderia, provavelmente deveria, ter fugido para um canto mais distante do mundo, me escondido em uma caverna e lambido minhas feridas por, tipo, toda a *eternidade*. Mas fiquei mal o suficiente para admitir que sim, eu precisava mesmo de ajuda. Precisava mais de ajuda do que precisava do meu orgulho, coragem ou serenidade, ou mesmo só queria não me sentir mais terrivelmente humilhada.

Até o momento, todo mundo tinha sido incrível com relação ao que aconteceu. Ninguém jogou na minha cara, ninguém fez *tsc tsc* nem olhou feio para mim. Porque todos são muito mais legais que eu, não é mesmo? Tão mais experientes, tanto nas coisas do mundo quanto nas formas de redenção. Ao não serem maus comigo, estavam avançando na própria jornada cármica feliz. Então, na verdade, deveriam me agradecer. Por dar a eles tantas oportunidades de brilhar.

Mas estava claro que meu padrão secular de não aprender nada não estava funcionando muito bem para mim. Então, fiquei sentada, quietinha, como um peixe fora d'água, e tive aula e mais aula jogada em cima de mim: feitiçaria; os usos das estrelas em magick; propriedades mágickas das plantas, pedras, cristais, óleos, ervas, terra, céu, água — tudo, tudo em toda a parte está conectado, e tudo ao meu redor pode ser usado para o bem ou para o mal. Minha cabeça parecia abarrotada de fatos e crenças, história e tradição, formas e padrões e sigils e significados. Se vomitasse naquele momento, palavras cairiam no chão em um amontoado confuso.

— Nas?

Pisquei e tentei parecer alerta, mas Anne encostou no assento e colocou os cartões na mesa.

— Vamos fazer uma pausa — disse ela.

Ela parecia cansada; ensinar algo para mim estava longe de ser um dia de passeio no parque de diversões. Fazer a maioria das coisas comigo não era muito legal; sei disso e nunca dei a menor bola. Ultimamente, com minha elevação gradual e lenta em direção à maturidade, comecei a sentir culpa e uma pontada de constrangimento. Mas, até então, tenho conseguido deixar isso de lado.

— Certo — falei, tentando não parecer exultante.

Olhei na direção da janela; o sol do início de fevereiro estava tentando ser corajoso, mas não estava tendo muito sucesso. Julgava ser por volta de dez da manhã e não consegui deixar de me lembrar de duas semanas antes, quando às dez da manhã eu estaria arrumando as prateleiras da farmácia MacIntyre. Se ainda trabalhasse ali. Se não tivesse sido demitida duas vezes.

— Espero que ainda tenha café na cozinha. — Brynne esticou o corpo comprido e magro e se espreguiçou, os apertados cachos cor de caramelo balançando de leve. Ela era a coisa mais próxima que eu tinha de uma amiga ali, embora não pudesse ser mais diferente de mim: ela, alta e morena; eu, baixa e branca como a neve. Ela, americana; eu, islandesa. Ela, com 230 anos; eu, com 459. Ela, alegre, simpática, confiante e competente; eu... nada disso. Ela, com uma família grande e amorosa; eu, com família nenhuma.

— Acho que vou dar uma olhada no quadro de horários — comentei. — Para ver se faço alguma coisa que não demande esforço intelectual por um tempo.

— Boa ideia — disse Anne, sorrindo para mim com gentileza. Ela se aproximou e massageou minhas costas por um momento. Anne era uma pessoa muito física, no sentido literal da palavra. Eu vinha praticando não me afastar e quase encolhi os ombros, antes de me forçar a relaxar. — Às vezes, fazer algo entediante ou repetitivo é uma boa forma de absorver o conhecimento.

Assenti e peguei meu casaco acolchoado. Se fazer algo entediante ou repetitivo era o caminho para o conhecimento, então eu estava no caminho mais rápido. Daisuke ficou na sala de aula quando Brynne, Reyn e eu saímos. De todos os alunos, Daisuke era o mais avançado, em minha opinião. Era o que estava mais próximo da paz, o que tinha menos defeitos grandes e visíveis. Mas ninguém ia

para River's Edge só para se divertir. Não sabia que tipo de coisas Daisuke fizera para que alguns anos na reabilitação parecesse um bom plano, mas tinha de haver alguma coisa. Tinha aprendido pelo menos isso nos quatro meses que estava ali.

Brynne me deu um sorrisinho torto, depois saiu rapidamente pela porta na minha frente e na de Reyn, nos deixando sozinhos de uma forma bastante óbvia.

Olhei para ele de relance, mas seu rosto estava (e sei que você vai ficar surpreso com isso) impassível. Como sempre, estar perto dele fez meu coração passar de saltitante a desenfreado, como a sensação da chuva forte batendo em um telhado de metal. Estava prestes a dizer alguma coisa, que tinha 99% de certeza de ser oca, quando ouvi um som ligeiro vindo das folhas molhadas atrás de nós. Nós nos viramos e nos deparamos com um pequeno ser branco se catapultando em nosso caminho: Dúfa, a cadelinha raquítica de Reyn. Ela devia estar observando, esperando por ele.

Reyn parou e se ajoelhou; o sorriso fácil que cruzou seu rosto provocando um aperto no meu peito. Dúfa correu desajeitadamente para nós com a determinação objetiva de um filhote, soltando alguns gritinhos agudos para o caso de não termos reparado nela. Ela se jogou em Reyn e ficou de pé sobre as patas traseiras para lamber o rosto dele, e preciso dizer que entendia perfeitamente sua atitude.

— Tudo bem — disse ele baixinho, levantando a mão. — *Sitta.* — Imediatamente, o pequeno traseiro de Dúfa tocou o chão frio, e os estranhos olhos cor de mel permaneceram grudados no rosto de Reyn. Ele manteve a mão erguida enquanto ficava de pé, 1,80 metro de beleza sufocante e perigosa, e os olhos de Dúfa não desviaram do rosto dele, embora ela permitisse que o rabo supercomprido, branco e fino balançasse de leve. — Tudo bem — acrescentou, e deixou-a sair da posição. Ela deu um salto e latiu.

— Ela já sabe *sentar* — falei, com meu talento para declarar o óbvio. — Em sueco. — Como poderia botar meu próximo plano em ação? *Quero atrair você para algum lugar. Pular em você. Não pensar se nosso "relacionamento" faz "sentido".*

— *Ela* é inteligente — afirmou, pegando o filhote e o colocando dentro do casaco de veludo. O rosto branco e com orelhas grandes e caídas surgia por baixo do queixo dele, e o animal parecia ao mesmo tempo apaixonado e sentindo-se importante.

Uma pequena campainha soou na minha cabeça.

— Tipo, ela é inteligente, e eu não? — Assim que as palavras saíram da minha boca, pareceram absurdas. Afinal, o quanto eu era paranoica de supor que uma mera declaração sobre o cachorro dele era uma indireta para mim?

— Exatamente — disse ele, frio, e eu ergui as sobrancelhas.

— O quê?

Ele parou de andar de repente e se virou para mim, o rosto expressando raiva.

— Você quase morreu em Boston! — exclamou. — É mil vezes mais poderosa que aquele lixo patético, mas ele estava levando vantagem. Você estava *pertinho assim* de permitir que seu poder fosse arrancado como minério extraído de pedras! — Ele levantou dois dedos longos a uma distância muito pequena, para o caso de eu precisar de uma representação visual.

— Eu sei! — falei na defensiva. — Eu estava lá! Eu me lembro. *Muy* mal. E daí? — Cruzei os braços e tentei não reparar em Dúfa lambendo o pescoço de Reyn.

— Então por que não está estudando quem nem uma louca? — perguntou ele. — Por que não está levando isso a sério? Você viu dois de seus amigos morrerem de formas horríveis. Deveria estar com medo, fazendo tudo que fosse possível, lendo, estudando, praticando. — Ele apertou os olhos e cutucou com força meu peito com seu indicador. Doeu de verdade. — Da próxima vez, pode ser que não consiga usar sua magick — disse ele. — Da próxima vez, você pode acabar morrendo. Pode morrer *para sempre* porque foi *preguiçosa* demais para se preparar e aprender a se *proteger!*

Como ele se *atrevia*? Estreitei os olhos e comecei a cutucar o peito *dele*, só que Dúfa estava na frente, e eu não conseguia perceber onde ela começava e terminava. Assim, olhei-o com desprezo e fiz a velha ameaça tradicional com um

dedo balançando, muito menos satisfatória. Entre isso e o fato de que ele era quase 25 centímetros mais alto que eu, talvez não tivesse projetado uma imagem tão ameaçadora quanto pretendia.

— Você... — comecei a dizer, furiosa, mas não tinha nada para falar depois. — Eu... — Quando comecei a me defender, percebi com uma humildade arrasadora que ele tinha razão.

Ele esperou, com a respiração formando pequenas nuvens no ar.

— *Estou* tentando — falei, severa.

— Você só fala merda — respondeu ele, totalmente insatisfeito. — Está aqui pra começar a levar as coisas, como a vida e você mesma, mais a sério. Me avise quando começar.

Antes mesmo que pudesse ao menos fingir pensar em uma resposta afiada, ele passou por mim e foi andando em direção à casa, as longas pernas cobrindo a distância rapidamente. Hesitei por alguns instantes, sem saber o que fazer.

Depois que voltei de Boston, Reyn e eu quase chegamos a termos teóricos com relação ao que sentimos ou não um pelo outro. Certo, talvez não exatamente o que sentimos, mas concordamos que tentaríamos suportar um ao outro. Tipo inimigos com benefícios. *Inimigos* é uma palavra forte demais. Talvez *benefícios* seja forte demais.

Mas, naquele momento, ele estava realmente furioso comigo. Por que ele sequer gostava de mim, afinal? Por que ficava me agarrando, me apalpando e me beijando com aquela boca quente, quen...

Tudo bem, isso era ruim. Nastasya, controle-se, falei para mim mesma com severidade. É, isso devia fazer algum efeito. Muito, muito lentamente, comecei a andar em direção à casa, dando a mim mesma algum tempo para pensar.

Finalmente, subi a escada, abri a porta da cozinha e fui recebida pelo cheiro de pão assando e Reyn ainda ali dentro.

Da mesa de trabalho, Rachel assentiu para mim, com os braços bronzeados sovando com força um pedaço macio e elástico de massa do tamanho de um melão. Ela estava usando um moletom verde-escuro, e o cabelo preto

desgrenhado estava preso por uma bandana. Sabia que ela era do México e tinha uns 315 anos, mais de um século a menos do que eu. Parecia uma universitária.

— Oi — cumprimentei-a, esforçando-me para agir com naturalidade. — Está cheirando bem.

Ela assentiu outra vez. Rachel não era uma pessoa que sempre sorria, mas sua expressão ficou mais suave quando ela olhou para o belo homem segurando um cachorrinho feio debaixo do casaco. Afinal, era possível elaborar uma imagem capaz de incitar ainda mais o estrogênio? Com expressão de desprezo de novo, passei por ele seguindo em direção à sala de jantar quando a porta vaivém abriu e Charles entrou. O rosto dele se iluminou ao ver Reyn, e ele se aproximou para fazer carinho em Dúfa embaixo do focinho, coisa que ela adorava.

— Que bom que encontrei você — disse Charles para ele. — Pode me ajudar a levar o armário grande do saguão para o andar de cima?

— Claro. — Reyn me lançou um olhar que me fez tremer e foi atrás de Charles.

Desviei os olhos das costas dele e vi Rachel me observando.

— Aham — disse ela, e empurrou os óculos para cima no nariz, deixando uma marca branca de farinha.

— Aham o quê? — perguntei friamente.

Ela só assentiu, parecendo estar se divertindo, revirei os olhos para ela e segui para a grande e simples sala de jantar onde comíamos. No momento, éramos treze. Quatro professores: River, Asher (companheiro de River), Solis e Anne, e oito alunos: eu, Brynne, Rachel, Daisuke, Charles, Lorenz, Jess e o austero Reyn. Além da irmã de Anne, Amy, que estava de visita.

Pendurei o casaco e fui olhar o quadro de horários no corredor, e ter feito somente isso, e não, digamos, subir silenciosamente até meu quarto para tirar um cochilo, era prova da força do meu comprometimento em levar a *vida* e a *mim mesma* mais a sério. Tal comprometimento era mais forte em alguns dias que em outros, e, em alguns, eu tinha de me obrigar a reassumir o compromisso, tipo, cinquenta vezes.

Maldito Reyn. Quem ele pensava que era?

De repente, os pelos na minha nuca se arrepiaram. Passos vibraram na varanda de madeira, e uma sombra alta surgiu no vidro fosco da porta da frente. A paranoia que eu tinha desde que retornei de Boston voltou imediatamente quando giraram a maçaneta.

A porta se abriu. E, se você quisesse escalar alguém para o papel de "Diabo" em um filme antigo de Hollywood, seria esse cara. Ele era alto, moreno e bonito de uma forma severa e, possivelmente, ladra de almas. Sobrancelhas que pareciam asas de morcego se arqueavam sobre olhos tão pretos quanto os meus... não, mais pretos, mais profundos, sem luz alguma brilhando neles. Olhos de tubarão. Ele focou em mim no mesmo instante, colocou uma mala no chão e jogou a cabeça para trás. Observei, tensa, esperando ouvir um uivo de lobo.

— River! — gritou ele, preenchendo o corredor com o som alto. Eu me encolhi na escada, planejando me afastar um pouco para desaparecer no salão dos fundos.

Quase no mesmo instante, a porta no final do corredor se abriu e River saiu da pequena sala que fazia de escritório. Olhei para ela; caso demonstrasse qualquer outra coisa além de satisfação e alegria, eu pegaria o tijolo que segurava a porta da sala e bateria na cabeça desse cara.

Vi satisfação e alegria em seu rosto, um pouco misturadas com perplexidade.

— Ottavio! — exclamou River, e então me lembrei dele vagamente, de quando River me guiou em uma lembrança da própria vida. (Um desses truques mágickos imortais.)

Aquele homem de olhar intenso era o irmão mais velho de River. Ela também tinha três irmãos mais novos.

Minha nossa, pensei quando o peso da situação ficou claro para mim. Aquele era o *irmão* de River. Era ainda mais velho que River, e ela era uma das pessoas mais velhas que eu conhecia. Tinha nascido em Gênova, no ano de 718, e, em certa época da vida, foi muito, muito sombria (magickamente falando).

Atualmente, River era a melhor pessoa que eu conhecia. Eu também esperava que o irmão dela tivesse feito alguns progressos.

— Querido! — disse River, quando eles se abraçaram e beijaram as bochechas um do outro, dos dois lados, que nem os europeus fazem. — Por que diabos... por que você não me avisou que vinha? — Ela se afastou, observando-lhe o rosto. — Está tudo bem?

Ottavio assentiu, e mais uma vez reparei na beleza severa, na perfeição das feições de estátua romana, nas linhas finas ao redor dos olhos.

— Estou bem — disse e depois apontou para mim. — Estou aqui por causa dela, que não deveria estar aqui.

Arregalei os olhos. Que legal. Grande exemplo de charme italiano.

River piscou, surpresa, e olhou para mim.

— Nos dê pelo menos um minuto — murmurou ela.

Consegui abrir um sorriso tenso e deslizei de lado para a sala de jantar, depois fugi para fora, me perguntando o que diabos Ottavio queria dizer com aquilo.

E agora? Estava frio ali fora, e é claro que eu estava sem casaco. Meus olhos se dirigiram para o grande celeiro, do outro lado do pátio. Segui para lá.

Ali dentro, ouvi Anne cantarolando na sala de aula, provavelmente ainda apreciando o espaço livre de Nastasya. Empertiguei os ombros e bati na porta.

— Oi. — Anne pareceu surpresa em me ver.

— Oi — falei, um pouco constrangida. — Pensei que... se você tiver tempo ou se estiver a fim... talvez pudéssemos falar das ervas de novo? — Por favor, não diga não. Não esteja já de saco cheio de mim.

Anne olhou para mim, como se considerando suas opções.

— Eu adoraria. Sente-se.

— Sei que preciso melhorar. E... ando evitando a casa — admiti. E confessar isso em vez de inventar uma mentira branca para melhorar minha imagem era *mais* um progresso, visível a olho nu. — Ottavio, o irmão de River, está aqui.

A surpresa de Anne se transformou em perplexidade.

— Ottavio! Aqui?

Assenti.

— Ele já me odeia. E mal chegou. Normalmente eu preciso, sei lá, falar alguma coisa primeiro.

— Hum — disse Anne, pensativa. — Estou cada vez mais curiosa.

É. *Tô* vendo.

CAPÍTULO 3

Na minha vida, já precisei: me esconder de invasores sedentos de sangue; passar por pilhas de cadáveres castigados pela peste só para sair da cidade; escapar, por pouco, de uma enchente em cima de um cavalo roubado; apontar armas para homens que tentaram me assaltar durante a corrida do ouro; matar um porco-do-mato que estava me atacando (eu tinha a porcaria de uma *lança* e algumas *pedras*); conseguir evitar, só no papo, uma série de situações assustadoras com uma série de papéis e identidades falsas; e voltar para River's Edge depois de fugir e quase ser morta por Innocencio.

Então por que encarar Ottavio no jantar provocou um nó no meu estômago?

Talvez por ser tão *conhecida* aqui. Depois de quatro meses, eles não eram mais estranhos, e eu não conseguia sair de qualquer situação só com conversa fiada. Pode pegar seus lenços se quiser, mas eu gostava dessas pessoas agora. Eu... não queria que elas pensassem mal de mim.

Assim, a aparição de Ottavio, todo sombrio, sério e virtuoso e querendo me expulsar dali imediatamente, logo do lugar ao qual estava finalmente começando a me ajustar... foi uma droga.

Quando eu estava na metade da escada, consegui sentir o aroma do pão de Rachel e um cheiro de frango. Com frequência, fazíamos refeições vegetarianas, então só pensar em um frango de verdade me fez acelerar.

Parei na porta e me sentei silenciosamente no último lugar livre na extremidade de um banco longo. (Sim. Usamos bancos aqui. É singular demais para explicar. Pelo menos com palavras que posso citar aqui.)

— Oi, garota.

Amy, a irmã mais nova de Anne, estava ao meu lado. Apesar da quedinha que a garota tinha por Reyn, eu não conseguia deixar de gostar dela. Amy parecia ter aceitado o fato de que Reyn e eu estávamos (normalmente, não naquele minuto) de olho um no outro, e havia recuado, de forma graciosa. Foi um gesto atencioso e maduro da parte dela, ao contrário de Nell, uma antiga fã de Reyn e ex-aluna de River's Edge, que tentou me matar. História real.

— Oi — cumprimentei-a. — O que você fez hoje?

— Hum. — Amy deu um tapinha no amontoado de fios ao redor do pescoço. — Estou aprendendo a tricotar. Depois de resistir durante dois séculos, acabei cedendo. É minha primeira tentativa. — Ela se mostrou convencida e desenrolou o cachecol para me mostrar.

— Hã... — falei.

Estava um desastre, um emaranhado de fios, nós e buracos, e, aqui e ali, apareciam uns pedaços de tricô reconhecíveis. Olhei para Amy, revirando a mente em busca de alguma coisa diplomática para dizer, até que vi o rosto dela, o humor reprimido, o brilho nos olhos enquanto segurava o riso. Ela sabia que estava péssimo.

— Uau! — exclamei, com um entusiasmo exagerado. — Nossa, que *maravilha*, Amy! Você tem um talento *natural*!

Ela riu e me passou uma tigela com frango fatiado e a tábua com o pão.

— Qual é sua cor favorita? Vou fazer um pra você.

— Lavanda — falei, apertando inconscientemente o cachecol que estava usando no pescoço.

— Combinado. Quer mostarda?

Era a noite do sanduíche na *hacienda* River, e aceitei a mostarda. Até o momento, estava conseguindo ignorar Ottavio, sentado ao lado de River do outro

lado da mesa.

Mas não por muito tempo.

— Pessoal? — River bateu com a faca no copo d'água. — Muitos de vocês conhecem meu irmão. Para quem não conhece, este é meu irmão Ottavio.

Sorrisos e acenos de boas-vindas. Ela só não disse que ele era o rei da casa deles em Gênova, uma das oito principais casas de imortais de todo o mundo. Algumas delas, como a da Rússia e a que ficava na fronteira entre o Egito e a Líbia, tinham sido destruídas e não havia sobreviventes. As outras, na Austrália, no Brasil, na África, na Itália e aqui nos Estados Unidos (Oi, Salem, Massachusetts!) ainda mantinham as fontes antigas de poder e herança ancestral. Ottavio era o integrante mais antigo da Casa de Gênova. A última casa, na Islândia, fora completamente destruída por invasores em 1561. Poucas pessoas sabiam disso, mas aquela casa possuía uma sobrevivente que veio à tona há pouco tempo. Essa seria *moi*.

— Ele veio fazer uma visita surpresa, e estou muito feliz em vê-lo — prosseguiu River. Houve uma troca de olhares entre irmãos que não consegui interpretar. Comecei a torcer para ele estar apenas mal-humorado ou sofrendo com a mudança de fuso horário, ou com qualquer outra coisa, e não estar falando sério quando fez aquele comentário ao chegar. Sou muito boa em me enganar assim. De que outra forma poderia ter mantido minha amizade com Incy durante cem anos?

— É muito bom ver você de novo, Ottavio — disse Anne, adicionando uma folha de alface ao sanduíche.

Continuei olhando para o prato e me ocupei colocando mostarda e maionese.

— É bom ver você também, Anne. — A voz de Ottavio era grave e retumbante, como um urso que foi acordado cedo demais da hibernação. Ele parecia tão diferente de River, embora tivesse o mesmo cabelo grisalho. Assim que conheci River, fiquei surpresa com sua aparência incomum: a pele macia e morena clara, o rosto sábio que ainda parecia mal ter passado dos 30 anos e o

cabelo grisalho incomum em imortais, um pouco abaixo dos ombros. Obviamente, ela era a *boazinha* da família.

— O que traz você à cidade? — perguntou Charles, com educação, e pude perceber um leve sotaque irlandês. Normalmente, quando um imortal passa dos cem anos, tende a perder o sotaque original e a ter um mais neutro em todas as línguas que aprende. Que nem ser âncora de telejornal. Para sempre.

Espere só... Dei uma mordida no sanduíche.

O velho Ottavio não fez nenhuma piada. Apontou a faca para mim (mandou bem com o simbolismo) e disse:

— Estou aqui por causa dela. Por causa do perigo que representa. Ela não deveria estar aqui; minha irmã não deveria acolhê-la. E vim descobrir o que mais ela sabe.

Tentei engolir rápido para não cuspir migalhas na mesa. Parecia que uma bola de gude estava descendo pelo meu esôfago, lenta e dolorosamente.

Eu me obriguei a erguer o olhar em vez de rastejar para debaixo da mesa, que foi meu primeiro instinto, e vi irritação no rosto de River; também percebi que ela tentava controlá-la. Os outros pareceram surpresos e até chocados. Concentrei-me em tentar respirar normalmente e olhei para Reyn. A raiva óbvia, a tensão nos ombros a princípio me alegraram porque achei que eram direcionados a Ottavio, que me acusou; mas então tive o pensamento desagradável de que ele ainda podia estar com raiva de mim por causa da manhã de hoje.

Além disso, um olhar rápido pelo resto da mesa revelou algumas pessoas *assentindo*: Jess, Charles e até mesmo Solis, que tinha me ensinado tanta coisa.

O sangue subiu às minhas bochechas e tive vontade de afundar no chão.

— Eu estava em casa, na Itália — prosseguiu Ottavio. Seus olhos pretos pareciam perfurar meu crânio enquanto seus longos dedos partiam um pedaço de pão. — Recebi então a notícia de uma grandiosa magick das trevas, magick Terävä, sendo usada nos Estados Unidos. Em Boston. Por ser um local próximo da minha irmã, tentei conseguir mais informações.

Assenti. É. Magick das trevas grandiosa. Claro que era. Na verdade, foi tão ruim que nem conseguia fazer piada. Nem depois de um mês. Nem depois de cem anos.

— Não fiz nenhuma magick das trevas — falei.

— Não. Mas estava envolvida com a pessoa que fez. — Ottavio deixou o pão cair no prato como se não tivesse percebido o que estava fazendo.

— Não estou mais — falei, ciente do quão incrivelmente fraco isso soou.

Ottavio fez um som sarcástico.

Sim, eu tinha feito besteira, e não só uma vez, mas várias seguidas. Reabilitação costuma ser assim, gente. Ter me envolvido com Incy quando ele usou magick tão destrutiva, quando matou dois de nossos amigos bem na minha frente, isso foi uma tragédia. Mas eu não o levei a fazer isso. Não participei dessa loucura. Era a última coisa em uma lista muito longa de Coisas Fora do Meu Controle. Como ter nascido na minha família. Como ter sido a única sobrevivente na noite em que todo mundo — meus pais, minhas irmãs, meus irmãos — foi assassinado por invasores do norte que estavam tentando usurpar o poder mágicko da nossa casa.

Os olhos pretos de Ottavio estavam severos.

— Por que você está aqui? O que está tentando armar para minha irmã? Quem, se é que foi alguém, a enviou aqui, e com que objetivo sombrio?

Eu o encarei, totalmente estupefata por ele estar fazendo aquilo na frente de todos. Tentei pensar em como explicar Incy e nossa amizade secular. Como poderia descrever o quanto estava me sentindo perdida, inadequada, na noite em que fugi? Será que ele sabia que Incy estava usando magick em mim havia um mês para me fazer desmoronar e ir embora de River's Edge? Entrei em pânico, todo mundo estava vendo aquilo. Será que River ia me pedir para ir embora? Será que nenhum progresso que fiz contava mais? Talvez eu pudesse conversar com ela sozinha...

Espere um segundo. Espere. Um. Segundo. Eu não tinha mais 10 anos. Ele não era meu pai. Não era meu professor e nem meu tio. Não era a polícia Tähti. O

que ia fazer? Me deixar de castigo?

Controle-se, Nastasya, advertiu meu cérebro. Pense bem, não aja de forma precipitada. É o irmão de Riv...

— Quem você pensa que é? — perguntei, batendo a palma da mão na mesa. Os olhos de Ottavio chamuscavam, e Charles deu um pulo. Fiquei de pé e empurrei meu prato. — Não respondo a você. Esta casa é de River. Aparentemente, ela ainda me quer aqui. — Franzi a testa. — Você está dizendo que não confia no julgamento dela?

River piscou ao ouvir isso, e Ottavio começou a abrir a boca.

— Se River me pedir para responder à sua inquisição intrometida, assim eu farei. Mas enquanto ela não me pedir isso, Ott... Posso chamar você de Ott? Até lá, *Ott*, pode ir se *ferrar*. — Passei por cima daquele banco idiota e me preparei para sair batendo os pés pela porta da sala de jantar.

Lorenz arqueou as sobrancelhas. Ottavio empalideceu e se levantou, ficando muito mais alto que meus 1,60 metro. Reyn empurrou o banco para trás, como se estivesse se preparando para a ação. River estava séria, mas mordendo o lábio, e eu podia jurar que estava tentando não rir. E foi bem nessa hora que lembrei que meu último desastre pessoal ainda era bem recente, que eu talvez não devesse ser tão virtuosa. Ops. Bem, tarde demais agora!

— E vocês aí, sentados como bonecos *bobbleheads*? — Olhei para Charles, Jess e Solis. — Vocês estão *apagando* seus passados? Acham *mesmo* que estão em posição de me *julgar*? — Jess e Charles baixaram os olhos para os pratos, como se estivessem lembrando *Ah, é, eu também só faço besteira. Me esqueci disso por um segundo.* Solis encontrou meu olhar, parecendo pensativo.

Uma pessoa inteligente teria se virado nesse momento e deixado o local com dignidade. Mas estamos falando de mim aqui, então isso era impossível.

— Você sabe quem eu sou? — rosnou Ottavio. Os olhos rasos dele estavam praticamente em chamas, e dois pontos de raiva surgiram em suas aristocráticas maçãs do rosto.

Reyn ficou de pé, era talvez 2 ou 3 centímetros mais baixo que Ottavio, mas seu olhar tinha uma calma mortal que teria feito um leão parar no meio de um salto.

— Sei — falei para Ottavio. — Você é *irmão* de River.

Do outro lado da mesa, River abafou uma tosse por trás da mão.

Ottavio se empertigou ainda mais.

— Sou Ottavio di Luchese della Sovrano — disse ele. — Rei da sexta casa, a de Gênova!

Ele era alto e imponente, e parecia ocupar todo o outro lado da sala com o terno escuro e a camisa branca imaculada. Extremamente régio. A combinação de cabelo grosso, ondulado e grisalho e um rosto quase sem marcas que o fazia parecer ter 30 e poucos anos não ajudava a aliviar em nada esse efeito imponente.

O moletom que eu estava usando foi um mero observador de um infeliz incidente na lavanderia, e minha calça jeans, eu reparei então, estava manchada de terra e alguma outra coisa, talvez geleia de morango. Não tão régio.

— Isso é muito especial, Ott — comentei.

Todo mundo na sala estava observando com olhos arregalados e prendendo a respiração. Com vocês, mais drama, cortesia de Nastasya para diverti-los. Jantar acompanhado de show.

— É, sim — disse ele. — E você é uma vira-lata perigosa que minha irmã encontrou! Um destroço de Terävä!

Jamais consigo me lembrar da diferença entre destroço e entulho.

River esticou a mão e puxou-lhe a manga. Ele a ignorou.

— Não *exatamente* — falei.

Todo mundo ali conhecia meu passado, o legado inesperado que neguei e evitei durante 449 anos. Aparentemente, River não mencionara isso para o velho Ott ali. Ele provavelmente não a tinha deixado falar uma palavra, o falastrão.

Meus dedos estavam formigando, e me senti estranha, como se pertencesse a outro planeta. Eu havia passado muito, muito tempo sem pensar no meu legado, reprimindo todas as lembranças da minha infância, dos meus pais, dos meus

irmãos. Acho que conseguiria bloquear completamente da minha mente se não fosse pelo lembrete constante e irrevogável que carrego sempre comigo: a cicatriz na nuca. É redonda, tem quase 5 centímetros e é a imagem exata de um dos lados do amuleto que minha mãe usava todos os dias. O objeto queimou minha pele na noite em que meus pais morreram. Todos os dias dos últimos 449 anos, usei um cachecol ou gola alta ou os dois, e, em todo esse tempo, que eu soubesse, só três pessoas a viram: Incy, River e Reyn.

A questão é que dediquei um enorme esforço para esquecer minha identidade. Mas, de repente, comecei a me coçar para jogar uma bomba em Ott.

— Sim, *exatamente*! — A voz dele estava alta naquela sala simples. — E qualquer que seja seu plano aqui, qualquer que seja o objetivo que tenha em mente, você vai falhar. Vou cuidar para que isso aconteça.

— Que notícia terrível, Ott — falei. — Considerando que meu único objetivo é aprender e me tornar toda Tähti-tástica.

Meus pais foram Terävä, praticantes do tipo de magick "das trevas", com o qual a pessoa retira o poder de coisas ao seu redor, roubando a energia delas para aumentar seu próprio poder. Esse processo costumava matar algumas coisas. A magick Tähti era uma forma relativamente nova com a qual a pessoa canalizava o poder inato da terra, sem matar nada ao seu redor. A maioria dos imortais ainda é Terävä, pois é bem mais fácil que ser Tähti. Incy era Terävä. Eu estava escolhendo não ser.

— Ottavio — murmurou River, e mais uma vez o irmão a ignorou.

— Você pode ter enganado minha irmã — disse ele.

River se levantou.

— Ei.

— Mas *eu* vejo que você é claramente uma oportunista, que está aqui para enfraquecer nossa casa, descobrir nossos segredos, plantar o mal. Os eventos que aconteceram em Boston foram imperdoáveis.

— Concordo totalmente com você — falei, com seriedade, e achava mesmo isso. — Mas não fui eu que fiz aquelas coisas acontecerem.

— Você nega que participou da profanação?

— Nego ter causado ou ajudado aquilo a acontecer — respondi, perdendo o que quer que fosse que mais se aproximava de paciência na minha vida. — Fala sério. Nem consigo combinar as meias direito de manhã, muito menos elaborar uma grande tramoia. Um cerco tão longo? Não consigo manter um plano de celular. Preciso ficar aqui, preciso melhorar. Mas *não* preciso enfraquecer sua casa. Não preciso do poder de mais ninguém, só do meu. — Fiquei de pé e cruzei os braços, tentando parecer séria e determinada. Onze pares de olhos nos acompanhavam da esquerda para a direita, como em um jogo de pingue-pongue.

Quando assumi ser filha da minha mãe, herdeira do meu pai, escolhi reivindicar meu poder ancestral e minha posição como a única herdeira da Casa de Úlfur. Foi como um hamster fracote decidindo se tornar o Mister Universo. Eu tinha um longo caminho pela frente, para usar uma minimização de proporções galácticas. Mas isso não significava que eu ia aceitar toda aquela merda vinda de Ott de cabeça baixa.

Ottavio deu uma gargalhada sarcástica.

— Seu poder é risível. É claro que você iria querer o nosso.

— Não *tão* risível — falei. Eu estava ficando mais e mais nervosa, mais ansiosa para acabar com aquilo.

— Ottavio — disse River, com firmeza.

Mas ele estava com tudo agora e se projetou para a frente, pronto para cair em cima de mim de novo.

— Meu nome é Lilja de Úlfur — falei rapidamente, quase tremendo de tanto nervosismo. Do outro lado da mesa, os olhos de Reyn estavam fixos em mim. — Filha de Úlfur, o Lobo, rei da casa da Islândia.

River voltou a se sentar e assentiu de leve, parecendo estar orgulhosa de mim. O nó no meu estômago se afrouxou.

A *melhor* parte foi o rosto de Ott, o queixo frouxo, os olhos arregalados, a pele pálida.

— Isso é impossível. — Ele me olhou com frieza. — Essa casa foi destruída em 1559. Toda a família morreu; o tarak-sin foi perdido. Como ousa usurpar uma linhagem nobre?

— Ah, Ottavio — murmurou River, apoiando a cabeça nas mãos. Asher esticou o braço e deu um tapinha no dela.

— Foi em 1561 — corrigi baixinho. — E nem todo mundo morreu. Eu não.

Ottavio exclamou:

— Não acredito!

Comecei a pensar que River devia ter matado todos os irmãos, afinal. Ou pelo menos aquele. Longa história. Mas ali estava um homem com mais de 1.300 anos que continuava cabeça-dura. Ainda era egocêntrico. Tinha um ego gigante. Era de se esperar que ele já tivesse experiência de vida suficiente para ter superado isso.

— É verdade — confirmou River, quebrando o silêncio.

Ottavio olhou para a irmã, boquiaberto. Ela deu um sorriso pesaroso.

— Tentei contar para você — disse ela.

— Isso! — disse Brynne, sorrindo. — Aposto cinco pratas que ela é a *herdeira* islandesa. — Ela levantou a mão, e seu gesto bobo e amigável me fez sorrir. Eu me inclinei, tocando a palma da mão na dela.

A sala toda ficou em silêncio enquanto Ottavio processava aquela informação desagradável. Meus colegas, ao serem lembrados do meu passado, estavam tentando juntar o que sabiam sobre mim: Fracasso Imaturo e Constrangedor + História Familiar Trágica + Poder Potencialmente Grande = Nastasya. Bem, gosto de manter as pessoas em estado de alerta.

Boa parte da arrogância de Ott tinha sumido. Ele se sentou com uma certa força, sem desviar os olhos de mim, e disse:

— Herdeira da casa da Islândia, filha de Úlfur.

— É — concordei, sentindo-me de repente mais alegre e faminta. Também me sentei e peguei meu sanduíche. O nome do meu pai, Úlfur, significava "lobo".

Portanto, eu basicamente o chamara de “Lobo, o Lobo”. Mas soou de forma incrível.

— Bem — disse Lorenz, apoiando as mãos na mesa. Lorenz era italiano e tinha só uns 120 anos. Era um dos homens mais lindos que eu já vira, com cabelo preto liso e intensos olhos azuis, mas mesmo assim nunca conseguiu afetar meus batimentos cardíacos. — Vou em frente e vou dizer, como mais ninguém parece ter coragem para isso.

Ergui o olhar, surpresa.

— Sabemos que você é a herdeira de um antigo trono — disse ele, formulando a frase com cuidado. — Filha de um rei.

— É o que parece — falei com cautela, enquanto mastigava.

— Vou falar. — Ele me lançou um olhar sério e acusador. — Seu senso de moda é mais incompreensível ainda.

Várias pessoas deram risinhos abafados, mas rapidamente se voltaram a se concentrar na comida.

Sorri, depois comecei a gargalhar e não conseguia parar, sentindo-me curiosamente leve. Quando os outros também começaram a rir, tive uma sensação deliciosa de alívio e de, ouso dizer, integração.

Toma essa, Ott.

CAPÍTULO 4

Acontece que Ott não estava disposto a aceitar aquilo e nem nada mais que revelei para ele. Na manhã seguinte, quando desci a escada, ouvi River e o irmão discutindo no escritório. Naturalmente, fui em silêncio até a porta e fiquei ali ouvindo. Afinal, o quanto você quer que eu seja boa?

A princípio, estava confuso e difícil de entender. Possivelmente estavam falando em italiano arcaico. Talvez. Mudava conforme eles discutiam. Reconheci um pouco de alemão, depois algo que parecia alguma língua hispânica, mas nada que eu conseguisse traduzir imediatamente na minha cabeça. O que foi um pouco estranho, porque sou muito boa em línguas, aprendo com facilidade e transito entre elas sempre que preciso. Mas River e Ottavio pareciam estar usando dialetos mais antigos. Consigo voltar para a metade do século XVI nas línguas nórdicas e para o começo do século XVII na maioria das línguas românicas. E para períodos posteriores com as outras: dialetos eslavos, russo, japonês, um pouco de mandarim, inglês.

— Você é tão teimoso! — ouvi River dizer. Isso eu tinha entendido.

— Você é ingênua! — disse Ottavio, com grosseria. — Boba! Como sabe que essa garota é a herdeira de Úlfur?

— De novo. Vou contar mais uma vez. Já entrei na cabeça dela. Acessei imagens do seu passado. A história parece mesmo ser verdade. Ela tem o tarak-sin.

— Ela pode tê-lo roubado!

Isso estava ferindo minha delicada e frágil sensibilidade, e desejei que eles voltassem a usar alemão antigo ou alguma outra língua.

— *Où est-il maintenant?* — perguntou Ottavio.

— *Avec Asher* — respondeu River, cansada. — *Il est cassé. Asher le répare.*

Oba, pensei, Asher está consertando meu tarak-sin. Decidi deixar River e Ott discutindo sozinhos. Porque escutar atrás da porta é *errado*.

Eu tinha sido designada para tirar leite das vacas naquela manhã, então segui pelo pátio até o celeiro onde também ficavam alguns bodes e ovelhas. Jess estava limpando o curral, e Daisuke misturava a comida, suplementando o feno com ração para bodes, ovelhas e vacas. Ele assentiu e sorriu para mim quando entrei com os baldes esterilizados.

Eu me senti estranha depois do jantar da noite anterior e fugi para o quarto assim que consegui. Revisitar a tragédia da minha infância sempre me deixava como se houvesse um arame farpado dentro do peito. Parte de mim desejava não ter aberto a boca. E não é que *essa* era uma sensação familiar? E esse era um dos motivos de eu me automedicar com tanta determinação ao longo dos séculos. Só para sentir... menos. Menos dor, menos ansiedade, menos autodesprezo.

Desde que cheguei aqui, comecei mesmo a sentir menos todas essas coisas. Mais uma década ou duas e eu estaria novinha em folha!

Peguei o banco de três pernas usado na ordenha, e que parecia datar da mesma época da casa, e o coloquei na frente de, sim, Buttercup. Acho que existe alguma espécie de lei que determina que, se você tem mais de uma vaca, uma delas tem de se chamar Buttercup. Enfim, o animal me lançou um olhar desinteressado e balançou o rabo, mas eu estava preparada para isso e me inclinei rápido para trás, e, assim, não tive o rosto acertado. Em seguida, mergulhei praticamente debaixo dela pela lateral, coloquei o balde no lugar e comecei a tirar o leite.

Meu tarak-sin. Meu amuleto. Era de ouro pesado e sólido. Minha mãe o usava quase o tempo todo. Quando eu era pequena, adorava ficar olhando para ele,

sentir os aros grossos da corrente de ouro. Ele era todo entalhado com runas, símbolos mágickos, sigils e coisas que eu não reconhecia. Não fazia ideia do quanto era velho... muito? Tipo, muito, muito mesmo? Na época, eu achava que era apenas uma joia favorita, mas agora sabia que minha mãe o usava para mantê-lo em segurança, para não perdê-lo de vista. Agora sabia que ele canalizava e amplificava a força antiga do poder da minha família, o poder da casa imortal da Islândia.

Puxei as tetas de Buttercup firme e delicadamente, ouvindo o leite quente sibilando na lateral do balde de metal. Como de costume, alguns dos gatos do celeiro se reuniram, observando com atenção, os rabos balançando de um lado para o outro na palha.

Suspirei e encostei a cabeça no flanco sólido de Buttercup, e tudo sobre meu tarak-sin, minha família e Reyn voltou depressa à minha mente. Porque Reyn estava inextricavelmente emaranhado com toda a tragédia da minha família, com meu tarak-sin e comigo. O final terrível da minha família refletia o fim da família dele.

Quando eu tinha 10 anos, uma horda de invasores do norte rompeu os muros da nossa cidade, depois o portão da área que cercava o *hrókur* do meu pai, que era tipo um pequeno castelo. O líder dessa horda era o apropriadamente nomeado Erik, o Derramador de Sangue, e era pai de Reyn. Erik e um dos irmãos de Reyn haviam arrombado a grossa porta da biblioteca onde minha mãe, meus irmãos e eu estávamos nos escondendo, segurando armas, inclusive meu irmãozinho Háakon, de 7 anos.

O pai e o irmão de Reyn mataram minhas irmãs, Tinna e Eydís, cortando ferozmente os pescoços delas com espadas curvas de lâminas largas. Meu irmão mais velho, Sigmundur, reagiu com coragem, brandindo a pesada espada que meu pai dera para ele no aniversário de 15 anos.

Minha mãe, segurando o amuleto, usou uma terrível magick das trevas e esfolou o irmão de Reyn através da armadura de ferro, fazendo com que sua pele descolasse do corpo. O homem ficou ali jorrando sangue, com uma expressão de

surpresa no rosto sem pele, os olhos sem pálpebras saltando das órbitas. Sigmundur cortou a cabeça dele, porque esfolar apenas não bastava para matar um imortal.

Em seguida, Sigmundur fez um corte profundo no braço do pai de Reyn, forçando-o a mudar a espada de mão. Mas não foi o suficiente, e a cabeça de Sigmundur caiu no chão momentos antes de seu corpo despencar como uma escada feita de cordas.

Apavorada, larguei minha adaga e pulei para trás da minha mãe quando os saqueadores entraram pela porta. E, quando a cabeça dela com as longas tranças louras caiu no chão, seu corpo tombou em cima de mim, escondendo-me em meio às saias de lã. Vou poupar você da longa história da minha fuga, de descobrir que meu pai e todas as outras pessoas do castelo tinham sido assassinadas.

Mas, no fim das contas, minha família acabou tendo sua vingança: Erik, Reyn, os dois irmãos de Reyn que restaram e sete dos homens de Erik seguiram por cerca de 1,5 quilômetro na estrada, de onde ainda podiam apreciar a visão do castelo do meu pai em chamas. Então tentaram usar o amuleto da minha mãe, o tarak-sin da nossa casa, pesado com séculos e séculos de poder e magick imortal. Mas não perceberam que o amuleto estava quebrado (metade tinha ficado comigo no castelo em chamas), e a magick roubada deu errado. Todos os homens de pé naquele círculo foram incinerados, literalmente viraram cinzas. Exceto Reyn, que caiu para trás.

A metade do amuleto da minha mãe que estava com eles acabou queimando o peito de Reyn, deixando-o com uma cicatriz permanente que se encaixava na minha, mas não era idêntica. Depois que voltei de Boston, Reyn me surpreendeu me entregando o pedaço que deixara uma marca nele quatro séculos antes. Ele o guardou por todo aquele tempo, embora fosse inútil para ele. Reyn me disse que o guardou como lembrete para não desejar muita coisa.

Em uma virada que fez a Ironia esperar quatrocentos anos para se satisfazer, Reyn e eu... tínhamos uma coisa. Ainda não sabia bem o que era, mas estávamos

envolvidos, e era claro que havia um longo caminho até que esse envolvimento cumprisse seu destino. A situação nos deixava aturdidos, chateados, perturbados por lembranças, com sentimentos conflitantes, vontade, desejo... Pode escolher.

— Acho que essa vaca está vazia.

Emergi das minhas lembranças tristes e vi Daisuke inclinado nas ripas do curral. Ele apontou para baixo. Minhas mãos se moviam, mas nada saía. A vaca tinha virado a cabeça e olhava para mim com curiosidade, tipo: *Hum, com licença?* Estava tão perdida nos acontecimentos de mais de quatro séculos que nem reparei que os gatos oportunistas tinham se aproximado por trás de Buttercup e enfiaram as cabeças triangulares no balde de leite.

— Ah, xô, pessoal! — ordenei, afastando-os. Ergui o balde e fiz uma careta quando vi alguns pelos de gato na superfície. Bem, eles sairiam na filtragem.

— Ainda deu pouco mais de dois galões, pelo que vejo — disse Daisuke. Seu tom era sempre calmo e firme. Acho que nunca o ouvi levantar a voz por estar empolgado ou com raiva. — Ela vai ter mais leite na primavera, depois dos filhotes nascerem.

Não era minha primeira vez com a vaca, então eu disse: "É" e me levantei. Percebi não ter visto nenhum tipo de reação em Daisuke sobre a acusação de Ottavio na noite anterior e, com a típica e não recomendada impulsividade de Nastasya, falei:

— Daisuke?

— Sim?

— O que você acha do que Ottavio disse sobre mim?

Seus olhos castanho-escuros e amendoados observaram os meus como se ele conseguisse enxergar através da minha cabeça. E, quem sabe, talvez conseguisse. Não faço ideia do que um imortal letrado é capaz de fazer. Aguardei, minha garganta apertada pela percepção desconfortável de que realmente me importava com o que ele achava. Não havia percebido isso até então.

— Acho que Ottavio está tentando proteger a família dele — disse Daisuke, com cautela. — E, na verdade, todos os imortais Tähti.

Soltei a respiração lentamente.

— Você acha que sou mesmo uma ameaça a tudo isso? — Segurei o balde pesado com uma das mãos e gesticulei com a outra, indicando River's Edge e tudo que o local representava.

Houve uma longa pausa, e minhas bochechas foram ficando quentes quando comecei a compilar respostas espertinhas para qualquer coisa cruel que ele estivesse prestes a dizer.

— Não — disse ele por fim. — Acho que você tem muita bagagem, e parte dela pode ser perigosa. As pessoas que vêm pra River's Edge costumam carregar um peso enorme de bagagem. — Ele deu um pequeno sorriso, olhou para baixo e coçou o queixo com uma das mãos.

— Não consigo imaginar que você traga uma bagagem — falei, com franqueza. Sim, sou discreta. Não me intrometo. Sempre penso bem no que digo para ter certeza de que não vai mago...

Daisuke deu um sorriso triste.

— Aparências são superficiais, como bem sabemos.

Não tinha certeza se sabia disso, mas ele parecia ter certeza, então...

— Nasci nos anos 1760 — disse ele —, no Japão. Por algum motivo que provavelmente jamais saberei, fui largado nos degraus de pedra do monastério budista local, ainda com os fluidos do nascimento. — Daisuke levantou a mão para tocar o cabelo, como se ainda conseguisse se lembrar da sensação. — Os monges me acolheram, e cresci entre eles, sem saber que era imortal. Primeiro fui tutelado, depois aluno, depois monge-aprendiz. — Ele deu outro sorriso pesaroso, focando o olhar ao longe, olhando para além de mim, para sua história.

"Eu não... tinha temperamento adequado para ser um monge. Fui punido várias vezes por brigar, por demonstrar raiva. Agora consigo entender que os monges achavam que minha alma estava em perigo, então fizeram tudo em que puderam pensar para me colocar no caminho certo. Mas, na época, eu só vi a opressão deles e a sentia como crueldade."

Eu queria saber mais sobre Daisuke. O passado dele era mais intricado do que eu pensava.

— Com 18 anos, eu fugi. Saí vagando, perdido tanto no corpo quanto no espírito, até dar de cara com uma casa de treinamento, um lugar para aprender a arte de bushido. — Rindo, Daisuke revirou os olhos. — Se eu achava que os monges eram durões, o mestre da casa de treinamento era cinquenta vezes pior. Levávamos surras, passávamos fome; treinávamos todas as horas. Passei oito anos ali até receber a honra do título de samurai. Fui escolhido para servir no mais importante xogunato da nossa região, a Casa de Cinco Peônias.

Mesmo agora, depois de já ter renunciado à violência, ao orgulho e a todas as outras coisas divertidas, os olhos de Daisuke brilhavam quando ele se lembrava de ter sido o primeiro da turma, de ter sido eleito o melhor xogum. Tentei visualizá-lo jovem, rígido e durão, com queixo beligerante e fogo nos olhos, e não foi fácil. Ele ficara tão refinado, suave como a superfície de uma pedra gasta pelo oceano por um milênio. As pessoas podem mesmo mudar tanto ao longo de centenas de anos? Era uma coisa que eu me perguntava sobre mim. E sobre Reyn.

— Na casa de xogum, eu me tornei um valentão se comparado aos samurais mais novos e aos criados. — Daisuke engoliu em seco, envergonhado do jovem que fora. — Transformei a existência deles em puro sofrimento, medo e humilhação. Acalmava alguma coisa em mim, alguma coisa sombria e feia. Por fim, deixei a casa e me tornei ronin, um guerreiro de aluguel.

Olhei para ele, incapaz de conciliar isso com o Daisuke de hoje.

— Eu trabalhava para qualquer um — continuou Daisuke. — Viajando de cidade em cidade. Me tornei moralmente fraco, quase incapaz de diferenciar o certo do errado. Teria sido bem melhor se eu cometesse *seppuku* e poupasse o mundo da minha existência inútil, mas isso exigiria que eu reconhecesse o que tinha me tornado, e eu... não podia. E é claro que não teria dado certo. Só teria provocado uma terrível confusão.

Olhei para baixo. Eu também tinha tentado me matar antes de saber que era imortal. Meu marido tinha morrido; minha família havia sido destruída; perdera

o bebê que esperava. Não parecia ter sentido seguir em frente. Mas um imortal é forçado a seguir adiante. Sempre em frente.

— Eu não envelheci, não morri. — Seu tom de voz era monótono. — Acreditei que era ruim demais para ter direito a outra vida na qual poderia viver sendo mais útil. Perdi as contas de quantos assassinatos cometi, quantos atos traiçoeiros preguei em estranhos. Os anos se embaralharam; cada vida que tirava era menos importante que a anterior.

Minha garganta ganhou a familiar constrição que eu sentia quando as emoções chegavam bem próximas do coração. Engoli em seco e me concentrei em uma palha de feno que saía de uma rachadura nas tábuas do curral.

— E então, uma noite, fui abordado por um mensageiro. Ele queria me contratar para matar os dois sobrinhos do lorde da região, que iam herdar a terra do pai. Se eles morressem e o irmão não tivesse outros filhos, o lorde um dia seria dono também das propriedades do irmão e se tornaria muito poderoso. Os sobrinhos tinham 5 e 7 anos.

Ah, não, pensei, sentindo a angústia dele. Essa era a pessoa que eu considerava a mais avançada de todos os alunos, a que parecia mais próxima de alcançar a paz.

Daisuke se ajoelhou, pegou um dos gatos do celeiro e o aninhou nos braços, acariciando-o com delicadeza.

— Aquela incumbência mudou algo dentro de mim — disse ele. — Não fui capaz de executar o pedido, e isso me chocou a ponto de me tirar daquela complacência infeliz. Naquele dia, abri mão de tudo, exceto da túnica que estava vestindo, e me tornei um pedinte, me transformando no mais simples dos simples, o mais humilde dos infelizes.

Assenti com solidariedade.

— Um dia, um monge de túnica cor de açafrão se aproximou de mim. Era um dos monges que tinham me acolhido mais de cem anos antes. Também um imortal, ele me reconheceu como um deles quando eu ainda era muito pequeno. Perguntei: “Por que você nunca me contou?” E ele respondeu: “Porque você

nunca mereceu saber." E ele tinha razão. Mas me acolheu outra vez, e comecei o longo e doloroso caminho em direção à redenção. Acabei conhecendo River. Esta é minha quarta vez aqui e a mais longa. Cinco anos até agora.

— Caramba. — Não consegui evitar o comentário. Cinco anos era tempo demais na reabilitação.

— Mas você se preocupa com sua bagagem... — disse Daisuke, com uma expressão solene no rosto. — Há quatro anos, um homem veio até aqui para me matar.

— Aqui em River's Edge? — perguntei.

— É — confirmou Daisuke. — Ele tinha sofrido em minhas mãos. Era um dos samurais mais novos que maltratei e torturei quase um século antes, e ele veio atrás de vingança. Ele era imortal, obviamente, e passou muito tempo da vida me procurando, aumentando seu poder para quando me encontrasse. — A voz de Daisuke foi sumindo.

— O que aconteceu? — perguntei.

Um sorriso fino e amargo me surpreendeu.

— Ele ainda estava fulo da vida. Mas preferiu não lutar comigo de igual para igual. Em vez disso, o que fez foi esperar até eu ir para o celeiro hexagonal, o que foi pintado com o hexágono dos holandeses da Pensilvânia.

Franzi a testa.

— Não tem celeiro algum pintado com o hexágono da Pensilvânia.

— Hiroshi me trancou no celeiro e ateou fogo — disse Daisuke, me ignorando. — Jogou feitiços nas portas para que não pudessem ser abertas por dentro, mesmo se quebrássemos todas as trancas. Tinha planejado direitinho. A maior parte do pessoal estava na feira da região.

"Infelizmente, havia outras pessoas no celeiro comigo: Asher, Jess e dois outros alunos da época, Ivan e Solidad. Soli correu escada acima para o palheiro e pulou pela janelinha do canto. Ficava a quase 8 metros do chão, e ela quebrou a perna. Jess não quis pular, e Asher preferiu não abandonar Jess. Então, depois de Soli, eu pulei, e, em seguida, foi a vez de Ivan, e conseguimos diminuir o fogo o

suficiente para sermos capazes de quebrar as portas com um machado. O resto da construção estava completamente em chamas.

"Abrimos as portas. Uma fumaça densa e sufocante saiu. Ali dentro, tanto Jess quanto Asher estavam inconscientes por terem inalado fumaça. Três cavalos já estavam mortos, e os pulmões de outro estavam tão danificados pelo calor e pela fumaça que precisamos sacrificá-lo. Soli tinha quebrado a perna. As mãos de Ivan estavam muito queimadas. Ivan e eu estávamos cobertos de queimaduras. Hiroshi tinha desaparecido."

O rosto dele mostrava muito arrependimento, culpa, dor e horror, um espelho do que senti depois de seguir Incy até Boston.

— E é por isso que não há mais o celeiro com o hexágono dos holandeses da Pensilvânia pintado na lateral — disse ele. — E é por isso que temos só seis cavalos em um celeiro com dez baias. — Ele se empertigou, colocou o gato no chão e depois remexeu os ombros como se para afastar todos aqueles anos de tormento. — Então entenda, Nastasya, você não é a única que trouxe trevas pra este lugar. E, depois que você se for, outra pessoa virá para cá. E esse novo alguém será o culpado. E terá bagagem.

Eu estava processando a tragédia que ele descreveu, mas ergui o olhar quando ele respirou fundo.

— Acho que estamos atrasados para o café da manhã — disse ele, parecendo mais o Daisuke que eu conhecia. — E, sem dúvida, estão contando com esse leite. — Ele esticou a mão para mim, e eu a segurei. Peguei o balde de leite e andamos de volta até a casa.

CAPÍTULO 5

Como perdemos o café da manhã, peguei um pedaço de pão e acrescentei bacon. Tinha ficado abalada com a história de Daisuke. Os paralelos com minha vida eram enervantes, embora eu não tivesse andado por aí matando pessoas. Pelo menos, não de propósito. Isso me fez questionar se todos, ou pelo menos a maioria dos imortais, tinham traços similares nos padrões de vida. Será que alguém nasceu bom e permaneceu bom o tempo todo? Será que alguém viveu sem precisar ser salvo em algum momento?

Estava pensando nisso enquanto ia para a cozinha pegar mais bacon quando Asher desceu a escada.

— Ah, aí está você. Pensei que estivesse se escondendo no quarto. — Ele sorriu, e dei um sorriso igualmente bajulador em resposta.

— Estou dizendo! — A voz de Ottavio soou da biblioteca, e Asher e eu nos viramos para olhar para as portas como se ele pudesse irromper por elas. Ouvimos os murmúrios bem mais baixos de River, e então: — Você sempre disse *coisas sem nexo que eu não conseguia entender, provavelmente italiano arcaico, palavras, palavras*, e veja só onde isso a levou!

Asher sorriu para as portas e depois se virou para mim.

— Enfim, lamba a gordura do bacon dos dedos, pegue seu casaco e venha comigo. Está na hora da aula.

Ergui as sobrancelhas.

— Tem certeza de que quer ensinar mais magick para a cria do diabo? Não tem medo que eu faça você passar por burro? Dá para ver o que já fiz com *ele*. — Indiquei a biblioteca com a cabeça.

— Você sabe que não existe diabo algum, muito menos uma cria deste — objetou Asher. Ele me puxou na direção da porta da frente e me entregou meu casaco. — Além do mais, infelizmente Ottavio já era assim muito tempo antes de você entrar em cena.

Sabia que não devia perguntar, mas quando isso foi capaz de me impedir?

— Há quanto tempo você e River estão juntos?

Ele segurou a porta da frente para mim, e saímos para a manhã que ainda não estava amena, mas, definitivamente, menos gelada.

— Conheço River há cerca de 200 anos — disse ele, surpreendendo-me ao responder. — E me apaixonei por ela no primeiro dia. Só que ela me viu mais como um irmão.

Torci o nariz.

— Exatamente — disse Asher, conduzindo-me na direção do jardim lateral. — Perdemos o contato algumas vezes, principalmente durante a Segunda Guerra Mundial. Mas logo depois disso, eu a encontrei na Itália. E estamos juntos desde então. — Ele pareceu pensativo. — Sessenta e seis anos. É o período mais longo que já fiquei com alguém.

Eu ri, mas depois me lembrei de ter escutado que Asher era judeu e estava na Polônia durante a guerra. O que será que tinha acontecido com ele?

— Muito bem, então — disse ele, concentrando-se. — Hoje vamos treinar feitiços. Como você já sabe, espero, foco e concentração são uma parte crucial de uma magick bem-sucedida. Quanto mais rápido você conseguir atingir um estado puro e concentrado, mais rápido conseguirá elaborar a magick, até que ela se torne algo natural para você.

— Tudo bem.

— Agora encontre alguma coisa aqui, qualquer coisa, e use isso para se concentrar — instruiu ele.

Olhei ao redor e vi pilhas de folhas molengas. E... certo, um galho. Eu me inclinei para pegá-lo quando vi uma pena de galinha ao lado. Concentrar-me em uma pena me pareceu legal e algo bem nativo, então a peguei e mostrei para Asher.

— Ótimo — disse ele. — Use a pena como ponto focal e afunde em concentração, como ensinamos a você.

— E depois?

— Depois, lance um feitiço para abrir essa casca de noz. — Ele esticou a mão para mostrar uma das zilhões de nozes que colhemos no outono. Minhas mãos ficaram manchadas de marrom por semanas. Martelamos a maior parte delas para tirá-las da casca, mas nem todas.

— Abrir a casca da noz? — Era uma coisa redonda e escura, seca e enrugada. No outono, estava verde e com pequenas marcas, que nem uma laranja.

— Isso.

Abri a palma da mão, e Asher colocou a noz ali. Um feitiço para abrir uma casca de noz. A princípio, minha mente ficou vazia, e tentei não demonstrar o pânico que sentia.

— Use a pena — disse Asher baixinho.

Ah, certo. Era uma pena pequena, fofinha e manchada de marrom e branco. Não tão impressionante como, digamos, uma pena de falcão. Mas me concentrei nela, rezando para que um feitiço surgisse no meu cérebro, completamente pronto e apropriado para uma noz. Óbvio que seria bem mais fácil usar um martelo, mas parecia uma má ideia comentar isso.

Será que eu estava demorando muito? Já deveria ter o feitiço pronto?

Vamos, pena, fale comigo. De repente, desejei estar segurando o amuleto da minha mãe e fiquei com vontade de perguntar a Asher se ele já o tinha consertado. Aposto que conseguiria abrir a noz com *aquilo*.

Concentre-se. Respire. Liberte todos os pensamentos. Esteja aberta para o universo. As palavras tranquilas de Anne voltaram a mim.

E... quanto mais me acalmava, mais conseguia afastar outros pensamentos da cabeça, e mais minhas aulas de feitiço voltavam à mente. Sem decidir fazer isso, comecei a cantarolar a música da minha mãe, a antiga melodia de palavras irreconhecíveis que ela usava para atrair magick. Mas, ao contrário dela, dei um jeito de canalizar a magick *através* de mim e não *para* mim, protegendo a pena e tudo ao meu redor para não tirar magick de nada.

A noz pesou na minha mão. Era a única coisa que eu conseguia ver. Meus arredores sumiram, mas também meio que se mesclaram a mim, de forma que as linhas entre nós se tornaram indistintas. A sensação de poder, de magick, cresceu dentro de mim, o crisântemo familiar de luz e alegria. Eu senti fazer parte de tudo, e tudo parecia fazer parte de mim. Incluindo aquela noz. Sorri. Afinal, tudo o que eu precisava fazer era pensar: *Abra-se, revele-se.* E a casca marrom e dura floresceu na minha mão, descascando-se como uma casca de fruta. Sufoquei um gritinho de prazer e vi a casca da noz se partir ao meio, deixando à mostra a noz bronzeada e intrincada ali dentro.

Inspirei, e os sons nítidos da natureza vieram até mim. Pisquei, e o rosto de Asher estava próximo do meu, seus olhos castanhos solenes.

Empolgada, orgulhosa e bem impressionada com meu novo eu, mostrei a noz.

— É linda — falei. — Foi um feitiço lindo. Pareceu tão fácil assim que saí da minha cabeça. — Sorri para ele, esperando que me desse um tapinha nas costas e me dissesse o quanto eu era incrível, brilhante e avançada.

Mas, em vez disso, Asher só tossiu de leve e apontou para a esquerda.

Meus olhos se arregalaram quando vi um bordo jovem a uns 3 metros de distância com o tronco completamente descascado. A madeira nua e pálida brilhava à luz do sol.

— Eu fiz isso? — gemi. — Não foi minha intenção. Fiz toda a casca da árvore se soltar?

Asher assentiu.

— Você se lembrou de estabelecer os limites?

— Nossa, acho que não o bastante. Me desculpe. — E então, vi a galinha. As galinhas de River ficavam soltas nos jardins durante o dia, podiam ir para qualquer lugar, e aquela galinha... aparentemente tinha chegado perto demais durante o feitiço. — Hã... aquela galinha — falei, com voz fraca — está... nua.

Asher assentiu de novo, capturou a galinha depenada e indignada e a prendeu debaixo do braço.

— Vou levá-la para o celeiro — disse ele. — Ela não pode ficar aqui fora até as penas crescerem de volta.

— E vão crescer?

— Espero que sim — disse Asher.

— E quanto à casca do tronco da árvore?

— Não sei — disse ele. — Espero que também cresça de volta. Se isso não acontecer logo, a árvore vai morrer.

Bem, agora me sentia um lixo, com minha vitória orgulhosa transformada em constrangimento.

— Preciso de mais prática — confessei, mal-humorada. Sei disso, está bem?

— Você foi muito bem, minha querida. — Eu mal conseguia ouvi-lo com o cacarejar da galinha furiosa. — Precisa de prática e deve estabelecer todos os limites, não só alguns. Mas, ainda assim, foi muito bem. Vamos praticar de novo amanhã ou hoje à tarde.

Esfreguei a testa.

Asher e eu estávamos indo para o celeiro quando ouvimos o rosnar grave de um motor poderoso chegando pela entrada da garagem. Era algo novo e diferente, e paramos para olhar.

Um carro esporte amarelo neon, de suspensão baixa, entrou rápido demais na área não pavimentada do estacionamento, deslizando para o lado e espalhando cascalho ao parar a 15 centímetros da picape vermelha. A porta que abria para cima se ergueu, e um homem de cabelo escuro saiu de dentro do automóvel. Ele olhou ao redor com interesse e, com uma das mãos, tirou os óculos de sol.

— Daniel — disse Asher.

— Você já o viu? — Brynne praticamente sibilou no meu ouvido quando descemos para o jantar.

— Só de longe — respondi.

— Ah, *miau* — disse ela, mexendo as sobrancelhas.

Então outro dos quatro irmãos de River tinha decidido passear por ali, área rural de Massachusetts. Excelente.

Eu tinha me afastado quando Asher e a galinha pelada esperavam para dar boas-vindas a Daniel e, depois que entrei, fui para o quarto desejando jamais precisar sair dali. Quão perigosa eu era? Será que podia ser tão ruim sem saber? O que esses caras estavam fazendo ali?

Quando o gongo do jantar soou, Brynne passou no meu quarto, e logo eu estava a caminho do que sem dúvida seria mais um jantar muito desagradável com os Dois Cavalos do Apocalipse.

— Ele parece mais jovem e menos metido que o rei — sussurrou Brynne ao pé da escada. Ela me abandonou e entrou na sala de jantar, alegre e linda, cumprimentando animadamente todo mundo.

Hesitei na porta. Quando minha pele formigou, eu me virei e vi Reyn, que tinha se aproximado de mim sem fazer barulho.

— Será que você pode não ser tão sorrateiro? — falei, com irritação. — Vou pendurar um sino no seu pescoço.

Reyn olhou para mim e depois para a sala de jantar.

— Gostaria de sair para jantar? — perguntou ele, um tanto sem jeito, e meu queixo caiu. Da última vez que falou comigo, tinha gritado, furioso. Ele era... imprevisível. Sair sozinha com ele parecia... deliciosamente arriscado.

Mas ele era um demônio conhecido. Diferente dos que eu não conhecia.

— Ah, *meu Deus*, quero — falei, indo correndo pegar meu casaco.

Era tipo um encontro. Provavelmente era um. Nosso primeiro encontro. Até então, só tínhamos dado amassos em lugares estranhos e incomuns, quando não estávamos brigando. Mas isso parecia uma proclamação oficial, de alguma forma.

Eu estava tensa e trêmula quando me sentei no meio do banco da picape. Esperava que ele não aproveitasse a oportunidade para me dar um sermão enquanto eu estava presa dentro do veículo em movimento.

— Foi uma boa ideia — falei, tentando não parecer tão empolgada quanto de fato estava.

— Achei que o jantar ia ser meio complicado — disse ele. — Provavelmente.

— É, você acha? É tudo de que preciso, outro homem que não gosta de mim me encarando com os olhos estreitados.

Ele riu.

Ergui o olhar para ele, para seu rosto de maxilar forte contornado pela luz da lua. Mais uma vez, fui atingida por uma onda crescente de atração, que sempre vinha acompanhada de dúvida e confusão. Dúvida do tipo: por que será que me sinto tão atraída por ele? Ele era o inimigo da minha família. Confusão.

Mas ele tinha me livrado da Quinta-feira da Inquisição, então estava tudo bem.

— Para onde vamos? — Não me importava.

— Na metade do caminho para Turner's Falls — respondeu — tem um restaurante mexicano.

— Ótimo. — Desde que não estivesse me criticando, eu ficaria feliz por estar ali, sentada ao lado dele. Dirigimos pela noite, e, por alguns minutos, parecia que estávamos cruzando a pradaria em uma carroça coberta. A escuridão; o silêncio; o olhar sempre alerta, sem saber o que havia à frente.

Só que eu sabia o que havia à frente. Comida mexicana.

Quando entramos no restaurante, desejei não estar cheirando a água de colônia de celeiro e ter me lembrado de pentear o cabelo. Tipo, nos últimos dias. Reyn estava acostumado a me ver assim e até agora não parecia incomodado com isso (nem com nada, na verdade). Mas sair em público, com várias outras pessoas ao nosso redor, me lembrou de todos os jantares a que fui com Incy no último século. Eu me lembrei dele olhando minhas roupas, de cima a baixo, e dizendo: "Está planejando usar isso?" Às vezes, eu respondia com arrogância: "É minha

intenção, sim." Outras, deixava que ele me convencesse a trocar por outra roupa que ele aprovava. Pareceu engraçado na época, me sentia lisonjeada por ele se importar com o que eu usava, por achar que eu deveria me arrumar da melhor maneira possível.

O preocupante em Reyn era que ele já havia me visto no pior estado, lidou com todas as farpas que lancei na direção dele, testemunhou eu me tornar um fracasso ingrato e, ainda assim... parecia gostar de mim. Como eu deveria lidar com isso?

Pediram a identidade de nós dois quando escolhemos drinques: eu, uma margarita bem de menininha, e Reyn, uma cerveja com limão e uma dose de tequila. Foi estranho vê-lo num restaurante em vez de no celeiro ou no jardim.

Reyn espremeu o limão na garrafa de cerveja e tomou um gole. Era tão absurdamente másculo que eu não conseguia suportar. Bebi minha margarita em pequenos goles gelados, me lembrando de quando fiquei bêbada em Boston, do quanto aquilo foi horrível. O que aconteceria se Reyn ficasse altinho? Será que ficaria relaxado, mais engraçado e doce ou...

Enraivecido, furioso, violento. Eu tinha conhecido bêbados cruéis, homens perfeitamente gentis que viravam *alter egos* de pesadelo quando enchiam a cara. Não era possível que Reyn fosse assim. Jamais testemunhara nenhuma indicação disso. Estava vendo-o virar a dose de tequila sem fazer careta e me perguntei se esse poderia ser o começo da descoberta de que Reyn não tinha mudado muito nos últimos trezentos anos.

— O que foi? — perguntou ele. Não desviou o olhar do meu rosto.

Eu me sentei mais ereta e tentei parecer casual. Dizer "nada" seria fugir de uma maneira muito covarde.

— Você já estudou? Tipo, fez faculdade? — Evasão, uma coisa com a qual fico muito mais à vontade.

— Faculdade? — Reyn pareceu intrigado e bebeu mais um pouco da cerveja. — Já. E você?

— Comecei algumas vezes. Não durou muito. — E isso jamais havia me incomodado até então. Obrigada, autoconsciência. Você é demais.

— Por quê?

— Parecia tão... devagar. Demorava muito. — Dei de ombros. — Será que imortais podem ter DDA? Porque isso seria bem ruim.

Reyn sorriu, o que para ele não era uma expressão aberta e cheia de dentes como poderia ser para outra pessoa.

— Seria *mesmo* ruim.

— O que você estudou? — Essa devia ser nossa mais longa conversa sem agredir um ao outro ou revirar o passado.

— Coisas diferentes. — Ele ficou distraído com a chegada dos pratos, e tentei sufocar gemidos de felicidade quando ataquei a comida quente cheia de queijo e gordura e bem diferente de qualquer coisa em River's Edge. Sem perguntar, a garçonete trouxe outra margarita para mim e mais uma cerveja, limão e dose de tequila para Reyn, sorrindo muito para ele e se inclinando ao colocar as bebidas na mesa.

Lancei um olhar para ela como se dissesse "Sério mesmo?", e ela se afastou. Peguei minha margarita, planejando domar minha ansiedade, mas percebi o que estava fazendo. Coloquei-a lentamente de volta, olhando para a frente, e ergui o olhar para encontrar os olhos dourados dele com os meus.

Consegui dar um sorrisinho.

— Coisas tipo o quê?

— Qual é o problema? — Embora tenha parecido muito alheio durante toda a história com Nell... o amor eterno que ela sentia por ele... Reyn com certeza estava bem atento às minhas mudanças sutis de expressão.

— Nada. — *Covarde.* — E então, o que você estudou?

Reyn olhou para mim como se decidindo se deveria falar ou deixar o assunto de lado.

— Hum, história.

— Para não sofrer a maldição de repeti-la — comentei, assentindo. — Belo plano.

— Economia, para entender o dinheiro do mundo todo. Foi interessante. Medicina, uma vez nos anos 1870 e outra logo antes da Primeira Guerra Mundial. Coisas técnicas que ensinam no exército canadense e no russo. Nos SEALs.

— No quê?

— SEALs. Uma divisão da marinha. Nos Estados Unidos.

— Ah. — É claro que ele foi militar. De vários tipos. — Então você estudou bastante.

Ele deu de ombros e terminou a segunda tequila. Meus olhos seguiram o gesto como um laser.

— Você está preocupada com alguma coisa?

Não ligo para o que dizem. Meu rosto não é tão expressivo assim.

— Só estava pensando se você trouxe sua espada — murmurei.

— O quê?

Indo direto ao assunto, dei de ombros e disse com leveza:

— Não se deve beber e invadir.

Suas sobrancelhas baixaram, questionando se eu estava falando sério.

— Não participo de invasões — disse ele tranquilamente. — Não arrumo brigas em bares. Não sou grosseiro com estranhos. É disso que você está falando?

A essa altura, eu não fazia ideia do que estava falando. Todos aqueles pensamentos na minha cabeça, passados e presentes; um dia precisaria me sentar e organizá-los. Peguei um pouco de arroz e feijão com um nacho e dei de ombros de novo. Ele devia estar arrependido de ter me chamado para sair.

Reyn comeu o resto do guacamole.

— Minha espada está na picape.

Levantei a cabeça. O rosto dele estava completamente sério, mas os olhos estavam... mais suaves. Não tão intensos. Ri, nervosa, e ele sorriu.

— E então... que tal estar de volta?

A pergunta dele me fez parar e trouxe Boston de volta à minha mente na mesma hora.

— Hã... é bom, porque sei que devo estar aqui e porque todo mundo, quero dizer, quase todo mundo, foi muito legal com tudo isso. Algumas pessoas me contaram *por que* estão aqui, e isso ajuda. Pois não sou o único desastre.

— Não — disse ele. — Você não é o único desastre. — Ouvi um tom profundo de arrependimento na voz dele, e, por alguns minutos, ficamos sentados ali olhando um para o outro como dois idiotas.

— Foi horrível em Boston — falei lentamente. — Tão horrível. Fiquei muito feliz de voltar para cá, para a normalidade, até mesmo a normalidade com deveres, lições e banheiros compartilhados. Sempre fui capaz de apenas... deixar as coisas ruins para trás, sabe? Seguir em frente.

— Cidade nova, novo nome — disse Reyn.

— Isso aí. Quando me transformava em uma pessoa diferente, significava que eu não tinha feito aquelas coisas, cometido aqueles erros, magoado aquelas pessoas. Sei lá.

Reyn assentiu devagar, os dedos longos esticando o guardanapo embaixo da garrafa de cerveja.

— Em River's Edge, todos os outros nomes, passados, desculpas e mentiras ficam para trás. — Ele terminou a segunda cerveja e fez sinal para a Miss Coisinha não se aproximar quando ela começou a vir em nossa direção, toda alerta, trazendo uma terceira rodada de bebidas. Ao voltar o olhar para mim, prosseguiu: — Aqui, você só pode ser você mesma. Sua essência. A maioria de nós nem faz ideia de quem seja essa pessoa. Ou... temos medo de quem essa pessoa possa ser.

— É, isso mesmo — concordei, querendo me jogar em cima dele. Ele sabia exatamente o que eu queria dizer. Incy jamais quis falar sobre essas coisas. Ele cobriu os ouvidos e disse *blá-blá-blá* nas poucas ocasiões em que tentei ser profunda e refletir sobre mim mesma. Normalmente, eu não conseguia, não

admitia esses sentimentos para ninguém. Mas, sem dúvida, dentre todas as pessoas, Reyn podia ter medo de quem ele realmente era no fundo.

— Vamos sair daqui — disse ele, e deixou um dinheiro na bandejinha da conta.

— Tudo bem — sussurrei, levantando do banco.

O caminho de volta para casa estava mais escuro e mais silencioso que o de ida. Reyn seguiu por estradas pequenas, e não havia postes de luz, só algumas casas. Como seria viajar pelo país com ele? Uma coisa era certa, eu não precisaria me preocupar com ladrões, roubos de carros e nem nada do tipo.

Reyn virou a picape inesperadamente, e sacolejamos por uma estrada de terra que ficava no meio do que pareciam ser velhos milharais. A luz da lua os banhava de branco, e, se eu olhasse bem longe, pareciam espuma de ondas no oceano.

— O que estamos fazendo? — perguntei.

Reyn olhou para mim ao desligar o motor.

— Estacionando.

Meu coração pulou e depois desacelerou dentro do peito. Estávamos a quilômetros de River's Edge, completamente distantes de tudo e de todo mundo. Era verdade que estávamos em uma picape e ficaria frio, mas não me importava. Fiquei tonta e percebi que tinha me esquecido de respirar.

— Ah — falei baixinho, quase incandescente de expectativa.

Lenta e deliberadamente, Reyn colocou o braço por cima dos meus ombros, apoiando-os no encosto do banco. Ele beijou de leve meus lábios, quase distraído, e quando eu estava me preparando para abocanhá-lo como um tubarão, ele enfiou a mão por trás do assento do carro e pegou... *uma montante*. De trás do assento do carro. Juro por Deus. *Uma maldita montante*.

Fiquei sem palavras, boquiaberta, enquanto Reyn examinava a ponta da lâmina da espada com o polegar. Ele não estava *brincando* no restaurante. Tinha mesmo uma *espada literal* na picape. Uma *espada*. Ele olhou para mim com calma enquanto encaixava a mão no punho, testando o peso do pomo.

Não conseguia acreditar naquilo. Depois de todas as coisas, depois de tudo que pensei que poderia estar acontecendo entre nós, do quanto queria confiar nele, ele me levou para o meio do nada, no escuro, e sacou uma maldita espada.

Bati com a mão aberta no painel.

— Tudo bem, caramba! Pode me matar! Não ligo! Estou de saco cheio de ter de aprender toda aquela merda mesmo!

Reyn olhou para mim calmamente, equilibrando agora a parte chata da lâmina em um dedo.

— Vá em frente — falei, desafiando-o. — Ande logo! Acabe com isso de uma vez. Vá em frente e me mate!

Reyn suspirou e revirou olhos.

— Antes mesmo de dormir com você? Acho que não. — Ele abriu a porta e pulou no chão enquanto eu fiquei piscando, tentando me recompor. — Mas tenho certeza de que sua habilidade com a espada é uma droga. Aposto que você não teria conseguido decepar Incy se tentasse. Venha, saia daí.

Senti que ia vomitar meu coração e respirei várias vezes, inspirações curtas e entrecortadas.

— Seu demônio de fala mansa — falei por fim, mas cada grama de energia tinha sumido do meu corpo. Minhas *habilidades com a espada*? Tinha uma lembrança horrivelmente clara de Incy cortando a cabeça de Katy com um movimento poderoso para baixo. Na verdade, sabe, habilidades com a espada talvez não fossem uma coisa ruim. Desci da picape.

Uma hora depois, meu nariz estava escorrendo por causa do frio, meus braços pareciam macarrão fusilli cozido demais, e eu não conseguia recuperar o fôlego. Jamais havia sido boa com a espada, embora já tivesse empunhado uma. Você sabe, *séculos atrás*. Aquela era longa e pesada demais para mim, mas pequena demais para Reyn. Ele, sem dúvida, já tinha usado espadas pesadas e gigantescas. Nos dias ruins.

— Muito bem, está claro que você precisa de prática — disse ele, encostando-se na picape.

— Já *faz* uns quatrocentos anos. Mais ou menos.

O sorriso repentino me desarmou, por assim dizer, e deixei a espada cair no chão.

— Você tem uma sede de sangue implacável e isso ajuda — comentou ele.

— Ah, que bom.

Ele abriu a porta do carona e gesticulou para que eu entrasse, tomando a espada de mim e guardando-a atrás do banco novamente. Torcia para ele ser parado por um policial e acabar sendo revistado, torcia mesmo. Subi, cansada, no banco, mas Reyn me puxou e me virou para ele.

— O que foi agora? — perguntei. — Quer fazer polichinelo?

— Quero isso — disse ele, encostando-se aos meus joelhos. Ele colocou uma das mãos na minha nuca e manteve os olhos abertos enquanto lentamente nos encontramos em um beijo, enfim.

Ah, sim, sim, até que enfim, pensei, passando os braços ao redor dele. Ele se inclinou na minha direção, afastando meus joelhos, segurando delicadamente meu rosto com uma das mãos. Ouvi um gemido abafado e torci para que não tivesse sido meu, mas não tinha como ter certeza. Sei que fui eu quem o puxou para dentro da picape enquanto deslizava para o banco de trás. Ele subiu e conseguiu fechar a porta, e, então, ficamos emaranhados de forma desajeitada, deitados de lado. Estava com vontade de beijá-lo, beijá-lo de verdade, havia dias.

Ele afastou meu cabelo do rosto e foi lento e atencioso, enquanto eu tentava me impedir de arrancar as roupas dele. Em geral, ele parecia estar se segurando. Coisa que eu não curtia. Então, me contorci ainda mais para perto dele e inclinei o rosto para cima em busca de seus lábios.

Ele me beijou de volta, mas estava claramente se controlando.

Eu me afastei, sem saber o que pensar.

— Então... não vamos fazer aquela coisa tentadora. — Essa sou eu: tranquila e desinteressada.

— Não, vamos, sim — disse ele, parecendo incerto. — Sem dúvida alguma, nós vamos. — Tudo bem, isso pareceu mais seguro.

— O banco da frente de uma picape fria não está bom para você?

Ele baixou o olhar para mim, e de repente vi um profundo brilho âmbar nos olhos dele, uma intenção cintilante que me fez tremer.

— Até está bom — disse ele. — Mas não totalmente.

Com que facilidade ele me deixava sem fôlego enquanto meu cérebro febril imaginava vários cenários diferentes, nenhum deles em uma picape.

— É que... isso é tão diferente. — A voz dele parecia baixa e rouca no silêncio.

— O que você quer dizer?

Ele deu de ombros de um jeito meio torto, pois um de seus ombros estava preso no banco.

— Sou velho. Somos velhos. Já ficamos com muita gente. Gente demais para se lembrar.

Que ótimo.

— Isso não é o que eu esperava — prosseguiu ele, franzindo a testa para mim como se fosse minha culpa. — No começo, pensei que fosse algo só físico, que fazia muito tempo que eu... não ficava com alguém, então me concentrei em você. Mas não é. — Ele parecia perplexo.

— Sei o que quer dizer — falei, sentindo o peito dele subir e descer debaixo da minha mão. — Eu achava que nunca mais ia querer ficar com alguém. E não ligava para isso. — Suspirei enquanto rompimentos desagradáveis e sumiços formavam imagens parciais na minha mente. — E, falando sério, *você*. Quem poderia imaginar, sabe?

Um dos cantos dos lábios dele se ergueu.

— É. Mas... quero saber por quê.

— Porque sou simplesmente *adorável*, é por isso.

— Não. Não é.

Ele chegou mais perto e me beijou, com a boca forte e decidida na minha. Eu pressionei meu corpo contra o dele, adorando seu calor, enganchando uma perna nos quadris dele e segurando-o no lugar. Minutos se passaram, nossos beijos foram ficando mais intensos, nossa respiração, mais rápida. Senti as mãos dele em

todo o meu corpo, me abraçando e puxando para perto dele, acariciando meus quadris, minhas pernas, meu braço. E, então, eu estava puxando a camisa dele de dentro da calça jeans, e ele deslizava a mão por baixo do meu suéter. Meus dedos encontraram facilmente a cicatriz do seu peito, e passei o dedo por ela enquanto nossas bocas se tornavam mais desesperadas e insistentes.

A mão dele no meu seio foi um choque, e, ofegante, me afastei por um segundo. Ele não parou, mas manteve o olhar em mim, acompanhando a curva como se estivesse memorizando-a.

— Lindo — sussurrou ele.

Não conseguia respirar.

— Lindo.

Voltamos a nos beijar, nos perdendo em sensações frustrantes, xingando e rindo quando a cabeça dele batia na maçaneta da porta ou eu esbarrava com o cotovelo no câmbio.

Um pouco mais tarde, quando voltamos para River's Edge, entramos em casa escondidos, como adolescentes, porque as janelas estavam escuras e todos dormiam. Subimos a escada de meias, segurando os sapatos, e nos beijamos uma última vez, muito, muito silenciosamente, na frente da porta do meu quarto.

Fechei a porta depois de entrar, impressionada, sem fôlego e eufórica, e também com um pouco de medo e incapaz de esperar para ver o que aconteceria em seguida.

Só quando estava deitada na minha cama estreita, revivendo a noite completa, ainda toda incandescente, lembrei que tivera um excelente primeiro encontro, dera uns amassos de novo, havia ficado vulnerável com... Eileif, filho de Erik, o Derramador de Sangue, o assassino da minha família.

Aquela verdade se entalou na minha garganta como um osso de galinha, deixando-me desolada e ainda mais confusa com o que precedera os amassos quentes e intensos na picape.

Eu me encolhi como uma bola. Meu passado jamais me deixaria em paz.

CAPÍTULO 6

Trabalhar no preparo do café da manhã era melhor que tirar leite de vaca ou pegar ovos. Principalmente porque eu podia decidir o que fazer. Assim, naquela manhã, não consegui ver nenhuma semente de linhaça moída quando estava de pé em frente ao grande fogão, derramando massa de panqueca em uma chapa. Não de trigo-sarraceno; não de farinha integral com germe de trigo. Panquecas comuns.

Anne estava cortando laranjas. Solis, o terceiro integrante da nossa equipe, estava cuidando dos ovos e bacon. Não tinha esquecido que ele pareceu concordar com Ottavio sobre o perigo que eu representava, e por isso estava sendo um pouco seca com ele naquela manhã. Tudo bem, na verdade estava me recusando a admitir sua existência. Havia tantas pessoas misericordiosas e maduras ali que eu tinha de fornecer algum tipo de equilíbrio.

Anne colocou as laranjas fatiadas em uma tigela, olhou para o relógio, se sentou em um banco e pegou um emaranhado que estava tricotando.

— Isso é um chapéu? — perguntei, enquanto derramava oito conchas de massa na chapa.

Ela sorriu para mim.

— É um suéter. — Ela o ergueu. Era triangular, feito de linha angorá marrom e branca.

— Para... um Muppet? — indaguei.

— Para a galinha pelada — disse ela, dando um risinho.

Virei as oito esferas e lancei um olhar para Anne, que começou a rir alto. Pois é, a história do meu truque depenador tinha se espalhado. Aparentemente, não podíamos apenas comer a pobrezinha e pronto. Pelo que parece, tínhamos de tricotar suéteres pequenininhos para que ela pudesse cacarejar no pátio, sentindo-se linda.

— Nastasya?

Solis estava bem ao meu lado no fogão, então tive o dobro de trabalho ao ignorá-lo, mas consegui.

— Nastasya, você sabe que gosto de você — prosseguiu ele. Coloquei as panquecas prontas em um prato e o cobri com um pano limpo. Enquanto Solis esperava, servi mais oito porções de massa e depois olhei para ele com o rosto neutro.

— Disse alguma coisa?

— Nastasya. — Ele me olhou com paciência, que é uma coisa que muitas pessoas ao meu redor precisam aprender. — Gosto de você e acho seu poder, as possibilidades que você representa, muito empolgantes. Mas você não é apenas mais uma imortal que teve um passado difícil.

Anne nos observava com a expressão séria.

— Você é a única herdeira de uma das oito casas. Isso vai torná-la um alvo para o resto da... eternidade.

— Como as outras pessoas lidam com isso? — perguntei, empilhando mais panquecas no prato. Decidi usar minha veia artística e fiz as outras em formato de meia-lua e bolhas amébicas, que, supostamente, deviam parecer estrelas.

— Elas têm muito poder. Formaram redes seguras ao redor de si. Sabem usar feitiços poderosos de proteção.

Derramei mais massa, ganhando tempo para pensar. Fiz uma cabeça de coelho, a forma de uma tulipa e um bando de rabiscos, mas fui ficando cada vez mais irritada.

— Não consigo evitar ser quem sou — observei. — Você por acaso acha que eu devia simplesmente me esconder? — Toquei o queixo com um dos dedos. — Nossa, se ao menos houvesse *um lugar*, um lugar *seguro*, como no meio da porcaria do *nada*, onde eu pudesse me cercar de imortais poderosos e talvez aprender a me proteger e... Ah, espere! — Olhei para Solis, com os olhos arregalados de empolgação. — Ah, meu Deus... isso parece ser bem *aqui*! Parece que *já* estou fazendo *exatamente* o que *você* acha que eu deveria fazer! Incrível!

Um músculo no maxilar de Solis tremeu enquanto ele me olhava, seu rosto transparecendo constrangimento e raiva. Claro que eu estava totalmente certa. Era relativamente uma raridade, então aproveitei para saboreá-la. Solis colocou os ovos mexidos em uma travessa, pegou o prato com bacon e seguiu para a sala de jantar. River e Ottavio entraram no próximo movimento da porta, e trinquei os dentes. Mal tinha dado sete horas da manhã e meu estômago já estava embrulhado. Graças a Deus tinha as lembranças quentes da noite anterior com Reyn, senão a manhã estaria uma droga.

— Oi — cumprimentei.

— Bom dia, querida — disse River tranquilamente, abrindo a geladeira e pegando garrafas de suco e de leite.

Coloquei mais massa na chapa e olhei para Ottavio, que me observava com os olhos semicerrados, como se tentasse me decifrar. River estava de costas para mim, então mostrei a língua para ele. Seus olhos escuros brilharam de indignação, e, na mesma hora, ele sussurrou alguma coisa para River em italiano. Não vou entediar você com o que ele disse, mas todos concordamos que ele é um imbecil, certo?

River se empertigou e olhou para ele.

— *Se seduto qui* — falei, irritada. — Escolha uma língua que eu não saiba.

Ottavio contraiu o maxilar, um belo e zangado desmancha-prazeres, cumprindo sua missão de andar por aí sugando a diversão de tudo.

Dando de ombros, ele disse abertamente:

— Ela é perigosa. Você não a conhece. Ela poderia estar aqui como uma espiã.

Eles trocaram um olhar, e pensei ter visto um sinal de alerta na expressão de River.

— Uma espiã! — exclamei, interessada. — Isso é fascinante. — Levantei as sobrancelhas para Anne, que suspirou e se concentrou no suéter da galinha. — Uma espiã — repeti, satisfeita. — Soa chique e empolgante, sabia? Meu nome é Crowe, Nastasya Crowe. Nossa. — Coloquei o restante final da massa na chapa. — Infelizmente, não é verdade — falei, com tristeza. Lembrei que sabia de algumas coisas bem desagradáveis sobre o velho Ott, coisas que descobri quando River compartilhou suas lembranças comigo. Coisas que me contou de quando ela e os irmãos eram muito, muito sombrios e tinham fome de poder. Mas você me viu jogando essas coisas na cara dele? Não. Primeiro, porque River tinha dividido aquilo em particular. Ela confiava em mim, quer estivesse certa ou errada. Mas bem que eu desejava poder fazer um ou outro comentário depreciativo sobre fratricídio. Para ver quem era todo altivo e poderoso.

Desliguei a chapa e empurrei o prato pesado para Ottavio.

— Leve isso para mim, pode ser, Ott? As de cima são para você.

Passei por ele e entrei na sala de jantar, onde quase todo mundo já estava reunido. Quando a porta se abriu de novo, ouvi River rindo e dei um sorrisinho. As panquecas de cima tinham o formato de uma certa parte da anatomia masculina que parecia ser sinônimo de Ottavio, ao menos para mim.

Peguei um prato e entrei na fila. Ottavio empurrou o prato de panquecas na bancada, emanando raiva como se fosse calor.

— Opa! — disse Brynne. — É de panqueca assim que eu gosto!

— Ah, Nas — disse Lorenz, sorrindo enquanto se servia.

— E você deve ser a famosa Nastasya.

Daniel estava atrás de mim e parecia mesmo ser mais jovem e menos ameaçador que Ottavio. O cabelo castanho ainda não estava entremeado de branco, ou talvez ele tivesse pintado. Estava perfeitamente cortado, e cada fio parecia no lugar. Em comparação, pensei na habitual aparência desleixada de Reyn. *Ele, sim,* derretia corações.

Olhei para os olhos cor de café de Daniel, um pouco mais calorosos que os de Ottavio. O rosto dele era atraente, um pouco mais arredondado e nada hostil, mas alguma coisa nele me fez hesitar. Talvez fosse o ar de country club, arrumado demais.

Assenti e enchi o prato.

— Ouvi falar que você é má — disse ele de forma casual.

Virei a cabeça depressa.

— *Não* sou.

— Ouvi dizer que tinha uma garota aqui, e você a deixou louca, e ela precisou ser mandada embora.

Fiquei boquiaberta.

— Ah, meu Deus! Eu não tive nada a ver com Nell.

Olhei para River por cima do ombro dele. Ela revirou os olhos e, apenas movendo os lábios, disse: *Me desculpe*. Voltei a encarar Daniel, com o maxilar tenso, mas então ouvi River murmurar para Ottavio algo que quase me fez rir de deboche:

— Penisqueca?

— E depois, você matou alguns dos seus amigos. — As palavras sussurradas de Daniel reviraram meu estômago. Chocada, olhei para ele. O ar parecia uma pedra de gelo nos meus pulmões.

— Não matei. — As palavras saíram fracas. Tentei engolir, mas não consegui. Perplexa, senti o calor das lágrimas se formando nos olhos, me virei e, entorpecida, fui me sentar entre Rachel e Daisuke. De forma nada característica, Daisuke esticou a mão e deu tapinhas nas minhas costas.

Depois disso, não consegui comer, mas precisei fingir o contrário para que Daniel e Ottavio não percebessem o quanto fiquei abalada. Daniel se sentou na minha frente, e o encarei com expressão pétrea. Ele parecia pensativo, não cheio de ódio, mas fiquei feliz quando River passou e deu um tapa na cabeça dele.

— Não seja tão babaca — disse ela.

Reyn entrou e se sentou. Senti que ele me olhava, mas não confiei em mim mesma para retribuir o olhar, pois ainda estava à beira das Lágrimas e Humilhação. E é claro que as palavras de Daniel me fizeram lembrar dos pensamentos que tive ontem à noite quando estava tentando pegar no sono, que não tinha como fugir do meu passado. Aquilo não passava de mais uma prova.

Eu havia conseguido engolir parte de uma panqueca e um pedaço de bacon quando Anne ficou de pé e disse:

— Nastasya, vamos trabalhar. Alguém quer se juntar a nós em uma sessão de meditação esta manhã?

Perfeito. Meditação, para completar. Empurrei o prato para a frente.

— Vou só mudar de roupa primeiro — murmurei e subi a escada.

No andar de cima, demorei o máximo que consegui, torcendo para que eles não estivessem mais na sala de jantar quando eu voltasse. Não tive nem a chance de despir Reyn com os olhos. Nem consegui aceitar nossa situação e como eu conseguiria integrar meu passado e meu futuro, mas estava à vontade com a ideia de objetificá-lo enquanto resolvia as coisas.

Por fim, me arrastei lá para baixo. Quando tirei o casaco do cabideiro, Daniel apareceu.

Lancei um olhar azedo para ele.

— Meu irmão está certo sobre você — disse Daniel baixinho. — Você é perigosa e está colocando River em risco.

Mantive rigoroso controle da minha raiva.

— Está bem claro para mim que não sou a única aqui que poderia atrair coisas ruins.

Os olhos de Daniel estavam atentos.

— Só você aqui é uma grande isca. Se alguém a matasse, poderia herdar o poder da casa da Islândia.

Um tremor involuntário percorreu minha espinha.

— Que bom que você está aqui para me proteger, príncipe da Casa de Gênova. — Tentei passar por ele, mas ele segurou meu braço.

— Não estou aqui para proteger você. Estou aqui para proteger minha irmã, *de* você se necessário. E posso garantir que vai valer a pena você ir embora.

Aquilo estava ficando interessante.

— Como? — Será que ele podia dar um jeito de eu conhecer o cara que fazia o papel do Wolverine? Porque isso podia fazer valer a pena.

Daniel deu de ombros.

— Posso oferecer dinheiro. Tanto dinheiro que você poderia ficar em qualquer lugar no mundo por anos e anos sem precisar trabalhar.

Bem, isso foi uma decepção. Caramba. Será que ele pensava que completei 459 anos sem pensar em esconder umas moedas debaixo do colchão para os imprevistos?

— Daniel. Pare com isso. Dinheiro? Sério?

Ele pareceu afrontado.

— Uma quantidade significativa de dinheiro.

— Cem milhões de dólares?

— Não. Claro que não.

— Então acho que não temos um acordo. — Puxei meu braço de volta e saí batendo os pés pela sala de jantar e cozinha, até sair pela porta dos fundos. Meu Deus, os irmãos de River eram tão imbecis.

Havia uma pequena porta do tamanho de uma pessoa na parede do grande celeiro; empurrei-a e dei de cara com Jess, Charles e Solis conversando no corredor. Eles ficaram quietos quando entrei, e não poderia ser mais óbvio que o assunto da conversa deles era *moi*. Minhas bochechas ficaram quentes, mas ignorei-os e passei direto por eles seguindo para a sala de Anne.

— Oi. Estou feliz que você veio — disse Anne.

— Ah, espere, era *opcional*? — perguntei.

Ela sorriu para mim.

— Não.

Os outros entraram atrás de mim, e Anne disse:

— Obrigada a todos por terem vindo. Eu gostaria que me ajudassem com a aula de hoje. Acredito que uma boa meditação em grupo vai ser bem útil.

Houve vários murmúrios e desculpas bobas, mas Anne foi bem firme e, no final, nós cinco nos sentamos em círculo com uma vela acesa no meio. Sem olhar para ninguém, captei sentimentos de mágoa e desconforto. Eu me senti a criança menos popular do pátio da escola.

Mesmo assim, me concentrei na vela enquanto tentava livrar minha mente dos 47 pensamentos não relacionados que lotavam meu cérebro.

Quase levei um susto quando Anne começou a murmurar e depois cantar bem baixinho. Um a um, nos juntamos a ela, nossas vozes e canções se misturando. As paredes do celeiro sumiram, e me esqueci da minha bunda gelada e do meu constrangimento. Anne acrescentou palavras à música, palavras em inglês, dizendo: *Mostre-nos o que precisamos ver*. Senti-a lançando um feitiço ao nosso redor, tecendo-o junto às nossas vozes.

Feitiços têm formas e estruturas; alguns são pesados demais; outros, elegantes como gaiolas, etéreos, feitos de material diáfano. Alguns são sólidos e firmes, construídos para sustentar peso, intenção e poder. Aquele feitiço parecia uma cesta, com os fios de palha todos entrelaçados. Logo percebi a mente de Jess tocando a minha, hesitante, e, um minuto depois, nós cinco estávamos compartilhando uma visão.

ᚻ ᚻ ᚻ ᚻ ᚻ ᚻ ᚻ ᚻ ᚻ ᚻ ᚻ ᚻ ᚻ ᚻ

Era uma fazenda. Campos de vegetação cobertos por bolas brancas se estendiam até o horizonte. Algodão; eram campos de algodão. A visão estremeceu e se expandiu até mostrar, ao longe, uma grande casa branca, com colunas, alta e com portas de vidro em todos os lados.

Ouvi um *bum!* O chão tremeu. O horizonte se iluminou com uma explosão de luz e, mesmo àquela distância, os aromas de enxofre e pólvora chegaram ao meu nariz. Outro *bum!* nos fez dar um pulo. Aquele lugar ficava perto da batalha, que por sinal estava vindo em nossa direção.

Dentro do meu campo de visão pude ver pessoas correndo. Um garoto pequeno que usava uma roupa de marinheiro caiu e ficou chorando embaixo de uma árvore enorme, até que uma mulher de saia longa o pegou nos braços, olhando ao redor desesperada.

De repente, estávamos atrás da casa, perto dos campos. À esquerda havia filas e filas de barracos, com janelas sem vidraças, buracos nas paredes e chaminés em ruínas, algumas das quais lançavam fumaça no céu.

O medo perfurou meu peito quando mais gritos encheram o ar. Cachorros latiram, um cavalo se soltou da amarra e saiu galopando por baixo das árvores, os *bums* pesados sacudiam o chão, e os pequenos estalos de armas começaram a preencher o silêncio entre eles.

Um homem cavalgou até os barracos, gritando severamente e estalando um chicote. Os olhos do cavalo se reviraram de medo, e sua lateral estava banhada em suor. Hesitantes, as pessoas começaram a deixar os barracos, e suas peles escuras brilhavam na pouca luz. O homem gritou com elas, apontando para a casa grande. As pessoas se encolheram, até os homens, e ninguém pareceu surpreso quando ele estalou o chicote, atingindo o ombro de um dos homens e rasgando sua camisa já esfarrapada. Em pouco tempo, a ponta estava vermelha com o sangue.

O homem desceu do cavalo. O som de armas e canhões estava ficando mais alto. Uma mulher gritou:

— Eles estão chegando! Meu Deus!

Fileiras de correntes pesadas pendiam da sela do cavalo. O homem as pegou e seguiu na direção dos escravos, ao mesmo tempo em que outro *bum!* soou tão perto que o próprio celeiro parecia tremer. Os escravos viram o homem se aproximar com as correntes, e um deles gritou alguma coisa. Então começaram a

se espalhar, fugindo em meio ao caos, deixando o homem furioso, com o rosto roxo e correndo atrás deles com o chicote.

Ao longe, um exército surgiu em uma colina baixa, carregando uma bandeira americana antiquada.

O homem furioso, Jess, tinha cabelo cor de areia e feições brutas.

Fiquei feliz quando os sons e cheiros horríveis da guerra desapareceram e fomos transportados para... Que lugar era aquele? Inglaterra? Irlanda? Havia paredes de estuque de 35 centímetros de espessura, janelas abertas por onde entravam as gargalhadas altas vindas do lado de fora. Era uma estalagem. A lua iluminava o aposento como um farol, emoldurando o homem ruivo que saía silenciosamente de uma cama de casal de moldura de metal. Um homem com bigodes antiquados estava deitado ao lado dele, ainda vestindo uma camiseta, com a boca aberta, roncando.

O homem ruivo parecia um garoto de fazenda, com pele branca e viçosa e olhos claros. Não usava nada além de uma cueca antiquada e amarrou o cadarço ao redor da cintura para que não caísse. Andou até a cômoda grande e simples, olhando para o homem na cama para ter certeza de que ele continuava dormindo profundamente. Assistimos de forma voyeurista a ele pegar a carteira do bolso da calça do outro, abri-la e tirar quase todas as notas. Em seguida, deslizou como uma sombra até a planta que estava no suporte de madeira. Pegou a planta pela base com cautela, levantou-a, colocou o dinheiro em um buraco e ajeitou-a com firmeza por cima. Estava sorrindo quando voltou a deitar.

Aquele era Charles, sendo garoto de programa na Irlanda, sabe-se lá quantos anos antes.

Uma mudança, e então vimos um prédio em chamas. A rua de uma cidade seguia para longe, o fogo consumindo muitas casas em um padrão aleatório. Seria Londres? Boston? Não consegui identificar.

Aquela casa estava sendo tomada pelas chamas rapidamente. Uma janela do segundo andar se abriu, e um homem com roupas de sair subiu no parapeito. Atrás dele, uma mulher gritou:

— Não vá! Não me deixe!

— Vou buscar uma escada! — disse o homem, afastando a mão dela de seu ombro. — Me deixe ir!

Chorando, ela deu um passo para trás. O homem pulou da janela e caiu com força na calçada. Ele balançou a cabeça parecendo atordoado, mas então se recompôs e se levantou. Nossa última visão de Solis foi vê-lo correndo para o mais longe possível da casa em chamas. O fogo subiu pela lateral da casa alcançando a janela, como se espiasse lá dentro. Ainda conseguíamos ouvir a mulher chorando, mas não era possível vê-la em meio às chamas. Em pouco tempo, a casa toda pegava fogo, e o choro dela parou.

Na cena seguinte, Anne estava muito pesada. Suas roupas pareciam ser... da metade do século XIX? Estávamos em uma daquelas lojas que vendem tudo, desde equipamento para fazendas a tecido e canivetes, embora as prateleiras parecessem estar vazias. Pela vitrine, vimos um grupo de pessoas batendo ansiosamente na porta. Anne foi até lá e virou a placa; a palavra *geschlossen* ficou virada para trás. As pessoas entraram de uma vez, balançando notas de dinheiro. Começaram a pegar tudo que viam pela frente, sem se importar com o que era. Com os braços carregados, foram até o caixa. Anne começou a escrever rapidamente listas de venda, fazendo as contas do total em um pedaço de papel marrom.

Foi quando as pessoas começaram a reparar nas etiquetas de preço. O preço original tinha sido riscado, e havia um novo preço escrito. Logo em seguida, vimos que os preços de cada produto tinham sido remarcados em pelo menos quatro vezes, e algumas coisas, como ferramentas, estavam dez vezes mais caras. Os fregueses começaram a gritar e balançar os braços, mas Anne permaneceu calma.

— Não precisam fazer compras aqui — disse ela em alemão. — Ninguém está obrigando vocês.

— Sua loja foi a única que não alagou! — gritaram as pessoas. — E agora você está exagerando nos preços! Isso é roubo!

— Posso cobrar o preço que quiser — disse Anne, com firmeza. Ela ocupava espaço atrás da bancada quase redonda com o cabelo escuro trançado preso no alto da cabeça.

— Como você consegue dormir à noite? — gritou um homem. — Somos seus vizinhos! Você é uma ladra!

A multidão incorporou como um coro:

— Ladra! Ladra!

Anne permaneceu estoica e não se moveu.

E então, uma mulher abriu passagem por entre os homens que rodeavam a bancada.

— Ela pode ser uma ladra, mas meu homem precisa de pregos! — Começou a contar o dinheiro na bancada, com cuidado, moeda por moeda, tirando-as de uma bolsa esfarrapada.

Anne parecia triunfante.

Todas aquelas lembranças difíceis estavam me exaurindo. O peso da concentração estava desgastando os limites da minha magick. Além disso, ainda havia os outros pensamentos, as coisas que eu estava captando das quatro pessoas ali. Vergonha, sentimentos defensivos, até nostalgia. Minha cabeça estava bem cheia.

Mas ainda não tínhamos terminado.

ᚹ ᚹ ᚹ ᚹ ᚹ ᚹ ᚹ ᚹ ᚹ ᚹ ᚹ ᚹ ᚹ ᚹ ᚹ ᚹ ᚹ

A luz mudou para aquela qualidade assombrosa e particular que só se vê no extremo norte, nos países em que cresci. Vimos um aposento com mobília do século XVII. Franzindo a testa, examinei a decoração, o armário holandês

encostado em uma das paredes, as largas tábuas escuras do chão. Embora se parecesse com aposentos que já tinha visto, eu achava que nunca havia estado ali.

Mas entrei pela porta usando roupas de criada. O vestido de linho grosso, as anáguas, o avental e o lenço branco cobrindo meu cabelo situaram a cena perto de quatrocentos anos antes. Com esforço, levei um recipiente pesado de cobre cheio de carvão até a grande lareira de pedra. Os países do norte mal tinham pequenas jazidas de carvão; aquele devia ter sido importado a um preço exorbitante. Coloquei o recipiente no chão e me ajoelhei para limpar as cinzas velhas da lareira, mas um barulho do lado de fora chamou minha atenção. As janelas tinham vidro ondulado e se abriam ao longe, sobre dobradiças. Empurrei uma e me inclinei para fora, observando a rua abaixo. Uma procissão preenchia a rua estreita: nobres a cavalo, dois homens na frente carregando estandartes, outros bem-vestidos vinham atrás dos nobres. Dei um passo para trás ao perceber que as bandeiras tinham o brasão do meu pai: cinco ursos pretos em um fundo vermelho. Ao observar a multidão, não reconheci ninguém.

— Ragnhild! O que foi? — A dona da casa correu até a janela. Mesmo tendo sido há quatrocentos anos, eu a distingui como uma pessoa real que tinha conhecido.

— Uma procissão, minha senhora — falei. — Não sei por quê.

A dama também se inclinou na janela para olhar.

Os dois homens carregando os estandartes pararam os cavalos e se posicionaram nas laterais da rua estreita. As pessoas viraram os pescoços para ver quem estava vindo, a chegada de quem os trompetes anunciavam. Mas, então, alguém gritou:

— Ele vai matar todo mundo! Escondam o ouro! Escondam a prata! Ele está chegando!

Fui percebendo aos poucos que Anne estava nos guiando para sair da meditação, e a visão estava se esvanecendo como fumaça. Demoramos um tempo para voltar. Aquele tinha sido o círculo de meditação mais ambicioso do qual participei, e tive a sensação de que também foi exaustivo para os outros.

Respirei fundo algumas vezes, tentando registrar tudo o que tinha visto. Anne se inclinou e soprou a vela do meio. Eu me perguntei o que os outros estavam pensando; tínhamos visto cada um em momentos bem terríveis de suas vidas e tivemos uma visão estranha sobre mim. Pensei em como todo mundo ali, exceto Anne, assentiu quando Ottavio vociferava que eu era das trevas.

Mas que todos fossem para o inferno.

— Qual foi o objetivo disso? — A voz de Charles estava fraca.

Aparentando cansaço, Anne afastou a franja escura da testa.

— Minha única orientação foi para que víssemos o que precisávamos ver. — Ela ergueu o queixo. — Acho que todos podemos concordar que temos passados sombrios e, assim, não estamos em posição de julgar os outros. — O *como Nastasya* ficou implícito.

— Não é isso — disse Solis, com a voz tensa. — É como falei. Nastasya é mais que apenas uma imortal com um passado difícil. Quem ela é, o que ela representa, vai atrair gente para cá; outros que querem o poder dela, que possivelmente a querem morta, como o seu amigo de Boston. E isso vai afetar todos nós.

— Se uma batalha chegar até nós — acrescentou Anne —, estaremos prontos para ela. E vamos nos unir para proteger nosso grupo. Há poucos e preciosos Tähti no mundo, não podemos perder mais um. — Havia uma bela determinação de aço na voz dela, e Solis a olhou sem dizer nada.

— O que foi aquela coisa no final? — perguntou Charles. A pele clara ainda estava rosa de vergonha com a lembrança.

— Não sei — falei, com dor no coração. — Aqueles estandartes eram as bandeiras da minha família, nossos brasões. Mas acho que aquele não era meu pai. Ele jamais levava o exército para cidades grandes como aquela. Nunca o vi

em nenhuma procissão, nunca. Não sei o que era aquilo. — Mas achei doloroso mesmo assim.

Meus pais eram Terävä, mas eu tinha sido uma criança feliz. Nos primeiros dez anos da minha vida, eu me senti amada, feliz e segura. Não fazia ideia de que meus pais eram assassinos, de que meu pai procurava aumentar seu poder usando o que fosse necessário. Toda a imagem que eu tinha deles estava mudando, e isso era muito triste. Eu odiava a verdade daquilo.

— O que eram os ursos? — A voz de Jess soou rouca e forçada. A partir de então, sempre saberíamos quem ele foi. Jamais deixaríamos de saber. O rosto dele parecia sombrio, fechado.

— Era o símbolo do meu pai — falei. — Cinco ursos pretos em um fundo vermelho. Às vezes, os ursos usavam coroas. — Soltei a respiração. — Minha irmã e eu contávamos histórias sobre os ursos, inventávamos nomes e aventuras para eles. — Minha irmã. Ah, Eydís. Ainda sentia sua falta, depois de todo esse tempo.

Eu precisava me deitar ou talvez ir chorar no chuveiro. Fiquei de pé abruptamente, murmurei "obrigada" e saí.

Talvez o exercício de Anne tivesse sido útil. Eu não sabia.

Mas, ah, agora lembro: odeio meditação.

CAPÍTULO 7

Normalmente, depois do jantar, quando eu não tinha aulas, fugia para meu quarto no andar de cima. Tenho um livro grande e antigo sobre magick de imortais na Idade Média, e atrás dele guardo o romance que estou lendo de verdade.

Mas agora eu sentia que talvez fosse melhor ir me juntar aos outros, que deviam estar na sala dupla. É claro que eu acabaria encontrando Ottavio e Daniel, duas pessoas que eu odiava quase tanto quanto eles a mim.

Mas eu estava me tornando uma garota madura, então vamos ver só até onde conseguimos ir, certo?

Na sala, Brynne estava sentada em um sofá de dois lugares, lendo, com os pés descalços encolhidos ao lado. Ao me ver, colocou os pés no chão e bateu no espaço ao seu lado no assento.

— Oi — cumprimentei-a. — Estou aqui para me juntar aos outros e fortalecer minhas habilidades sociais. — Eu me sentei com as costas apoiadas em um dos braços, ela fez o mesmo, de frente para mim, e nossas pernas se amontoaram no meio.

Brynne riu baixinho, depois inclinou a cabeça na direção do outro lado da sala. Todos os professores estavam reunidos ali, com Daniel e Ottavio.

— Ah, expressões sérias — falei baixinho. — Você ouviu alguma coisa?

— Não — disse Brynne. — Não por falta de tentativa. Mas River ainda não bateu em nenhum dos irmãos, então talvez não seja sobre você.

— Hum. Você sabe que eles estão aqui porque sou uma ameaça perigosa e incontrolável, não é?

— Estamos falando das suas roupas de novo? — perguntou Anne, com inocência, e dei um chute nela. Ela riu, mas logo ficou séria. — Acredito que isso já tenha sido mencionado, sim. — Voltando a se encostar, sussurrou: — O que você acha de Daniel? Gostoso, não é?

Olhei para o outro lado da sala, onde o rosto de Daniel estava contornado de vermelho por causa do fogo da lareira.

— Acho que é — falei. — Ele meio que não serve mais para mim por causa de todo aquele julgamento e tentativa de suborno e tal.

Os dentes certinhos e brancos de Brynne brilharam contrastando com sua pele cor de caramelo.

— Ele tentou subornar você? Para quê? Para ir embora?

Assenti, e Brynne riu de forma debochada.

— Você aceitou?

— Ele estava oferecendo menos de cem milhões de dólares.

— Ah, bem, ele que vá para o inferno, então. Enfim, tomei isso como missão pessoal, sabe? Preciso de alguma forma convencê-lo do quanto está errado sobre você. — Os olhos dela seguiam cada movimento de Daniel, e, sem querer, acabei me lembrando de, tipo, uma cobra observando um rato. — Não importa o que for preciso — acrescentou ela em tom sonhador. — Vai ser meu sacrifício, meu presente para você.

Sufocando uma gargalhada, chutei-a de novo, e ela tapou a boca, estreitando os olhos até formarem só uma linha.

— Sério — falei, por fim. — Eles acham que não sou boa coisa. Você não está preocupada? — Por favor, não esteja.

— Ah, é. — Brynne riu e ajeitou uma almofada atrás de si. — Eles só não conhecem você, só isso.

Um brilho quente de gratidão envolveu meu coração, mas insisti.

— *Você* também não me conhece de verdade.

Isso chamou sua atenção e a fez parar de ajeitar a almofada e olhar para mim.

— Conheço, sim — disse ela lentamente. — Conheço você. Moro, como, trabalho e estudo com você há quatro meses. Você é um monte de coisas, e Deus sabe que precisa de trabalho, mas má é algo que você não é. — Ela deu de ombros. — Eu *sei* disso.

Minha respiração ficou presa em alguma parte do meu plexo solar, e me permiti sentir o consolo da amizade.

— Obrigada — gemi e esfreguei o nariz na manga do moletom.

Desviando os olhos de Daniel de novo, Brynne me lançou um olhar de quem sabe das coisas.

— Falando em gostosura, tem alguma coisa que você queira nos contar sobre nosso querido e monossilábico Reyn?

Ah, ele é tão gostoso, eu o quero tanto, não entendo isso, estou com medo...

— Ele não é monossilábico — falei. — *Idiota* tem quatro sílabas, e o ouço dizer essa palavra com frequência.

Brynne não ia se contentar só com aquilo.

— Vocês estão *juntos*?

Apoiei a cabeça nas mãos.

— Não sei! Simplesmente não sei. Estamos sempre irritando um ao outro, mas também...

— Simmmm? — ronronou Brynne.

— Não é tão simples assim. — Brynne não sabia do papel que a família de Reyn teve na destruição da minha vida, e eu não queria contar para ela.

— *É* simples assim — disse ela, me cutucando. — Vocês parecem um casal. Parem de complicar e aceitem logo isso!

Quem me dera. Não falei nada, mas assenti. Brynne parecia querer dizer mais alguma coisa, mas tinha decidido não insistir.

— Nastasya. — A voz de River estava baixa, mas se espalhou pela sala. — Andamos conversando.

— Certo — falei, não gostando de onde isso ia dar.

Mas os olhos de River, da cor de pedras molhadas de um rio, pareciam gentis.

— Como você explica a morte de cem pássaros canoros em Boston? — explodiu Ottavio. O olhar irritado que River lançou para ele era clássico, mas quase caí do sofá. Como é que ele sabia daquilo?

— Eu não fiz isso — afirmei, e um alarme soou na minha cabeça.

— E o taxista aleijado em Londres?

Dessa vez, River deu mesmo um soco no ombro dele. Ele a ignorou.

— Eu não fiz aquilo — falei, com mais intensidade.

— O acidente de trem na Índia? Que matou quase cem pessoas?

Fiquei olhando para ele. Aquilo fora há pelo menos oitenta anos

— Mais uma vez, uma coisa horrível que eu não fiz.

Naquele exato momento, a porta atrás deles se abriu, e a irmã de Anne, Amy, entrou segurando uma bandeja.

— Brownies de maconha? — perguntou ela alegremente, olhando ao redor.

Ficamos todos perplexos.

— Não, jura? — Brynne foi a primeira a conseguir falar.

Amy suspirou, arrependida.

— Não, não é sério. É só brownie comum. Alguém quer mesmo assim? — Ela pareceu captar a tensão na sala, minha expressão, e franziu a testa. — Acho que todo mundo precisa de um brownie. — O tom dela implicava que aquela era uma oferta que não podíamos recusar, e ela carregou a bandeja pela sala, olhando fixamente para cada um até cedermos.

Mas seria preciso mais que um brownie para deter Ott agora que ele havia pegado embalo.

— E as coisas que aconteceram numa boate chamada Miss Edna's? — O rosto dele estava sombrio e furioso.

Amy ficou na frente dele.

— Pegue. Um. Brownie.

— Ela tem certeza de que não estão batizados? — sussurrei para Brynne, que balançou a cabeça.

Sem falar com ela, Ottavio tentou empurrá-la para que saísse do seu caminho. Amy fincou os pés no chão, recusando-se a se mover, e ele acabou olhando para ela.

— Saia, por favor! — pediu ele.

— Você é hóspede nesta casa — disse Amy baixinho. Acabei engasgando e tossindo. Jamais a tinha ouvido falar assim, e, aparentemente, ninguém mais tinha. Brynne e eu fizemos cara de *hã?* uma para a outra.

Por um momento, Ottavio ficou parado, olhando para ela com raiva.

— O que você está fazendo? — A voz dela ainda estava suave, mas era impossível ignorá-la. Olhei para River e a vi observando Amy, o rosto demonstrava uma especulação surpresa.

— Quero a verdade! — Ottavio voltou a se sentar, com os olhos pretos de tubarão lançando fagulhas.

— Então deixe que a verdade chegue até você! — disse Amy, parecendo mais normal. — Pare de tentar arrancar tudo na marra, seu babaca cheio de pompa!

Queixos caíram como sapos em uma convenção de moscas. Amy equilibrou a tigela no quadril e abriu a porta, talvez tenha preferido sair antes que dissesse algo pior.

River parecia atônita. OK, praticamente todo mundo parecia atônito. Exceto Anne.

— Amy é meio assustadora às vezes — disse ela em tom casual, e deu uma mordida no brownie.

Ottavio parecia completamente abalado, sem palavras. Foi incrível.

Mas, durante o silêncio perplexo, fiquei pensando.

— Quem contou essas coisas para você, Ott? — perguntei. — De onde veio tudo isso? — Não conseguia pensar em ninguém que tivesse estado presente em

todos os eventos que ele mencionou. — O acidente de trem foi só um acidente de trem. Acontece toda hora na Índia. Principalmente naquela época.

— O acidente de trem foi causado por alguém que usou magick Terävä — disse Daniel.

— O quê? Por que você acha isso? — Balancei a cabeça e fiquei de pé. — Quero dizer... o que é isso tudo? Não fiz nenhuma dessas coisas! Só estava lá por acaso. — Uau, isso pareceu uma desculpa tão... esfarrapada.

— É — disse Daniel, com voz ainda calma. — Você só estava lá por acaso.

Cruzei os braços, tentando não jogar nada na cabeça dele.

— Pessoas em todo o mundo fazem magick Terävä todos os dias — afirmei, com voz tensa. — E é assim há milhares de anos. Antes mesmo de eu ter nascido. — Como você, por exemplo. — Eu não estava por perto nem causei toda a magick das trevas desse mundo. Então, aonde *exatamente* você quer chegar, Ott?

Ottavio abriu a boca, mas River se inclinou para a frente e literalmente a tapou, fazendo-o se calar.

— Tanto Ottavio quanto Daniel andaram ouvindo boatos de magick muito perigosa sendo feita aqui — disse River. — Ou pelo menos perto daqui. Ouvi também de outros amigos, um da Inglaterra, outro da Rússia. Não sei o que está acontecendo, mas essas histórias estão correndo. — Ela franziu a testa e afastou a mão do rosto frio e furioso de Ottavio.

— Acreditamos que o que aconteceu com Innocencio, assim como as coisas que você testemunhou naquela boate em Boston, façam parte de algo maior, muito sombrio e verdadeiramente perigoso — prosseguiu River.

Assenti lentamente, pensando.

— Mas por que o problema sou eu? Por que estão questionando tudo o que aconteceu na *minha* vida?

— Não achamos que seja coincidência que Innocencio tenha vindo atrás de *você* — disse River. — Supomos que ele saiba quem você é, sua herança, e queira tirar seu poder. Ele está em segurança na casa de Louisette agora, mas parece

claro que, apesar de ter elaborado a magick que usou em você, não foi ele quem instigou essa coisa toda. Então quem foi?

— Certo. — Senti um tremor de frio e fui para mais perto da lareira, ficando de costas para ela. — Mas ainda quero saber: quem contou todas essas coisas? De onde vêm esses boatos? Por que alguém iria querer *me* desacreditar na frente de *vocês*?

Daniel e Ottavio pareceram pensativos.

— Acho que foi... minha secretária quem me contou — disse Ottavio, franzindo a testa. — Não tenho certeza. Ou talvez tenha ouvido em um círculo? Estou tentando me lembrar. Alguém me contou... — Sua voz foi sumindo.

— Foi minha amiga Didi — disse Daniel, mas também não pareceu muito seguro. — Eu acho. Estava no Canadá pesquisando feitiços antigos, e talvez Didi tenha mencionado isso. Disse alguma coisa sobre minha irmã, e, depois, o que aconteceu com Innocencio e Nastasya parecia ser de conhecimento geral.

Eu o encarei.

— As únicas pessoas que estavam lá naquela noite éramos eu, Incy, Katy e Stratton — afirmei. — E acho que todo mundo aqui ficou sabendo. Então *quem* está falando?

— Poderia ter sido o espelho? — sugeriu Brynne.

Logo depois que voltei de Boston, repeti que Incy tinha me contado que provocou várias coisas ruins que me aconteceram aqui para fazer com que eu fugisse. Asher fez uma busca na casa e descobriu que o grande espelho da sala de jantar estava coberto de feitiços das trevas. Era assim que Incy vinha me atingindo. Eles o destruíram.

— Nós o queimamos... o quê, alguns dias depois de você ter voltado? — perguntou Asher. — Três dias? Será que alguém, não Innocencio, ainda poderia estar em contato com ele? — Ele balançou a cabeça. — Ou isso ou havia outra pessoa no armazém naquela noite. Alguém que passou despercebido.

— Ah, meu Deus — falei. — Nunca pensei nisso. Aquele lugar era imenso, escuro como o interior de um navio. Dava para esconder umas cem pessoas lá

dentro, e eu jamais as teria visto. — Era um pensamento novo e terrível, que me apavorou até os ossos.

— E você estava sob um feitiço de prisão — acrescentou River. — Sua visão e sua percepção estavam comprometidas de qualquer jeito.

— Vou conduzir uma busca completa nesta propriedade — disse Ottavio. — Às vezes, um novo par de olhos pode ver o que os outros não conseguem.

— Vou ajudar. — Anne parecia preocupada, como se já pensasse em lugares onde alguma coisa poderia estar escondida, alguma coisa que pudesse afetar algum de nós ou estar nos espionando. Me espionando.

Solis estava em silêncio, e eu odiava o fato de que ele ainda queria me ver partindo. River assentiu para Asher, como se respondesse uma pergunta, e Asher pegou uma pequena caixa de madeira na mesinha ao lado do sofá.

Solis ergueu o olhar.

— Você sabe que discordo disso.

River aquiesceu delicadamente.

— Eu sei. Mas acredito que é melhor assim. Nastasya, venha aqui, por favor.

Asher me entregou a caixa, e a peguei com cautela.

— Isto é seu — disse ele. — Estávamos esperando a hora certa.

Abri o trinco da tampa. Lá dentro, aninhado em uma cama de sal grosso, estava... o amuleto da minha mãe, consertado e inteiro, em uma corrente, exatamente como na noite em que ela morreu.

Maravilhada, fiquei hipnotizada, e a sala ao meu redor desapareceu quando meus dedos tocaram cada detalhe. A metade que sempre foi minha me era tão familiar como uma folha de grama; a outra metade, que Reyn me deu, era ao mesmo tempo nova e lembrada com carinho. E no meio, brilhando, leitosa e transparente, estava minha pedra da lua, a pedra que escolhi sem ver em uma bolsa de veludo no outono. A pedra da lua que ajudou a salvar minha vida naquela noite no armazém.

O amuleto não era tão pesado como eu lembrava, mas, na última vez que o segurei inteiro, tinha 10 anos. O ouro velho brilhava por ter sido recentemente

polido, e as runas e os sigils estavam em evidência. Era uma coisa viva na minha mão, quente e cheia de energia, como um pássaro.

Com dificuldade, desviei o olhar do amuleto para observar o rosto de River. Ela estava ao mesmo tempo atenta e amável, mas captei a tensão entre os outros.

— É meu? — Minha voz estava fina, quase infantil.

— Claro — disse River. — Sempre foi.

— Você ficou louca? — indagou Ottavio, parecendo horrorizado.

Abri um grande sorriso para ele, mas por dentro estava tomada de emoção. Aquela era a única coisa que eu tinha da minha vida original, da minha família. Tinha me acostumado a ter só metade. Nunca me ocorreu que um dia ele poderia se tornar inteiro outra vez. Eu o examinei, segurando a corrente, vendo o pingente girar devagar. Na minha cabeça, ouvi a voz da minha mãe cantando a canção de poder e conjuração de magick.

Será que funcionaria tão bem para mim?

— E se...? — comecei, olhando para River. — Quero dizer... meus pais eram Terävä. A magick que faziam era Terävä. E isto...

— Vai ajudá-la a canalizar *sua* magick — completou River —, seja da luz ou das trevas. Lançamos feitiços poderosos de limpeza e purificação no amuleto e amanhã vamos mostrar como torná-lo mais unido a você. O objeto em si não vai fazer magick Terävä. A não ser que você queira.

Mais rostos solenes. Quase dava para ouvir todo mundo pensando: *Vamos torcer para que não tenha sido um grande erro devolver isso para ela.*

Assenti. Era tanta coisa para absorver... o amuleto da minha mãe, inteiro de novo! Sabia que Asher o estava consertando, mas naquele momento percebi que não levava muita fé que ele podia ser restaurado, que eu realmente teria de volta o tarak-sin da minha família perfeito e completo.

Meus olhos começaram a arder, e eu sabia que estava prestes a chorar. Só que não podia fazer isso de jeito nenhum na frente de Ottavio.

— Obrigada — sussurrei, por fim, e saí correndo da sala para a escada que dava no meu quarto, pressionando o amuleto contra o peito.

CAPÍTULO 8

— É melhor você sair daí — resmunguei baixinho, encarando a galinha como se fosse uma competição para ver quem pisca primeiro. Essa galinha, a galinha do demônio, estava decidida a ficar em cima dos ovos. Normalmente, nem me dava o trabalho de tentar pegar seus ovos, por não querer que ela furasse meus olhos. Mas eu era Lilja af Úlfur, dona do tarak-sin da Islândia, e ia pegar aqueles malditos ovos.

Ou... hum, talvez não. A frieza vidrada nos seus olhos redondos me fez pensar que talvez eu precisasse ser Lilja, dona das luvas de amianto da lareira, que iam até os cotovelos, para lidar com aquela situação. Depois de lançar um último olhar raivoso para ela, peguei minha cesta e me abaixei para passar pela porta do galinheiro.

— Então conseguiu pegá-los.

Parei antes de esbarrar em Reyn, que espreitava logo à saída da gaiola. Nenhum ser humano deveria ser tão lindo de manhã tão cedo. Eu tinha o olhar de gato cansado de sempre, mas Reyn estava lindamente desgrenhado, com uma sombra de barba por fazer que parecia implorar por um toque.

— O quê? — Senti vontade de escalá-lo como se ele fosse uma árvore.

— Seu amuleto — disse ele, acompanhando meu passo conforme segui para a cozinha.

— Sim. É tão... lindo — falei, ainda impressionada. — Nunca pensei que o teria de volta. Não consigo acreditar... — *Ah, não consigo acreditar que estou falando tanto sobre o objeto que matou toda a família dele.*

— Estou feliz por você estar com ele — disse Reyn ao abrir a porta da cozinha para mim. — Fico feliz que tenham conseguido consertá-lo.

Parei e ergui o olhar para ele, lendo a sinceridade no forte rosto esculpido. Uma compreensão foi compartilhada entre nós: Reyn não matou minha família, embora estivesse ligado ao acontecimento, e eu não matei a família dele, embora tivesse alguma relação com o que aconteceu. Mas nem ele e nem eu havíamos *causado* essas tragédias. Ele e eu éramos culpados apenas por termos sobrevivido.

O que éramos um para o outro? O que poderíamos nos tornar? Talvez fossem meus hormônios falando, mas pensei ver as mesmas perguntas, a mesma dúvida nos olhos dele.

— Obrigada — falei de forma inadequada.

— Você está deixando o ar frio entrar. — Daisuke estava nos olhando da porta. — E precisamos dos ovos.

— Desculpe — murmurei, entregando a cesta para ele. Como poderia fazer para ficar sozinha com Reyn de novo? Quando? Queria tanto isso, mas também sentia medo.

Todos pareciam desanimados no café da manhã, perdidos nos próprios pensamentos. Havia tantas questões complicadas em jogo: os irmãos de River e suas desconfianças; dúvidas quanto ao que estava acontecendo lá fora; dúvidas quanto a mim e a meu tarak-sin; nossa segurança geral...

— Ei! — chamei, quebrando o silêncio. — Vocês sabiam que consigo invocar espíritos de mortos com meu amuleto? É *incrível*!

Às vezes, alguém precisa sacudir as coisas.

— Aqui. — River me entregou uma lista de compras. — Lorenz precisa ir à cidade para se consultar com o dentista, então você pode ir com ele e comprar essas coisas para nós.

Assenti e peguei a lista.

— Como está Ott?

— Está deitado — respondeu River. — Passar pela manobra de Heimlich o deixou chateado.

— Aquele pedaço de salsicha não caiu bem — concordei.

— Não esqueça a farinha integral — disse ela.

West Lowing, Massachusetts, é uma cidade pequena com uma rua principal, criativamente chamada de Main Street. Até cinco semanas atrás, eu ia para lá todos os dias trabalhar na farmácia MacIntyre's. Mas, então, fui despedida duas vezes. Não passei mais por lá desde que voltei de Boston.

— Certo — disse Lorenz, quando estacionei o carro. — Estarei de volta em meia hora. Assim espero. — Sua mão de elegantes dedos longos esfregava a bochecha como se estivesse doendo.

— Um viva para a odontologia moderna, hein? — brinquei, e ele fez uma careta. Na verdade, por mais que as pessoas não gostem de ir ao dentista hoje em dia, imagine fazer isso há duzentos anos, quando ter cárie significava ter algum curandeiro arrancando seu dente com um cinzel e um martelo na praça do mercado. E nada de anestesia.

Esse é o tipo de coisa que me deixa louca quando imortais (ou mesmo pessoas comuns) dizem sentir saudades dos tempos antigos e do quanto as coisas eram bem mais civilizadas então. E eu pergunto: civilizadas? Como, antes da água encanada? Antes da xilocaína? Antes do inseticida? Fala sério.

O único mercado, Pitson's, tinha um bom estoque de produtos. Plantávamos a maior parte da nossa comida em River's Edge, mas ainda não moíamos nossa própria farinha e nem produzíamos sacos. Acho que River estava fazendo corpo mole.

Meu carrinho tinha quatro rodinhas e não pendia para um dos lados, então ponto para mim. Segui por um corredor atrás do outro, riscando coisas da lista, me sentindo produtiva. Em um canto do carrinho, fui colocando uma série de

mercadorias para contrabandear para meu quarto: Pop-Tarts, Twizzlers, alguns Fudge Grahams, um engradado de Coca-Cola para fins medicinais. Suspirando, me lembrei com saudade dos primeiros anos da Coca, quando continha traços de cocaína. Isso é que era energético.

Depois de pagar, coloquei as compras na mala e fiquei encostada no carro esperando Lorenz. O clima do dia não estava muito ruim, e, com o sol brilhando, eu podia fingir que a primavera estava a caminho.

O que aquela cidade precisava era de uma cafeteria. Opinião de uma garota. Eu não fazia ideia de quando Lorenz voltaria, e mataria por um delicioso *latte* quente. Na única vez que tomei café com Dray, tivemos de ir a uma lanchonete mal iluminada no fim da rua.

Dray. Uma das duas não imortais com quem fiz amizade ali. Ela e Meriwether MacIntyre, que era mais ou menos minha amiga, eram estudantes e tinham características diametralmente opostas. Mas algo me atraiu em cada uma delas, e depois consegui estragar as duas amizades, é claro. Porque é o que eu faço.

Ande logo, Lorenz, pensei, começando a sentir frio. Não queria ficar sentada no carro. Talvez devesse dar uma olhada na Early's, a loja ao lado do Pitson's. Podia fazer estoque de balas Now and Later. Mas, então, por acaso, olhei para o outro lado da rua, para os diversos prédios vazios e velhos.

West Lowing já foi quatro vezes maior e mais movimentada. Quando a indústria da cidade fechou as portas no final dos anos 1970, o lugar perdeu mais de 10 mil empregos. Ainda não era exatamente uma cidade fantasma, mas era pequena demais para ter, digamos, uma bendita cafeteria. Atualmente, a Main Street parecia uma colcha de retalhos vagabunda, com alguns negócios ainda funcionando entre prédios e terrenos abandonados.

Prédios abandonados como aquele bem ali. Ao atravessar a rua, vi que o que pareciam ser quatro lojas separadas eram, na verdade, parte de uma estrutura maior. Pareciam ser individuais no primeiro andar, mas o segundo era mais unificado. Uma placa gasta, pendurada em um prego, dizia APTOS PARA ALUGAR e trazia um número de telefone.

As lojas tinham grandes janelas grandes na frente com portas embutidas, um estilo popular nos anos 1930. Azulejos azuis pequenos e hexagonais formavam a palavra SCHWALBACH'S em uma entrada. Encostei o rosto no vidro e vi um aposento com o mesmo tipo de teto de metal da farmácia MacIntyre's, sustentado por colunas altas e redondas. Pedaços da parede tinham despencado, e a água havia causado alguns danos embaixo de uma janela quebrada. Alguém pichara uma das paredes.

— O que você está fazendo? — A voz de Lorenz me assustou, e ele abriu um sorriso torto quando me virei para olhá-lo.

— Esperando você — respondi. — Como foi no dentista?

Ele fez um gesto de mais ou menos com uma das mãos e com a outra tocou a bochecha inchada.

— Preciso comprar um remédio.

— Tudo bem. Vou esperar no carro.

Lorenz sorriu com meu tom casual demais.

— *Có có có*.

Estreitei os olhos.

— Tudo bem. Vou junto então, OK?

Seu sorriso aumentou, mas só de um lado, porque a anestesia ainda não tinha passado.

Então meu orgulho (e é sempre bom ser forçada a fazer uma coisa por causa do orgulho, não é?) me fez andar pela rua e abrir a porta da MacIntyre's. Na última vez que estive ali, o Velho Mac, o dono, me despediu pela segunda vez. Antes disso, gritei com ele, coisas horríveis e dolorosas testemunhadas por uma Meriwether que parecia ter levado um soco no estômago. Isso foi quando me demitiram pela primeira vez. E não estou dizendo que queria minha carreira promissora e glamourosa de estoquista de volta, mas foi humilhante, e eu me sentia fracassada.

Lá dentro, Lorenz foi até o fundo da loja, onde o Velho Mac vendia remédios controlados. Ninguém estava cuidando da bancada da frente. Todos os pôsteres

bonitinhos que Meriwether e eu fizemos tinham sido retirados. Eu queria estar preparada para sair porta afora caso o Velho Mac se aproximasse de mim, mas o nojo da minha incrível covardia me olhou de forma crítica e me forcei sob a mira de uma arma imaginária a procurar Meriwether, para ver se ela ainda me odiava.

Encontrei-a alguns corredores depois, abrindo uma das grandes caixas azuis de plástico nas quais a mercadoria chegava. Ela estava sentada no pequeno banco que eu usava, parecendo isolada no próprio mundo enquanto tirava embalagens de spray nasal da caixa e os colocava na prateleira.

Por um momento, fiquei observando-a se mover metodicamente, mas sem pensar. Seu cabelo era de um castanho cinzento e pálido, e mais uma vez fiquei impressionada como seu cabelo, pele e olhos pareciam ter o mesmo tom, a ponto de fazê-la parecer sem cor. Olhando rápido, era possível nem reparar nela. Mas, como eu a conhecia, ela parecia adorável, de uma forma tranquila e antiquada.

Alguma coisa a fez erguer olhar. Talvez o fato de eu estar espionando do fim do corredor. Quando me viu, seus olhos se arregalaram e ela ficou boquiaberta, mas não falou uma palavra.

O que eu deveria dizer? Cansa ficar pedindo desculpas por ser uma babaca insensível, não é?

— Oi — cumprimentou ela, ficando de pé.

— Oi. — Foi minha resposta genial.

— Não vejo você há séculos. — Ela deu um sorrisinho. — Pensei que talvez tivesse passado a fazer compras na Walgreens.

— Deus me livre — falei, e o sorriso dela aumentou. — Não, eu fiquei... doente por um tempo. E depois só não precisei vir à cidade.

— Estou feliz em ver você. — A declaração simples me fez desmoronar e, com um alívio enorme, corri até ela, surpreendendo nós duas com um abraço.

— Também estou feliz em ver você — confessei. Durante aquela noite terrível com Incy, tinha pensado em Meriwether e Dray e me dado conta de que nunca saberia o que aconteceria com elas, porque Incy iria me matar. Ver Meriwether

me deixou mais feliz ainda por ele não ter feito isso. — E aí, como andam as coisas? — Indiquei os fundos da loja com a cabeça.

Depois de um olhar rápido e instintivo para ver se o pai estava por perto, Meriwether respondeu:

— Bem, depois daquele dia, ele parece estar tentando ser... menos durão, sabe? É como se estivesse tentando ser um pouco mais carinhoso. A verdade é que está mais triste, mas não anda gritando tanto.

— Sinto muito pelas coisas que eu disse — falei para ela. — Minha boca nunca espera que meu cérebro a alcance.

Ela assentiu.

— Nós dois ficamos... chocados. Mas acho que o que você disse... sobre minha mãe... fez nós dois pensarmos um pouco. Por exemplo, depois que ela e meu irmão morreram, papai se livrou de todas as fotos deles que antes ficavam espalhadas pela casa. Tipo, se a gente não pudesse vê-las, seria como se eles não tivessem morrido, sei lá. Mas, alguns dias depois daquele, vi que ele colocou uma das fotos de volta na parede da cozinha. Uma de nós quatro.

— Uau — falei baixinho. — Mas mesmo assim peço desculpas. De verdade.

— Tudo bem. — Meriwether assentiu, olhou em volta e depois se inclinou para perto de mim. — Sabe, acho que a Sra. Philpott tem vindo aqui com mais frequência. Para conversar com papai.

— É meeeeeesmo? — perguntei. A Sra. Philpott era uma viúva que tinha estudado com o Velho Mac na escola da cidade.

Meriwether apertou os lábios com os olhos cintilando.

— Acho que ela vem *só* para conversar com ele.

— Nossa.

Ficamos nos olhando por alguns momentos, compartilhando nossa fascinação por esse novo desdobramento na vida do Velho Mac. Eu queria mesmo ainda poder trabalhar ali, assim Meriwether e eu poderíamos fofocar sobre tudo que estava acontecendo, como fazíamos antes. Só que acabei falando demais e fui despedida. Mas tenho certeza de que há uma lição nisso. Para alguém.

— Ah, aí está você, Nas. — Lorenz enrolou com habilidade o cachecol italiano de lã por cima do ombro. — E você, senhorita... poderia me dizer, por favor, onde fica a aspirina? Estou com dor de dente. — Ele deu um sorriso para Meriwether, e, mesmo torto, deixou-a piscando como um coelho tonto tamanho seu charme.

Um segundo depois, ela saiu do estado de estupor e o conduziu até o outro lado da loja.

— Se é só para dor de dente, acho melhor tomar ibuprofeno ou Tylenol — murmurou ela. — Aspirina afina o sangue. As pessoas tomam isso para evitar ataques cardíacos.

— Ah, obrigado — disse Lorenz. — Muita gentileza sua.

Mais uma vez, aquele sorriso, o olhar profundo dos olhos azuis do Mediterrâneo. Junto à bela pele morena e ao cabelo preto, ele era lindo e sabia disso. Na verdade, era uma fonte de dor na vida dele, e eu planejava lembrá-lo disso.

— Já volto — avisei, novamente desejando poder correr para o outro lado da rua para o quê? Sim. Uma bela cafeteria.

— Vou gostar disso — disse ela, e piscou para o sorriso de Lorenz quando ele se despediu.

Eu queria voltar pulando para o carro. Meriwether não me odiava. Talvez ainda pudéssemos ser amigas. Ela gostou de me ver. Eu estava tão, tão feliz por isso.

— Sua amiga, a pequena... Meriwether, não é? — disse Lorenz. — Você sabe se ela já fez 18 anos? Ela está no último ano da escola, não é? Você não me contou isso? — perguntou ele casualmente, enquanto nos aproximávamos do carro, mas suas palavras foram um banho de água fria para mim: Lorenz tinha pouco mais de 100 anos, mas já era pai de 235 filhos. Duzentos. E trinta e cinco. Filhos. E não cumpria seu papel de pai com nenhum deles. Parte do motivo de ele estar em River's Edge era para descobrir (e então, espera-se, dar fim a) tanta irresponsabilidade criminal.

Parei de repente, e, depois de alguns passos, ele se virou para mim, dando um sorriso hesitante ao ver meu rosto.

— Lorenz, se você for mesmo atrás de Meriwether, vou decepar suas pernas na altura dos joelhos.

Ele começou a rir, pensando que eu estava brincando, mas lancei um olhar penetrante para ele.

— O quê? Ah, não. Não seja boba, Nasya. — Ele tentou abrir a porta do carro, mas ainda não o tinha destrancado.

Eu o encarei por cima do veículo.

— Lorenz. Preste bem atenção. Todos precisamos lidar com nossos erros. Deus sabe que tenho muito trabalho pela frente para ser capaz de lidar com os meus. Mas Meriwether é minha amiga e, se for atrás dela, vou fazer você se arrepender. — Minha voz estava baixa e séria, com um tom bem adulto. Era muito raro eu falar daquele jeito; normalmente, não cuidava nem de mim, muito menos de uma amiga. Mas Meriwether era diferente; uma pessoa boa de verdade, com esperanças e sonhos. Ela já enfrentara muita coisa, e eu não podia deixar Lorenz tornar a vida dela mais difícil.

— Por favor, Nastasya — disse ele, um pouco tenso. — Você está errada sobre mim.

Abri as portas do carro, e nós entramos. Ele parecia ofendido, constrangido e, é claro, culpado, porque estava percebendo que planejava mesmo fazer aquilo, mesmo sem perceber.

— Não estou errada, Lorenz. — Liguei o motor, olhei para trás e dei ré. Olhei nos olhos dele de novo, que estavam gélidos. Os meus provavelmente pareciam buracos negros. — Não estou errada sobre você. Estamos claros quanto a isso? Você não vai se aproximar de Meriwether. Combinado?

Ele bufou e olhou pela janela, a própria imagem da sensibilidade ofendida.

— Vou interpretar isso como um "sim" — falei e segui para casa.

Assim que entrei na casa em River's Edge, senti ondas de uma magick vibrante e poderosa me atingindo. Olhei para Lorenz.

— O que é isso?

— O que é o quê? — Ele estava distante, ainda chateado com o que falei.

— Você não está sentindo nada?

Ele parou segurando um saco de compras na mão. Depois de um momento, balançou a cabeça.

— Não, nada. Estou com dor de cabeça. Vou subir.

Ele deixou as compras na cozinha e saiu, enquanto continuei ali tentando entender o que estava sentindo. Magick reverberava pelo meu peito como um som pesado. A única outra vez em que havia sentido uma coisa assim foi naquela noite com Incy, quando ele lançava feitiços enormes e das trevas para arrancar meus poderes. Mas naquele momento não parecia exatamente ruim ou assustador. Não fez meu estômago se revirar de náusea. Só parecia ser algo grandioso.

E eu queria tanto não estar ali para descobrir o que era. Guardei rapidamente as coisas da geladeira e saí pela porta da cozinha. Um ser pequeno e branco sentado na porta do celeiro chamou minha atenção, e segui na direção de Dúfa enquanto ela esperava balançando o rabo. Atualmente, Dúfa = Reyn.

— Oi, filhotinho — falei, entrando no calor escuro com cheiro de cavalo. Tentei não olhar para o palheiro, onde Reyn e eu tínhamos dado nossos primeiros beijos ardentes.

O dito cujo estava de pé no meio do corredor escovando Titus, um dos grandes cavalos de trabalho. Ele não tinha me visto, e pude parar para apreciar o movimento delicado dos seus músculos cobertos pela flanela, a graça do guerreiro que moldava tudo o que ele fazia. Ele escovava cavalos há mais de quatrocentos anos, mas cada movimento da escova parecia deliberado e fruto de muita reflexão.

Quando ele enfim ergueu o olhar e nossos olhos se encontraram, pareceu que alguém tinha dado um peteleco no meu peito, me fornecendo um vibrante

choque de percepção.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Isso é assédio.

A surpresa me fez sorrir, e Dúfa trotou ao redor dos meus pés, dando um pequeno latido.

— Vá sonhando.

— Como estava a cidade?

— Com cara de cidade. Meriwether não me odeia, o que já é um bônus.

— Que bom. Está tudo bem com o pai dela?

Sabe, percebi naquele momento que, durante todos aqueles anos, Incy nunca me perguntou nada sobre minha vida pessoal. Estava sempre disposto a ouvir todas as últimas fofocas, a saber o que todo mundo usou e se alguma coisa dramática aconteceu. Mas perguntar sobre coisas mais sérias? Não. Era legal quando Reyn fazia isso. Ele realmente me escutou falar sobre Meriwether. Acrescente vários pontos à coluna da Sensibilidade.

— Ela disse que eles estão melhores. Mas não sei. Escute só, quando entrei em casa, uma onda de magick quase me derrubou. Onde está todo mundo? O que estão fazendo?

Reyn franziu a testa para mim enquanto soltava Titus e o levava até a baia grande. Titus resfolegou na cabeça de Reyn e ganhou uma das pequenas maçãs que caíra da árvore, as quais guardávamos em barris ao redor do celeiro.

— O que exatamente você sentiu? — perguntou Reyn por fim.

— A casa. Está cheia de... — Não sabia como descrever aquilo. — Parece que as pessoas estão fazendo feitiços grandes ali. Mas não vi ninguém. Você sabe se está acontecendo alguma coisa?

— Hoje de manhã, River comentou que ela e os professores, e acho que os irmãos dela também, iam praticar adivinhação — disse Reyn. Ele foi para a outra baia e levou um dos cavalos de montaria para o corredor. — Mas estou surpreso por você ter sentido algo. Você conhece Sorrel, não é? — Ele me deu as rédeas do cavalo.

— Oi, Sorrel — falei, desconfortável por estar tão perto de um cavalo. — Feitiços de adivinhação para quê?

— Não sei. Espere. — Ele foi até a sala de equipamentos e voltou com uma sela pequena e leve, daquelas usadas em saltos. — Segure-a.

Ele sabia que eu não gostava de ficar perto de cavalos, então por isso estava perdendo todos os pontos que ganhara na coluna da Sensibilidade.

— Feitiços de adivinhação para quê? — repeti a pergunta.

— Não sei mesmo — disse Reyn, prendendo a sela. — Talvez para ver se eles conseguem entender o que está acontecendo com Incy, "o mestre" e tudo o mais. Tudo certo, aqui. — Ele fez um gesto para Sorrel e entrelaçou as mãos em um degrau improvisado.

Fiquei olhando para ele.

— O que você está fazendo?

— Está um dia bonito. Vamos dar uma volta. Pode ir com Sorrel.

— De. Jeito. Nenhum.

O olhar paciente e calmo no rosto dele me deixou cautelosa, como se eu fosse um vilarejo prestes a ser invadido.

— Sei que você sabe cavalgar.

Eu cavalgava muito bem e já fiz isso com frequência. Mas ter e mesmo andar a cavalo era uma das coisas que deixei para trás ao longo dos anos, para tentar limitar (sem sucesso, é claro) a diversidade das coisas cujas perdas poderiam me magoar. Era por isso que eu não tinha animais de estimação e por isso que meus amigos mais próximos eram pessoas que podiam ir e vir sem que nenhum de nós sofresse com isso. Exceto Incy.

Atualmente, eu estava desconfortavelmente ciente dos tentáculos de carinho que me envolviam: River e as outras pessoas dali, Meriwether e Dray, o local em si, Reyn. Meu amuleto. Quanto mais coisas eu tivesse a perder, menos segura estaria. Até então, vinha conseguindo vencer o pavor sufocante que sentia ao criar essas conexões, mas, de vez em quando, ele me dava um tapa bem forte no alto

da cabeça, como quando Reyn dividiu Dúfa comigo ou, então, naquele momento, insistindo para eu cavalgar.

— Sei que você sabe quebrar pedras com martelo, o que não quer dizer que espero que faça isso — falei.

Qualquer pessoa, e não só eu, teria sentido desconforto pelo brilho calculista nos olhos cor de âmbar. Sem dizer uma palavra, ele se virou e pegou outro cavalo em uma baia. Esse era quase todo preto e maior que Sorrel, mas os ossos delicados indicavam que também era de montaria, e não para puxar o arado.

— Quero cavalgar com você. — Prendeu uma sela maior, do tamanho apropriado para ele, no cavalo preto.

— E eu quero a paz mundial — retorqui.

Segurando as rédeas do cavalo preto, Reyn chegou perto o bastante a ponto de eu conseguir ver a pulsação na base do seu pescoço. Ele se moveu devagar, como se quisesse me dar tempo de fugir como a covarde que sou, levantou uma das mãos e aninhou minha bochecha com delicadeza. Minha respiração ficou acelerada. Passar um dedo por meu maxilar foi o gesto seguinte, traiçoeiro, e apertei os lábios para não me humilhar com um choramingo. Ele baixou a cabeça, e senti meu muro de pedra de determinação começar a desmoronar.

Mas não me beijou.

— Vamos cavalgar, você e eu — disse ele em voz baixa. — Vamos ficar longe daqui por um tempo.

O filho da mãe sem coração. Minha determinação tornou-se inútil e frágil.

Dez minutos depois, não conseguíamos mais ver River's Edge. O ar frio fez surgir círculos cor-de-rosa nas minhas bochechas e queimava meus pulmões. Minhas pernas já estavam sentindo a dor de anos passados sem nada além de andar, fazer compras e dançar ocasionalmente.

As orelhas altas e alertas de Sorrel emolduravam minha visão, e, do alto da colina, pude ver manchas amarelas vibrantes aqui e ali, até onde eu conseguia enxergar.

— Forsítias — falei, apontando.

— É a primavera. — Reyn, é claro, estava lindo montado naquele belo cavalo, cavalgando sem esforço e em perfeita forma, com as rédeas frouxas em uma das mãos. É provável que tenha aprendido a cavalgar como eu, sem sela e se segurando apenas à crina.

— Não sabia que havia todas essas trilhas aqui. — Caminhos sinuosos que Reyn já conhecia de cor levavam a acres de árvores colina acima até alcançarmos o topo e conseguirmos ver quilômetros ao nosso redor.

— Estão aqui há séculos — disse Reyn, afastando do rosto o cabelo soprado pelo vento. — São bonitos, mas eu gostaria que houvesse terra plana por onde pudéssemos andar com velocidade.

Em pensamento, eu o vi se inclinar por cima do pescoço esticado de um cavalo enquanto galopava pelas estepes do norte. Reyn tinha crescido assim, viajando com o clã por milhares de quilômetros de terra plana e sem árvores, movendo os rebanhos da água para a grama conforme os anos completavam seus ciclos.

— Era uma vida mais livre. — Não percebi que tinha falado em voz alta até ele se virar e olhar para mim.

— Tem uma pequena clareira por aqui. — Ele guiou o cavalo para a frente, e eu o segui, abaixando-me para desviar dos galhos. Ocasionalmente, vi pequenos pontos verdes nas árvores.

Por vários minutos, cavalgamos ao lado de uma cerca, seguindo por uma curva na direção de River's Edge, e, com um susto, de repente percebi que estava reconhecendo o lugar onde Incy me encontrou na noite em que fugi. Prestei atenção e ouvi o som baixinho do trânsito; Incy tinha estacionado o carro na estrada para ir me procurar. Eu estava encolhida, quase congelada, no chão ao lado da cerca. Era uma lembrança dolorosa, do quanto eu me sentira destruída, sem esperança. Eu me deitei e fiquei chorando ali naquele noite de inverno até praticamente adoecer.

E então, Innocencio me encontrou e me colheu como uma cereja madura.

— Quantas vezes você se casou? — A voz baixa de Reyn pôde ser ouvida claramente acima dos sons de cascos e folhas.

Pisquei, surpresa, e minha mente tentou fugir das lembranças de casamentos. Mas era Reyn e seria mais problemático me desvencilhar da pergunta que cambalear pela estrada das lembranças.

— Vinte e sete — respondi, com precisão.

— O quê? — Seus olhos estavam arregalados e assustados quando ele se virou para me olhar.

— Mentira. Na verdade, foram duas. Dois desastres, de maneiras diferentes. — Ugh. — E você? — perguntei, mas logo percebi que não queria saber sobre os casamentos de Reyn.

— Três. — Ele deu de ombros. — Para formar alianças entre tribos diferentes na taiga. Ou me casava com elas ou teria de matá-las.

Comecei a rir, mas engoli o riso quando percebi que ele estava falando sério: realmente teria de matá-las. Nossa. Sem pressão.

— O último foi por volta de 1630 — disse ele. — Por aí. — Ele esfregou o queixo, pensativo. — As mulheres modernas... não parecem me considerar um bom partido. — Ele olhou para mim e deu uma breve risada, como se surpreso por ter revelado algo tão pessoal. — Me veem mais como um caso de uma noite. Ou de um verão louco. Mais assim.

Eu conseguia entender. "Taciturno" e "perigoso" não deviam ser qualidades que elas procuravam em um companheiro para a vida toda, mas era só um palpite. Reyn parecia sem graça, com as costas eretas, e me perguntei o que o tinha feito revelar tanta coisa.

— Bem, você pode imaginar o quanto sou considerada uma mulher para casar — falei e contei os defeitos nos dedos. — Nada doméstica, nada carinhosa, nada cuidadosa, nada paciente. Eu poderia passar o dia listando.

Ele me lançou um olhar tão estranho e especulativo que fingi ficar fascinada de repente pelo esquilo que pulava de galho em galho acima de nós.

— Por aqui — disse ele.

Um minuto depois, estávamos passando entre duas árvores tão grandes quanto um portão e, então, chegamos à clareira. Tinha uns 10 metros de largura

e era ligeiramente oval; tocos podres e espalhados deixavam claro que já houvera árvores ali, mas tinham sido retiradas com algum propósito. Para construir um chalé ou algo assim.

Reyn desceu elegantemente do cavalo e levou-o até um galho baixo.

— Bom garoto, Geoffrey — murmurou ele, e passou a mão pelo focinho macio do animal.

Havia uma grande possibilidade de minhas pernas dobrarem involuntariamente se eu tentasse descer, mas Reyn se aproximou e me deu a mão.

— Venha — disse ele, com praticidade estampada no rosto.

Desci e sufoquei um gritinho quando meus músculos voltaram a se esticar.

— Por que fiz isso? Amanhã não vou conseguir andar.

— Sempre dói no começo, mas depois você se acostuma. — Ele me olhou de um jeito engraçadinho, e revirei os olhos. — Avise se precisar de uma massagem. — Seu tom de voz era leve, mas o olhar nos seus olhos dourados e profundos estava ardente e cheio de promessas emocionantes. Eu me virei rapidamente e verifiquei o estribo para não correr o risco de cair no chão e ter de implorar para que ele me pegasse no colo. Esse tipo de coisa faz uma garota parecer fácil. Principalmente a parte de implorar.

Quando consegui controlar minha expressão, Reyn estava sacando uma espada da bainha.

— De novo essa espada — resmunguei.

— Sim — disse ele. — De novo esta espada. E veja o que eu trouxe especialmente para você.

Ele enfiou a mão na bolsa da sela e tirou uma espada mais delicada e fina, acho que tinha metade do peso da que usei na outra vez. Uma espada de menina. Ele a entregou para mim com um olhar de satisfação.

Eu a peguei. Era pequena, linda, incrustada com uma filigrana de ouro. Parecia ser bem antiga, mas era tão bem-feita que o tempo não a afetou. Assim como eu. Ela encaixou na minha mão como se eu a tivesse encomendado e

imediatamente se tornou uma extensão do meu braço. Fiz um movimento experimental.

— Alguns caras dão flores — observei.

— É, e quando acertar a cabeça do inimigo com um buquê e falhar, não venha correndo atrás de mim — disse Reyn. Ele posicionou a espada. — *En garde*.

Depois de uma hora, eu estava praticamente fraca de fome, pois havia passado bastante do horário de almoço, meus braços eram quase moldes de espuma em comparação a antes, e minhas pernas jamais me perdoariam. O dia seguinte seria horrível. As palmas das minhas mãos já estavam com bolhas, eu estava cansada e suja, e meus pulmões queimavam por causa do exercício. Eu me sentia tão... viva. Pela primeira vez em... nem conseguia lembrar quanto tempo. Pensei no meu amuleto, inteiro e completo, guardado no meu esconderijo na parede e conclui: Minha vida não está tão ruim agora.

E aquela sensação nada familiar durou vários minutos, até voltarmos para River's Edge e nos depararmos com um pandemônio total: todas as janelas do térreo tinham explodido.

CAPÍTULO 9

Era uma daquelas situações em que você fica feliz porque não estava no *Titanic*, pois veja o que aconteceu. Fiquei feliz por estar longe na floresta, porque não havia como jogarem a culpa daquilo em mim. A não ser que o ataque tivesse sido direcionado a mim. Nesse caso seria bem ruim.

Reyn pegou os cavalos enquanto eu corri para a casa. Todas as janelas do primeiro andar estavam quebradas, com as molduras altas vazias. Cacos de vidro e pedaços de madeira cobriam o jardim. Rachel e Daisuke estavam enrolando pedaços grandes em jornal; Charles e Anne puxavam tudo com ancinhos ao redor da casa, e os 10 centímetros de folhas empilhadas só dificultavam a tarefa. Depois de pensar por um segundo, corri para pegar a lixeira grande de rodinhas. Era quase do meu tamanho, mas as rodinhas tornavam mais fácil empurrá-la pelo jardim. As palmas das minhas mãos ainda ardiam por causa do treino com a espada. Assim que eu tivesse um minuto, entraria e as cobriria de band-aids.

— Obrigada... Boa ideia — disse Rachel, e começou a enchê-la.

— Que diabos aconteceu? — perguntei.

— Foi durante o círculo — contou Anne, com a voz tensa, enquanto jogava uma caixa de papelão cheia de folhas e vidro dentro da lixeira. Ela pegou a caixa vazia e recomeçou a enchê-la. A essa velocidade, conseguiríamos terminar de limpar a área ao redor da casa só em agosto.

River contornou a esquina da casa. Parecia nervosa e preocupada, mas aliviada em me ver.

— Nastasya! — Ela me deu um abraço. — Você está bem? Tudo isso aconteceu, e ninguém conseguia encontrá-la. Fiquei com medo de isso ter sido parte de alguma coisa pior, de que você pudesse estar machucada.

— Ah, não, estou bem — gaguejei.

— Mas então percebi que Reyn também não estava por aqui — disse Brynne, tentando não dar um risinho debochado. Ela secou o suor da testa com a mão enluvada. Lancei um olhar para ela por trás de River, e ela sufocou um sorriso sob a expressão preocupada.

— Reyn me obrigou a andar de cavalo — falei, jogando-o na berlinda.

— Estou feliz por vocês estarem bem — disse River. — Peguem luvas de trabalho de couro para não se cortarem. Pelas chagas de Deus, que confusão. — Ela saiu correndo na direção de Reyn, que reapareceu com uma pá de neve e uma lona onde empilhar as folhas.

— O que de Deus? — perguntou Brynne.

Lembrei que Brynne só tinha cerca de 230 anos.

— Pelas chagas de Deus — repeti. — Não ouço essa há séculos, as pessoas falavam isso no século XVI. Todos os xingamentos eram pelos dentes de Deus, pelas chagas de Deus, pelos olhos de Deus, pelo sangue de Deus. *Pelas chagas de Deus* virou *Por Deus*. Isso você já ouviu, não é?

— Já. — Brynne se empertigou e olhou para o pátio. — Isso vai levar uma eternidade.

— É mesmo — concordei. — Talvez alguém pudesse jogar um feitiço nos cacos de vidro, para, sei lá, fazê-los levitar, quem sabe?

Brynne revirou os olhos.

— Você é uma idiota.

— Olhe a palavra aí de novo — murmurei, e ela riu.

A lixeira estava quase cheia. Charles se aproximou e pegou-a, dizendo:

— Vou jogar isso no poço e trazer a lixeira de volta.

River tinha um poço velho que estava seco. Normalmente, jogávamos lixo ali dentro e colocávamos fogo. A metade já estava cheia.

River voltou em nossa direção, parecendo bem desanimada.

— Temos compensado no celeiro para cobrir algumas janelas, mas Daniel e Reyn vão até a loja de material de construção buscar mais. Acho que terei de chamar uma vidraçaria para conseguir substituir todas. Mas como vou explicar o que aconteceu? — Ela afastou uma mecha de cabelo prata da testa, deixando uma mancha leve de sujeira.

— Experiência científica que deu errado? — sugeriu Brynne. — Festa da fraternidade?

— Mas, falando sério, o que aconteceu? — perguntei.

River suspirou.

— Estávamos fazendo um círculo na sala. Queríamos tentar descobrir mais coisas, perceber alguma espécie de padrão de magick no mundo. Estava indo bem, éramos muito fortes e poderosos. E quando algo estava começando a tomar forma — ela franziu a testa, como se tentando lembrar —, tudo começou a dar errado de maneira estranha. Não consegui nem dizer o que era, mas nos olhamos, confusos e cheios de medo. Eu estava prestes a sugerir que desfizéssemos o círculo quando todas as janelas explodiram, não só as da sala. Mas as coisas lá dentro não sofreram nada.

— Isso é muito estranho. — Senti-me constrangida, com a sensação de ter atraído tudo aquilo.

— Para dizer o mínimo — disse River.

— Então, precisam de mais alguma coisa além de uma tonelada de compensado? — perguntou Daniel, enquanto andava balançando as chaves da picape. Reyn estava com ele. Parecia sério e distante, um enorme contraste comparado com seu humor durante nossa cavalgada e a aula de esgrima.

— Quem é aquele? — Brynne protegeu os olhos, fazendo sombra, e olhou na direção do caminho que levava ao estacionamento de cascalho.

Olhei para onde ela indicou e vi uma pessoa alta com aparência maltrapilha seguindo para a casa, como um antigo andarilho.

— Nossa... — River parou de falar. O espanto fez seus olhos esbugalharem, e sua boca se abriu.

— Ei — disse Daniel.

O homem alto nos viu no jardim lateral e veio andando na nossa direção. River murmurou:

— Qual é o nome dele agora?

Daniel balançou a cabeça.

— Não sei — disse ele baixinho. — Faz 15 anos ou mais que não o vejo.

Atrás de mim, ouvi Reyn inspirar depressa. O rosto dele estava pétreo, e os olhos, apertados. Seu peito subia e descia rapidamente ao olhar para o estranho. O que estava acontecendo?

River jogou as luvas para mim e correu na direção do homem.

— *Tesoro!* — disse ela, passando os braços ao redor dele.

Querido? Certo, então talvez fosse outra das almas perdidas de River que voltou para uma revisão. Assim de perto, consegui ver que parecia necessitar bastante de reabilitação. As roupas estavam esfarrapadas; ele parecia faminto e precisando tomar banho. O rosto era sério e duro, os olhos, tristes, como se ele tivesse visto coisas horríveis que ainda não superou. Talvez ele mesmo as tivesse causado. Tremi, feliz por estar com um grupo de pessoas, e não encontrando esse cara em um beco escuro à noite.

O homem retribuiu o abraço, mas com hesitação, como se suas costelas doessem. Ao soltá-la, abriu um sorriso torto, mas, mesmo a 6 metros de distância, percebi que ela não o olhou diretamente.

Ele segurou River com os braços esticados, observando-a como se para memorizar o rosto dela.

— Joshua — disse ele.

— Joshua — repetiu River. — Meu querido. Estou tão feliz de ver você. — Ela o abraçou de novo, e ele aguentou, esperando que ela parasse.

— Venha, *caro* — disse River, levando-o até nós. Ele a seguiu lentamente, nos olhando, mas parou tão de repente que River acabou sendo puxada por estar de mãos dadas com ele.

Segui o olhar dele, fixo em Reyn. Ao olhar para os dois, vi que pareciam estranhamente similares, com raiva subindo pelo rosto, olhos estreitados e cruéis, mãos fechadas ao lado do corpo.

— Então — disse River, soltando o ar em um suspiro —, devo concluir que vocês dois já se conhecem?

No fim das contas, Joshua era o terceiro urso mal-humorado da Coleção de Irmãos da River. Será que ela era a única da família com temperamento agradável?

Nossa mesa de jantar estava ficando cheia, mas não era bem uma reunião com papos leves e alegres. As conversas até então tinham sido baixas e breves: *me passe o sal, como está sua carne?*, e assim por diante. Naquela época do ano, sempre estava escuro na hora do jantar, mas nesse dia a sala parecia claustrofóbica porque as janelas estavam cobertas de compensado; os painéis grandes e feios foram pregados, e o vento frio entrava pelas frestas. Solis tinha acendido todas as lareiras do andar de baixo porque os aquecedores não estavam dando conta.

River, Daniel e Ott pareciam felizes de ver Joshua, mas era claro que também estavam chocados. Fosse pela aparência dele ou apenas pelo fato de estar ali, eu não sabia. Além do mais, pareciam tratá-lo com carinho, como se ele fosse prejudicado de alguma maneira. O próprio Joshua parecia tenso e desconfortável. Ele me fazia lembrar muito de Reyn; uma coisinha de coração selvagem, mais adequado a ficar sob céu aberto que confinado em algum lugar. Parece a receita do namorado perfeito, não é? Alguém que não consegue ficar sossegado? Que Deus me ajude.

Falando em Reyn, ele e Josh não se encararam sequer uma vez desde aquele primeiro olhar furioso do lado de fora. Sentaram-se à mesa o mais separados

possível e agiram como se o outro não existisse. Muuuuuuito interessante.

Também era muito interessante ver como Brynne observava Joshua, os olhos castanhos especulativos. Será que Daniel tinha perdido o posto tão rapidamente? Será que Brynne era tão autodestrutiva assim? Mesmo uma tola como eu conseguia ver que Joshua era um prospecto romântico ainda pior que Reyn.

Na metade do jantar, River se sentou mais ereta e disse:

— Reyn, você e Joshua obviamente se reconheceram no pátio. O que vocês tiveram no passado?

Houve uma percepção tensa em toda a mesa quando os olhares se direcionaram para eles, e as pessoas pararam de mastigar para prestar atenção.

Joshua não disse nada, ficou olhando para o prato e cortando a carne em pedaços ainda menores, como se fosse o fígado do inimigo.

Reyn lançou um olhar rápido na direção dele, e isso bastou para fazer seu rosto ficar sombrio de uma forma preocupante. Mas tudo que fez foi dar de ombros e murmurar alguma coisa que ninguém conseguiu entender. Ele não ia nos contar nada. Caramba, homens são tão fascinantes e misteriosos! Era *tão divertido*. Guardei mentalmente a informação de não ficar entre os dois; parecia que a qualquer momento eles poderiam tentar matar um ao outro sem motivo algum. Ou sem que soubéssemos o motivo, pelo menos.

— Joshua, o que traz você a River's Edge? — A voz de Brynne estava tranquila e clara, os olhos, cheios de expectativa.

Joshua, perplexo, olhou para ela. Dos quatro irmãos, ele era o mais diferente: o cabelo era castanho médio e tinha mechas mais claras de sol, o rosto, bronzeado e um pouco envelhecido; já Daniel e Ottavio eram mais bem cuidados. Os olhos de Ottavio eram pretos. Os de Daniel e River eram de um castanho mais claro, como sumo de tabaco, mas os de Joshua pareciam o casco de uma tartaruga, uma mistura de castanho, verde e azul.

Brynne aguardou, o olhar grudado nele.

Joshua examinou a mesa até me ver. Assentiu para mim, depois voltou sua atenção para a comida, mastigando deliberadamente como se fizesse um esforço

para não vomitar.

Mais uma vez, eu.

— Ah, meu Deus — murmurei, baixando o garfo.

— Na verdade, não — disse Reyn, com um cinismo frio. — Não exatamente.

Os olhos de Joshua se acenderam com uma fúria rápida, e prendi a respiração porque pareceu que uma coisa horrível estava prestes a acontecer.

River pouso a taça de vinho com força na mesa.

— Tem torta de maçã desidratada de sobremesa — disse ela, mas fez parecer uma ameaça.

— Eu ajudo — acrescentou Daisuke, e começou a recolher os pratos. O clima estranho tinha sido quebrado ou, pelo menos, sufocado. Mas todos nós ficamos nos perguntando que diabos estava acontecendo.

— Nastasya, espere. — Parei no alto da escada para River me alcançar. O rosto dela estava tenso, e parecia cansada. Aposto que cansada de ter irmãos mal-humorados. — Fugindo lá para cima? Por quê, não está a fim de conversar um pouco com minha família perto da lareira? — perguntou ela, e o humor aliviou as rugas de tensão.

— Ah, não, obrigada — falei. Ela riu, depois ficou mais séria ao esticar a mão e afastar meu cabelo do ombro, tocando no cachecol fino de lã enrolado no meu pescoço. Ela indicou o corredor com a cabeça. — Vamos até seu quarto.

No quarto, eu me sentei na cama, mas era difícil; estava impaciente, me coçando para andar em círculos, tentando caminhar mais rápido que o fluxo de pensamentos soltos na minha cabeça. A chegada de mais um irmão, que estava ali por causa do quanto eu supostamente era perigosa, tinha me deixado abalada. Ottavio já era ruim o bastante, depois Daniel, e agora, Joshua.

River não tinha dito nada, então ergui o olhar para ela. A imortal se sentou ao meu lado com uma expressão paciente.

— O que foi? — perguntei.

— Não quero que você vá embora — disse ela.

Até aquele momento, não havia percebido que a ideia vinha crescendo contínua e lentamente dentro de mim, mesmo antes de Daniel oferecer me pagar para que eu saísse dali. Mas, sim, em uma percepção mais apurada, vi que seria bem melhor se eu fosse embora, parasse de atrair atenção negativa para aquele local de cura e descanso. Eu deveria ir embora; deveria pegar meu amuleto e...

E, então, percebi o que River fez: ela leu minha expressão. Dessa vez, antes mesmo de o pensamento estar *no* meu rosto.

— Mas que *droga* — falei, e ela riu. — Agora você está *apavorante*.

— Eu vivo falando para você: seu rosto é um mapa — disse ela, levantando as mãos. — Ah, deveríamos fazer uma noite de pôquer, e com apostas altas.

— Ah, haha — falei. Eu me inclinei e girei o botão do aquecedor para tentar deixar o quarto menos frio. Queria mesmo ir embora e sabia que ela me convenceria do contrário. Era hora de mudar de assunto. — Pois é. E você precisa mandar trocar todas as janelas, hein?

River assentiu, com expressão séria de novo.

— Foi muito estranho. Foi... assustador. Despertamos tanto poder benigno, e eu tinha mesmo esperanças de conseguir algumas respostas. Quero saber quem é esse mestre que Innocencio mencionou. Quero saber quem o estava controlando.

Mexi nas pontas do cachecol.

— Foi por minha causa. Se eu não estivesse aqui, isso não estaria acontecendo.

— Não sei se é bem assim — insistiu River. — Não faço ideia do que levou nosso círculo a dar errado. Precisamos descobrir. Mas sei que... você não está forte o bastante para sair pelo mundo sozinha. — disse ela em um tom de voz gentil.

Eu queria discordar, queria muito ser uma pessoa forte e controlada que não seria um peso, em quem as pessoas podiam confiar que sairia pelo mundo e encontraria apenas coisas boas à frente. Mas, com sincera humildade, eu tinha de admitir que River estava certa: eu não estava forte o bastante para sair pelo mundo sozinha. Não estava sólida o suficiente para conseguir lutar contra as trevas e resistir à tentação.

— Tudo bem — murmurei, e ela deu um tapinha no meu joelho, satisfeita.

— Mas tenho uma sugestão — disse ela.

Se fosse outro círculo de meditação, eu gritaria.

— Sugiro que você encontre um projeto grande com o qual se ocupar — opinou ela. — Sei que está estudando, e isso é bom. Mas descobri que também é bom ter um foco mais amplo, trabalhar para alguma coisa maior que você.

Franzi a testa.

— Como o quê? Macramé?

— Não. Maior. Algo como... — River pareceu pensativa. — Treinar um novo cavalo? Poderíamos comprar um especialmente para você. Ou... o celeiro dos cavalos precisa ser pintado. Temos escadas e tudo. Você precisaria raspar primeiro. Ou poderíamos dar a você um terreno, para qualquer tipo de jardim que queira cuidar. — Ela pareceu gostar dessa ideia. — Como um jardim de ervas que nem antigamente, com canteiros feitos de caixas de madeira! Poderíamos colocar um chafariz no meio. Quando estiver pronto para plantarmos, o clima já vai estar quente o bastante. Isso poderia ser bem divertido.

Eu estava tentando não enfiar os dedos fundo na garganta com aquelas sugestões. River só estava tentando ajudar.

— Tudo bem, pense no assunto — disse ela, e ficou de pé. — Mas, resumindo: ir embora, não; projeto, sim. Certo?

— Você pode anotar isso para mim?

Sorrindo, ela se inclinou e beijou minha bochecha.

— Vou tatuar isso na sua bunda quando você estiver dormindo.

— Eu não ia conseguir ler! — gritei, enquanto ela saía pela porta. Ouvi uma última risadinha quando a porta se fechou, e, então, fiquei sozinha com meus pensamentos.

E tinha me esquecido de perguntar o que ela achava que estava acontecendo entre Reyn e Joshua.

CAPÍTULO 10

Há livros escritos sobre a história conhecida dos imortais. De tempos em tempos, um surge em algum leilão de livros raros, sendo tratado como um trabalho fascinante de ficção. É de conhecimento geral que vários livros estão em bibliotecas escondidas em alguns dos monastérios mais antigos do mundo. Dizem que os monges sabem que é tudo verdade, mas vão ficar calados até descobrirem como nos encaixamos na existência de Deus, no que acontece após a morte, na salvação e tudo mais. Nós só estamos, tipo, esperando nos avisarem.

Ao longo dos séculos, vi livros escritos por imortais. É claro que há muitos imortais escrevendo os best sellers atuais, livros de culinária, livros infantis etc. (Não, não vou revelar nomes.) (Embora você fosse reconhecê-los, sem dúvida alguma.) Mas estou falando de livros *sobre* imortais. Eu mesma jamais li um autor imortal. Fazia parte do plano de manter-a-cabeça-enfiada-na-areia, o qual segui por tanto tempo.

Mas isso acabou! A nova e alerta Nastasya estava encolhida naquela manhã no escritório, lendo um volume pesado de título *The Hause of Morcroft*. Era de 1679, mal impresso, lindamente encadernado em couro e alto relevo decorado com folhas de ouro. Eu estava lendo o texto e desejando que o curioso costume da ortografia padronizada tivesse tido início centenas de anos antes.

Depois que passei os olhos pela entediante e obsessiva história dos ilustres Morcroft (um dos quais conheci no final do século XVIII, o tédio em pessoa), o

livro ficou mais interessante e passou a abordar a história mais geral dos imortais. Aquele cara, Sir Thomas Morcroft, alegava ter acompanhado a trajetória da família até dois mil anos antes, mas é claro que os primeiros registros eram histórias orais passadas por gerações durante séculos. Quem já brincou de telefone sem fio vai entender meu ceticismo em acreditar que aquelas histórias chegavam remotamente perto da verdade. Mas Thomas incluiu muitos de seus encontros com outros imortais e contou o que sabia sobre certas famílias e indivíduos. Tentou ser um verdadeiro historiador, o que era interessante. Apesar de difícil.

Eu me perguntava até onde no passado ia minha história, o quanto meus pais sabiam sobre o passado deles. Meu pai tivera uma biblioteca, uma raridade na época, mas apropriada para o rei local. Todos os livros pegaram fogo e viraram cinzas no incêndio provocado por Erik, o Derramador de Sangue, claro. Será que algum daqueles livros era sobre a saga da minha família? Ou o diário do meu pai? Se ao menos houvesse alguma maneira, alguma outra fonte a partir da qual pudesse descobrir de onde minha família tinha vindo, o que tinha feito.

Quando minha cabeça começou a doer (até o momento, eu tinha encontrado sete maneiras diferentes de escrever a palavra *chronicle*), marquei a página com um papel de bala e voltei a atenção para um livro sobre cristais.

Embora meu interesse em cristais e pedras preciosas aumente quando estão juntos com ouro e são usados com o intuito de me enfeitar, eles *são* intrigantes por si só. Afinal, este planeta é composto basicamente de terra e água. Mas, em todo o mundo, eventos físicos transformaram parte da terra em incríveis formações cristalinas de todas as cores possíveis. A humanidade sempre atribuiu importância especial a essas pedras incomuns. E, agora, o conhecimento e o interesse por elas podem facilmente preencher anos ou décadas de estudo.

Para o qual, você sabe, não estava disposta a me candidatar. Mas fiquei perfeitamente feliz em folhear alguns daqueles livros, olhar as belas imagens e absorver as informações mais pertinentes.

Vejamos o sal, por exemplo. Desde o começo dos tempos, é considerado sagrado por uma quantidade de...

A porta da sala se abriu, mas eu estava ocupada anotando e queria continuar assim tempo o suficiente para que quem tivesse entrado me visse ocupada fazendo anotações. E então levantei a cabeça, pronta para apreciar o sentimento virtuoso de ser encontrada estudando *sozinha*, mas dei de cara com... Joshua. Ele parecia mais descansado e vestia roupas limpas; o cabelo estava molhado do banho. Ainda não parecia civilizado. Como outra pessoa que conheço.

Deixou a porta aberta depois de entrar e me observou com os marmorizados olhos castanho-claros, depois olhou para as janelas cobertas por tábuas. Reyn também sempre fazia isso, examinava qualquer cômodo em que entrasse. Demorei um tempo para entender por quê: ele era incapaz de *não* planejar rotas de fuga. Caso uma horda rival partisse para cima dele sem aviso prévio. Ali, no oeste do Massachusetts dos dias de hoje.

— O que você quer? — perguntei, disparando o primeiro ataque.

— Asher disse que eu poderia dar uma olhada nos livros dele. — A voz de Joshua era baixa e regular, não rouca e arruinada como a de Jess, mas nem um pouco perto dos tons modulados e sofisticados dos irmãos.

Balancei a mão na direção das estantes baixas nas laterais das molduras das janelas.

— Leia até cansar.

Ele se movia da mesma forma que Reyn, com uma graça animal controlada e um poder implícito. Eu tinha visto Reyn em ação como saqueador havia centenas de anos. Ele era apavorante, sedento por sangue, violento. Ele e o clã foram a desgraça dos países do norte durante várias das minhas vidas, até eu me mudar para o sul, longe o bastante, fora do alcance. Ainda era estranho para mim vê-lo como o Reyn de hoje, o professor de espada que brincava com filhotes de cachorro e tirava leite de vaca, o mestre dos beijos e ladrão de corações que eu tinha passado a conhecer um pouco melhor.

Mas ali estava Joshua, claro que não era um invasor do norte ou um viking, mas tinha todas as qualidades guerreiras que eu reconhecia num viking. Ali, por minha causa.

— O que eu quis dizer era: o que quer comigo? — falei para as costas largas dele, onde o suéter marrom-avermelhado se esticou nos ombros quando ele se ajoelhou para olhar uma prateleira mais baixa.

Ele pegou um livro grosso da estante, folheou algumas páginas e foi se sentar à minha mesa, na cadeira em frente.

— É sério isso? — perguntei. — Você vai se sentar aqui e fingir que está lendo, bem na minha frente, e eu não vou desconfiar de nada, certo? É isso mesmo?

Seu olhar tranquilo teria me afetado se eu não fosse casca grossa que nem um rinoceronte.

— River disse que você blefava muito.

— O quê? Não, ela não disse! Eu não... Eu não blefo! — É claro que eu blefava o tempo todo, mas não podia acreditar que River contava isso para todo mundo.

— Ottavio disse que você era tagarela e irritante, que nem um chihuahua.

Fiquei furiosa. Primeiro, chihuahuas são incrivelmente fofos e muito injustiçados na cultura moderna, em minha opinião.

— Bem, Ottavio é um falastrão pomposo e só. E nem venha me falar das pérolas de sabedoria de Daniel.

Joshua abriu o livro de Asher na parte de feitiços herbais e começou a ler. Não acreditei nem por um segundo que ele realmente estava ali para isso, mas respirei fundo e me concentrei na página sobre rubis enquanto me recompunha. Nós dois erguemos o olhar quando Brynne passou pela porta arrastando um aspirador, mas só eu a vi se inclinar de volta na entrada e fazer uma expressão de quem dizia: Ai, meu Deus, balançando a mão como se Joshua fosse *demais*. Em seguida, ela encostou a mão na testa e fingiu cair desmaiada. Daniel já era coisa do passado, com certeza, mas eu não fazia ideia do que ela via em Joshua. As maiores qualidades dele eram as que eu achava menos atraentes em Reyn.

Falando do diabo...

— Então, de onde você conhece Reyn? — perguntei.

A cor dos olhos de Joshua era como... óleo na água, mudando e se transformando, verdes e castanhos e de um tom escuro de cinza-azulado. Irritantes e nem um pouco atraentes como, digamos, olhos de um tom dourado-escuro, o ouro de um tesouro enterrado, do meu próprio amuleto.

— De onde *você* o conhece? — indagou ele, como uma criança do segundo ano.

— O pai dele matou minha família e botou fogo no nosso castelo — respondi, com voz firme. — Minha mãe matou o irmão dele e provocou a morte do pai, dois irmãos e sete dos homens que trabalhavam para ele. Sua vez.

Os olhos dele brilharam de surpresa, e ele olhou para mim ainda mais profundamente. Retribuí o olhar com determinação. Por dentro, minha respiração tinha se acelerado com meu coração, como sempre acontecia quando eu me aproximava de qualquer lembrança da minha família. Mas queria chocar Joshua; queria chegar ao centro daquela situação e colocar tudo em perspectiva.

— Reyn e eu estivemos em... lados opostos em várias batalhas — disse Joshua lentamente. — Eu era mercenário, e ele também.

Ah, um mercenário. Soldado de aluguel. Que surpresa.

— Espere, aguente aí. Deixe-me ver se entendi direito — falei. — Vocês estavam brigando por *dinheiro*, lutando em batalhas que *nem eram as de vocês*, e em lados opostos, e agora, *muito tempo depois*, vão ser babacas um com o outro? As guerras não eram nem de vocês, nem era para defender as próprias famílias nem nada. Vocês estavam lá por *dinheiro*. Mas você está certo e ele completamente errado? E vice-versa?

Joshua me encarou com um olhar pétreo.

— Ah, meu Deus, vocês são tão imbecis. — Esfreguei os olhos e afastei do rosto a franja comprida demais. — Uns tremendos idiotas. Pare de falar comigo. Meu Deus. — Balancei a cabeça e voltei a me concentrar no livro, as palavras parecendo nadar na página enquanto eu piscava com irritação.

Joshua se remexeu na cadeira, pegou outro livro e passou minutos me observando, o que eu conseguia sentir tanto como uma lacraia na pele. Mas não direcionei o olhar para ele sequer uma vez. Em vez disso, anotei alguns feitiços de proteção que usavam cristais e fiz uma lista com aqueles que eu torcia para encontrar no depósito.

Achei uma longa seção sobre pedras da lua, que eu considerava "minha" pedra. Foi a pedra da minha mãe também, talvez a pedra da nossa família havia séculos. Outra coisa que eu jamais saberia. Enquanto eu lia sobre rituais diferentes que usavam pedras da lua, as palavras de River sobre ter um projeto maior voltaram à minha mente. Eu não havia pensado em nada. Mal conseguia me vestir e me alimentar, imagine assumir uma coisa maior. Antigamente, eu tinha a maior disposição de tomar a frente, de ganhar dinheiro. A maior parte dos empreendimentos a que me dediquei foi bem-sucedida: minha loja de rendas em Nápoles, minhas décadas como ladra, minhas peripécias como baronesa do petróleo no Texas. Mas o último "projeto" de verdade que tive fora há 150 anos, durante a corrida do ouro da Califórnia.

Se você não estava vivo durante a corrida do ouro, acho que não tem como entender. Foi mesmo uma febre que dominou o mundo. Eu estava na França quando os jornais começaram a ficar cheios de histórias sobre rios de ouro na Califórnia. Logo em seguida, vieram reportagens sobre a Califórnia estar se tornando parte dos Estados Unidos. Coincidentemente.

Bem, estava a fim de uma aventura, então peguei um navio em Nova York, depois um trem para o mais longe ao oeste que pudesse ir, então entrei em uma pitoresca caravana de carroças das quais você deve ter ouvido falar e segui para a Califórnia.

Quando saímos de Ohio, a viagem levou quatro meses. Nas 52 carroças, havia três mulheres, e eu era a única solteira. Mas tinha dinheiro suficiente para comprar cavalos fortes, uma carroça bem-feita com cobertura de lona e vários suprimentos práticos. Por exemplo, um grande pastor alemão e um monte de armas.

No final da viagem, só tinham sobrado quinze carruagens. Mais de trinta pessoas morreram. Passamos por incontáveis pertences descartados; cavalos, bois e vacas mortos; carroças quebradas; restos humanos que não tiveram tempo de enterrar. Quando chegamos a Sacramento, eu pesava uns 40 quilos, não tomava banho havia muito tempo, e meus três vestidos eram praticamente farrapos. Mas minha carga estava intacta, meus cavalos estavam vivos, e meu cachorro, Heinz, tinha provado que seu peso valia — haha — ouro.

Eu me estabeleci ao norte de Sacramento, em uma comunidade carente chamada Hastings Bar. Assim que cheguei ali, a Hastings Bar consistia em dez barracas de lona com quatro homens cada. Em três meses, se tornou uma cidade de quase 12 mil pessoas, com mais centenas chegando diariamente. Eu digo "pessoas", mas eram quase todos homens, na verdade. Não havia força policial, nem tribunal ou lei, exceto pelo que os moradores organizavam. Das 12 mil pessoas, só umas quinhentas não moravam em barracas durante o inverno e o verão. As casas e prédios existentes tinham sido construídos apressadamente por homens que só pensavam em ouro a cada tábua que serravam e a cada prego que pregavam. Mas meu estabelecimento seguia bem firme.

Meu nome era Charity Temple, e eu disse para todo mundo que era viúva. Tinha uma combinação de hotel e bordel, e, em dezoito meses, ganhei quase um milhão de dólares. Em dinheiro de 1805.

Aquele foi um projeto bem-sucedido, muito maior que eu.

Dei um pequeno sorriso ao lembrar como apontei o rifle para um pretenso ladrão (a expressão no rosto dele foi impagável) quando me dei conta de que Joshua ainda estava sentado à minha frente, os olhos perfurando minha testa.

— O que você *quer*? — perguntei, irritada.

— Quero que você deixe minha irmã em paz. — Calor e perigo pareciam emanar dele.

Franzi a testa.

— Que tal todos concordarmos que River já é adulta e pode decidir por si mesma?

— Que tal se você fosse embora daqui e nunca mais retornasse? Que tal voltar correndo para seu mestre e contar que ele tem uma luta maior pela frente que jamais poderia imaginar?

Se eu fosse uma pessoa normal, acharia a careta assustadora e a ameaça velada intimidante. Mas, depois de passar por inúmeras guerras, fome e ataques, é preciso mais que uma cara feia para me intimidar.

— Sabe, um dia vai bater um vento, e seu rosto vai congelar e ficar assim para sempre — falei, parecendo entediada, e fiquei de pé. — E aí, meu amigo, sua carreira de gigolô *já era*. — Saí da sala enquanto ele ainda procurava as palavras.

Eu precisava me mexer. O sol lá fora estava tentando brilhar com mais força, mas ali, em River's Edge, havia uma cara feia para qualquer lugar que eu me virasse. Sem perguntar a ninguém, peguei a chave de um dos carros da fazenda (o carrinho que eu tinha comprado deu perda total) e dirigi até a cidade.

Até nossa grande e agitada cidade, sabe? A de uma rua só. De luzes intensas e animação louca. Estacionei na frente do Early's e apoiei a cabeça nas mãos em cima do volante, tentando não me sentir patética e falhando. Falhando até *naquilo*. Triste demais.

Estava na hora de uns doces.

O Early's era uma loja grande e antiga, com a mesma vitrine laminada do Pitson's, que ficava de um lado, e das lojas menores, como da farmácia MacIntyre, do outro. Early's vendia roupas (nada bonitas, só práticas), ração animal, livros, revistas (mas não tinha um lugar confortável para sentar e ler), doces, caiaques, sapatos (nada bonitos), sementes, ferramentas de jardinagem, praticamente qualquer coisa que alguma pessoa por ali poderia querer ou precisar. A não ser que fosse eu.

Eu ia lá regularmente com listas de compras que tinham me dado ou para comprar coisas para mim, para fazer estoque de revistas baratas de fofocas e doces.

Enquanto eu observava o Corredor de Gostosuras, reparei que corações e cupidos estavam por toda a parte. Que dia era? Andei até a estante dos jornais e

olhei a data. Sete de fevereiro. Então o dia dos namorados estava chegando a toda velocidade. Mas, sabe, essas coisas eram muito... baratas e típicas. Não havia nada de interessante nem de artístico ou feito em casa. Será que alguém da cidade iria querer comprar coisas como aquelas? A cidade precisava de uma lojinha com objetos de artesanato para tricoteiros ambiciosos, artistas de scrapbook ou qualquer coisa que as pessoas fizessem para se ocupar.

Enquanto eu olhava os produtos, pensei em Dray. Não a via desde antes de partir para Boston. Ela havia ficado fula da vida comigo. Eu estava brava por tê-la flagrado furtando coisas do Early's quando me convencera de que a Santa Nastasya a estava ajudando a virar a página.

De qualquer modo, imaginei se ela estaria bem, se ainda estava morando com aquela família infeliz ou se tinha conseguido sair da cidade como falei para ela fazer.

E, como eu estava ali, e Meriwether pelo menos não me odiava, decidi fazer uma visita. Olhei para o relógio. Já passava das 17h, então ela devia estar no trabalho. O sino acima da porta da MacIntyre's tocou quando entrei. Ouvi o Velho Mac falando nos fundos, mas andei em silêncio pelos corredores até encontrar Meriwether, que estava conversando com um garoto. O menino estava de costas para mim, mas, pela expressão de Meriwether, percebi que ele não estava perguntando onde ficava o talco antisséptico. Ela estava sorrindo e com as bochechas coradas, falando bem baixo.

Quando ela olhou para mim, fiz sinal de positivo. Naquele momento, o garoto olhou para baixo e Meriwether moveu os lábios e disse *Lowell* silenciosamente. Lowell era o garoto de quem ela gostava, que a tinha levado para o baile de Ano-Novo, aquele que Dray e os amigos invadiram e estragaram.

Dei um grande sorriso em resposta, me afastei em silêncio e saí da loja. Meu coração estava aliviado pelo romance florescente de Meriwether. Eu era tão coração mole. Só que não. Mas era divertido mesmo assim. Eu estava abrindo a porta do carro quando bati os olhos de novo nas lojas abandonadas. Deixei o saco de doces no banco da frente e atravessei a rua.

CAPÍTULO 11

– Você... o quê? — Os olhos de River estavam arregalados de surpresa.

Eu me sentei à mesa de jantar. A refeição estava quase terminando, pois acabei demorando na cidade. Rachel me passou o pão, e Asher serviu um pouco de sopa em um prato fundo.

— Comprei aquelas lojas abandonadas na Main Street — repeti, enquanto tomava um pouco de chá. Meu nariz ainda estava gelado, e a caneca quente proporcionava uma sensação gostosa nos meus dedos frios.

— O que você quer dizer com comprou? — perguntou Brynne.

— Quero dizer que liguei para o corretor e comprei as lojas — expliquei, molhando o pão na sopa de frango com bolinhos de matzá. Ah, meu Deus, estava tão gostoso. Quente, com gosto de frango... delícia.

— Não dá para conseguir uma hipoteca tão rápido. — Os olhos de Ottavio estavam, adivinhem só, desconfiados. Por causa de meus perigosos métodos de comprar propriedades.

— Não preciso de hipoteca. Fiz um cheque. Tenho muito dinheiro. — Lancei um olhar significativo para Daniel, como se dissesse: pode ficar com seus cem milhões de dólares.

— Muito dinheiro? — Ottavio se prendeu a essa informação. — E onde conseguiu esse dinheiro?

Até eu levei um susto quando Amy jogou um pedaço de pão em Ott. Não me entenda mal, eu estava adorando o quanto ela estava sendo durona com ele, mas era o mesmo que jogar pedras em uma mina terrestre. Mais cedo ou mais tarde, haveria uma explosão feia.

O rosto de Ott ficou roxo, e ele abriu a boca, mas River suspirou.

— Por favor, Ottavio.

Cortei meu bolinho de matzá com a colher.

— Foi a coisa mais estranha do mundo. Um cara aí chamado mestre transferiu milhões para minha conta. — Parei de cortar e ergui o olhar. — Espere... isso é ruim?

— O que você está planejando fazer com as lojas? — perguntou Charles, antes que Ottavio pudesse me responder.

— Confesso que estava pensando mais em algo do tipo pintura em aquarela — disse River.

Aquarela. Porque sou ótima em ficar parada, certo?

— Eu estava pensando em investir dinheiro nas lojas até deixá-las bonitas e abrir um muito necessário empório aconchegante de café — falei e me servi de mais chá da jarra aquecida. — Vão sobrar três estabelecimentos. Não consigo deixar de reparar, e não me entenda mal, sei que você ama isto aqui, mas West Lowing precisa desesperadamente de uma loja de calçados da moda. E cadê a lojinha de material de artesanato, com aulas de tricô e fofoca nas noites de terça? Mais uma vez, uma clara necessidade.

Inspirei mais do aroma da sopa e peguei outro pedaço de pão. Toda aquela negociação de imóveis tinha me deixado faminta.

— E uma boa loja de consignação ou, talvez, uma sorveteria não seriam má ideia. — Inclinei a cabeça e fiz uma expressão sonhadora. — Esse é meu maior projeto: salvar West Lowing. Como eu mesma estou sendo salva.

Reyn engoliu alguma coisa pelo caminho errado e tossiu.

Lancei um olhar para River.

— Ainda estou sendo salva, não é?

— Ainda estamos fazendo a velha tentativa das bandeirantes — disse ela, com ironia.

— Acho que parece superdivertido — disse Brynne. — E é claro que você faria qualquer coisa para se livrar de pintar o celeiro. — Ela sorriu para mim, e eu dei de ombros, alegre.

— Gostaria de ressaltar que o que pretendo fazer não é nem um pouco do mal — falei para os irmãos, com uma sinceridade doentia. — Quero criar algo, gerar empregos para a população, ajudar a economia da cidade. — Pisquei com uma expressão inocente.

Ottavio parecia ter engolido um sapo, mas não precisou da manobra de Heimlich desta vez, o que foi bom. O rosto de Daniel era uma máscara de irritação, provavelmente por descobrir que eu não precisava do dinheiro dele. Os olhos cansados e cínicos de Joshua me observavam com contínua especulação.

— É uma boa ideia — disse Anne. — Eu queria mesmo que alguém fizesse alguma coisa com aquelas lojas. River, lembra que sempre íamos ao Schwalbach's comer o especial do almoço? E a loja de conserto de relógios ficava bem ao lado. Quem é que vivia quebrando todos os relógios?

River pensou.

— Ted.

— Ah, é, Ted. O homem com o pulso amaldiçoado. — Anne balançou a cabeça. — De qualquer forma, Nastasya, é um projeto muito ambicioso. Parabéns.

— Obrigada. Tem sobremesa?

— Torta de pera — disse Asher. — E depois você, Reyn e Anne estão na equipe de limpeza.

Um dia, gafanhoto, *um dia*, você também pode vivenciar a frustração ardente e latejante e a excitação que surgem ao lavar a louça junto àquele por quem está apaixonado. Talvez seja a água quente cheia de sabão e bolhas ou os gestos úmidos... Tudo bem, até eu estou ficando enjoada com isso. O que quero dizer é

que Reyn com espuma até os cotovelos lavando louça era muito excitante. É claro que Reyn andando por aí coberto de gosma também era muito excitante.

Anne escapou da limpeza ao se oferecer para fazer biscoitos. Era verdade que eram biscoitos saudáveis feitos com tofu, gergelim e farinha integral, mas ainda eram bons o bastante como suborno.

— Quanto mais magick eu faço, mais vontade tenho de comer doces — disse Anne, raspando a massa da colher com o dedo. — Reparei isso há uns cem anos. Por que será?

— Li sobre isso em um livro de fantasia — falei, enquanto secava um prato. Eu tinha mencionado casualmente a eficiência de uma máquina de lavar louça várias vezes para River, que fingiu não me ouvir em cada uma delas. — Eles ficavam comendo bolinhos e mel.

— Nunca reparei — disse Reyn, e Anne e eu fizemos caretas uma para a outra pelas costas dele.

Anne colocou um tabuleiro de biscoitos no forno e começou a encher outro. As janelas da cozinha ainda estavam cobertas com tábuas, e filetes de ar do fim de inverno entravam pelas frestas. Mas com o forno aceso e todo aquele trabalho braçal que eu estava fazendo, a cozinha parecia quente e aconchegante. Este lugar, River's Edge, parecia quente e caloroso para mim. (Tudo bem, exceto pelos três italianos velhos resmungando mal-humorados na sala de jantar.)

Parei de secar por um segundo quando me dei conta do quanto sentia estar em casa, uma casa de verdade. Minha casa. Será que eu ainda estaria aqui dali a três anos? Será que ficaria tempo o bastante para ver o que aconteceria com minhas lojas? Comprá-las foi assumir um compromisso.

Não que eu não tivesse largado mil compromissos no meio, grandes ou pequenos, em todos os lugares possíveis, durante centenas de anos. Mas o tempo ainda revelaria se eu também largaria aquele pela metade. Seria interessante se isso não acontecesse.

— E então — falei para Reyn —, você está a fim de me ajudar com as lojas? — Ele estava tenso e distante ou, devo dizer, mais tenso e mais distante desde que

Joshua tinha chegado. Durante o jantar, ele não disse palavra, e, mesmo ali naquele país das maravilhas ensaboado, não estava se entregando a toda a domesticidade confortadora da cena.

— Por quê? — A voz de Reyn estava, sim, tensa e distante. — Você quer que eu seja um criador em vez de destruidor? É isso?

Anne e eu trocamos um olhar rápido, e ela ergueu as sobrancelhas.

Revirei os olhos e peguei um prato da mão dele.

— Sim. Porque me ajudar com as lojas vai compensar todo o resto que você já fez. — A louça se juntou aos amigos na mesa, e bati no braço de Reyn com o pano de prato. — O que há de errado com você?

Com aquele seu jeito doce, ele não me respondeu, só passou a lavar pratos e copos com mais força do que era necessário. Suspirei profundamente e dirigi minha conversa a Anne. Nossa, ele era arrebatador.

Fiquei de pé na porta do meu quarto ouvindo com atenção. Eu a deixara só um pouquinho entreaberta e, até o momento, já ouvira Lorenz, depois Rachel e Amy, Solis e Charles subirem a escada e passarem por ali. Por fim, ouvi. Ou melhor, quase não ouvi: os mais leves dos passos. Preparei-me para colocar meu plano em ação e rezei para que fosse Reyn, porque suponho que Joshua fosse fazer exatamente o mesmo ruído.

Fechei os olhos e prendi a respiração apenas por alguns instantes enquanto apurava os sentidos. Sim, era Reyn. E... Dúfa. Cada pessoa (e aparentemente cada cachorro) tinha um padrão único de energia, e, quando me concentrava, eu conseguia senti-lo.

Quando eles estavam passando pela minha porta, eu a abri, corri e agarrei o braço de Reyn. É claro que ele reagiu instintivamente e logo agarrou meu pulso para me obrigar a soltá-lo enquanto eu tentava puxá-lo para dentro do quarto. Dúfa latiu e pulou ao redor dos meus pés ao cambalearmos desajeitados pela entrada no meu quarto. Chutei a porta para fechá-la.

— O que está fazendo? — Ele parecia furioso. — Podia acabar matando você! — Dúfa deu mais alguns pequenos latidos como se dissesse *É, a gente podia ter* matado *você!*

Lembre que ela era um filhote ainda muito pequeno e ainda devia estar mamando.

— Eu sei, seu grande guerreiro do mal. Mas achei que, se eu o chamasse para entrar, você podia me ignorar e passar direto.

Seus olhos dourados se estreitaram.

Agora que estava com ele ali, não fazia ideia do que estava pensando quando elaborei esse plano idiota. Não tinha pensado direito; só, ah, leve Reyn para um lugar particular para conversar. Mas, então, estava tendo de encarar o fato de que ele estava no meu quarto e todos os pensamentos coerentes pareciam fugir. Ele fazia meu quarto parecer tão menor.

Além do mais, você sabe, estávamos sozinhos, e havia uma cama bem ali. Só estou comentando.

Dúfa, com as longas pernas e toda a sua magreza, começou a farejar meu quarto, e eu limpei a garganta. Era hora de usar a sensibilidade delicada e atenciosa que não era minha marca registrada.

— Você parece estar ainda mais tenso e irritado que o normal. Que diabos há de errado com você?

Músculos se contraíram no maxilar dele, e talvez fosse um pouco tarde demais para isso, mas revi minhas ações mais recentes rapidamente e pesei-as para ver se eram dignas de deixar alguém furioso.

Blefando, abri bem os olhos e ergui as sobrancelhas em um gesto que dizia *E aí?*, e como ele continuava espumando de raiva, peguei Dúfa e me sentei na cama para que ele não percebesse o quanto me deixava nervosa. A cadela me farejou e lambeu meu queixo.

— Cachorrinha fofa — murmurei sem jeito, e dei um tapinha nas suas costas estreitas.

Reyn estava totalmente imóvel, com várias emoções desagradáveis atravessando o terreno bruto, adorável e angular que formava o rosto dele.

— Você está tendo dificuldade em resumir? — Ah, sim, haveria deboche.

Ele ergueu o queixo.

— Talvez isso seja uma má ideia — disse ele, com a voz tão baixa que me inclinei para a frente para ouvir melhor. — Você e eu.

Meu coração despencou até o estômago e se encolheu em uma bolinha gelada. Não esperava por isso. Ele vinha me perseguindo com a tenacidade de um invasor do inverno havia meses, e, com todas as minhas reclamações e recusas, eu me acostumei com ele voltando repetidamente.

— O quê? — consegui dizer. E, então, fui de zero a furiosa em um milésimo de segundo. — Ah, não, não é, não! Você não corre atrás de mim por meses até me cansar e depois dá para trás de repente.

— Não estava pensando direito. — Ele praticamente se contorcia de desconforto.

Eu o encarei, depois tirei Dúfa do colo, fui até a porta do armário e peguei minha espada.

— Não me faça usar isso — ameacei. — Você não vai pular fora assim! — Apontei a espada para Reyn, ciente, é claro, de que ele conseguiria partir a lâmina fina ao meio com o mindinho.

Ele ergueu o queixo, e o repentino olhar ardiloso que surgiu em seu rosto me deixou cautelosa.

— Pular fora de quê?

E era por isso que ele tinha conseguido manter uma carreira longa e bem-sucedida como macho alfa: era capaz de argumentar e estava me obrigando sem esforço algum a definir do que ele estava tentando pular fora. O que significava que eu tinha que dar um nome àquilo. E isso era uma coisa que eu me recusava a fazer até para mim mesma. O mais perto que tinha chegado foi "essa coisa entre nós".

— Essa coisa entre nós — falei, com desdém.

— Nosso *relacionamento*? — insistiu ele, e eu quase engasguei.

A coisa toda entre nós era muito inexplicável. Meu conforto psicológico insistia que tudo entre nós ficasse o mais nebuloso possível. Alguma coisa em mim precisava ser capaz de fingir que aquilo não existia, em parte porque não conseguia entender ou justificar, e por outro lado para que eu não sofresse quando desse errado. Só que agora ele estava tentando pular fora, e eu fiquei brava e chateada, por isso ficou claro que eu já estava emocionalmente envolvida. Fagulhas de pânico piscaram no meu cérebro, e senti vontade de vomitar.

— Eca — falei, me sentando na cama, com a espada pendendo de uma das mãos. Odeio percepções emocionais. Não podemos simplesmente deixar o armário da minha alma trancado com firmeza? Quem sabe coberto por tábuas? Acho mesmo que seria melhor para todo mundo.

Reyn pareceu menos frio.

— Então você não quer que eu vá? — "Menos frio" virou "cautelosamente satisfeito", e comecei a perceber o quanto eu tinha revelado. Porque saquei uma espada para uma pessoa que tentava terminar comigo. Que bosta.

— É claro que eu quero que você vá — respondi, insuportavelmente vulnerável. — Mas... quando *eu* mandar. Não você.

— Aham. — Reyn passou a mão pelo cabelo e se sentou na beirada da cama. Dúfa subiu eufórica no colo dele para lamber seu queixo. Ela era mesmo um cachorrinho lambedor. — Tudo bem, não quero deixar você arrasada.

Ah, meu Deus. Que cretino. E eu fui responsável por isso. Maldita espada.

— É que... às vezes eu esqueço quem sou — disse ele. — E outras vezes eu lembro. — Tínhamos recuperado a tristeza, e me dei conta: a chegada de Joshua, até mais que a minha, tinha despertado lembranças, coisas de que se arrependia, aspectos dele próprio que estava tentando deixar para trás.

— Esse é quem você era — falei. — Não quem você é hoje. — Está vendo como é fácil para mim dizer para as outras pessoas as mesmas coisas que não consigo escutar?

— Você não entende.

— Eu sei. *Eu* nunca fiz *nada* de que me arrependa.

Com isso recebi um olhar furioso dos olhos dourados.

— Então me ajude a entender — pedi. — Além do mais, não deixe seu cachorro comer minha meia.

— Como? — Havia frustração em seu tom de voz.

— Tire dela.

— Não. — Ouvi o implícito *Sua idiota*. — Quero dizer, não há como fazer você entender.

Do lado de fora, o vento noturno soprava nas janelas, mas meu aquecedor emanava calor. O cheiro de roupa limpa da camisa xadrez de Reyn pairava ao meu redor e obviamente continha feromônios feitos para me fazer ter vontade de derrubá-lo e...

Tive uma ideia.

— Pode haver um jeito...

CAPÍTULO 12

River e eu já tínhamos feito isso duas vezes, para que eu pudesse ver partes do passado dela que deveriam me fazer sentir um pouquinho melhor em relação ao meu. E fizeram mesmo, porque River foi... extremamente ambiciosa. Ambiciosa e sem escrúpulos. Uma combinação ruim.

Era quase certo que não seria uma boa ideia. Eu tinha certeza de que não estávamos prontos para compartilhar nada além das emoções mais superficiais. Mas talvez o ajudasse, assim como ver o passado de River me ajudou.

Desci da cama e escorreguei para baixo dela, ciente de que a partir de então teria que encontrar um novo esconderijo. Com a unha, soltei o pedaço do rodapé que escondia o buraco na parede e o espaço atrás dele. Meus dedos formigaram quando peguei o lenço enrolado, e minha respiração ficou mais rasa quando o puxei e me sentei de novo na cama.

Reyn estava totalmente imóvel quando soltei os nós com os dedos trêmulos.

— Eu não acho... — disse ele, com a voz baixa, mas num tom severo.

— Muitos homens não acham — murmurei e peguei meu amuleto.

Olhamos para o objeto pendurado na corrente dourada pesada, girando devagar entre nós, aquilo que nos marcou para sempre.

— Você o viu consertado? — perguntei.

Ele balançou a cabeça silenciosamente e não esticou a mão para tocar o amuleto. Estava tão vivo na minha mão, vibrando com energia. Agora, faria

magick com ele. Como uma adolescente com uma carteira de motorista provisória decidindo se era uma boa ideia pegar emprestado o Porsche do pai.

Coloquei o amuleto no pescoço, a primeira pessoa a fazer isso em 449 anos. Até Dúfa pareceu afetada pela solenidade da ocasião e se sentou na beirada da minha cama com a cabecinha inclinada, nos observando com seus olhos castanhos de contorno rosa.

Quando River conduziu o feitiço, demoramos quase quinze minutos para nos conectarmos de verdade, até eu conseguir ver suas lembranças pelos olhos dela. Mas comigo e Reyn foi estranhamente rápido, e pareceu que eu mal tinha começado quando levei um susto com uma paisagem plana e coberta de neve que se estendia infinitamente à minha frente...

Imagens horríveis surgiram na minha mente, e não consegui impedi-las: vi minha mãe esfolando o tio de Reyn, os pedaços de carne passando pelos elos da cota de malha... mas era diferente do que eu me lembrava daquela noite. Demorei um segundo e pisquei, confusa, mas acabei me dando conta de que estava vendo tudo pelos olhos de Reyn, pela mente dele. Eram suas emoções. Achei surreal ver aquelas cenas familiares horríveis sobrepostas por um ponto de vista diferente.

Vi o pai de Reyn matando meus irmãos sem pensar duas vezes. Reyn viu gotas de sangue voarem pelo ar, sentiu o cheiro quente e acobreado. Sentiu os frios corredores de pedra do castelo; o ar quente naquele cômodo, saindo pela porta de onde ele estava. Minha mãe gritou palavras grosseiras que ele não entendeu, porém ninguém mais fez ruído algum. Nem o pai de Reyn, mesmo quando Sigmundur fez um corte profundo no braço dele; nem minhas irmãs quando suas cabeças foram cortadas. Reyn viu a cabeça de Tinna e pensou com uma pontada que ela era muito bonita até na hora da morte, mesmo enquanto seu cabelo cor de ouro caía em uma poça de sangue.

Reyn havia recebido ordens para ficar no corredor vigiando. Ele rezou para que alguns homens de Úlfur corressem na sua direção, para que pudesse derrubá-los como faria com uma árvore e provar seu valor. Embora participasse das invasões do pai desde os 15 anos, aquela era a mais ambiciosa de Erik e tinha exigido dias de vigilância e espera enquanto ele planejava o momento e os passos do ataque.

A cena mudou de repente: Reyn estava em um forte cavalo branco de pelo áspero, com a respiração saindo em nuvens das narinas enquanto percorria uma estrada coberta de neve. O castelo do meu pai, a pouco mais de 1 quilômetro de distância, estava em chamas que alcançavam três vezes sua própria altura no céu negro e profundo. Mesmo antes de os homens de Erik terem se afastado, os grandes blocos de pedra começaram a se partir com o calor, produzindo estalos altos como os trovões de relâmpagos próximos. Reyn se perguntou se estava imaginando a sensação de cinzas pairando no ar noturno e pousando em seu cabelo e seu rosto. Achava que estava sentindo cheiro de carne queimada. Eles tinham deixado seu tio e seu irmão Temur no castelo, mortos. Estavam no meio dos corpos queimando.

O pai de Reyn e seus homens, os dois irmãos de Reyn que restaram e ele próprio saíram em disparada do castelo em cima dos seus cavalos, animais grandes e bem agasalhados, cavalos de guerra adequados, pensando que a dizimação do castelo do meu pai estava tão completa que ninguém ousaria ir atrás deles.

Bolsas pesadas de couro cheias de pilhagem pendiam de cada lado do cavalo de Erik. Minutos depois, ele puxou as rédeas para parar, desceu no chão e virou as bolsas de cabeça para baixo, derrubando o conteúdo na neve. A noite estava tão imóvel e silenciosa que eles ainda conseguiam ouvir os aldeões de meu pai gritarem ao verem o castelo do senhor deles desmoronar.

— Acenda uma tocha, você — ordenou o pai de Reyn, e um homem chamado Selke obedeceu. A chama iluminou a malha manchada de sangue, que também

marcava seu rosto e cabelo. — Deixamos Nori e Temur para trás. Mas vamos ver o que conseguimos trazer.

Temur, irmão de Reyn, era mais de cem anos mais velho que ele. Tinham dito isso para Reyn, mas ele tinha dificuldade em entender aquilo. Tinha ouvido pessoas dizerem que Nunc Nori tinha 520 anos, só que mais uma vez isso parecia coisa de velhas histórias. Reyn tinha 20 anos; sua mãe (a quarta esposa do pai), 36. Toda conversa que tinham sobre idades e séculos parecia contos de fadas.

— Eileif, vigie a estrada — mandou seu pai, usando o nome de nascença de Reyn, que só lançou olhares rápidos para onde a tocha de Selke iluminou.

— Livros! — disse seu irmão Gurban, batizado assim por ser o terceiro filho. — Papi, você trouxe *livros*?

— Livros podem ser mais valiosos que ouro, seu estúpido — disse o pai de Reyn. Ele os deixou em uma pilha ao lado e olhou o resto. Quase dei um grito quando Erik pegou o pequeno baú de madeira da minha mãe, que tinha uma linda camada interna de marfim e ficava em uma prateleira especial no quarto dela. Quando ele balançou o baú, joias de ouro que reconheci e pedras preciosas soltas caíram no saco de couro. Os homens riram ao verem aquilo; o inverno seria mais fácil com aquela riqueza. Senti a curiosidade dos homens e o repúdio quando Erik ergueu a bússola celestial do meu pai, círculos entrelaçados de metal com animais e pessoas entalhados: um touro, um homem vertendo água de um jarro, um caranguejo, gêmeos. O pai de Reyn, sem entender o propósito e o significado, deixou-o de lado.

Estava ficando cada vez mais difícil para Reyn manter os olhos concentrados naquela rua estreita, com a neve branco-azulada sumindo ao longe. O pai dele ergueu os cálices vermelhos entalhados em cristal com filigrana de ouro.

— Quero beber hidromel aqui! — disse ele, e os homens riram enquanto meus olhos ardiam com lembranças dos meus pais bebendo naqueles cálices.

Um a um, Erik, o Derramador de Sangue, pegou os objetos e os deixou de lado, como se procurasse alguma coisa em particular. E, então, ergueu a metade quebrada do amuleto da minha mãe, um anel de ouro pendurado em uma

corrente grossa com aros bem trabalhados. À Reyn, parecia um colar qualquer, mas o pai estava perplexo e acompanhou o desenho da frente com o dedo grosso sujo de sangue. A parte de trás era lisa e de um tom mais intenso de ouro do que a da frente.

— É isto — disse ele, sussurrando.

— É? — perguntou Selke, parecendo duvidar.

— É — confirmou o pai de Reyn com firmeza.

Vi Reyn, com o rosto tenso, insistir que não era seguro. Mas o pai fez um círculo bem ali, no acostamento da estrada, onde eles ficariam visíveis assim que alguém virasse a curva ao sul. Ele colocou a tocha de Selke no meio, e eles deram as mãos ao redor, como em um dos seus festivais. O pai de Reyn colocou a corrente de ouro no pescoço e começou a cantar.

Era uma sensação bizarra a da sede de sangue da batalha começando a sumir do corpo de Reyn, deixando-o com frio e cansado. Estava com fome e sede, e não queria estar naquela estrada, tão exposto, tão vulnerável. Sua cabeça começou a doer enquanto o pai cantava, e senti a pressão aumentar até parecer que alguém tinha cortado o topo da cabeça dele, derramado líquido na dor e voltado a fechar. Arriscando despertar a ira do pai, ele soltou a mão de Sven e tapou o ouvido com a palma da mão, como se para impedir o cérebro de escorrer por ali. Por uma visão limitada e cercada de luz, Reyn viu que todos os homens, inclusive seu pai, pareciam atormentados. Mas a máscara de determinação no rosto do pai era bem conhecida de Reyn. Nada o faria parar, exceto a morte.

Percebi muito vagamente, assim como Reyn, os cavalos guinchando de dor. Ouvi-os se soltarem e saírem correndo para o bosque. Reyn perdeu o equilíbrio e quase desmaiou. De repente, houve um som horrível de algo se partindo, como se o próprio Deus tivesse batido com um machado em uma pedra. Um golpe repentino e quente no peito de Reyn o derrubou sem fôlego na neve, e, enquanto ele lutava para se levantar, um vibrante tornado branco de chama saía da tocha de Selke, atingindo todos os homens, como uma mãe aninhando os filhos ao seio. Quando Reyn piscou pela segunda vez, todo mundo tinha... sumido. A chama

morreu e se apagou. Não havia nada além de um círculo perfeito de terra queimada de 4,5 metros de largura. Meses atrás, Reyn me contou o que tinha acontecido, mas ver tudo bem na minha frente e através dos olhos dele, sentir seu choque e seu medo, foi bem mais horrível do que imaginei.

Reyn ficou de pé com dificuldade, seu peito latejava devido à dor intensa. Em choque, olhou para baixo e viu um buraco na grossa armadura de couro que cobria seu peito, dura o bastante para desviar quase qualquer golpe, menos de lança ou de uma espada mais larga.

Há uma brincadeira de criança em que uma anda em círculos, procurando pistas escondidas, e Reyn estava se sentindo daquela forma, observando como um idiota as árvores intocadas, a neve derretida no chão queimado. Senti a descrença dele ao olhar e não conseguir encontrar nem mesmo pedaços de cota de malha derretida. Nem um sinal de livros queimados. Nem um caco de cristal. Nada de pele. Nada de ossos. Nada de ouro. Como se nada tivesse existido.

Reyn se sentou na neve com a mente em torvelinho, tonto de confusão e com uma dor quente da qual não conseguia escapar. Seu peito doía como se alguém o tivesse atravessado com uma lança quente. Levou alguns minutos para abrir as fivelas de couro nos ombros com os dedos trêmulos, mas, por fim, conseguiu tirar a armadura e largou-a na neve. Por baixo, usava um colete de pele. Havia um buraco nele, manchado de sangue. Apesar de estar tremendo de choque e frio, ele o tirou. Por baixo, sua camisa de linho estava encharcada de sangue, e, atrás do buraco, no tecido, havia um círculo em carne viva e queimada, que doía mais que tudo que sentira antes, doía a ponto de deixá-lo enjoado e prestes a desmaiar.

Reyn pensou: vou morrer aqui hoje. Ele não tinha cavalo nem companheiros. Estava entorpecido, doente e quase desmaiando. A qualquer momento, alguém apareceria na estrada, fosse vindo do vilarejo vizinho para descobrir que incêndio era aquele, fosse um dos vassalos apavorados do meu pai, um dos poucos que sobraram, fugindo do local de destruição e horror.

Tudo que ele precisava fazer era se deitar. O frio e a neve fariam o resto. Ele tinha ouvido falar que morrer congelado era tranquilo e relativamente indolor. A pessoa ficava com sono, parava de tremer e apagava. Ele tinha visto muitas pessoas como nós morrerem para acreditar que também podia morrer, talvez com essa facilidade toda.

Naquele momento, aquilo pareceu ser o que Reyn deveria fazer. O pai estava morto. E os irmãos. Os homens do pai. Por que ele deveria viver?

E, então, ele viu.

Grudado na parte de dentro da sua armadura de couro estava o disco de ouro que tanto impressionou o pai, a metade quebrada do amuleto da minha mãe. Foi aquilo que queimou o couro, a blusa de pele de animal, o linho e sua pele. Com a mão trêmula, ele colocou neve por cima e esperou um minuto, depois tirou o pouco de neve e o pegou. Estava intacto, mas a corrente pesada tinha sumido.

Senti Reyn se perguntar o que era aquilo e se realmente tinha provocado toda a tragédia. Por que fora o único a sobreviver? Aquilo... e ele.

Apoiado em uma árvore lisa de tronco preto, aos poucos conseguiu ficar de joelhos e depois de pé. Vestiu o colete de volta. Pegou um punhado de neve e, pelo buraco, colocou sobre a pele em carne viva. A neve congelante aumentou a dor, e ele viu estrelas. Bile ácida subiu por sua garganta, mas logo deixaria tudo dormente.

Ele recolocou a armadura e começou a andar. Depois de três passos, sentiu a bota passar por cima da corrente de ouro do amuleto. Um elo estava retorcido e aberto. Ele o colocou junto com o amuleto na bolsinha de couro amarrada à cintura, sem saber direito por que estava guardando aquilo, a não ser pelo fato de que era tudo o que tinha.

Eles haviam deixado os barcos ancorados na margem ao sul; a Islândia era uma ilha. Reyn não sabia se seria capaz de velejar o barco menor sozinho. Provavelmente não. Mas não havia nada mais que ele pudesse fazer.

O centro do meu peito começou a doer como se eu estivesse com azia, e, então, voltei flutuando para o presente. Reyn e eu éramos pessoas separadas de novo, sentadas na minha cama. Pisquei, desorientada, e olhei para Reyn. O rosto dele estava sério, e as maçãs do rosto, acentuadas pela careta da angústia e do sofrimento relembrados.

Quanto a mim, tinha testemunhado as mortes da minha família mais uma vez. E, então, com Eileif, também revivi seu horror pessoal.

Reyn soltou o ar lentamente e recostou-se na parede, as pernas compridas esticadas. Dúfa tinha se encolhido na beirada da cama e estava dormindo, alheia às emoções fragmentadas ao redor.

— Como você saiu da Islândia? — perguntei.

Ele ficou em silêncio por um minuto, e me perguntei se iria se recusar a me responder. Aqueles olhos dourados envelhecidos vagaram por meu quarto, como em busca de orientação.

— Troquei de barco com um morador local. — Sua voz estava rouca, e ele limpou a garganta. — Sou mais alto que meu pai e louro. Puxei a minha mãe. Ele a tinha capturado no oeste. Bem ao oeste. Meu pai, você viu, era mais baixo, mais moreno, parecia mais um asiático.

Assenti. Sim, eu tinha visto.

— Falei para o homem que eu era norueguês e que minha tripulação tinha feito um motim. Trocamos de barco, e velejei no dele, bem menor, até a Noruega. Levei três meses para atravessar os países do norte. Era primavera quando cheguei em casa.

O amuleto estava quente na minha mão. Como foi chocante ver seu poder ser usado de forma errada, ver os efeitos. Cruzei as pernas. Como era chocante ver, sentir, Reyn tão jovem, não desconfiado, não cínico ou sofrido.

— Você voltou para casa, mas estava sozinho, sem pai — falei. — O que as pessoas disseram?

Mais uma vez, uma longa hesitação.

— Eu estava... péssimo, mesmo depois de três meses. Aquela maldita queimadura jamais cicatrizou, parecia ácido queimando um buraco na direção do meu coração. Minha mãe acreditou no que aconteceu, mas ela era tão... despreparada. Só sabia lavar roupas, arrumar a cama — disse ele, sem desrespeito; foi apenas a afirmação de um fato. — Ela só sabia que estava livre, estava viúva. Algumas pessoas acharam que eu mesmo havia matado todo mundo. — Um rubor de raiva surgiu no rosto dele. — Alguns acreditavam que eu, como filho mais novo e mais dispensável, também deveria ter morrido ou nunca ter voltado. Foi... uma época tão ruim. Eu estava sofrendo, em choque, e sentindo uma dor constante. Não conseguia dormir, mal era capaz de comer. Mas, ao meu redor, os caçadores estavam fazendo planos.

Reyn e eu nunca tínhamos conversado assim, de forma tão aberta, sem malícia e sem estarmos na defensiva. Fiquei sentada totalmente imóvel, sem querer romper o encanto. Ele falava devagar e fazia muitas pausas. Será que estava traduzindo a lembrança? Ele devia se lembrar de tudo em sua língua original, certamente.

Reyn prosseguiu:

— E então, uma semana depois que voltei, minha mãe despreparada veio até mim, irritada. Ela disse: "Você é o chefe deste clã, mas fica aqui deitado que nem uma mulherzinha, choramingando? Não vê como os lobos estão rondando você?" Fiquei olhando para ela sem entender. "Seu pai estava acordado quando estava acordado", disse ela. "E acordado quando estava dormindo. Um inseto não cruzava esta terra sem que ele ficasse sabendo. E agora, seus primos planejam seu assassinato na sua cara, e você não faz nada!"

Reyn sorriu com ironia.

— Acho que ela me bateu com alguma coisa, com o sapato. Bateu na minha cabeça. Então eu me levantei e tentei não parecer doente. Saí da tenda e quase

que de imediato entendi o que minha mãe queria dizer. Meu pai tinha sido o chefe durante muito, muito tempo, e minha mãe estava certa: ele sabia tudo que acontecia. Durante toda a minha vida, eu não vivi como herdeiro, porque era o quarto filho. Sabia que nunca herdaria coisa alguma e não tinha prestado atenção em nada. Mas então me tornei um homem adulto e, inesperadamente, o herdeiro. Andei por nosso acampamento com uma expressão severa e, no fim do dia, concluí que tinha duas escolhas: ou eu assumia a posição e me tornava um chefe de verdade ou deveria fazer as malas, roubar um cavalo e sair dali para sempre. Se não fizesse nada, seria morto, provavelmente em um dia ou dois.

Sabe, sempre pensei que minha vida não tinha sido fácil. Passei por situações terríveis, e algumas delas envolviam a bela obra de arte sentada ao meu lado. Fui pobre, passei fome, fiquei à mercê de um homem para sobreviver, mais de uma vez. E, claro, perdi minha família. Perdi meu primeiro marido. Perdi meu bebê antes que ele nascesse, depois perdi meu único filho, meu bebê, meu pequeno e doce Urso. Eu me sentia... calejada por tudo isso, coberta por uma dura casca que quase nada conseguiria atravessar. Também sentia que merecia bons momentos depois de passar por tudo isso. Meu dinheiro me dava liberdade, e eu queria me libertar da dor, de sentir qualquer coisa. Mas a dor é como lava, ela quer sair.

Ouvir sobre a agonia de Reyn me fez perceber que, apesar de conhecer partes da história dele, ela não parecia real para mim, não tão real quanto meu passado. Ter vivenciado aquilo tudo pelos olhos dele fez parecer terrivelmente real. Bem naquele momento estava... sentindo empatia verdadeira por alguém.

— O que você fez? — perguntei.

— Ah, eu queria me banir para sempre. Não tinha a essência necessária para ser chefe. — Reyn não estava olhando para mim. Talvez quisesse fingir que não estava falando com ninguém, que não estava compartilhando aquilo com ninguém. — Quando entendi o que envolveria ser chefe, eu... desanimei. Jamais tinha percebido que meu pai vivia sob constante guarda, que tinha usado recursos incessantes de manipulação e conspiração. Era complicado e exaustivo, e eu nunca desejara mesmo ser chefe.

“Mas, se eu não me tornasse chefe, um dos meus primos, ou talvez outra pessoa, se tornaria. E será que esse alguém faria um bom trabalho? Meu pai tinha trabalhado durante centenas de anos para conquistar a quantidade de terra e poder que possuía. Será que tudo seria destruído? Ainda assim, a ideia de fugir era muito atraente. Mas... o que meu pai pensaria se eu fizesse isso?”

Reyn deu uma breve risada.

— Ele ficaria furioso, enojado. Provavelmente me mataria por ser fraco. Eu... não conseguia suportar esse pensamento.

O rosto dele estava imóvel, os olhos fixos em um ponto na parede. Eu não estava nem respirando.

— No dia seguinte, fui até meus dois primos enquanto jantavam com as famílias e cortei as gargantas deles. — Suas mãos se moveram no ar, imitando o gesto de segurar o cabelo de alguém por trás e passar uma faca no pescoço, da esquerda para a direita.

Ah, meu Deus, que horrível.

— O sangue deles jorrou, e foi como registrar a força do meu poder naquele momento. E, então, assumi o controle do meu clã, imortal e mortal. E governei com mão de ferro por cem anos.

Não tinha ideia do que dizer. Sabia um pouco do que o clã tinha feito, a mim, aos meus vizinhos, a outros povoados. Qualquer pessoa que ouvisse minhas histórias, inclusive eu, sentiria que só havia uma visão, uma forma de julgar.

Mas, para equilibrar isso, equilibrar toda aquela destruição, assassinato e controle impiedoso, havia o outro lado. River tinha me dito uma vez que tudo tem frente e tem costas. E quanto maior a frente, maiores as costas. Finalmente entendi o que ela queria dizer.

A velha Nastasya teria feito um comentário irônico aqui, transformado a história em piada, porque seria bem melhor que sentir a dor ou admitir que coisas ruins existiam, nos afetavam e machucavam.

Como a nova, possivelmente melhorada e provavelmente chata Nastasya, eu não tinha ideia do que dizer. Ou talvez tivesse.

Coloquei a mão no joelho dele e olhei para o rosto no qual me perdia tão fácil.
— Sinto muito.

CAPÍTULO 13

Você pode pensar que, depois de nossa fusão mental, Reyn e eu sairíamos dando pulinhos de mãos dadas, irradiando um arco-íris de alegria compartilhada. Infelizmente, nenhum de nós era normal o bastante para isso. Estabelecemos uma trégua cautelosa, intercalando um pouco de treino com espadas com ocasionais sessões ardentes de beijos — em saídas na picape da fazenda, encostados numa parede, no celeiro, ao arrancar ervas daninhas do jardim. Com frio, suja, usando luvas de jardinagem e com meu nariz escorrendo? Aparentemente irresistível para a maravilha viking.

O dia dos namorados chegou e passou, e Amy fez um belo bolo em formato de coração, veludo vermelho com cobertura de ganache. Ottavio comeu duas fatias enquanto ela o observava com o olhar tão afiado quanto uma faca. Alguma coisa estava acontecendo, mas eu não sabia o quê.

Uma vez, nos anos 1920, um cara legal que se apaixonou por mim apareceu com um lindo cartão de dia dos namorados e uma caixa de bombons em formato de coração, algo difícil de achar naquela época. Com meu jeito atencioso e sensível, acho que dei risada, comi um bombom e joguei o cartão para trás do sofá porque Katy estava no meio de uma história hilária da qual nem me lembro mais, fora o fato de que tinha um pato no enredo. Mais tarde, o cara foi embora, e eu nem reparei nem senti falta dele. Comi mais alguns bombons.

Isso praticamente me desqualifica para receber cartão de dia dos namorados de qualquer pessoa em qualquer momento pelo resto da minha vida, em minha opinião. Então, nem parei para pensar se Reyn faria alguma surpresa para mim. E ele não fez. E estava ótimo. Eu ainda passava muitas horas do meu dia acordada imaginando-o sem camisa.

Para ajudar a desviar minha mente da ideia de pular em cima dele, me tornei a Nastasya ocupada: continuei estudando feitiços com Asher e River, e meditação com Anne. Daisuke me ajudava a entender um pouco melhor magick herbal, eu estava dominando praticamente tudo sobre estrelas, e Rachel era minha ajudante com cristais e pedras preciosas.

Ottavio, Daniel e Joshua pareceram optar por uma bela e longa visita familiar. Que. Legal.

Ottavio tinha decidido que sua missão era me observar como um pesquisador, e logo me acostumei com ele examinando meus planos de aula, olhando meus livros. Comecei a enfiar cartões do Kama Sutra no meio dos livros e ficava observando de longe, e rindo como uma criança do terceiro ano, ele contrair o maxilar e fazer expressões de reprovação.

Um dia no final de fevereiro, encontrei um local em uma sala de aula que não era usada no grande celeiro e me acomodei para meditar voluntariamente. Acendi uma vela e coloquei quatro cristais nos quatro pontos cardeais para me ajudar na concentração. Inacreditável, mas Ottavio entrou e se sentou à minha frente, desafiando-me fria e silenciosamente a protestar.

Decidi meditar sobre ser mulher, sobre o poder que temos de criar vida, sobre o evento cíclico mensal que nos une tão primordialmente à terra, e investi de forma divertida na lembrança de como as mulheres lidaram com o ciclo mensal durante as diferentes épocas. Panos reutilizáveis que tínhamos de lavar e botar para secar, alguém lembra? Pedaços de musgo seco?

Ele aguentou cinco minutos.

A vigilância era irritante demais, mas eu estava determinada a não deixar que ele me atingisse, a não correr para River reclamando do seu irmão malvado.

Engoli tudo e segui meu caminho.

Quanto a Daniel, vi que ele estava começando a dar um pouco nos nervos de River. Ela e eu estávamos limpando a sala quando ele saiu do escritório de River, segurando o livro de contas do qual ela cuidava tão bem.

— O que você pensa que está fazendo com isso? — perguntou River.

Daniel baixou o olhar para o livro.

— O que é isso aqui? — perguntou. — Não estou conseguindo entender.

River olhou dele para o livro e respondeu:

— Foi uma entrega de ração para as vacas.

Daniel franziu a testa.

— Por que tanto? Ração deve ser mais barato que isso, não?

Com ar de descrença, River respondeu:

— Eu compro ração orgânica de Peter Sorensen. É melhor.

— Ração orgânica? Para as vacas?

River praticamente bateu nas mãos dele para que largasse o livro, o rosto contorcido como só o de uma irmã mais velha pode ficar.

Mais tarde naquele mesmo dia, ouvi-o perguntar a Asher se eles tinham feito três orçamentos para as janelas quebradas, como ele sugerira, e se não seria melhor comprar uma picape nova e mais eficiente em vez de mandar consertar a que já tínhamos.

Quando vi Asher mais de uma hora depois, ele ainda estava com expressão de sofrimento.

E havia Joshua. Pelo menos esse irmão ficava na dele e não falava muito. Parecia estar ali como força adicional em caso de problema e, além de me lançar ocasionais olhares desconfiados, não me incomodava muito. Eu o via pela propriedade consertando coisas, podando árvores, tapando buracos no teto do galinheiro. Sendo útil. Queria que Ottavio também encontrasse alguma ocupação mais digna que apenas me perseguir

Felizmente, depois de uma semana, River começou a incluí-los nas tarefas de cozinha, celeiro etc. Foi divertido ver o velho Ott catando cocô de cavalo com

uma roupa esportiva italiana totalmente inadequada. Eu me perguntei por onde andava o quarto irmão e por que estava demorando tanto para vir me olhar com reprovação, mas ninguém tocava no nome dele, e Deus sabe que não era eu quem ia perguntar.

Independentemente disso tudo, fiz progresso e até consegui ter uma visão de onde a galinha do demônio vinha escondendo os ovos ultimamente. (Brilhantemente, era no compartimento de um dos aquecedores de água.) Tanto a galinha quanto os ovos estavam agora abrigados em uma baia vazia do celeiro.

Em meu tempo "livre", comecei a trabalhar nas minhas lojas na cidade.

Contratar uma escavadeira e transformá-las em estacionamento foi, admito, uma tentação quando me dei conta do tanto de trabalho que arranjei. Mas isso ia pegar mal.

River sugeriu que eu fosse até a agência de empregos da cidade para ver se conseguia ajuda. Assim, na sexta à tarde, abri a porta de vidro e dei de cara com homens e mulheres que pareciam ter seus tapetes puxados. E acho que era isso mesmo o que havia acontecido.

— Ah, oi — falei, e algumas cabeças se viraram. — Hã, alguém aqui sabe alguma coisa de carpintaria? Construção? Encanamento? — Pensei por um segundo. — Arrumar telhados? Pisos? Eletricidade? Alguém sabe usar um pincel?

Ninguém entendeu por que meu "pai" estava me deixando levar o projeto todo nas costas sozinha e por que me daria um orçamento alto, mas na hora de receber o pagamento, eles ficavam felizes de terem sido contratados por uma adolescente maluca que oferecia salários decentes.

Perto do fim de fevereiro, eu estava ouvindo Bill, um homem maltratado pelo tempo, com 50 e poucos anos, mas que parecia bem mais velho, me explicar o processo de construção. Ele tinha trazido o próprio capacete, o que achei bem legal.

— Primeiro, você precisa ter um projeto — disse Bill. — Assim poderá dizer para as pessoas o que elas têm de fazer.

— Projeto, certo — concordei. Acho que ele estava querendo dizer algo mais específico que *Consertem isso.*

— Depois, você precisa cuidar do telhado, das estruturas, das janelas e das paredes externas.

Isso fazia sentido.

— OK.

— E então, você demole, retira tudo o que está quebrado. — Ele me observou com os olhos apertados, parecendo muito o homem com capacete do comercial do Marlboro. — Tem certeza de que seu pai sabe o que você está fazendo?

— Tenho — falei, assentindo com segurança. — Esse projeto vai me ensinar sobre... responsabilidade. E planejamento. Orçamento. Essas coisas.

— E ele trabalha com construção, mas você não sabe nada disso?

— Eu estava na escola. E ia ao acampamento da igreja. Mas sabe, Bill, você parece levar muito jeito. Deveria ser o chefe e organizar o resto do pessoal. Para conseguir que eles façam as coisas de maneira ordenada.

Bill olhou para mim.

— Tipo um empreiteiro?

Eu me agarrei a isso.

— É. Empreiteiro.

— Empreiteiros recebem mais. — Ele bateu com as luvas na calça jeans surrada, levantando uma nuvem de poeira.

— Tudo bem.

Assim, Bill virou o homem principal, e eu me tornei quem levava os sanduíches do Subway para o almoço, mantinha o estoque de chocolates Snickers em dia e andava de um lado para o outro, assentindo com seriedade e dizendo "Parece ótimo". Meu padrão era fazer coisas relacionadas a estudo pela manhã e aparecer nas lojas por volta do meio-dia. Naquele dia, levei brownies. Pensei que, se oferecesse com um pouco de açúcar, trabalhariam com mais afinco, certo?

Uma mulher alta de cabelo liso louro cor de milho estava conversando com Bill. Apertaram as mãos, e ele apontou para mim. Ela veio na minha direção,

parecendo ter saído de um quadro de Wyeth.

— Sou Mary — disse ela. — Trabalho com reboco e pintura. — As mangas da camisa jeans estavam dobradas até os cotovelos, deixando os antebraços à mostra. A calça cargo branca estava manchada de muitas cores de tinta.

— Oi, Mary — falei, apertando a mão dela.

Sem sorrir, ela indicou com a cabeça outra mulher, que estava carregando uma placa de 1,2 por 2,4 metros de gesso.

— Aquela é Josie. Ela trabalha comigo.

Josie se virou ao ouvir seu nome, e acenei para ela, sentindo-me muito *poser* com minhas botas resistentes tamanho 35. Ela sorriu de volta e saiu para buscar mais material.

— Ótimo. Obrigada — falei e saí andando.

Eu tinha esperança de que aquilo tudo parecesse a montagem do cenário de um vídeo divertido de música, em que eu veria pequenos trechos de atividade e iria diretamente para a imagem do "depois". Podia até haver uma parte curta mostrando os erros, como da vez em que Harv enfiou o cotovelo em uma janela e precisou levar pontos. É claro que ele não tinha plano de saúde algum, então adivinhe quem teve de pagar a conta?

Mas isso, assim como todas as outras malditas coisas na minha vida, não tinha um botão de adiantar. Então era um dia após o outro após o outro, e cada dia tinha 24 horas inteiras.

Havia algumas coisas boas. Eu estava vendo as lojas sendo reformadas lentamente (digo, lentamente mesmo), e isso era um pouco divertido. Como eu ia muito para a cidade, de vez em quando conseguia ver Meriwether várias vezes na semana. Isso era bem legal. Ela e Lowell estavam se dando bem, e o pai dela estava pensando em convidar a Sra. Philpott para ir ao cinema, o que nos fez dar gritinhos de empolgação e descrença.

Ainda não tinha visto sinal de Dray, mas praticamente todo o resto da cidade dava uma passada porque queria espiar o que estávamos fazendo. A loja Dexter's Ace Hardware, a duas quadras de distância, ganhou nova vida quando Bill me

mandou encomendar uma tonelada de material lá. Comecei a comprar quase todos os nossos almoços na lanchonete que havia dentro da Pitson's, e Julie Pitson, a filha do dono, começou a testar novas receitas. Ela queria ir para Nova York se tornar uma chef de cozinha, mas se apaixonou e se casou aos 19 anos. Então, nós éramos cobaias pagando o preço por suas escolhas de vida.

— O que é isso? — perguntei, com desconfiança, enquanto puxava o papel branco de açougue. — Julie, juro por Deus, se você colocar maionese com raiz forte em algum outro sanduíche de salada de atum, o pessoal vai se rebelar, juro que vai.

— Diga para eles comerem e calarem a boca — disse ela. — Esse daqui é com queijo brie, agrião e maçã Granny Smith, um toque de mostarda de Dijon e vinagre de champanhe.

Olhei para ela.

— Vou acrescentar batatas fritas — murmurou ela.

Havia também o misterioso número crescente de folhas de pagamento que eu me vi assinando. Tinha contratado originalmente oito caras. Bill subcontratou gente para fazer os revestimentos das paredes e o encanamento, então eram mais cinco pessoas. Mas, quase três semanas depois, eu tinha 22 trabalhadores na folha de pagamento.

— Bill! — gritei. Eu havia instalado uma mesa de baralho e uma cadeira dobrável perto de uma das vitrines da última loja à direita.

Bill surgiu de uma das salas dos fundos.

— O que é isso? — perguntei, balançando uma folha de pagamento. — Quem diabos é Rusty?

Bill olhou ao redor e apontou para um adolescente baixo e ruivo que estava varrendo o tanto de poeira de gesso.

— Estou pagando-o para varrer? — Forcei minha voz a ficar gélida. — Você subcontratou funcionários para a limpeza?

— Bem... — Bill tirou o capacete e passou a manga da camisa na testa. Naquele momento, uma mulher pesada com escasso cabelo castanho-

avermelhado encaracolado entrou pela porta da rua.

Ao ver Bill, ela disse:

— Ufa! Me desculpe por estar alguns minutos atrasada. Fiquei presa na igreja.

Bill murmurou alguma coisa e olhou para o teto ou para qualquer outro lugar, menos para mim.

— Mamãe! — Rusty a ouviu, e vi na mesma hora que ele era o que os russos chamavam de "tocado por um anjo". Tinha síndrome de Down. Na época de Dostoievski, as pessoas acreditavam que essas crianças tinham uma inocência especial e ligação direta com Deus, e eram tratadas de acordo com essa ideia.

A mãe de Rusty abriu um largo sorriso para mim.

— Não tenho como agradecer a você e a seu pai o suficiente por isso, querida. Quando Bill disse que Rusty podia trabalhar aqui por duas horas todas as tardes... bem, não sou capaz de explicar a diferença que isso faz. — Ela baixou a voz. — Ele ama esse trabalho. Se sente muito importante.

— Oi, mamãe — disse Rusty, e ela o beijou.

— Oi, meu anjo — respondeu ela. — Está pronto para ir?

Ao saírem pela porta, a mulher se virou e, só mexendo a boca, falou *Obrigada* de novo.

Olhei para Bill, que repuxou os lábios sobre os dentes abrindo um sorriso agradável, como um cão de caça. Sem dizer mais nada, voltei para minha mesa. Depois de um momento, Bill se afastou.

Apoiei a cabeça nas mãos e senti uma onda de... desconforto cair sobre mim como um manto. Desconforto misturado com ansiedade. Que antigamente seria resolvido com a ingestão imediata e substancial de alguma coisa capaz de alterar o humor, de preferência da categoria das margaritas. Quatro curtos meses não bastaram para apagar completamente velhos hábitos, velhas maneiras de lidar com problemas, e tudo em mim gritava para que, em um pulo, eu saísse em busca do bar mais próximo. Que, por acaso, sabia que era um pub antigo chamado Salty's e ficava na estrada que levava à rodovia.

E essa era eu sendo emocionalmente incapaz de lidar com a vida. Nem era uma alcoólatra legítima. O que só fazia a situação parecer ainda mais patética.

Ao meu redor, havia sons de mudança: coisas sendo serradas, marteladas, pessoas falando alto. Dentro de mim, tudo também estava mudando. De repente, me senti solta, sem saber direito quem eu era, o que estava fazendo. Por um segundo frenético, desejei voltar seis meses atrás, apesar de agora entender que foi meu fundo do poço. Mas era um fundo do poço que eu conhecia, com o qual sabia lidar, com o qual me sentia totalmente à vontade... até não estar mais à vontade.

Nos últimos quatro meses, River e os outros professores me disseram repetidamente para diminuir o ritmo e sentir os sentimentos. Diziam para me sentar com meus sentimentos até descobrir quais eram. Graças à orientação deles, passei a conseguir identificar medo, pânico, consternação, nojo, ansiedade, raiva, fúria e desdém. Já entender por que eu sentia qualquer uma dessas coisas era uma questão bem diferente.

Minha respiração estava ficando mais rasa. Queria sair correndo dali mais do que qualquer outra coisa. Eu mataria por algo que me fizesse não sentir mais aquilo. Mas o que eu estava sentindo? O que estava acontecendo?

— O que está acontecendo?

Ergui a cabeça de repente ao som da voz, sobressaltada, como se a própria Deusa tivesse esticado a mão e tocado meu ombro.

Deusa? Não exatamente. Era Dray.

Ela entrara pela porta da rua e estava de pé em frente à minha mesa. Não a via fazia meses. Ela estava usando uma jaqueta curta e inadequada, com contorno de pele falsa e surrada, e o cabelo estava crescendo em uma combinação estranha de castanho e verde, como se ela estivesse tentando se esconder em uma floresta.

— O que foi? — perguntei.

Ela balançou os dedos com esmalte preto descascado para toda a atividade ao redor.

— O que está acontecendo? O que você está fazendo aqui?

— Comprei essas pocilgas — falei. — Agora, eles estão consertando tudo. É isso ou vou precisar começar a cobrar aluguel dos ratos.

Nenhuma de nós duas sorriu.

— O que você vai fazer com elas?

Seus olhos ainda estavam cobertos de delineador grosso, mas ela havia tirado o gloss dos lábios, e a boca nua a fazia parecer mais nova que uma garota com a idade avançada de 17 anos.

— O que você tem feito? — perguntei. — Não a vejo há um século.

Ela fez uma expressão familiar de paciência entediada.

— Minha mãe me mandou para casa da minha tia por um tempo, para que eu ajudasse com o novo bebê.

— Bebê de quem?

— Da minha tia. Mas, de qualquer jeito, agora estou de volta. Na casa da minha mãe.

— Como era o bebê?

Fui surpreendida por uma suavização inconsciente nos olhos de Dray.

— Era fofo — disse ela, falando quase como uma adolescente normal. — Meio que um trambolhinho, sabe? Mas depois ele começou a sorrir. Foi uma graça.

— E agora, você está de volta.

— Dã. E o que você vai fazer mesmo com este lugar aqui?

— Estou rezando para que alguém alugue essas lojas. E tem quatro apartamentos lá em cima. Quero alugá-los também. Vão ser todos reformados.

Os olhos dela se encheram de especulação.

— Quanto você vai cobrar pelos apartamentos?

— Não muito. São bem pequenos. E nesta rua. Nesta cidade.

Dray olhou para mim, e me perguntei se ela ia tentar alugar um dos apartamentos para ficar longe da mãe de novo. Mas de uma coisa eu sabia: seu namorado otário não seria bem-vindo.

Enquanto estávamos conversando, dois homens pararam e olharam pelo vidro, foram até a outra vitrine e colocaram as mãos ao redor dos olhos para verem

melhor. Em seguida, um apontou para mim, e eles entraram pela porta da rua.

— Oi — disse um dos homens. Ele era alto e magro, tinha bochechas rosadas e um ar bem cuidado. O casaco Burberry não prejudicava.

— Oi — cumprimentei. Dray chegou para trás, se aproximando dos fundos, talvez para ver os apartamentos. Estavam todos abertos naquele momento, e havia pessoas entrando e saindo. Com uma pontada de dor, rezei para que ela não roubasse as ferramentas de ninguém.

— O dono está por aqui? Estamos procurando um número de telefone do agente imobiliário — disse o homem. — Queremos alugar a última loja. — Ele apontou para a rua, indicando a loja na outra extremidade.

— Seria ótimo — comentei, sem acreditar que poderia ser tão fácil assim. — O que vocês fariam com ela?

Os homens trocaram um olhar rápido como se dissessem: *Falamos para a garota ou não?*

— Sempre quisemos abrir uma cafeteria — disse o outro homem.

— Ah, meu Deus, sim! — exclamei. — Sim, seria perfeito! Vamos dar uma olhada na loja agora mesmo! — Peguei meu casaco nas costas da cadeira e vi a hesitação deles. — Hum, esse projeto é meu. Meu... pai está me obrigando a fazer isso pra me ensinar a ter responsabilidade. Essas coisas. Mas estou doida para que esta cidade tenha uma cafeteria. Tenho certeza de que meu pai vai concordar.

— Cafeteria? — Josie, uma das moças da equipe de reboco, estava reabastecendo a bandeja de gesso. — Sempre quis fazer coisas para uma cafeteria. Faço o melhor bolo tradicional do mundo. E biscoitos. E bolo de coco. E...

— Vocês precisam trocar números de telefone — sugeri. — Parece ótimo!

Todos os meus sonhos estavam virando realidade!

CAPÍTULO 14

Espero que você não tenha acreditado naquela última frase. Penso da seguinte forma: "Quando a vida der limões, faça uma limonada, depois pergunte-se por que a vida não deu a porcaria do açúcar para você conseguir beber aquela joça."

E, apesar de meu desejo profundo e sincero de ter uma cafeteria nesta cidade fofa esquecida por Deus, meu sonho atual e mais genuíno era, ainda, basicamente: "Quero me sentir melhor." Junto com todas as coisas em relação ao meu legado e tal, herdeira do pai, filha da mãe, *blá-blá-blá*.

Mas preciso admitir que as coisas estavam caminhando bem, pela primeira vez na vida.

Durante o jantar naquela noite, Anne perguntou:

— Como estão as lojas, Nastasya?

Como eu estava no meio de uma discussão interior sobre quiches e o quanto eu não consegui encontrar justificativas para a existência destes, fiquei feliz de baixar o garfo por um momento e parar de sentir raiva.

— Ah, você as viu ontem, não foi?

Muitos dos colegas de R.E. tinham passado lá nas duas semanas anteriores. Não Reyn. Não os Três Irmãos. Não a liga anti-Nastasya, que atualmente era quase toda composta por Solis.

— Vi — disse Anne. — Você decidiu sobre Luisa Grace?

Luisa Grace era uma loura oxigenada da cidade que queria alugar uma das lojas do meio. Não sabia se ela era honesta, ao menos não me parecia tão envolvida com artesanato. Mas veríamos. Ela disse que queria incluir outros artistas locais na empreitada.

Peguei mais pão para encher os cantos do meu estômago que ficariam sem quiche.

— Acho que não deve ter problema, mas se os produtos não venderem, ela vai se dar mal.

— Para quem mais você vai alugar um espaço? — A voz de Ottavio me fez piscar; já fazia duas semanas que ele tinha parado de falar comigo diretamente. Eu estava feliz por, até o momento, sua vigilância não ter se estendido às lojas.

Admito que uma parte de mim quase respondeu: *Para o diabo, Hitler, Voldemort e quem inventou a calça jeans com lavagem de ácido.* Precisei enfiar mais pão na boca para me impedir.

Quando consegui falar, disse:

— Para Ray e Tim, os caras da cafeteria. Talvez para Luisa Grace. Para a Srta. Gertrude Sully, que quer abrir uma loja de consignação. Vocês a conhecem? Sempre acho que a próxima fala dela vai ser: *Estou pronta para meu close, Sr. DeMille.*

— Deve ser interessante — disse Rachel. — Uma loja de consignação seria legal.

Nunca tinha ouvido Rachel usar a palavra *legal* antes.

— A outra loja do meio ainda está vaga — falei. — Acho que uma garota local, Dray Qualquer Coisa, talvez alugue um dos apartamentos do andar de cima. Uma mulher, Holly Mavins, está se separando do marido e vai alugar um. Duas outras garotas, alunas da escola técnica em Wessonton, querem o terceiro. O quarto está vago.

Ainda conseguiria comer mais um pedaço de pão, a não ser que houvesse sobremesa.

— Tem sobremesa? — perguntei, com a mão pousada em cima do cesto de pão.

Quinze pares de olhos estavam em mim. Como sempre, precisei me esforçar para não me perder nos dourados como os de um leão.

— O que foi? — perguntei. Será que estava com manteiga no nariz? Tinha derramado alguma coisa na roupa?

River sorriu delicadamente.

— Você mudou.

Olhei rápido para o rosto de Reyn, torcendo para que a expressão dele me ajudasse a entender a situação. Ele parecia pensativo, mas não deixou mais nada transparecer.

Eu me encostei na cadeira.

— Você me mandou arrumar um projeto grande.

— É um projeto maravilhoso, minha querida — disse River. — Não me entenda mal. Você está... desabrochando como uma flor. Estou adorando.

Olhei para ela solenemente, corando. Lá estava de novo: aquele sentimento de ansiedade, de desconforto.

— Ah, que bom — falei casualmente, e me levantei. — O jantar estava ótimo, obrigada. — Levei meu prato para a cozinha, coloquei-o na pia e fugi na noite.

Sou muito boa em fugir na noite, sabe. Normalmente, alguma coisa acaba dando errado para mim. Mas insisto mesmo assim. Que mania estranha. Eu deveria refletir sobre isso qualquer hora dessas.

Pelo menos desta vez, não corri para tão longe, até a cerca ao lado da estrada, onde Innocencio tinha me encontrado dois meses atrás. Desta vez, corri até o celeiro dos cavalos porque lá estava aquecido. Dentro havia pouca iluminação e silêncio. Molly, o pointer alemão de River e mãe de Dúfa, ainda estava acomodada em uma das baias vazias com os filhotes. Os seis estavam deitados ao lado dela na palha, e Dúfa, claro, se destacava como uma batata em um cesto de maçãs. O anguloso corpo branco fazia um enorme contraste com os fofinhos filhotes gorduchos de pelo macio, cinza manchado, e cabeças marrons como a de

Molly. De onde eu estava, conseguia ver a estranha mancha marrom-avermelhada ao lado do corpo de Dúfa, como se alguém tivesse derramado vinho ali. Não fazia ideia do que Reyn via nela.

Ela talvez pensasse a mesma coisa sobre mim. E não sou nem fofinha.

Depois, passei pela baia onde estava a galinha do demônio e espiei, dando de cara com a ave acordada e me olhando com pura malevolência. Mostrei o dedo do meio para ela, depois passei pelos cavalos, que bufavam baixinho, cochilavam ou mastigavam feno. No final do corredor, havia uma escada íngreme que levava ao palheiro, e subi por ela, mas precisei esperar um minuto no alto para permitir que meus olhos se ajustassem à escuridão.

Em pouco tempo, andei por entre os fardos de feno poeirento e incômodo até uma pequena alcova sob o telhado. Ao longe, ouvi o ribombar de um trovão, e, um momento depois, o teto acima de mim começou a estalar com as gotas de chuva.

Ficou muito confortável.

Eu me deitei de costas, olhei para o alto e torci para que as telhas fossem à prova d'água.

Quando eu deixaria de ter esses ataques de pânico? Quando conseguiria lidar com qualquer emoção que surgisse? Achava que estava progredindo, mas aí alguém dizia alguma coisa, ou então algo acontecia, e eu surtava de novo, incapaz de suportar estar aqui, ser eu, estar na minha pele. Será que isso mudaria algum dia?

Uma forma alta e escura se materializou de repente perto dos meus pés, me fazendo dar um grito, mas vi a luz fraca contornar uma cabeça loura que precisava de um corte no cabelo.

— *Shh.* Você vai acordar o celeiro todo — disse Reyn, sentando-se em um maço de feno ao meu lado. Eu ergui o corpo e limpei o feno do meu moletom.

— Não ouvi você subir.

O sorriso dele podia ser visto até na escuridão.

— É, ainda levo jeito.

Fiz uma cara brava.

— A furtividade de invasor não é necessariamente algo de que se gabar.

— Prefiro encarar como cautela de escoteiro.

Ele não era um grande brincalhão, e não pude evitar um sorriso.

— Suponho que você não esteja aqui para bater papo com os cavalos — disse ele.

Suspirando, balancei a cabeça.

— Não sei por que estou aqui — admiti.

— Você só queria fugir.

Passei os braços ao redor dos joelhos e assenti, constrangida.

— Não sei por quê.

Ele deslizou pelo feno e se sentou no chão, de frente para mim.

— Você está tentando sentir seus sentimentos? É por isso que a galinha parece tão fula da vida?

— Sim, é provável.

Se ele era perigosamente irresistível quando estava na pele do velho e conhecido Reyn taciturno, esse, um pouco mais relaxado e acessível, era arrasador. Como sempre, queria subir no colo dele. Mas, com uma autoconsciência nada característica, reconheci que, apesar de o impulso ser legítimo, como Deus bem sabia, querer fazer isso agora era o mesmo que desejar uma margarita: uma coisa para me distrair, para me fazer sentir algo diferente do que estava sentindo.

Reyn assentiu.

— Odeio refletir sobre meus sentimentos. Odeio mesmo. Jamais quero fazer isso.

— Eu também! — Será que podia pular nele agora? Agora que estava claro que ele era a única pessoa no mundo que me entendia?

— Mas entendo por que é preciso fazer isso — disse ele lentamente, girando um pedaço de feno entre os dedos compridos e fortes.

— Explique para mim de novo — pedi sem entusiasmo.

Ele hesitou, pensando um pouco.

— Durante todo o tempo que fui chefe do meu clã, minha emoção principal era... raiva. Qualquer que fosse a situação, minha reação era quase sempre a raiva. Quando ficava com raiva, sabia o que fazer: conquistar alguma coisa. Subjugar alguma coisa. Quebrar alguma coisa. Finalmente, depois de cem anos assim, apenas... surtei e fui embora, abandonei meu povo para sempre. Demorei mais duzentos anos para perceber que a raiva é minha melhor arma para mascarar o medo ou a insegurança. — Ele deu um sorriso torto. — Só duzentos anos.

— Pare de se exibir.

— Mesmo depois que abri mão de ser chefe, ainda... lutava. Em quase qualquer guerra que encontrasse. Porque extravasar a raiva em um campo de batalha era muito libertador. E me ajudava a não fazer isso na vida normal, com pessoas que não mereciam. Aqui, consegui perceber que a única emoção verdadeiramente negativa é o medo. — A voz dele estava baixa, quase escondida pelo som da chuva batendo no telhado.

— Medo? — Mas Reyn jamais parecia sentir medo. Só raiva. Ah.

— Toda emoção negativa ou dolorosa vem do medo — disse Reyn. — Medo de sofrer, medo de perder alguma coisa, medo de alguém não amar você como você ama essa pessoa. Não suporto sentir medo. Então, em vez disso, fico com raiva.

— Ah... que nem aquela vez quando você gritou comigo por eu estar indo mal na aula — falei, como se uma luzinha de Natal se acendesse na minha cabeça.

Ele estava sério.

— Tenho medo de você se machucar se não ficar mais forte mais rápido. — Ele já parecia com raiva; um músculo se contraindo no maxilar.

Eu tinha medo de muitas coisas: de River desistir de mim, de gostar mais de Reyn que ele de mim, de Brynne não querer ser minha amiga. Tinha medo de Incy e de tudo em que ele estava envolvido, e de que o tal mestre fosse real e estivesse mesmo interessado em mim. Eu era a única herdeira do meu pai. E se

eu fosse um fracasso total? E se isso for só o que ele tiver, um fracasso vivo para herdar tudo o que ele lutou para ter, tudo que ele e minha mãe haviam sido?

Mas tinha outra coisa acontecendo. Lentamente, tentei seguir as pistas da ansiedade.

— Ontem, na loja, descobri que meu empreiteiro está contratando mais gente do que eu sabia, meio que colocando o máximo de pessoas possível na folha de pagamento, incluindo um garoto... simples, que só varre o local. Não fiquei com raiva de Bill; ele estava tentando criar empregos para as pessoas, e não havia ninguém ali recebendo para ficar à toa. Mas, depois que a mãe do garoto foi buscá-lo, ela ficou me agradeceu tanto, ficou dizendo que o emprego significava muito para ele, que me senti terrível. Senti vontade de fugir, não queria ter mais nada a ver com as lojas, nunca mais queria ver nenhuma daquelas pessoas.

Reyn esticou a mão e segurou a minha, e seu calor forte me fez sentir ligada a uma... montanha, sei lá.

— E agora mesmo todo mundo estava... feliz por mim, dizendo que estou florescendo, sei lá. Nunca mais quero passar por aquilo Não quero que ninguém diga isso nunca mais. Estou fazendo o projeto idiota, e as pessoas deveriam simplesmente não comentar o assunto, sabe? — Minha mão livre apertou um monte de palha.

Uma cabeça pequena, triangular e branca apareceu na lateral de Reyn, e eu quase dei um pulo.

— Meu Deus, esse cachorro subiu a escada? — Isso era apavorante.

— O que você está fazendo, garota? — murmurou Reyn, pegando Dúfa e colocando-a no colo. Ela lambeu o queixo dele, se espalhou e cochilou na mesma hora.

— A escada é muito íngreme — observei. — E os degraus são afastados.

— Ela é mesmo uma coisa — disse ele, com orgulho divertido.

— Ela é uma porcaria de *macaco*.

Nunca houve uma pessoa mais bonita que ele quando sorria, pensei, sentindo-me meio tonta pela força intensa do desejo.

— Mas voltando a você — disse ele, acariciando a cabecinha da cadela. Eu não conseguia evitar sentir um certo ressentimento de Dúfa. Por que ela podia sentar no colo dele, subir ali e lambê-lo?

Como não falei nada, ele olhou para mim.

— Você chegou a alguma conclusão?

Balancei a cabeça e indiquei o palheiro com a mão.

— Isso aqui foi o mais longe que cheguei.

— Você não sente que... talvez não mereça que alguém pense coisas boas sobre você?

Pisquei e abri a boca, pronta para dar uma resposta afiada, mas nada saiu. Ele esperou pacientemente.

— Bem, quero dizer... eu meio que não mereço — murmurei sem olhar para ele. — Sou... tão horrível. E sei disso.

— Nas... somos *todos* horríveis. É por esse motivo que estamos aqui. — Havia um humor zombeteiro na voz dele. — Lembre-se de quando ficou fula da vida com Charles e Jess e deu uma bronca neles porque não estavam em posição de julgar você?

Assenti. A voz dele estava incrivelmente gentil.

— Você está se julgando de forma muito mais rigorosa que qualquer outra pessoa. Sabe que todo mundo aqui é ou foi um desastre ambulante, até River. Com as coisas que ela fez, você acha que River merece que alguém pense coisas boas dela hoje em dia?

— Sei aonde quer chegar, Dr. Phil — falei, severa. — Mas todas as coisas ruins de River foram, tipo, há mil anos. *Mil*. Mil *anos*. Minhas coisas foram no *outono* passado.

— Não vou esperar mil anos para você superar o que fez — disse ele, tirando o casaco e abrindo-o no feno, depois afastou Dúfa do colo e a acomodou em cima da roupa. Ela nem acordou.

O homem fez uma cama para um *filhote*. Tenho certeza de que isso acaba com qualquer dúvida que você ainda pudesse ter sobre o que eu estava fazendo com

ele.

Reyn se sentou sobre os calcanhares e apoiou as mãos nas coxas, com o olhar de laser grudado em mim. Por favor, por favor, não sugira treino com espada.

— Venha cá. — Bem baixinho.

— O quê? — perguntei, blefando.

Ele engatinhou na minha direção e me empurrou delicadamente no feno. Com um dos braços, me puxou para perto, para ficarmos cara a cara, deitados de lado. Uma mecha de cabelo caiu nos meus olhos, e ele a afastou na mesma hora, como se eu fosse Dúfa.

— Não vou esperar mil anos — disse ele de novo, e um tremor percorreu meu peito. — E talvez você não espere mil anos por mim. Você, eu, todo mundo aqui, todas as pessoas do mundo, os imortais, as pessoas comuns, todos são um trabalho em progresso. Alguns de nós têm um caminho mais longo a percorrer. Outros só andam para trás. Você está indo para a frente. Eu estou indo para a frente. E você não pode me impedir e nem a mais ninguém de... pensar coisas boas sobre você. — Os olhos dele percorreram meu corpo, com o moletom sem caimento e a típica calça jeans surrada. Começando abaixo do meu braço, ele apertou o moletom contra mim para revelar a forma que havia por baixo.

Vários dos meus neurônios ainda estavam funcionando, e murmurei:

— Não sou uma pessoa boa. Sinto que estou enganando todo mundo quando pensam que sou. — A mão dele deslizou por baixo do meu moletom e começou a soltar a camiseta de dentro da calça. Reyn encostou a boca na minha têmpora, na minha testa, com os lábios se movendo delicadamente na minha pele.

— Que tal se a gente só pensar que você é uma pessoa fazendo algumas coisas boas?

Não conseguia me concentrar. Uma das minhas mãos estava presa, mas a outra já deslizava sobre a pele macia das costas dele, que mais parecia um pedaço de seda esticado, cobrindo músculos firmes.

— O quê?

Senti-o sorrir com a boca encostada na minha testa, e ele baixou alguns centímetros e beijou minha boca, o que levou meu braço a envolvê-lo e a puxá-lo para mais perto.

— Depois eu falo. — E nos abraçamos, nos beijando tão profundamente, daquele jeito que fazíamos, como se estivéssemos famintos por beijos havia quatrocentos anos e agora pudéssemos matar a vontade.

CAPÍTULO 15

Certo, todos juntos agora: O que acontece quando as coisas começam a dar certo?

A merda bate no ventilador. Você está correto, senhor.

Sonhos ruins dos quais não conseguia me lembrar me acordaram na hora mais escura da noite. Não fazia ideia sobre o que eram, mas meu coração estava disparado e minha respiração, acelerada, por causa de algum temor sem nome. Fiquei acordada até o amanhecer.

Por fim, uma hora antes da que eu achava que o café poderia estar pronto, me levantei, vesti uma calça de veludo, uma blusa de gola alta, um cachecol fino (é claro) e um suéter, e desci para conferir o quadro de tarefas. A minha era de pegar os ovos. Mas a galinha do demônio estava no celeiro, então eu não teria de lidar com ela. Peguei a cesta de arame na cozinha e praticamente pulei para o lado de fora...

Mas parei, confusa: uma linha grande e queimada, com talvez 60 centímetros de largura, cercava a casa até onde conseguia ver. Será que era alguma espécie de círculo de proteção, talvez, que River e os outros professores fizeram à noite? Era verdade que era fácil atravessar 60 centímetros, mas, um segundo antes de pular, hesitei. Só para ter certeza, entrei de volta para perguntar; com minha sorte, a primeira pessoa a atravessar estragaria tudo, e uma grande nuvem roxa me seguiria o dia todo, para que todas as pessoas ficassem sabendo. Como se eu precisasse disso.

River estava começando a ajeitar as coisas para fazer o café da manhã e ergueu o olhar, surpresa, quando entrei.

— Acordou tão cedo.

— Não consegui dormir. Ei, tudo bem se eu cruzar aquele círculo grande lá fora? Devo pular por cima?

Ela piscou.

— Que círculo grande?

— Hum... o que está lá fora, contornando toda a casa? Parece que dá para pular, mas não quis atrapalhar nada. — A responsável Nastasya.

River secou as mãos rapidamente em um pano de prato.

— Mostre para mim.

Acabou que o grande círculo queimado ao redor da nossa casa não era boa coisa. Não era como alguém escrevendo *eu coração você* no gramado com água sanitária. Houve um grande alvoroço; muita confabulação; alguns olhares insultados lançados por italianos muito velhos para essa que vos fala; uma consternação geral. River e Asher decidiram juntar os quatro professores para desfazê-lo, purificar o chão e jogar feno sobre a terra queimada.

Cá entre nós, aquilo fez meus joelhos tremeram. Apesar da desconfiança constante e da reprovação dos irmãos de River, tudo andava calmo havia semanas; eu mesma tinha me permitido acreditar que, com Incy em segurança com Louisette, talvez tudo pudesse apenas... ficar bem. Mas isso seria fácil demais, não é?

Mais tarde, eu estava tentando decidir se iria ou não à cidade. Será que seria melhor, digamos, entrar debaixo das cobertas e torcer para que tudo desaparecesse? E se eu ficasse lá durante vários dias?

— Você está pensando em não ir à cidade? — perguntou River ao me encontrar no corredor da frente.

Fiz uma cara feia.

— Não. É claro que vou à cidade.

Ela não sorriu.

— Talvez você devesse ficar por aqui hoje.

Naturalmente, isso me fez pegar minha jaqueta e enfiar os braços nas mangas. Não passo de uma garota teimosa e impulsiva.

— Nastasya... não sabemos quem fez isso, nem se ainda está por perto ou quem é seu alvo. Parece bem possível que seja você. Você, na cidade, sozinha...

— Vou estar cercada de um monte de caras — observei. — E garotas corpulentas.

Nessa hora, Anne entrou, colocando uma boina vermelha sobre o cabelo curto, escuro e brilhante.

— Pensei em ir com você hoje, Nas. Quero ver toda a ação de perto.

Olhei para ela e depois para River.

— Vocês não podiam ser mais sutis.

Anne sorriu.

— Não. E eu dirijo.

Quando chegamos à cidade, ambas ficamos impressionadas com a atividade fervilhando nas minhas lojas. Havia agora uma caçamba no terreno ao lado, já cheia de entulho. Quando nos aproximamos de carro, cinco homens de calça jeans e camisas de trabalho estavam descendo de uma picape.

Tivemos de abrir caminho gentilmente em meio a um grupo de moradores que estavam por ali observando tudo.

— Uau, esse projeto cresceu mesmo — disse Anne, quando abri a porta da loja da ponta, onde ficava meu escritório em frente à vitrine.

— Estou pagando mais pessoas a cada semana — comentei.

Anne olhou para o grande espaço da loja, vazia exceto por cavaletes que sustentavam enormes pedaços de compensado ou gesso.

— Está maravilhoso, Nastasya! Uau, isso me faz voltar ao passado... Essa loja tinha uma bancada maravilhosa. É essa que você ainda não alugou?

— É.

Trabalhadores passaram e me cumprimentaram pelo nome. Vi um velho Toyota parar ao lado da calçada; um cara saiu e ergueu o chapéu para Anne e

para mim. E, então, a outra porta do carro se abriu, e uma mulher saiu segurando uma marmita.

— Alan!

O homem parou, pegou o almoço e deu-lhe um beijo com um sorriso tímido. De perto, vi que os dois não podiam ter mais que 22 ou 23 anos. A mulher ficou olhando para ele com os olhos brilhando. Depois, fixou o olhar em mim.

— É você a garota que está fazendo isso, tipo, para um projeto da escola?

— Mais ou menos isso — respondi.

— Ah, isso é tão legal — disse a jovem mulher. — E, olha, eu juro: no dia que finalmente admiti que precisaríamos de assistência do governo para comprar comida foi o mesmo dia em que Alan chegou em casa e disse que tinha conseguido um emprego.

— Ah — falei, sentindo as primeiras pontadas de alarme.

— Foi como a mão de Deus se esticando para nos ajudar a levantar.

Ah, não.

— Ah, que bom — falei, com a voz fraca, ciente dos olhos de Anne em mim.

— Que Deus a abençoe — disse ela, seguindo para a porta. — Vou me lembrar de você nas minhas orações, pode ter certeza disso.

— Ah, certo. Obrigada.

Então, felizmente, ela foi embora, e eu soltei o ar.

— É tão difícil — comentou Anne, e eu me virei para ela, grata por saber como eu me sentia — ser a Santa Nastasya.

— Ai, fala sério — retruquei, e bati no braço dela com asco.

Rindo, ela seguiu para os fundos.

— Vou dar uma olhada no resto do local.

— Vá, *por favor* — falei, irritada. — Vá, por favor, e olhe o resto do local.

Ainda conseguia ouvi-la rindo quando me sentei à mesinha perto da vitrine.

No dia anterior, tinha decidido comprar o terreno vazio ao lado, onde agora estava a caçamba de entulho. Não era muito grande, mas era um horror, com pedaços de concreto quebrado, três degraus de cimento que levavam a lugar

algum, ervas daninhas crescendo nas rachaduras, e um monte de lixo que as pessoas tinham jogado ali. Se eu comprasse, teria minha enorme força de trabalho para limpar, remover o concreto. E, depois, poderia transformar em um pequeno jardim, como River tinha descrito, e as pessoas pelo menos teriam um lugarzinho bonito que fosse para se sentarem e não precisarem ficar olhando para aquela Main Street moribunda.

Peguei o telefone e liguei para o número na velha placa de vende-se meio afundada na lama.

Já era quase hora do almoço quando consegui encontrar a pessoa certa, e, ao desligar, parecia que meu sangue-frio tinha sido estrangulado por uma jiboia. Uma jiboia com uma cota agressiva de vendas para fazer.

Encostei-me na cadeira, fechei os olhos e massageei as têmporas por alguns minutos. Anne não tinha voltado, e eu estava me perguntando aonde ela tinha ido.

Por fim, dei um suspiro e, quando abri os olhos, me deparei com Joshua de pé acima de mim, segurando um martelo.

Meu coração pulou, não de um jeito divertido, mas de um jeito que dizia: "será que esse cara vai bater na minha cabeça com um martelo?"

— Joshua — falei, com voz firme, recusando-me a demonstrar medo. Só que meus olhos estavam quase saltando da cara. — O que foi?

Ele levantou levemente o martelo.

— Estou aqui para trabalhar.

— Então... você sabe alguma coisa de carpintaria? Ou algo do tipo?

— Sei.

— Meu empreiteiro é um cara chamado Bill. Ele parece o cara do comercial do Marlboro, só que de capacete. Pode orientar você.

Joshua deu um breve aceno, e eu o vi seguir para os fundos, onde muitas atividades de reconstrução estavam acontecendo. Ele era alto, largo e musculoso, assim como Reyn. Eu me perguntei quantas vezes eles se enfrentaram no campo de batalha. Queria saber qual seria o resto da história dele. Ele estava nas

lembranças que River me mostrou, mas era tão diferente naquela época que mal o reconheci. Bem, muita coisa pode acontecer em mil anos. Era engraçado que a alegre e vivaz Brynne, com sua beleza acentuada de modelo adolescente, pudesse se sentir atraída por ele.

O almoço naquele dia foi wrap de frango ao curry com molho de limão, amendoim e coentro, o que obviamente César não podia comer por causa do amendoim. Era disso que eu precisava, outra conta no hospital. Alan trocou de almoço com ele.

— Está delicioso — disse Anne, dando outra mordida. Ela e eu estávamos comendo na minha "mesa". — Você comprou no Pitson's?

Assenti.

— Estamos à mercê da chef frustrada Julie Pitson. Pode passar o molho, por favor?

Alguma coisa me fez erguer o olhar, e vi um homem de pé em frente à vitrine, olhando para dentro. Quando ele entrou, me pareceu vagamente familiar, mas não consegui identificá-lo. A gente acaba vendo muitos rostos em 450 anos.

— Sim? — falei, sabendo que ele estava prestes a pedir um emprego.

— Nossa, Roberto! — disse Anne, ficando de pé e dando-lhe um abraço. — Nastasya! Este é o irmão de River, Roberto!

— Ah, que ótimo — comentei. — Porque nunca é demais. — Coloquei os cotovelos na mesa e apoiei a testa nas mãos.

— Estamos tendo o prazer de receber a visita de Ottavio, Daniel e Joshua! — disse Anne, com toda a alegria possível. Gemi baixinho.

— Quem é Joshua? — perguntou Roberto.

— O que vem logo depois de River.

— *Mi stai prendendo in giro!*

— Ela não está brincando — avisei, com pesar. — E, agora, estamos com a coleção completa. Excelente.

— Venha, Bertino — disse Anne. — Dou uma carona para você até em casa. Nastasya, você está fazendo uma coisa maravilhosa aqui. Estou orgulhosa de você.

Consegui dar um sorrisinho tenso. Depois que eles saíram, fiquei sentada por um momento, me perguntando se Roberto era ator ou modelo ou algo do tipo. Já tinha visto o rosto dele antes, com certeza. Bem, acho que ele tinha uma semelhança familiar com os outros. O cabelo era mais claro, mais comprido e mais encaracolado que o dos irmãos, e seu rosto parecia mais jovem e menos perturbado, mas ainda era Casa de Gênova da cabeça aos pés.

U-hu. Mal podia esperar pela hora do jantar.

E, na hora do jantar, percebi que Roberto parecia ser o favorito da família: até os rostos de Joshua e Ottavio se anuviaram ao olhar para ele.

— Eu estava na cidade naquela hora — disse Joshua. — Você não foi atrás de mim?

— Ninguém me avisou que você estava lá — disse Roberto, olhando para Anne.

Ela corou.

— Fiquei tão surpresa de ver você que esqueci.

À cabeceira da mesa, River estava radiante e olhava ao redor, como se todas as pessoas que ela mais gostava estivessem presentes. Já que ninguém via Joshua havia quinze anos pelo menos, devia ser a primeira vez que todos eles se reuniam em muito tempo.

— Meus irmãos — disse ela, com a voz calorosa e o rosto brilhando. — Estamos juntos. — Ela esticou a mão e segurou a de Ottavio com a direita e a de Daniel com a esquerda.

Que bom que você não matou todos eles, pensei enquanto me servia de um pouco de lombo de porco.

— E Joshua... você estava no centro, ajudando Nastasya com as lojas?

Do outro lado da mesa, a cabeça de Reyn se ergueu de repente, e o movimento fez Joshua se virar. Ao ver que era apenas Reyn, ele deixou para lá e se serviu de mais vinho. (Agradeço a Deus pelas Quartas com Vinho.)

— Sim.

— O que você foi fazer nas lojas? — Brynne pareceu avidamente interessada, e eu me perguntei se ela estava revendo suas próprias habilidades em carpintaria para poder ajudar também. Bem. Ao. Lado. Dele.

Joshua pareceu surpreso com a pergunta (ou seja, piscou uma vez), mas respondeu:

— Ajudei com as estruturas de alguns cômodos nos apartamentos.

— É tão bom estar com minha família — disse Roberto —, mas infelizmente não vim apenas fazer uma visita.

Não, *é claro que não.*

— Tenho certeza de que vocês já estão sabendo da notícia a essa altura — prosseguiu ele.

— Que notícia? — perguntou River, interrompendo no meio o movimento de se servir de mais purê de batata.

O irmão mais jovem assumiu uma expressão séria.

— A casa da Austrália foi atacada. Três integrantes da família foram mortos.

Todos ficaram em silêncio.

Tudo bem, eu estava *bem aqui*. Ninguém podia colocar a culpa em mim.

— Ah, não — murmurou Rachel.

— Isso não é tudo — disse Roberto. — A casa do Brasil também foi atacada. Fernanda escapou por pouco. Alguém está atrás dos imortais, dos imortais das casas principais.

Cabeças se viraram para mim como se puxadas por uma única corda.

Aquela era uma notícia horrível. Comi um pedaço de carne de porco enquanto minha mente tentava fazer as peças se encaixarem.

— Por acaso disseram que alguém tentou roubar o poder deles?

Roberto balançou a cabeça.

— Parece que foi apenas um ataque. Brett, da Austrália, tem certeza de que ninguém roubou o poder das suas irmãs e nem do seu pai quando eles morreram. Ele herdou tudo.

— Mas nós não desconfiamos de Brett? — perguntei. Nada daquilo fazia sentido.

— Não, claro que não — disse Ottavio, mas eu não sabia por que ele dera aquela resposta.

Era tudo muito estranho. Incy sabia onde eu estava; só podia supor que alguém tinha contado para ele. O suposto mestre? Ou fosse lá quem Miss Edna fosse? Era tudo tão complicado, e eu não conseguia decifrar todo o contexto.

Quando ergui o rosto novamente, Roberto olhava fixo para mim e a cabeça dele estava inclinada para o lado como se ele estivesse ponderando alguma coisa. Mas seus olhos se acenderam de repente, as sobrancelhas se ergueram devagar, e ele virou o rosto, sufocando um riso. Ele limpou a garganta e tomou um gole de vinho, sem olhar mais para mim.

E então... o ângulo da cabeça dele, a forma como estava inclinando a taça de vinho... Ah, meu Deus. Minha nossa. Percebi por que ele me pareceu tão familiar. Ah, meu Deus, que constrangedor. Era óbvio que ele também tinha acabado de lembrar. Merda. Bem, os anos 1960 foram selvagens. Caramba.

O resto da refeição foi tranquilo, exceto pela diversão de ver Brynne observando Joshua e, então, erguer o olhar e dar de cara com Reyn me fuzilando com os olhos, porque, supunha, tinha violado a regra de "não permita que meu inimigo trabalhe nas estruturas da sua loja". Deixei para lá, pois não tinha tempo para essas esquisitices de lobo alfa. Quanto a Roberto, quanto menos eu olhasse para ele, melhor.

O toque distante de um telefone chegou a nós; havia uma linha fixa na casa e só um aparelho, que ficava preso à parede do escritório de River.

Depois de olhares perplexos de todos os lados, River se levantou.

— Esses ataques são tão estranhos — disse Daisuke. — Por que estão acontecendo agora?

— Não é a primeira vez — lembrou Asher. — Lembra... vejamos, foi em... acho que nos anos 1800? A casa africana foi atacada, e a de Salem também.

— Quem estava por trás desses ataques? — perguntou Brynne.

Asher balançou a cabeça.

— Ainda não sabemos.

Ouvimos a porta do escritório de River se fechar. Os passos dela no corredor foram lentos, e, quando ela chegou à sala de jantar, seu rosto estava branco e tenso. Com expressão vidrada, ela se sentou devagar e tapou o rosto com as mãos. Seus ombros começaram a tremer, e ouvimos um soluço. River estava chorando.

Jamais tinha visto River chorar daquele jeito e fiquei perplexa. Queria dar um pulo, passar os braços ao seu redor e acariciar o cabelo grisalho e macio, assim como ela fizera comigo quando tive várias crises de choro. Asher se levantou imediatamente e se ajoelhou ao lado da cadeira dela.

— *Cara*, o que foi? — perguntou Daniel baixinho e colocou a mão no braço de River. Todos os irmãos estavam com os olhos arregalados e solenes; era provável que ela fosse a âncora da família há um milênio.

River conseguiu respirar fundo e balançou a cabeça, como se para negar a realidade do que sabia.

— Louisette está morta. E Innocencio sumiu. — Ela se virou para Asher e escondeu o rosto no ombro dele enquanto todos os outros trocavam olhares horrorizados. Os soluços de River recomeçaram quando meu estômago recebeu um ácido gelado e o sangue sumiu do meu rosto.

Talvez aquilo tudo fosse *sim* por minha causa.

CAPÍTULO 16

Minha mãe não usava nenhuma roupa especial quando fazia magick, só as roupas normais, que eram lindas, quentes e pesadas, muitas vezes bordadas por ela mesma. Na verdade, eu não a tinha visto fazer magick com tanta frequência, só conseguia me lembrar de algumas vezes. A mais vívida na minha memória era a da noite em que ela morreu, quando estava tentando nos salvar. Eu me pergunto se ela sabia que realmente conseguira me salvar. Uma de seus cinco filhos ainda estava viva. Mas... não posso dizer que acho que ela teria orgulho de mim ou ficaria feliz de eu ter resistido até o momento. Talvez um dia. Era difícil pensar tão à frente.

Agora, de pé diante do espelho na porta do meu armário, olhei para meu reflexo de túnica branca de linho, sentindo-me vagamente sacrificatória.

— *Ahhhh* — falei para minha imagem, e ajeitei o cachecol no pescoço.

Eram 21 horas, e estávamos prestes a sair na noite para realizar um rito de previsão e proteção, um grande círculo com todos nós. O dia tinha sido estranho e enervante. Eu nem tinha ido à cidade verificar meu investimento. Ficamos em casa, nos movimentando e falando baixinho, estudando em silêncio sozinhos, executando tarefas no modo automático. A única interação real que tive com alguém foi com Reyn quando detonei tudo na parte de trás do celeiro com minha espada de menina. River ficou no quarto até a hora do jantar e, quando apareceu, pediu para fazermos um círculo com ela à noite.

Reyn, pensei, na hora que soou uma batida na minha porta. Abri-a e o vi ali de pé com a túnica pesada cor de âmbar, o rosto solene. Olhei para baixo automaticamente, já esperando ver o cachorrinho branco que o seguia para todo canto.

— Ela está no celeiro — disse ele. — Não queria que ficasse no caminho.

Eu me sentei na cama. Não tínhamos conversado sobre nada antes, só *Abaixe seu centro de gravidade! Use os músculos do braço, fracote! Bum! Você acabou de morrer!* Foi divertido.

Eu estava relutante em participar do círculo daquela noite, e não só pelo motivo usual de que fazer magick quase sempre significava eu me sentir péssima depois. Porque Innocencio tinha ido até ali me buscar, mas acabou na casa da tia de River. Agora, a tia dela estava morta, e meu ex-amigo estava à solta. Eu me sentia tão incrivelmente culpada que todo mundo que me visse perceberia isso.

Reyn se sentou ao meu lado na cama, e pensei, desejosa, em todas as coisas mais interessantes que poderíamos estar fazendo em vez de temendo um círculo.

— Você não fez Innocencio matar Louisette — afirmou.

— Ele só a conheceu por minha causa — argumentei.

— Você não pode pensar assim. Não ajuda em nada. — Ele passou uma das mãos pelo cabelo. — Além do mais, sabe, nem tudo é por sua causa.

Ergui o rosto.

— Não, achei que não era e estava feliz, mas então aconteceu aquilo com Incy e...

— Não, o que quero dizer é que essa situação não tem nada a ver com você e sua culpa ou qualquer sentimento que você tenha — disse ele. — Seus sentimentos não são o importante aqui.

Senti meu lábio superior se enrijecer.

Reyn gemeu.

— Estou me expressando mal.

— Mais uma vez — murmurei.

Ele me lançou um olhar.

— É, sei o quanto você é sensível, Srta. Diplomática. Não sei como você consegue andar por aí com esse seu coração mole.

Suspirei.

— Então... você não acha que eu provoquei isso?

— Não. — A voz dele estava segura e tranquilizadora. — Não mais que Helena causou a queda de Troia.

Arregalei bem os olhos.

— Ah, Deus, você estava lá?

Ele bateu no meu joelho.

— Engraçadinha. Você sabe que sou só dez anos mais velho que você. Mas, e aí, está pronta ou precisa continuar aqui sentada, se perdendo em sua própria importância mais um pouco?

— Quase pronta. — Desci da cama e rastejei para baixo dela. Reyn já havia visto onde eu guardava meu amuleto, e não tivera tempo de encontrar outro bom lugar para escondê-lo. Soltei o rodapé, enfiei a mão no buraco e puxei o lenço com o amuleto quente e pesado; o tarak-sin da Casa de Úlfur, o Lobo.

— Mal consigo esperar para esfregar isso na cara de Ottavio — falei, pendurando-o no pescoço.

— Essa é minha garota — disse Reyn.

Na última vez que fizemos um grande círculo ali fora, havia neve no chão. Como seria fazer magick com os irmãos de River, sendo que eu não gostava de quase nenhum? Será que nossos sentimentos pessoais atrapalhariam ou isso não importaria?

Adivinhe de que cor era a túnica de Ottavio. Sim. Preta. Como a de Jess, mas de um tecido mais bonito, um jacquard suntuoso e pesado, com preto sobre preto. E pela primeira vez vi o tarak-sin da Casa de Gênova: um anel grosso, feito de sólido ouro velho e com um rubi do tamanho de um ovo de tentilhão, só que da cor de sangue congelado. Parecia grande e pesado no longo dedo afunilado de

Ottavio, mas ele parecia à vontade usando-o. Afinal, ele o usava desde que, junto aos irmãos, matou os pais para consegui-lo.

O brilho intenso da túnica vermelha de Brynne chamou minha atenção, e estiquei a mão para ela. Sorrindo, ela se posicionou do meu outro lado, conseguindo, de alguma forma, talvez por pura força de vontade, dar um jeito de ficar ao lado de Joshua. A túnica dele era de um verde profundo e escuro, com símbolos bordados em vinho. Estrelas, luas, cometas e outros objetos celestiais ocupavam o campo verde e brilhavam com a luz da fogueira.

A mão de alguém no meu ombro me fez virar, e vi o rosto de River, seu sofrimento transformado em alívio intenso. Ela observou meu amuleto, que tocava até a parte de baixo do meu esterno, deixando o local quente.

— Ottavio já viu? — sussurrou ela.

Balancei a cabeça, e, por um momento, o rosto dela mostrou um esboço de sorriso.

— Bem-vindos, amigos e família — disse ela, olhando para todos. — Como sabem, parece ser sensato formarmos um círculo mais poderoso de proteção ao nosso redor. Asher, meus irmãos e eu criamos um feitiço de várias camadas que vai nos oferecer a proteção mais forte que conhecemos. Devemos poder dar continuidade aos nossos compromissos, nossas rotinas, até viagens, confiando nos poderes protetores do feitiço.

Uma excitação começou a crescer dentro de mim como pequenos vaga-lumes. Eu me senti alerta e me preparei para qualquer coisa.

— A forma desse feitiço será diferente — prosseguiu River. — Vou iniciá-lo, Asher e meus irmãos vão acrescentar as partes deles, e depois vocês todos poderão se juntar, um de cada vez, até que tenhamos criado um círculo inquebrável de poder e determinação. Alguém tem alguma pergunta?

— Como vamos saber a hora de entrar? — perguntou Rachel.

— As pessoas podem entrar quando se sentirem prontas — explicou River. — Acho que vocês vão conseguir perceber a hora. Não se preocupem se o tempo passar e não tiverem sentido o impulso. Sei que virá para cada um de vocês.

— Tudo bem — disse Rachel.

Ela já esteve ali várias vezes ao longo dos anos, mas aparentemente jamais vira nada assim. Falei para mim mesma que deveria prestar atenção, porque era uma coisa grandiosa e significativa, e eu precisava aprender, fazer parte daquilo.

Com os ombros para trás, os olhos na fogueira, inspirei lentamente, tentando me livrar de cada pensamento dentro da minha cabeça, o que era como tentar tirar um punhado de enguias que se contorciam de dentro de um armário. Inspirar; expirar. Inspirar força; expirar medo, hesitação, preocupação, impaciência.

River começou a cantarolar lentamente, tão baixo que eu quase não ouvia. Continuei respirando fundo, os olhos grudados nela, os braços sentindo o leve calor que vinha de Brynne e Reyn, um de cada lado.

Logo, River começou a desenhar sigils no ar, a desenhar símbolos antigos e invisíveis cujas formas estavam cheias de magick e poder. Não reconheci a maioria, mas sabia alguns. As runas eolh, para proteção, e thorn, para superar a adversidade, foram repetidas várias vezes. Ur era a runa da força; peorth era para que as coisas escondidas fossem reveladas. A biblioteca do meu pai tinha livros todos escritos em runas; quando eu era pequena, minha irmã Eydís e eu riscamos nossos nomes em uma pedra fundamental usando o alfabeto de runas.

ᛗᛁᚱᚴ

River começou a circundar a fogueira no sentido horário. Delicadamente, Asher uniu sua voz à dela e também desenhou sigils no ar, representando nosso propósito, para que o universo visse e escutasse. O cantarolar agora parecia mais uma música, com as palavras se alongando, crescendo e caindo como a oração de um chazan em uma sinagoga.

Roberto se juntou a eles, a voz surpreendentemente macia e grave. Por um instante, visualizei a aparência dele nos anos 1960, com cabelo comprido e ondulado, barba grande, roupas hippies. Pisquei e me esforcei para tirar aquele

pensamento da mente. Quando Joshua entrou no cântico, o tom rouco deu base para a voz dos outros, da mesma forma como a nuvem é a base firme da chuva.

Daniel entrou em seguida, e era interessante como a voz dele era menos distinta, menos forte.

Quando Ottavio se juntou a eles, o tarak-sin brilhou sob a luz da fogueira como se a grande pedra tivesse fogo próprio. Qual era a idade daquele tarak-sin?

Levantei a mão e envolvi meu amuleto, quente e pesado, pendurado em meu peito. Era o primeiro gosto de magick que ele experimentava em 450 anos. Será que estava ansioso? Será que sabia? Um pensamento mais perturbador me ocorreu: e se eu não conseguisse canalizar magick Tähti? Será que era capaz de acidentalmente desfazer tudo que estavam formando ali? River confiava em mim; confiava o amuleto a mim. Eu teria de acreditar na confiança dela.

Aos poucos, os seis fizeram uma parada delicada, os pés pousando de leve como folhas caindo sobre a superfície de um lago. A música deles era bonita e estranha de se ouvir, e seus rostos eram transportados enquanto eles cantavam. Com os olhos embaçados, cada um encarou a fogueira tremeluzente.

A primeira pessoa a dar um passo à frente e se juntar à música foi Daisuke. Seu tenor claro e límpido pareceu se emparelhar com os acordes, envolvendo-os. Não havia outra forma de descrever, exceto como fios ou raízes se entrelaçando, da maneira como uma corda é reforçada com vários fios trançados.

Esperei ansiosamente pelo "impulso", que alguma coisa dissesse: *Vai nessa, Nas, entre!* Rachel se juntou à música, depois Charles, Amy, Solis, Anne, Jess. Reyn deu um passo à frente, e Lorenz o seguiu logo depois. River pareceu ter certeza de que aconteceria para cada um de nós, mas e se não fosse assim? E se o círculo de proteção estivesse me rejeitando porque eu era das trevas por herança? Apertei meu amuleto com força e me perguntei freneticamente o que fazer.

Brynne saiu do meu lado e se juntou aos outros. Ela tinha uma bela voz ao cantar, um pouco grave, um tantinho rouca, mas calorosa e linda. Então, fiquei sozinha fora do círculo.

Era meu pior medo se tornando realidade. Não estava recebendo o chamado para me juntar. Eu era das trevas. Estava sendo rejeitada. Meu amuleto me fazia perigosa e outra coisa. Não Tähti. Terävä.

Eu não conseguia suportar. Não podia ser a única a ficar para trás. Com a respiração presa na garganta, cada músculo contraído o suficiente para estalar, meu amuleto formando um círculo de calor no meu peito, dei um passo à frente. Eu ia me juntar à força, provavelmente em algum ponto errado do feitiço. O primeiro som a sair da minha boca foi um grunhido seco, e minha garganta ameaçou se fechar por completo de medo e incerteza. Mas respirei com dificuldade, fechei os olhos e tentei libertar a música de poder da minha mãe.

Minha voz não se encaixou. Pude sentir então os poderes e as vozes dos outros. A voz de Ottavio, a magick que ele fazia, era como sua túnica: escura, mesmo preta, mas de um preto lustroso, macia e sutil, repleta de significado, aprendizado e intenção. Era inesperadamente bonita. A participação de River brilhava como prata líquida, como o cabelo dela, uma linha fina e forte de clareza e propósito. A magick de Joshua era incerta e irregular, desgastada nas beiradas. A de Reyn era similar, mas profundamente âmbar e com camadas de dor e arrependimento. A de Daniel era um pouco mais fraca. A de Anne era adorável, azul e direta. Nem todo mundo parecia estar ali cem por cento. A maioria, sim. Mas havia algumas pequenas lacunas que eu não conseguia identificar claramente, lacunas que se moviam, apareciam e desapareciam como uma nuvem ao vento.

Minha voz se destacava como Dúfa em meio aos irmãos. *Por favor, me deixe entrar*, sussurrei para o universo. *Quero ser como eles, quero que eles sejam meu povo. Quero que aqui seja meu lar.*

Lágrimas quentes surgiram no fundo dos meus olhos, então mantive-os fechados e inspirei com tremor novamente. Jamais entendera as palavras e sons que eu conseguia duplicar. Será que minha mãe os tinha criado ou foram passados para ela? Deixei minha música de poder encontrar seu caminho entre as dos outros, rezando para nada explodir, ninguém parar e ficar me olhando, para

não ser jogada a 6 metros de distância. Para que um tornado branco enorme de fogo não me consumisse e a todos ao meu redor.

Minha magick era cinza.

Era a primeira vez que eu a sentia como uma cor. Normalmente era uma emoção, um som, uma sensação física, um reconhecimento intelectual de sua existência. Ali, naquele momento, a fita da minha música era cinza. Não prata como a de River. Não era bonita como a de Ottavio, não era sedutora como a de Reyn, nem iluminada como a de Brynne. Era cinza e estava ficando mais forte.

A voz de River soou acima da de todos nós conforme ela foi revelando camada por camada do feitiço, magick e mais magick e magick ainda mais profunda. Abri os olhos e me concentrei nela, em alinhar minha música com a dela. Embora estivéssemos cantando letras diferentes de línguas de épocas bem anteriores a nós, nossas músicas *pareciam* ser a mesma.

Já descrevi magick como sendo um crisântemo de alegria e luz florescendo no meu peito. Aquela não era assim. Era poder sendo canalizado por mim, vindo das profundezas da terra e fluindo por minha boca em palavras, agora um tanto ásperas aos meus ouvidos. Não senti alegria, mas sim assombro e tensão, quase uma trepidação. Minha fita cinza reuniu força rapidamente, ficando mais forte, se retorcendo, se tornando cinza como ferro, cinza como aço.

Aquele feitiço era... Não consigo descrever de nenhuma forma que fizesse justiça a ele. Era quase uma estrutura cristalina, como se River estivesse construindo uma cidade ao nosso redor, feita de pontos de luz e fios de poder. Cada camada era mais um nível de proteção: para a casa, para toda nossa terra, nossos veículos, nossos animais, nossas plantações e para cada um de nós individualmente. River citou cada animal, cada pessoa, usando não nossos nomes comuns, mas os nomes mágickos que eram seminais, entranhados em nossos ossos e sangue, nomes que definiam perfeita e unicamente cada um de nós, e mais ninguém.

Meu amuleto parecia uma fornalha que pegava minha magick cinza e a acendia, puxando-a pelo calor incandescente e pela luz. Como ferro, seguia cru e

sem forma, e voltava temperado, assustadoramente forte como a lâmina de uma espada, vibrando a cada golpe do martelo do ferreiro.

Não sabia como controlar aquilo.

Minha magick forte estava entranhada no feitiço, acrescentando-se a cada parte dele, delineando tudo que River tinha desenhado. Eu a via mais claramente que a dos outros, talvez só porque era a minha. A fita prata de River era a única que brilhava com tanta intensidade e, por isso, estava em toda a parte, tocava tudo.

E, então, percebi a perfeição incrível, a maravilha, minha perplexidade e compreensão chocadas com o que estávamos fazendo, a arte que nos juntamos para criar. Era gloriosa e magnífica, assustadora em sua força e glória. Eu estava tomada de assombro, medo e uma euforia trêmula e selvagem por fazer parte daquilo e por aquilo fazer parte de mim.

Por fim, o feitiço pareceu completo. Uma capa de proteção caiu sobre nós como uma neblina pesada em um vale. Com ar sonhador, senti-a pousar sem peso algum sobre meus ombros, senti-a beijar todas as folhas de cada árvore, senti-a acalmar os animais no celeiro e as galinhas no galinheiro. Encobriu Molly e os filhotes e Dúfa se contorcendo no sono. Encobriu Jasper, o outro cachorro da fazenda, que dormia no canto da baia de Titus. Tocou o vento, a grama, a terra sob nossos pés, cada tábua da casa, cada vidraça, cada pedrinha no caminho da entrada.

Inspirei, testando minhas percepções. Minha magick ainda fluía com força por mim quando River deu início ao ritual de fim do feitiço. Então, com uma rapidez assustadora, minha magick diminuiu, começou a se libertar do feitiço, e a torrente furiosa virou um gotejar.

Quando minha magick chegou ao fim abruptamente, caí no chão como um saco vazio. Não me senti enjoada, mas sim muito esgotada, como um vaso sem água e sem flores e que continha apenas ar. Brynne se ajoelhou ao meu lado.

— Você está bem? — Ela também soava exausta.

Assenti e me forcei a ficar de quatro. Enquanto esperava alguns momentos para ver se a náusea me atingiria, olhei ao redor. River tinha perdido um pouco de equilíbrio, mas estava de pé; Ottavio e Joshua estavam um de cada lado dela, segurando-a. Ela estava olhando para cima, para Ottavio, e os dois tinham expressões idênticas de... incerteza?

Fiquei de pé e senti a mão de Reyn debaixo do meu cotovelo, tentando me firmar.

— Como você está, minha querida? — perguntou River, observando meu rosto.

Mal conseguia falar, mas assenti.

— Estou bem. — Será que ela percebeu que me juntei à força?

— Como ficou seu amuleto?

Minha mão se fechou ao redor dele de forma protetora.

— Ficou bem. Tive medo de que ele não soubesse o que fazer, mas acho que foi tudo bem. Você conseguiu senti-lo? Ele pareceu... bem?

— Consegui — respondeu ela, pensativa. — Senti sua magick bem forte e senti como seu amuleto a concentrou, a direcionou para que ficasse de alguma forma mais forte.

Soltei o ar.

— Foi o que me pareceu também.

Ela me deu um sorriso gentil, e então começamos a catar nossos sapatos e voltar para casa. Tinha sido a experiência mais incrível, mais bonita e mais assombrosa que já tivera. Minha participação fora aceita, não é? Não fiz nada que tenha estragado o feitiço, fiz?

Na manhã seguinte, Ottavio nos deixou para ir a Boston em busca de respostas.

CAPÍTULO 17

No café da manhã do dia seguinte, todos estavam solenes, como se tivéssemos testemunhado o nascimento de um planeta. Fiquei feliz por não ter vomitado depois, porém mais tarde, no meu quarto, meus sentidos pareciam doloridos, maltratados, vazios, em choque. De manhã, praticamente rastejei escada abaixo, atraída apenas pelo aroma de bacon e café, dois dos alimentos mais perfeitos da natureza.

— Quem Ottavio foi ver em Boston? — perguntou Anne.

— Nosso amigo Tallis — respondeu River. Ela fechou os dedos ao redor do calor da xícara de café e inspirou o aroma. — Além do mais, acho que ele vai xeretar. Para tentar conseguir mais alguma informação.

— Vai transcorrer bem — murmurou Daniel, e River olhou para ele.

Peguei outro pedaço de bacon e mastiguei, apreciando a explosão divina de sal e gordura e *baconzice* nas papilas gustativas.

Por fim, não consegui mais adiar e me levantei, dolorida e cansada como uma velha. Ha ha ha! Acabei de perceber o que falei.

River me encontrou no corredor quando eu estava pegando meu casaco. Ela me deu um sorriso tímido, passou a mão pelo meu rosto e seguiu para o escritório.

Reyn desceu a escada na mesma hora em que Joshua se juntou a mim no corredor. Fiz planos rápidos de desviar e sair correndo se a estupidez tomasse

conta deles comigo no meio.

— Pensei em ir com você para a cidade — disse Reyn, sem olhar para Joshua.

Os olhos cor de avelã de Joshua se apertaram na mesma hora que eu respondi, alegre:

— Seria ótimo! Um trabalhador que não preciso pagar!

— Ah, você vai ter de me pagar — corrigiu Reyn.

As duas semanas seguintes se passaram com paradas e recomeços, e comecei a contar os dias que faltavam para o início oficial da primavera.

Apesar do feitiço de proteção, havia uma tensão implícita em River's Edge. Todos prosseguiram com seus trabalhos: os jardins de primavera estavam sendo cuidados, agora que a terra não estava mais congelada. Jardineiras com tampas de vidro receberam novas sementes a serem plantadas dali a oito semanas. Os filhotes de Molly estavam desmamando, mas iam atrás dela onde quer que ela fosse, cinco bolinhas peludas, com pernas grossas e patas grandes demais, que se enfiavam entre os pés das pessoas.

Dúfa virou um cachorro de construção na cidade, começando os dias atrás de Reyn com determinação enquanto este trabalhava, mas abandonando o propósito por volta das 9 horas para ir se deitar no casaco de alguém ou aos meus pés debaixo da mesinha dobrável.

Meu projeto estava claramente chegando perto do fim. As quatro lojas de baixo estavam prontas. Cada uma tinha um salão principal e, nos fundos, uma sala pequena para servir de depósito, outra para descanso dos funcionários e um banheiro. Todas as pias e luzes funcionavam; tudo parecia novo e limpo. Ray e Tim, os dois que queriam abrir uma cafeteria, estavam no último prédio aprontando tudo. Tinham pintado as paredes de berinjela e estavam instalando vitrines refrigeradas, uma bancada e mais uma pia no salão. Eu planejava ser a primeira da fila para comprar um *latte*.

A parte de fora estava pronta; ver a fachada recém-pintada ainda me surpreendia quando eu dobrava a esquina do quarteirão, mas achava que dava

um ânimo novo.

Conforme os rapazes foram terminando os trabalhos do lado de dentro, alguns seguiram para o terreno vazio ao lado. Quebraram o concreto e o estavam usando para construir canteiros elevados nas laterais dos dois prédios que ladeavam o terreno. O lixo fora retirado, os velhos degraus de concreto haviam sido apoiados na parede para servirem de banco, e, no geral, tudo estava bem menos horroroso.

Eu me sentia protegida. De verdade. Mas também sentia que alguma coisa estava prestes a acontecer. No primeiro dia que voltei para o centro, fui para um dos apartamentos do andar de cima, dar uma olhada no que os trabalhadores tinham feito. Estava sozinha, o local era silencioso, e alguma coisa me fez rapidamente escrever a runa eolh no ar e fazer um feitiço para afastar o mal, bem ali. O que era o mesmo que sacudir uma raquete mata moscas no ar depois de ter destruído o terreno com as enormes armas do círculo. Mas o fiz assim mesmo.

River continuava em busca de sinais de Innocencio. Era difícil acreditar que alguém tão exuberante podia desaparecer no ar. Eu rezava sem parar para que ele não viesse atrás de mim de novo.

Ottavio ligava para River todas as noites de Boston. As notícias eram perturbadoras: ele não conseguiu encontrar sinal algum do prédio onde ficava o clube de Miss Edna. Eu tinha contado tudo que conseguia lembrar sobre a localização, mas apesar de ir praticamente de porta em porta por alguns quilômetros quadrados, ele não descobriu nada.

River tinha dito ao irmão onde encontrar o armazém para onde Incy me levara com Katy e Stratton; e ele conseguiu achar. Mas disse que parecia completamente abandonado, uma camada grossa de poeira cobrindo tudo, como se nada acontecesse lá havia anos. No andar de cima, não viu sinal de alguém ter estado ali: nada de marcas de passos na poeira, nem de sinais de luta, nenhuma mancha do sangue de Katy. River, Asher e Reyn tinham visto tudo; eu não precisava ter medo de não acreditarem em mim. Mas era bizarro e assustador que uma cena como aquela pudesse ser completamente apagada.

Enfim. Os apartamentos estavam quase todos prontos. Eu me perguntei se Dray voltaria, se tentaria alugar um, mas dias se passaram sem que ela aparecesse. Reyn e Joshua trabalhavam em lados opostos do prédio, como crianças do terceiro ano separadas pela professora, mas não causavam problema e eu não precisei brigar com nenhum dos dois.

Brynne veio mesmo ver "como as coisas estavam".

— Meu Deus, o que você está comendo?

Tentei engolir o pedaço grande demais que tinha mordido.

— *Humpf* — falei, balançando a mão. Respondi quando consegui falar: — Uma *quesadilla* com camarão, polenta, ervilha e cebola. Estou rezando para Julie Pitson engravidar outra vez para não ter tanto tempo sobrando.

Brynne se sentou na outra cadeira dobrável e esticou a mão. Coloquei um pedaço de *quesadilla* ali, e ela deu uma mordida. Revirou os olhos com alegria e fez sons de êxtase enquanto eu a observava sorrindo, porque Joshua tinha chegado por trás em silêncio e podia ouvir tudo.

— Ah, meu Deus, isso foi orgásmico! — disse Brynne, balançando a mão na frente da boca.

— Melhor que o bolo de café em camadas de Anne? — perguntei inocentemente.

— Ah, bem, aquilo... aquilo eu tenho vontade de esfregar no corpo todo. Mas isso estava muito bom.

Ergui o olhar para trás dela.

— Pois não, Joshua?

Brynne ficou paralisada, os olhos arregalados.

— O pessoal do José quer saber se você consegue tirar um fantasma do apartamento C — disse Joshua, o rosto inexpressivo.

Com movimentos muito sutis, Brynne fez um gesto como se quisesse me estrangular.

— Fantasma? — Isso era diferente.

Joshua assentiu, e eu me levantei.

— Venha, Brynne. Se você ficar com medo, pode apertar... Ai! — Dei alguns pulinhos e esfreguei a canela que Brynne chutou. Aquela garota tinha dificuldade em controlar a raiva.

As entradas dos apartamentos ficavam na parte de trás do prédio e cujo acesso se dava por uma única escada e uma sacada que se estendia por toda a fachada traseira do prédio. Lá em cima, encontrei José e a equipe dele. Vários terminaram as *quesadillas* rapidamente e ficaram de pé.

— O que houve? — perguntei a José em espanhol.

— *Hay un fantasma* — respondeu José, e vários dos homens assentiram solenemente.

Olhei para Joshua. Ele deu de ombros: talvez houvesse, talvez não.

— *Qué tipo de fantasma?* — perguntei.

— *Una mujer, señorita*.

— *Y qué dijo?*

José e os outros homens trocaram olhares.

— *Ella dijo que queria a la mujer con el pelo de nieve*.

— Opa — disse Brynne, quando senti uma brisa fria no rosto.

— Me conte mais — pedi, a voz fraca.

— Pensei que as lojas estivessem incluídas — comentei com River naquela noite.

— E estão — garantiu ela. — Sem dúvida estão. Isso é muito estranho.

— Você acha? — Dei uma gargalhada de deboche e me servi de mais vinho da Quarta com Vinho.

Se imortais acreditam em fantasmas? Claro que acreditamos. Não somos burros.

— O que mais ela disse? — perguntou River.

— José disse que foi só aquilo — respondeu Joshua, mergulhando um pedaço de pão na sopa de ervilha.

— Como *você* sabe disso? — Bem, *aquele* foi um tom cruel, vindo de Reyn.

Joshua se virou lentamente até ele e Reyn ficarem cara a cara. Só posso falar por mim, é claro, mas acho que posso dizer com segurança que todos nós à mesa estávamos esperando que Joshua mandasse Reyn se danar. Prendi a respiração e imaginei com facilidade um deles ou os dois rosnando ao dar um pulo e agarrar o pescoço do outro.

— Eu estava pintando no cômodo ao lado — disse Joshua. A voz dele era firme, mas os punhos estavam apertados. — José me pediu para contar a Nastasya. Achou que ela não ia acreditar nele.

— E ia acreditar em você? — disse Reyn, com desprezo. River colocou a mão no braço dele, e isso quase o fez dar um pulo. A expressão que lançou a ela foi imediatamente ciente, imediatamente constrangida.

— Aqueles prédios não são tão antigos — comentou Anne, quebrando o silêncio desagradável. — Eu me pergunto quem será.

— Eu me pergunto se é um fantasma — disse Solis. — Ou se é alguém tentando atingir Nastasya fingindo ser um fantasma. Ou nem fingindo, mas talvez os trabalhadores só tenham conseguido reconhecê-lo como sendo um fantasma.

— Mas você não sentiu nada? — perguntou Asher.

— Senti uma brisa fria no rosto — falei. — Mas pode ter sido só uma sensação estranha, sabe. Fiquei lá um tempo, andei por todos os cômodos e não vi nem senti mais nada.

— Humm — disse River, parecendo pensativa.

No dia seguinte, ela, Asher e Anne foram às lojas e examinaram cada centímetro de todos os prédios. Até fizeram uma leitura do ambiente por trás de portas fechadas. Mas não encontraram nada, não sentiram nada.

O resto da semana foi tranquilo no que diz respeito ao fantasma, e voltei a fazer negócios na minha mesa em frente à vitrine. Um dia, já tarde, depois que a maior parte dos trabalhadores tinha ido embora, eu estava botando os cheques em dia, o que parecia ser um emprego de período integral. José se aproximou e ficou ali ao meu lado com o boné na mão.

— Oh-oh — falei, examinando o rosto dele em busca de pistas. Estava escuro lá fora, e a maior parte das luzes estava apagada do lado de dentro também. A luz da rua brilhava pela janela e lançava um cintilar âmbar no chão. — Mais problemas?

— Não, *señorita*. Quero agradecer por você contratar minha equipe. — O inglês dele tinha um sotaque tão forte que desejei que trocasse para o espanhol. Mas percebi que ele tinha ensaiado o discurso e quis demonstrar respeito na língua que ele não sabia que não era minha primeira língua. Nem mesmo a terceira ou quarta.

— Bem, Bill contratou vocês — observei. Pelo menos, esperava que Bill os tivesse contratado. Será que as pessoas estavam simplesmente aparecendo e começando a trabalhar? O pensamento fez minha cabeça doer.

— Mas é você que nos paga.

Aparentemente, eu estava pagando para a maior parte da população de West Lowing, mas tudo bem.

— Vocês fazem um bom trabalho — falei.

José ficou ali, trocando o boné de mão. Eu estava começando a me sentir desconfortável. Tudo bem, ele tinha agradecido, agora já podia ir.

— Tem... mais alguma coisa?

— Seu dinheiro fez... Mandei o pagamento para minha esposa semana passada, e ela veio para cá — disse José apressadamente. — Ela teve meu filho aqui semana passada.

Ah. Tudo ficou claro. O bebê era americano, nascido em solo americano.

Porque eu tinha dado um emprego a José.

— Parabéns — falei, tentando deixar minha voz mais calorosa. — Mas foi Bill quem contratou você. — *Vá agradecer a ele. Não conhecia você, não o contratei e a propósito, foi pura sorte, eu não pretendia ajudar você nem sua esposa.*

Mas nenhum gesto bondoso passa em branco, como se diz, e José não ia esquecer aquilo.

— Você permitiu que ele nos contratasse — persistiu José. — Muitas pessoas diriam para ele que não, nada de estrangeiros. Bill é meu vizinho. Ele me disse para vir trabalhar aqui. Disse que tinha uma garota que pagaria pelo meu trabalho pesado. Que paga todo mundo.

Então eu tinha reputação de coração mole. Excelente. Centenas de anos de severidade desenvolvida arrancados com um projeto imbecil que River me obrigou a fazer. Maldição.

— Pago todos que *trabalham* — reforcei, com voz fraca, pressionando as mãos nas laterais do corpo. Eu me sentia uma fraude. Será que ele não entendia? Eu queria gritar *Não estou tentando ajudar pessoas aqui! Estou tentando me ajudar!*

— Trabalho arduamente para você, senhorita — disse José, com orgulho. — E agradeço.

— De nada, José — falei, entre dentes. Tentei esticar os lábios para formar um sorriso, e, por fim, assentindo, José pegou o cinto de ferramentas e foi embora.

Eu estava à beira das lágrimas. Só queria que as pessoas seguissem com as vidas delas e me deixassem seguir com a minha. Meu queixo tremeu, e cerrei mais os dentes, furiosa. Queria botar fogo no prédio, sair correndo e quebrar tudo, para nunca mais ter de suportar o agradecimento de ninguém.

Eu me sentei à mesa e cobri o rosto com as mãos. Um som baixo me fez levantar a cabeça. Será que era o fantasma?

Era Reyn. Ele seguiu na minha direção, silencioso como uma folha usando as botas de trabalho, e esticou a mão.

— O que foi? — falei de forma agressiva.

Ele fez uma reverência, como um antigo cortesão.

— Não estou com humor para isso — resmunguei. — O que você quer?

Demonstrando exasperação, ele segurou uma das minhas mãos e me puxou para me erguer. Em seguida, meio que me guiou, meio que me empurrou para o centro da loja. Arrastei os pés, fumegando de raiva. Ele começou a cantarolar alguma coisa e, então, me segurando ao seu lado, começou a se mexer. Ficar

rígida e dócil não me ajudou em nada. Depois de alguns instantes, reconheci passos de dança arcaicos.

Levantei as sobrancelhas.

— Que diabos você está fazendo?

— Que tal — disse ele baixinho — se eu só pensar em você como alguém que faz coisas boas? — Ele me obrigou a me movimentar com ele, dois passinhos para a frente, dois passinhos para trás, um para a esquerda, uma voltinha. Ele cantarolou e emparelhou os passos à música que eu só ouvia atualmente em dramas de época da BBC.

A mão dele nas minhas costas estava quente, os passos, leves, silenciosos e, é claro, incrivelmente graciosos. Aquele saqueador, aquele Açougueiro do Inverno, estava sendo gentil. E atencioso. E romântico.

Meus ombros relaxaram um pouco enquanto meus pés lutavam para lembrar os passos.

Naquela época, o fim do século XVII, casais não dançavam sozinhos. Tudo era feito em grupos, todo o tipo de movimento para a frente e para trás, saias se embolando e a possibilidade de esquecer quem era seu parceiro ou sua posição na dança. Além do mais, era sempre quente, mesmo no inverno, com salões iluminados por mil velas, todas soltando fumaça e calor.

Mas ali estava frio e a única claridade vinha da iluminação fraca da rua. Não havia mais ninguém, e só nós ouvíamos a música.

— Isso é bem mais fácil com só mais uma pessoa — falei, descrevendo lentamente um círculo ao redor dele, com as mãos levantadas e a palma da minha mão esquerda na dele. — Jamais conseguia acertar.

Ele sorriu e, quando segurei as saias de mentira para tirá-las do caminho, girou ao meu redor, primeiro de frente para mim, depois de costas, enquanto ficávamos nas pontas dos pés.

Suspirei.

— Você precisa mesmo saber. Sou a pior dançarina. As pessoas se referiam a mim como “aquela moça bonita que dança como um urso”.

Ele deu uma gargalhada e parou de cantarolar.

— Era você?

Meu queixo caiu.

— Ah, pare com isso! Eu não era tão famosa assim.

O novo Reyn me provocou.

— Você nunca vai saber.

Meus pés pareceram mais leves, assim como meu humor. Ficamos de mãos dadas e demos passos rítmicos em linha, um, dois, um, dois.

Um movimento que percebi pelo canto do olho revelou Joshua de pé em silêncio numa porta, segurando o cinto de couro com ferramentas e nos observando.

Os músculos de Reyn no mesmo momento se contraíram, das pontas dos dedos até o braço, deixando o corpo todo rígido.

Embora envergonhada, queria continuar dançando; estava finalmente começando a gostar de uma coisa que sempre fora uma provação para mim.

Sem falar nada, Joshua andou em nossa direção. A tensão de Reyn era como um arco esticado. Para meu choque e deleite, Joshua parou do meu outro lado e, depois de um tempo, começou a acompanhar nossos passos. Ele ergueu a mão fechada, e eu coloquei a minha levemente por cima como fazia tanto tempo atrás e com homens nem um centésimo tão atraentes ou interessantes quanto aqueles dois.

Ali, no piso de linóleo da loja escura e vazia, nós três nos movíamos seguindo passos que aprendemos centenas de anos antes em países diferentes. Éramos pessoas diferentes na época, com nomes e vidas distintos. Agora, estávamos cantarolando um velho minueto e dançando, dois passos para a frente, dois para trás, um passo para a esquerda e uma voltinha.

Foi muito divertido.

CAPÍTULO 18

Com o passar dos dias, River continuou amuada, sorrindo menos facilmente e parecendo pensativa ao fazer as tarefas da fazenda. Continuei estudando quase todas as manhãs, mas também fugia para as lojas diariamente. O humor ali era enérgico e resoluto, e foi gratificante ver os aposentos terminados e recém-pintados, parecendo cheios de potencial.

Ninguém ouviu nem viu fantasma algum. Reyn e Joshua iam trabalhar, mas a trégua momentânea de nossa dança compartilhada foi deixada rapidamente para trás. Mais uma vez, era como ter dois leões raivosos circundando um ao outro, o que me fazia imaginar qual pularia no pescoço do outro primeiro.

Em meio a exaustiva e provocadora tarefa, que me dava câimbras, de assinar cheques de rios de dinheiro, eu conseguia um tempinho para ler e relembrar todos os feitiços que vinha ignorando nos últimos, ah, quatrocentos anos, mais ou menos.

Um dia, estava batendo cabeça de sono enquanto lia um livro grosso com o atraente título de *Ervas diversas das Américas* quando pisquei e me deparei com um grupo de pessoas desgrenhadas, bem em frente à minha mesa. Depois de piscar mais algumas vezes, meus olhos conseguiram foco suficiente para ver que era Dray; com ela estava uma mulher de aparência sofrida, cabelo louro platinado e um rosto que dava a impressão de que ela começou a fumar nova demais e ainda não tinha parado. Era Luisa Grace, um nomezinho estranho e

lindo que não parecia combinar com ela. E também um cara alto, pálido, magrelo e nada saudável ou, então, não tinha muita sorte e sofria de um horrível caso de acne.

Eu havia falado com Luisa Grace antes, teria sido alguma coisa sobre artesanato? Mas qual era a ligação dela com aqueles dois? Se esse grupo heterogêneo quisesse alugar um apartamento para dividir, eu ficaria em uma posição constrangedora.

— Oi — disse Dray.

— Oi — respondi, com cautela.

— Você conhece Luisa — disse Dray, apontando para a mulher. — E Gambá. — O cara.

— Hum, oi — cumprimentei. Gambá? Sério? Percebi que todos eles estavam segurando bolsas ou caixas, e meu coração afundou. Quero dizer, não tinha como eu...

— Mostre pra ela — orientou Dray, e Luisa Grace abriu o saco de lixo branco... e tirou um ursinho de retalhos.

— Como já contei, faço esses ursos — disse Luisa, colocando-o na minha mesa. — Com colchas velhas. Como esses. — Ela tirou mais três. Um era de chenille de algodão branco, um de anarruga azul e outro de retalhos, só que em tons pastel.

Eles eram muito fofos. Peguei um, observei a costura precisa e cuidadosa e as orelhas em pé e redondas.

— São lindos — falei.

— Eu os vendo em feiras de artesanato — disse Luisa. — E em feiras livres. Custam entre 65 e uns 220 dólares, dependendo do material.

— Nossa — exclamei, tocando o nariz de botão.

— Vendi mais de 150 ursos nos últimos seis meses.

— Uau.

— Eu faço os ursos, e meus filhos colocam o enchimento para mim — contou Luisa.

— Legal.

— Gambá — disse Dray, cutucando o sujeito. Ele colocou a caixa surrada na mesa e começou a tirar camisetas.

— Eu faço silk-screen — murmurou ele, colocando uma pilha de camisetas na mesa.

Peguei uma camiseta por vez. Tinham estampas de crânios, aviões bombardeiros, slogans furiosos, imagens de socos-ingleses, coisas assim.

— Gostei desta aqui — falei, mostrando uma com aviões bombardeiros vermelhos jogando bombas verdes em dinossauros.

Gambá assentiu.

— Essa é natalina.

Dray estava segurando uma caixinha que já havia guardado 24 latas de comida de gato. Ela a abriu e pegou bijuterias feitas à mão: pulseiras de fio de telefone trançadas, formando desenhos complicados, um colar com elos que eram tiras de uma lata de alumínio enroladas de modo a parecerem contas, outro colar com um pingente que era um caco de vidro fosco cercado de fios de cobre.

— Foi você quem fez essas coisas? — perguntei a ela, que assentiu timidamente.

— Assim fico fora das ruas. — Ela parecia entediada.

— Como falei, quero alugar a loja com a fachada azul — confirmou Luisa. — Para vender meus ursos. E para outras pessoas que queiram vender as coisas delas. Artesanatos. Esses dois, e tenho um amigo que faz capinhas para garrafas de vinho. Uma gracinha.

Nós "negociamos" o aluguel, o que significa que Luisa tentou me engrupir, mas acabamos chegando a um acordo, assinamos os papéis, e, assim, ganhei minha segunda inquilina de loja. Não sabia por quanto tempo Dray continuaria a fazer bijuterias, mas gostei mesmo das coisas dela e pedi para que reservasse uma das pulseiras para mim, porque queria comprá-la quando a loja abrisse.

A moça da loja de consignação tinha desistido, mas a terceira loja foi alugada no dia seguinte por uma mulher cujo marido consertava violões e violinos, e

queria que ele tirasse toda aquela porcaria de casa. Mas ela também fazia pequenos trabalhos de costura, como bainhas e reparos, e pretendia colocar a máquina de costura em um canto, assim trabalhariam juntos.

Três novos negócios na Main Street naquela cidade insignificante. Já havia mais gente passando, indo dar uma olhada depois de fazer compras no Pitson's ou no Early's. Ray e Tim estavam quase prontos para abrir a cafeteria, batizada de Torrado e Moído, e o inspetor sanitário da cidade viria naquela semana para dar o alvará.

Brynne passou a ir às lojas todos os dias, com o macacão mais velho que tinha e um lenço colorido ao redor dos cachos vibrantes. Tinha entrado para a equipe de pintura. Se não conseguisse ficar no mesmo quarto ou apartamento de Joshua, ao menos ficaria por perto.

Um dia, ela, Meriwether e eu estávamos almoçando juntas, rindo de alguma coisa, quando me toquei: devíamos parecer três adolescentes normais almoçando juntas. Como amigas comuns. Era um sentimento interessante. Tão estranhamente rotineiro.

É claro que duas de nós éramos imortais tentando superar nossos passados negros. Mas fora isso, poderíamos ser apenas três amigas adolescentes reunidas.

Ainda assim, durante todo o tempo, eu estava ciente de que Innocencio continuava desaparecido.

Mas março prosseguiu sem coisas estranhas e perturbadoras acontecendo. A primavera estava de fato tentando se espalhar; o bosque repleto de pontos de cores — os botões amarelos das forsítias, as flores peludinhas de salgueiro gato e o amarelo-avermelhado das flores de nogueira — que me faziam ansiar por dias mais quentes e longas horas de luz do sol.

Ottavio acabou voltando, infelizmente. Sem ele por perto, a tensão na casa diminuiu, ou pelo menos boa parte dela. Reyn e Joshua continuavam rosnando um para o outro, e Daniel irritando a todos, oferecendo dicas administrativas e contando histórias sobre as várias fortunas que fez. Se eu fosse River, o mandaria

calar a boca, mas quem sou eu? Talvez ela ainda se sentisse culpada por ter planejado matá-lo havia mil anos.

Quando desci a escada uma certa manhã e encontrei Ottavio pondo a mesa, meu estômago se revirou. Ele ergueu o olhar, os olhos pretos de tubarão parecendo me perfurar. Abri um grande sorriso alegre e me sentei no banco.

— Ottavio! — Roberto deu dois beijinhos no irmão mais velho, e Rachel colocou uma tigela de aveia na bancada.

Com desânimo, percebi que o café da manhã seria um relato de tudo que ele descobriu, algo mais ou menos assim: *O mundo está implodindo, e é tudo culpa de Nastasya.*

Com todas as 17 pessoas, a mesa ficou lotada, e nós, espremidos. Com uma tenacidade admirável, Brynne conseguiu ficar ao lado de Joshua e encostava nele casualmente sempre que ia pegar alguma coisa. Ela se inclinou para a frente, e o olhar de Joshua se concentrou no cabelo cor de caramelo, a 8 centímetros do seu rosto. Ele piscou duas vezes e, naquele momento, finalmente foi fisgado pelo encanto sedutor de Brynne.

— Apesar de o lugar chamado Miss Edna's parecer não existir mais — disse Ottavio —, consegui encontrar uma pessoa ou duas que já tenham ouvido falar de lá. Estavam relutantes em conversar sobre o assunto. Pareciam nervosas, até mesmo com medo, e se recusaram a contar muita coisa.

Tenho certeza de que não teve nada a ver com a atitude ameaçadora dele. Desanimada, espetei uma salsicha e a coloquei no prato.

— Sei que falou com Tallis. Você encontrou Tante Marie? — perguntou River, querendo saber de alguns dos seus antigos amigos imortais.

— Falei com ela. Tante tem ouvido boatos perturbadores sobre magick Terävä sendo feita, magick grandiosa e perigosa. Estava na Inglaterra em visita à família. — Irritado, Ottavio salpicou sal na aveia, como se fazia antigamente.

— Que tipo de magick grandiosa e perigosa? — insistiu Daisuke.

Ottavio pareceu frustrado.

— Ninguém parece saber. A analogia mais próxima que consigo fazer é a de que parece alguém estocando armas. Alguém, ou um grupo de pessoas, parece estar reunindo poder por meios escusos. Mas não consigo informação alguma sobre quem ou por quê. E você soube de Simon? — Isso foi direcionado a River.

Ela assentiu.

— Simon é um amigo nosso do Canadá — explicou ela. — Ele não é de nenhuma casa, mas já é velho e muito poderoso. Foi atacado, mas conseguiu se livrar dos agressores.

— Ele os reconheceu? — perguntou Rachel.

River balançou a cabeça, parecendo preocupada.

— Ele disse que não conseguiu nem perceber se eram humanos.

— Espere... não conseguiu nem perceber se eram humanos? — perguntei. — Afinal, que outras opções temos? Eles tinham de ser imortais, ou seja, humanos. Ele não pode ter sido atacado por ietis ou alienígenas, certo? — Nem fantasmas.

River e Ottavio trocaram um olhar, e eu pensei: Ah, meu Deus, existem *alienígenas* e ninguém nunca me contou. Talvez *nós sejamos* alienígenas. Talvez todos os *imortais* sejam...

— Não eram necessariamente humanos — justificou Ottavio, com relutância.

— O quê? — Brynne pareceu sobressaltada.

— Há coisas piores que humanos — disse Joshua, encarando seu prato.

— Tudo bem, vocês estão me apavorando — confessou Brynne, colocando o garfo na mesa e cruzando os braços.

— Nem todo mundo acredita neles — disse River, com um pouco de impaciência.

— Espíritos do mal — revelou Roberto, sem parecer preocupado. Ele colocou mais aveia na sua tigela e pegou a manteiga e o sal. — Coisas que não estão mortas nem vivas. Sempre houve contos de fadas sobre pessoas do mal se envolvendo com eles, obrigando-os a fazerem o que queriam. Ou sobre os espíritos do mal subjugando os parceiros humanos.

— Essas coisas? — disse Brynne. — Está dizendo que são *reais*?

River fez um gesto de impaciência com a mão, como se desejasse que Ottavio não tivesse dito nada. Ela deveria estar acostumada a se sentir daquele jeito.

— Não são reais — afirmou Solis, com firmeza. — Ninguém nunca disse que eram.

River olhou para ele.

— Jamais conheci alguém que acreditasse que fossem reais.

Todos reconhecemos que isso não negava a existência deles.

— Nosso perigo vem de pessoas reais — assegurou Daniel.

— Concordo — disse Asher. — Não precisamos atribuir esses trabalhos malignos a seres desconhecidos. É uma pessoa, ou pessoas, humana o bastante para ter ganância e fome de poder.

Naquele momento, a porta da cozinha se abriu. Todos erguemos o olhar, surpresos, e vimos Anne ali de pé, pálida e abalada. Nem havia percebido que ela não estava no café da manhã.

— Tudo que plantamos está morto — disse ela simplesmente. — E não foi por causa da geada. Tudo na estufa, todos os meus brotos. Todas as ervilhas e repolhos precoces nas jardineiras fechadas. Até as sementes que plantei em bandejas no grande celeiro.

— Por quê? O que aconteceu? — perguntou Lorenz.

— Isso não é tudo — continuou Anne, sem responder a pergunta. — No porão temos sacas de cenouras, nabos e batatas; todas as coisas que armazenamos ali durante o inverno. Estamos no final do estoque, felizmente, porque o que sobrou está podre, cheio de vermes.

— Peguei batatas ontem à noite — disse Jess, com voz rouca. — Estavam ótimas.

— E eu peguei abóbora-manteiga alguns dias atrás — murmurou Anne. — Estava tudo bem. Isso só pode ter acontecido ontem.

— Mas e nosso feitiço de proteção? — perguntei. — Aquele feitiço de proteção tão poderoso? Como alguma coisa conseguiu passar? — Ah. Porque talvez eu tivesse estragado, enfraquecido o feitiço.

— Acho que nada conseguiria passar — disse Asher. — Talvez isso tenha começado um tempo atrás. Antes do feitiço.

— O feitiço não destruiria as coisas anteriores? — indagou Amy.

— Talvez não — admitiu River, parecendo horrorizada. — O feitiço que elaboramos era para afastar o mal, proteger cada coisa de outros feitiços, a partir do segundo em que terminássemos. De alguma forma, inacreditavelmente, nem pensei em inserir algum ponto retroativo. Então, se havia um feitiço em nossas sementes e brotos, é provável que nosso círculo não o tenha neutralizado.

Bem, nesse momento senti vontade de ir para a cama e ficar ali. Durante semanas.

No fim das contas, nem a cama se mostrou o refúgio de consolo e calor que era de se esperar. Naquela noite, fomos acordados por luzes piscando, sirenes e um megafone nos mandando sair devagar e com as mãos ao alto. (Sim, eles realmente disseram isso.)

Eu estava sentada na cama, ainda grogue e me perguntando que diabos estava acontecendo, quando Reyn entrou de forma abrupta pela minha porta com os olhos arregalados.

— O que foi? — perguntei, totalmente desperta de repente. Peguei a calça jeans e a vesti por cima da ceroula que usava para dormir.

— Você está bem — murmurou ele, enquanto passava a mão pelo cabelo já espetado.

Do lado de fora, as sirenes berravam, e eu me perguntei se todos os animais da fazenda estariam apavorados.

— O que está acontecendo? — repeti a pergunta. Calcei os sapatos, e meus colegas de River's Edge passaram pela minha porta seguindo em direção à escada. Logo estávamos no corredor, descendo os degraus correndo enquanto alguém em um megafone nos mandava sair. Era como estar na Segunda Guerra Mundial de novo, e eu conseguia sentir o quanto todos estávamos tensos e ansiosos.

— É um incêndio? — perguntou Anne, inalando o ar.

River abriu a porta da frente lentamente. Ao olhar para além dela, vi que seis ou sete carros patrulha tinham estacionado na grama, perto da casa. Em cada um, havia um policial armado apontando um rifle para nós.

Protegendo os olhos do holofote, River saiu para a varanda. Todos fomos atrás dela e começamos a descer a escada até que um policial gritou nos mandando parar bem ali.

— Quem é o responsável por este lugar? — Um homem que não estava de uniforme deu um passo à frente. Usava um colete à prova de balas por baixo da jaqueta.

— Sou eu — disse River, com voz calma. — Meu nome é River Bennington.

O homem consultou uma prancheta e falou com uma mulher que saíra de um carro comum.

— Quem mais mora aqui? — perguntou o homem.

— Meus colegas professores e os alunos — disse River.

Vários policiais abriram as portas dos carros, e ouvimos latidos excitados. A unidade canina. Aquilo parecia surreal, inacreditável. Ainda não fazia ideia do que estava acontecendo.

— Quantas pessoas estão aqui agora? — O homem consultou a prancheta outra vez.

— Somos doze — respondeu River. — E temos cinco hóspedes.

— Todo mundo está aqui fora? — O homem olhou para nós como se contando.

River se virou e fez o mesmo.

— Sim — confirmou ela. — Estamos todos aqui. Você pode me dizer o que está acontecendo, policial?

— Recebemos um telefonema afirmando que vocês estão mantendo pessoas aqui contra a vontade delas — disse o homem de forma rude. — Mantendo reféns. A pessoa nos relatou pelo menos um assassinato. Disse que o corpo fora enterrado na propriedade.

River fez uma expressão de total perplexidade. Ela oscilou, e Asher se aproximou e segurou seu braço.

— O quê? Quem relatou isso? É ridículo!

— Sinto muito, mas precisamos fazer uma busca no local — informou o homem, sem parecer sentir muito.

River se sentou no degrau de baixo da escada da varanda, quase como se não conseguisse mais ficar de pé. Três unidades caninas diferentes se posicionaram; uma para dentro da casa, e as outras para o pátio lateral e na direção dos fundos, onde ficavam os celeiros.

Nós também nos sentamos, e um juiz não teria dificuldade alguma em nos dar o troféu de "expressão mais chocada".

— Isso é ridículo — falei, ecoando as palavras de River. — Quem diria uma coisa tão absurda?

— Não sei. — River pegou um xale e o apertou ao redor dos ombros. — Mas acho que, quando a polícia recebe uma denúncia assim, é seu dever verificar. Eles não podem arriscar não conferirem caso seja verdade.

— Se for algum local querendo causar confusão, quero saber quem foi — disse Ottavio.

— Você não é o único — murmurou Reyn. Ele se sentou perto de mim, sólido e quente, e lembrei-me do quanto era forte, do quanto era capaz de lidar com qualquer coisa, até policiais malucos.

Asher se lembrou de Molly e Jasper no celeiro e pediu permissão para lhes colocar as coleiras, de forma que não interferissem com os cachorros da polícia.

— Cadê Dúfa? — perguntei a Reyn.

Reyn apontou para os pés, e vi a familiar cabeça branca, os olhos com contornos rosados. Ela estava espiando por entre as pernas dele e rosnando baixinho para a polícia.

— Isso é tão estranho — disse Brynne, se encolhendo para se aquecer. Tinha puxado as pernas longas e nuas para mais perto e tentou cobri-las com o casaco.

Vários pensamentos ruins surgiram em minha mente naquele momento, como *E se Incy tinha matado alguém e enterrado o corpo em algum lugar por aqui?* Coisas assim.

Eles demoraram quase duas horas para percorrer cada centímetro da propriedade. Por fim, depois de confabular com a mulher, o homem foi até River, sua postura bem mais conciliatória.

— Sinto muitíssimo, senhora — disse ele. — Obviamente, foi um alarme falso.

— Você consegue descobrir quem foi? — River estava calma e demonstrando dignidade.

— Acredite, vamos procurar saber — disse ele. — Sabemos que o telefonema foi dado de um celular da área. Vamos triangular a posição.

— Então alguém ligou e disse que estávamos matando gente aqui? — Ainda não conseguia acreditar.

— Sim — confirmou o homem. — Não só para nós. Ligaram para o FBI também. — Ele indicou a mulher, que estava falando no celular. — Conseguem pensar em alguém que gostaria de causar mal a vocês? Alguém que armaria uma coisa assim?

Lentamente, River balançou a cabeça.

— Na verdade, não consigo pensar em ninguém. Aqui é apenas uma escola, uma fazenda orgânica. Nada controverso. Sempre nos demos bem com todo mundo em West Lowing.

O homem assentiu.

— Vou perguntar por aí. Vamos investigar isso, são acusações sérias. Você poderia processar a pessoa por difamação. E nós poderíamos acusá-la de denunciação caluniosa.

River assentiu.

— Podemos entrar agora?

— Sim, senhora. Sinto muito mesmo, mas a senhora entende que precisávamos investigar uma acusação séria como essa.

— Sim, é claro — disse River ao se levantar.

Depois de toda a excitação, achava que não conseguiria mais dormir, porém assim que minha cabeça encostou no travesseiro, apaguei e tive sonhos estranhos e sombrios dos quais não consegui me lembrar quando acordei.

CAPÍTULO 19

Com Ottavio de volta, ele e River ampliaram a busca por respostas, e os víamos com frequência estudando antigos livros, mapas e gráficos de vários tipos. Eu estava curiosa para saber o que tanto procuravam, mas, ao mesmo tempo, relutante em me deixar envolver. Estava comprometida a encarar as coisas difíceis então, o que não significava ter de encarar tudo o que era difícil o tempo todo.

Meu projeto adjunto estava indo bem. É claro que não havia um viveiro de plantas em West Lowing. Precisei viajar 32 quilômetros até Wintonville para comprar plantas que sobrevivessem ao rigoroso inverno. Comecei a orientar Harv e a equipe sobre onde colocar o que, mas ele estava se coçando para criar um oásis urbano com, sei lá, rododendros. Então deixei-o cuidando disso e voltei para dentro da loja, onde estava quente.

Mas, por fora, eu aparentava estar satisfeita com minhas lojas, agora quase prontas. Tinha sido um bom projeto para mim. E seria bom para aquela cidade simples também. Tornei isso tudo possível. Foi minha ideia. E, apesar de eu odiar demonstrações pessoais de gratidão, acabou sendo uma coisa boa. Tinha feito por mim, mas não era ruim estar ajudando um monte de gente.

E o que estava me impedindo de fazer o mesmo em outro lugar? Havia outros prédios abandonados ali e também em cidades vizinhas. E até mesmo em cidades grandes. Podia fazer melhorias numa variedade de lugares.

Um trabalhador de pé na minha frente, com o polegar sangrando, me tirou do devaneio feliz.

— Eca. O que aconteceu?

— Prendi a unha na serra de mesa. Ela está pendurada. O kit de primeiros socorros está sem band-aid.

— Ai. Tudo bem...

— Pavel.

— Tudo bem, Pavel. Vá lavar isso com sabonete enquanto vou até o outro lado da rua. Volto já. Você tomou antitetânica recentemente?

Pavel, já a caminho da pia, assentiu.

— E não deixe pingar sangue no meu piso.

— Sim, senhora.

Corri até o outro lado da rua para a MacIntyre's. Uma olhada no relógio mostrou que eram apenas 14h30, então Meriwether ainda estaria na escola. No corredor de primeiros socorros, peguei uma enorme quantidade de Band-aids, daqueles bons que não desgrudam, e fui até os fundos. Não havia como evitar, o Velho Mac teria de me atender.

E ali estava a Sra. Philpott, na bancada dos fundos, conversando com ele. Quando me aproximei, ouvi-a murmurar alguma coisa, o tom de sua voz revelando que ela queria rir, e então... o Velho Mac sorriu. Sorriu com sinceridade, enrugando o canto dos olhos. Parei onde estava e fiquei olhando. Ele parecia tão normal quando sorria. Era incrível. Era como um terreno baldio horroroso que a Sra. Philpott estava reformando.

Ele não pareceu feliz em me ver, mas não fez a cara feia que fazia antes. A Sra. Philpott falou:

— Oi, querida.

Eu também disse oi. Ele somou meu total, eu paguei, atravessei a rua, ajudei Pavel a colocar a unha no lugar e pus vários Band-aids por cima.

Na manhã seguinte, tinha a tarefa de pegar os ovos. Quando me abaixei com os olhos cansados para passar pela porta do galinheiro, quase pisei em uma

galinha imóvel e gelada. Dei uma olhada rápida e vi várias outras galinhas mortas no chão e algumas mortas nos próprios ninhos. Não havia sinal de luta, como com uma raposa ou cobra. Só aves mortas. Fui falar com River.

— Chamei a veterinária — disse ela baixinho, enquanto observávamos o galinheiro.

Eu tinha colocado luvas de borracha e estava recolhendo as aves mortas e as colocando em uma caixa de papelão. A veterinária verificaria a presença de doença ou parasitas, mas eu achava que não encontraria nada. Para mim elas tinham sido mortas por magick, e tinha quase certeza de que River pensava o mesmo.

— Não consigo acreditar que o feitiço não funcionou — falei, frustrada. — Pareceu tão poderoso...

E me lembrei de repente que talvez isso fosse minha culpa, porque entrei sem receber um sinal de verdade. Parei segurando a décima quarta galinha na mão acima da caixa. Uma coisa era achar isso, outra era ver os efeitos, todas aquelas aves mortas sem necessidade. Coloquei a galinha na caixa lentamente, empilhada em cima das outras, enquanto tentava manter o rosto o mais neutro possível. Eu me virei como se para procurar mais galinhas, andei até o fundo do galinheiro e olhei para o chão com as bochechas ardendo.

— Vou esperar Sharon na entrada — disse River e saiu. Eu me encostei na parede de madeira com a mente em disparada e o peito apertado. Queria voltar para o ar fresco e ir para longe do cocô, das penas e da morte das galinhas, mas precisava aceitar: *eu* era o motivo para o feitiço de proteção não ter funcionado. Estávamos todos confiantes que o incrível, poderoso e belo feitiço que River criou estava nos mantendo dentro de um casulo aconchegante de segurança.

Só que. Só que eu estava lá naquela noite. Eu me adiantei e juntei minha voz às outras, misturei minha magick à delas à força.

Minha magick. Que eu canalizei por meu amuleto.

Deslizei até o chão com o coração disparado. Minha magick não me parecera das trevas, mas tinha praticado tão pouco na vida... será que conseguiria

diferenciar? River tinha certeza de que o tarak-sin da minha família poderia ser usado tanto para o bem quanto para o mal. Parecia bem mais provável que tivesse sido feito para ser das trevas, destinado por um artesão Terävä a sempre criar magick Terävä.

Não recebi um sinal; tinha forçado minha entrada e estraguei todo o feitiço de proteção, todo o trabalho de River, o esforço de todo mundo. Até aquele momento, havia sido apenas uma ideia, um medo nebuloso. Mas então, no galinheiro, parecia horrivelmente real. Aquela experiência linda, ambiciosa e cheia de assombro foi por nada.

Eu me senti enjoada.

Respirando rápido e superficialmente, peguei a caixa de galinhas mortas e saí do galinheiro. O carro de Sharon, a veterinária, estava entrando na propriedade, os pneus da picape esmagando pedrinhas cobertas de gelo. Meu medo e minha consternação fizeram minhas mãos tremerem enquanto a observava.

River ainda estava mais preocupada com as galinhas. Se ela viu ou sentiu alguma coisa estranha em relação a mim, provavelmente achou que eu também estava aborrecida com os acontecimentos. Ela pegou a caixa da minha mão, e eu fugi.

Fiquei extremamente aliviada ao ouvir que nenhum dos outros animais parecia ter sido afetado: os cavalos, as vacas, os bodes e poucas ovelhas de River estavam bem. A veterinária daria uma olhada neles, só para garantir.

Vi Molly e os filhotes que restavam correndo atrás dela, e também Jasper, o corgi que ajudava a pastorear os animais menores, mas meu coração ficou entalado na garganta até eu me deparar com a imagem alta e corpulenta de Reyn e o cachorrinho desajeitado de pernas compridas ao lado dele.

Graças a Deus minhas trevas não mataram Dúfa.

Vários dos veículos da fazenda não estavam ligando. Solis culpou a última onda de frio. Àquela altura do ano, talvez o anticongelante tivesse parado de funcionar. É, também me pareceu uma péssima desculpa.

Não conseguia encarar ninguém e não queria ouvir todas as possíveis teorias. Eu precisava descobrir o que fazer, como contar para River. Por fim, consegui fazer o carrinho surrado pegar e dirigi até a cidade. Todas as outras pessoas ficaram em River's Edge para tentar desvendar o que estava acontecendo.

Quando vi Bill me esperando no meio-fio com o rosto sombrio, me perguntei desesperada: O que foi agora?

— O que aconteceu? — perguntei, me preparando para alguma coisa, tipo, metade da equipe ter caído e quebrado o pescoço ou alguém ter serrado um braço sem querer.

— Lá em cima — disse ele.

A porta de um dos quatro apartamentos tinha sido arrombada, a maçaneta nova de metal e o batente da porta estavam quebrados. Com o coração quase pulando para fora do peito, abri a porta e sufoquei um grito ao ver um corpo deitado no chão. Mas, de repente, ele gemeu e se mexeu de leve. Foi quando reparei nas garrafas de cerveja, nas latas vazias, nos cigarros apagados em um piso que tinha acabado de ser lixado e encerado.

Tomada pela fúria, segui em frente e encontrei mais duas pessoas dormindo na alcova vazia da sala de jantar. Bill me seguiu do pequeno corredor até o quarto, onde duas garotas vestidas apagaram em sacos de dormir.

Uma delas era Dray.

Eu me virei e saí batendo os pés, com vontade de gritar, expulsar aos chutes todas aquelas pessoas e berrar nas caras de ressaca delas. Fechei a porta do apartamento depois de entrar e me encostei na grade, tentando controlar minha raiva.

— Seus punks idiotas — disse Bill, com a voz cheia de nojo.

Lembrei de Dray fazendo aquelas bijuterias legais que ia vender na loja de Luisa. Como ela ousava invadir um dos meus novos apartamentos, um novinho em folha, todo fofo e arrumado! Com uns amigos idiotas! Sentimentos de traição e mágoa queimaram meu estômago.

E lembrei com uma vergonha perfurante que fizera exatamente a mesma coisa mais vezes do que conseguia me lembrar, só por diversão. Meus amigos e eu tínhamos dinheiro, podíamos ficar em qualquer hotel, mas às vezes parecia ser mais divertido invadir uma casa, a casa de algum amigo, e fazer uma festa ali. A sensação era de travessura, ousadia e humor. Os donos nos pareciam uns babacas metidos e materialistas por se importarem e ficarem zangados.

Eu tinha acabado de entrar para aquele clube. O carma era um filho da mãe.

Empertiguei os ombros e segui escada abaixo.

— Onde tem um balde?

É, o carma era um filho da mãe. Na minha época, vivenciei a distinta infelicidade de ser acordada por um balde de água fria na cara e, naquela manhã, compartilhei a lição com Dray e seus amiguinhos. Foi satisfatório para caramba. Nem me lembro das coisas que gritei, das palavras de raiva que ela berrou em resposta. Dray sabia que tinha feito besteira, então isso a colocava um passo à frente de onde eu estava na última vez que fiz isso. Não reconheci minha culpa até... hum, talvez até aquela manhã.

Ela ficou constrangida e furiosa, eu estava furiosa e furiosa, e empurrei o amigo de Dray colocando-lhe minhas botas nas costas quando estava descendo a escada, desajeitado, com frio e encharcado. Os cinco poderiam ter sido até mais hostis, mas ter de sair passando por uma equipe de operários furiosos cujo trabalho eles tinham estragado fez com que perdessem grande parte da coragem.

Fiquei feliz pelo dia seguinte ser sábado.

CAPÍTULO 20

Um dia em que acordávamos sem encontrar algum animal morto ou círculo queimado ao redor da casa era um bom dia. Eu nem me importava de cuidar dos cavalos; meu medo de lidar com eles nem se comparava ao de encontrá-los mortos.

Após prender Sorrel na viga no alto do corredor do celeiro, peguei a rineta para casco e fiquei de pé perto do flanco dianteiro. Passei delicadamente a mão ao longo da sua perna e bati na parte de trás, e ela levantou a pata, obediente. Eu tinha repetido isso incontáveis vezes, então nem precisava pensar muito enquanto passava a mão na parte sensível do casco e depois começava a limpar a terra e os detritos de baixo da ferradura.

Ficar sabendo ontem sobre o feitiço de proteção foi como um soco no estômago.

Então, ao fazer esse trabalho mecânico e repetitivo, meu cérebro mais uma vez se encheu de arrependimento por saber que coloquei tudo e todo mundo ali em perigo. Era horrível.

A questão é a seguinte: não fiz de propósito. Quero dizer, eu me juntei ao feitiço de propósito, sabendo que não recebi sinal para fazer isso. Mas não entrei para *estragá-lo.* Eu me imaginei contando a River, visualizei a consternação que surgiria nos seus olhos castanhos. Em seguida, visualizei a compreensão, o perdão.

Depois de todos aqueles meses, agora *sabia* que seria perdoada. *Sabia* que ela não me expulsaria.

Mas ficaria decepcionada comigo.

Eu estava constrangida, mais que isso. Odiava provar que os irmãos dela estavam certos. Tinha medo de que me mostrassem que eu estava correta sobre meu tarak-sin só gerar magick das trevas.

Um nariz pequeno e molhado surgiu entre meus joelhos, seguido de uma cabeça branca.

— Dúfa, sua boba — murmurei, sem poder soltar o pé de Sorrel para lhe fazer carinho. — Vá para longe dessas patas de cavalo.

— Dúfa — chamou Reyn, e deu um breve assovio. Ela me largou imediatamente e correu para o amado. Crescera bastante de repente, mas continuava desconjuntada e estranha com aquelas pernas compridas e retas.

Ao erguer o olhar, vi Reyn segurando um forcado para limpar as baias. Ele estava usando uma surrada calça cinza de veludo enfiada para dentro de galochas e uma das suas camisas de flanela xadrez. Vi um pedaço de camiseta azul por baixo do colarinho. Percebi que sua pele tinha um bronzeado leve; obviamente, eu sabia disso. Mas acabava de me dar conta de que estávamos no final do inverno, e ele com um leve bronzeado. De forma que essa devia ser sua cor natural de pele. No corpo todo.

Eu me inclinei para executar minha tarefa, mas aquele casco estava limpo e fui obrigada a deixar Sorrel baixar a pata.

Reyn apoiou o forcado em uma divisória de baia, se inclinou e fez carinho atrás da orelha de Dúfa. Os olhos dela derreteram de adoração.

Meu coração inchou de uma maneira assustadora. A imagem do homem lindo, do cachorrinho esquisito, do amor entre eles... senti como se tivesse sido atingida no peito. Engoli em seco e bati na pata de trás de Sorrel, que se ergueu. Fiquei grata por ter essa desculpa para esconder o rosto.

Eu estava mesmo me apaixonando por ele. Que percepção apavorante. Uma montagem de cenas cheias de Reyn surgiu em minha mente: nossa dança

antiquada na loja vazia, os amassos na picape, os amassos no palheiro, os treinos com espadas, a comida mexicana... Reyn zangado, frio, brincalhão, leve, gracioso, exigente. Tossi para encobrir o gemido que crescia dentro de mim.

— Olhe. — Ele tinha conseguido se aproximar sorrateiramente de mim enquanto eu delirava no meu devaneio.

Soltei o casco de Sorrel.

— O quê?

Ele apontou para Dúfa, de pé e alerta no corredor do celeiro. As orelhas frouxas estavam atentas, a boca, aberta no que só podia ser descrito como um sorriso.

— Sim — falei. — É tão fofa que chega a doer.

— Não, *olhe*. — Sem dizer uma palavra, Reyn fechou a mão direita e sustentou-a horizontalmente ao chão. Dúfa se sentou, com os olhos fixos nele.

Ele abriu o punho e esticou a mão, com a palma para baixo. O filhote se deitou com a barriga no chão. Quando Reyn fez um pequeno movimento, ela se esticou ainda mais, deitou a cabeça nas patas da frente e ergueu as sobrancelhas para continuar olhando para ele.

Quando Reyn se virou para mim e sorriu, orgulhoso, o celeiro pareceu ficar um pouco mais iluminado.

— Muito legal — falei. — Não consigo acreditar que ela aprendeu isso tudo. É tão nova.

Reyn chamou Dúfa dobrando a mão para cima. Ela deu um pulo como se estivesse apoiada em molas e correu para ele, balançando o rabo comprido.

— Ela é uma menina esperta — disse ele, acariciando a cabeça da cadela.

Esperei a inevitável comparação comigo, a que me deixava em segundo lugar, mas não houve nenhuma desta vez. O aroma maravilhosamente familiar da camisa dele chegou a mim, e, como sempre, caí de amores pelo seu encanto. Olhos dourados e escuros observaram os meus, e tentei manter pelo menos parte da minha fome longe do rosto.

— Gosto de ver você com os cavalos — disse Reyn.

Fiz uma careta. Ele sabia o que eu achava dos cavalos.

— Você aprendeu a cavalgar quando era pequena. — Foi uma afirmação, não uma pergunta.

Olhei para longe, sem querer tocar no assunto.

— Com ou sem sela? — Reyn? Irritantemente persistente? Mas é claro.

— Sem sela.

E então, lógico, fui tomada por lembranças minhas e de minha irmã Eydís equilibradas nas costas nuas de nossos cavalos em movimento, para ver quem conseguia ficar mais tempo em pé. (Eu.) Nós apostávamos corrida na parte plana perto do vapor dos gêiseres, segurando nas crinas dos cavalos e agarrando seus flancos com as pernas. Eu era melhor que Eydís, e, quando fez 12 anos, pouco antes de morrer, ela decidiu que estava velha demais para cavalgar como um garoto, com as saias compridas puxadas para cima.

Mas eu adorava. Sempre amei cavalos. Queria poder ter um imortal.

Reyn esticou a mão e roçou-a de leve pelas minhas costas enquanto eu tentava impedir meu lábio de tremer. Inspirei fundo, mantendo o controle, sem olhar para ele.

— Compartilhamos a mesma história — disse Reyn baixinho. — Entendo você, quem você é. E você me entende.

Mantive os lábios bem apertados. À minha direita, um dos gatinhos do celeiro estava se aproximando do rabo em movimento de Dúfa. Isso seria divertido.

Mas logo Reyn estava segurando de leve meu queixo, e fechei os olhos, ficando impotente quando seus lábios tocaram os meus. Estávamos de pé no meio do corredor do celeiro, e qualquer um que entrasse poderia nos ver. Mas me perdi no seu calor e conforto, e todos os pensamentos perturbadores sumiram.

Um latidinho repentino e agudo seguido de um sibilar baixo fizeram com que nos afastássemos. Dúfa tinha ido para cima do gatinho, que estava escalando com destreza e rapidez uma parede do estábulo sob o olhar interessado de Geoffrey, o cavalo favorito de Reyn.

— Dúfa — chamou ele.

O cachorrinho ficou dividido, pois sem dúvida o gato merecia justiça, mas seu amado a estava chamando... No final, mesmo relutante, ela deixou o gatinho de lado e foi se sentar com desânimo na frente de Reyn.

— Boa menina — murmurou ele.

Ele se virou para mim, e o calor do seu peito ainda me confortava.

— Um armário, a despensa, o palheiro, o bosque, o celeiro. Por que não podemos fazer isso em um lugar normal?

— Normal?

— Como no meu quarto — disse ele, baixinho. Um tremor delicioso percorreu minha espinha. — Ou no seu. Ou em um quarto de hotel.

Então, olhei para ele. De alguma forma, o fato de sempre nos encontrarmos em lugares estranhos fazia parecer menos importante, menos premeditado. A ideia de realmente *planejar* ficarmos juntos parecia muito mais séria. Meus sentimentos por ele também estavam ficando mais sérios. Tentei sufocar o pânico crescendo em mim, pois sabia que ainda era péssima em relacionamentos.

Ao meu lado, Sorrel se moveu e puxou um pedaço da corda que a prendia.

— Preciso terminar isso — avisei, sem fôlego. Você é a maior covarde do mundo.

Reyn me lançou um olhar que ecoava minha avaliação particular interna e me dizia que meus dias de covardia estavam contados. Terminei de cuidar dos cascos de Sorrel e a escovei até seu pelo ficar macio e perfeitamente limpo. Quando a temperatura subisse um pouco, ela perderia boa parte do pelo grosso de inverno, e a pelagem de verão seria macia o bastante para brilhar.

Os cavalos que meu pai tivera foram grandes cavalos de guerra, ainda mais corpulentos que Titus, e não tão gentis quanto ele. Meu pai também tivera alguns "cavalos de damas" para que mulheres e crianças pudessem cavalgar. Uma vez, tentei subir em Djöfullinn, o cavalo do meu pai. O nome dele significava "diabo", de modo que você não vai ficar surpreso em saber que mal cheguei às costas largas quando fui derrubada no chão sem fôlego algum. Eu me lembro de tentar inspirar, incapaz de me mover enquanto os cascos enormes de Djöfullinn batiam

nervosamente ao redor da minha cabeça. Um dos homens do meu pai me pegou, me levantando por um braço para me tirar de perto das patas fortes do cavalo. E, então, contou para meu pai, e levei uma surra de vara de bétula. Com os hematomas da queda, o braço quase arrancado pelo puxão e o traseiro surrado, fiz as refeições de pé durante uma semana.

Mas meu pai amava aquele cavalo e só ele podia cavalgá-lo, para ir a batalhas, festivais, corridas no vilarejo, caçar com seus homens. Faðir estava montado nele no dia em que seu irmão chegou, meu tio Geir. Saíram cavalgando juntos, mas só meu pai e os homens dele voltaram. Apenas recentemente me dei conta de que meu pai devia ter matado o irmão, pela velha forma dos imortais, para ficar com seu poder.

Parei com a escova na mão enquanto os pensamentos enchiam meu cérebro. O que Faðir tinha dito? Que eles foram caçar, que Geir insistira em apostar corrida, mas não sabia que o bosque acabava de repente em um penhasco... então será que Faðir o perseguiu até um penhasco? Ou o matou e depois jogou o corpo no penhasco? Meu coração se apertou dolorosamente com a lembrança, e percebi que meu pai devia ter matado os cavalos também. Meu Deus.

Tio Geir.

Meu tio... o estandarte com os cinco ursos pretos...

Jess entrou no celeiro carregando baldes de aveia. Dei um pulo.

— Jess... me faça um favor, coloque Sorrel de volta na baia? Obrigada!

River estava na sala, tomando chá com o quarteto divertido. Hesitei na porta, meu cérebro zumbindo.

— Sim, Nastasya? — disse River. — O que foi? Quer tomar chá conosco?

É, como se isso fosse acontecer.

— Hã, acabei de pensar numa coisa — falei. — Queria saber se posso conversar com você. Sozinha?

Ottavio pousou a xícara na mesa, ofendido.

— Não há segredo entre nós.

Olhei para ele com pena.

— Você não acredita nisso de verdade, não é?

River já estava se levantando.

— Vamos lá para cima.

— Seja lá o que for que tenha a dizer pode falar na frente de todos nós — insistiu Ottavio.

River revirou os olhos para ele e pegou meu braço.

Sentadas na minha cama, contei para ela a história de tio Geir, que era o único tio do qual ouvira falar. Mas eu me lembrava vagamente de ter ouvido meu pai dizer alguma coisa sobre os cinco ursos pretos no estandarte da família, que eles representavam cinco irmãos. Talvez quisesse dizer cinco irmãos de bem antes da época dele, mas pode ser que ele já houvesse tido quatro irmãos. O que Geir dissera? Que era o único que sobrara? A lembrança não era clara. Havia sido muitas vidas antes. Obviamente. Eu tinha o quê, uns 7 anos?

— Agora há pouco, escovando Sorrel, acabei pensando nos cavalos do meu pai e na forma como ele se livrou de tio Geir e dos homens dele. Ele voltou para casa sem o irmão, dizendo que Geir tinha caído de um penhasco.

River ouviu com atenção, como sempre, sem nunca desviar os olhos do meu rosto.

— Sempre acreditei que tio Geir morreu havia 450 anos. E que ele era meu último tio. E era provável que fosse. É quase certo. Mas... e se ele não tiver sido morto da forma correta? Tipo, e se Faðir rasgou a garganta dele, mas não cortou a cabeça completamente, e então ele caiu do penhasco... — Sim. Foi dessa família que eu vim. — E se não estivesse morto de verdade, entende?

River assentiu devagar.

— Ele precisaria de tempo para se curar, talvez até de anos, e quando pôde voltar para se vingar, todos já estavam mortos — falei. — Ou... e se ele não era o último tio? Não faço ideia se havia outros, quando ou mesmo se foram mortos.

— Mas Geir ou qualquer outro irmão não apareceria em algum momento nos últimos 400 anos para reivindicar o trono da Islândia? — perguntou River. — O mundo inteiro acreditava que toda a casa da Islândia tinha sido morta. Ninguém

sabia que havia uma sobrevivente. Você não acha que com certeza Geir teria aparecido para retomar o poder que era dele por direito?

— Humm. Acho — admiti. — Sem dúvida. Não consigo imaginar nenhum motivo que o levaria a não fazer isso. Não sei, foi só um pensamento estranho que tive, e, então, me lembrei da visão que tive da procissão enquanto meditava. Não sei. Mas você está certa, se tivesse sobrado mais alguém, essa pessoa já teria assumido o poder tempos atrás.

Suspirei e me encostei na parede.

— Só quero saber quem está por trás de tudo isso — falei, com insatisfação. — Tipo, será que *poderia* ser alguém que pensávamos estar morto? Alguém da casa russa? Ou da casa da Líbia? Mas por que a pessoa estaria atacando todo mundo agora? Não entendo. — Puxei a barra do cobertor, frustrada.

— Eu sei — disse River. — É praticamente a única coisa em que penso, em tentar resolver isso, tentar entender. Fiz tudo que sei para revelar quem está por trás disso...

E de novo veio o pensamento vibrante e indesejado de que minha magick tinha arruinado o feitiço de proteção. E pode ser que até outros feitiços também. Talvez a minha simples presença, ou a existência do meu amuleto, estivesse deturpando a magick em toda aquela área.

— O que foi? — perguntou River.

Balancei a cabeça.

— Nada. Só estou considerando todas as possibilidades.

Se ela me pressionasse, eu duraria uns trinta segundos. Odiava mentir para ela; minha vida tinha ficado bem mais simples agora que não precisava lembrar e sustentar uma longa lista de mentiras. Na verdade, estava abrindo a boca para confessar tudo quando ouvimos a campainha tocar lá embaixo. Quase ninguém fazia isso; nós não recebíamos muitas visitas, e a caixa de correio ficava no começo da propriedade, longe da casa.

Lorenz gritou:

— Nastasya! Pacote para você!

River e eu nos olhamos, surpresas.

— Você fez alguma encomenda de sapatos? — perguntou ela.

— Quem me dera.

Lá embaixo, encontrei uma caixa branca quadrada de tamanho médio na mesinha estreita ao lado da porta de entrada. A assinatura de Lorenz comprovava que ele a tinha recebido das mãos do entregador.

— É pesada — constatei ao levantá-la. — Não dá para ver de quem é... o remetente está manchado.

— Espere... — disse River. Rapidamente, ela deu um passo à frente e passou os dedos na caixa com os olhos fechados.

— Está sentindo alguma coisa? — perguntei baixinho.

Ao abrir os olhos, ela franziu a testa.

— Não sei. Acho que não. Eu... — Ela balançou a cabeça. — Mesmo assim, você se importaria de abrir aqui, na minha frente? Para o caso de não ser... benigno?

— Não, claro que não — respondi. — Espero que seja chocolate. Uma quantidade de barrinhas Snickers suficiente para durar vários meses.

O cheiro nos alcançou assim que cortei a fita adesiva. Intrigada, empurrei jornais amassados para o lado e...

Meu cérebro demorou vários segundos para processar o que eu estava vendo. Era Incy? Incy em uma caixa? *O quê?*

— Minha nossa — disse River, com a voz falhando.

E, então, tive um estalo e percebi que estava vendo a *cabeça* de Innocencio em uma *caixa* que tinha sido enviada para mim. Alguém tinha me mandado a *cabeça* dele.

Minhas mãos largaram a caixa como se ela estivesse pegando fogo, e eu cambaleei para trás. A verdade me atingiu como um tiro: é a cabeça de Incy é a cabeça de Incy então ele deve estar morto Incy está morto e alguém *mandou* a *cabeça* dele para mim...

Foi demais. Perdi a sanidade. Olhei para River e vi o rosto dela ficar mais opaco, como o final de um túnel comprido e escuro. Nem me lembro de ter caído.

Alguém segurava minha mão. Não, alguém estava batendo na minha mão com firmeza. Alguém segurava minha cabeça, ajeitando meu cabelo. Eu estava em uma superfície dura. Minha cabeça doía como se eu a tivesse batido.

— Querida. — Era a voz de River. — Pobrezinha.

Engoli em seco.

— O quê? — Tendo de me concentrar, consegui abrir os olhos, ergui o olhar e vi um círculo de rostos acima de mim, todos demonstrando uma preocupação solene. Rachel e Lorenz estavam ali, ainda usando os aventais da cozinha. — O que aconteceu? — Minha voz estava rouca.

Tudo voltou como um trem de carga abrindo caminho na minha consciência, um novo horror que fez meus olhos se arregalarem e se fixarem no rosto de River.

— Ai, meu Deus. Ah, não.

— Sim, querida — disse ela, com uma expressão triste. — Sinto muito.

— Ah, *Deus*. — Tentei me sentar. Roberto estava ajoelhado ao meu lado e passou o braço ao redor das minhas costas. Eu me esforcei para me levantar, mas vi que meus joelhos estavam trêmulos.

Inspirei e expirei enquanto permaneci agachada, tapando a boca com a mão. Procurei Reyn ou Brynne em meio ao grupo, mas eles tinham perdido aquela cena horrível.

— Ah, *Deus*.

— Sinto muito, minha querida — repetiu River.

— Onde está? — Minha voz falhou.

— Na mesa — disse River.

Engoli em seco.

— É... de verdade?

— É, sim, querida. Sinto dizer que Innocencio está morto.

Aquilo não fazia sentido algum. Meu cérebro ameaçou se apagar de novo. Eu estava trêmula, com os sentidos dominados por uma adrenalina nauseante, os

ouvidos captando um lamento agudo que só eu conseguia ouvir.

Andei em direção à caixa.

— Querida, você... — disse River, tocando meu braço.

— Preciso ver. — Talvez fosse falsa. Podia ser que todos nós tivéssemos sido enganados.

Foi o puro nervosismo que impediu a bile de subir pela minha garganta quando minha mão trêmula se esticou na direção da caixa. E ali estava ele de novo. O belo, etéreo e fascinante rosto de Innocencio. Eu o tinha visto quase todos os dias durante cem anos. Ele parecia estar dormindo.

Mas havia sangue seco no forro plástico da caixa e o cheiro me deixou enjoada. Já tinha visto várias cabeças cortadas antes, é claro. Quero dizer, minha própria família. Muito tempo depois, participei da Revolução Francesa. Na verdade, da última vez que tinha visto Incy, a cabeça da minha amiga Katy rolou na minha direção pelo piso sujo de um armazém. Porque ele a havia cortado fora.

— Talvez não tenha sido Innocencio quem matou Louisette — murmurou Asher, e River olhou para ele. — Talvez outra pessoa tenha matado Louisette e sequestrado Innocencio, para depois matá-lo também.

Outra camada de tristeza encobriu-lhe os olhos.

— Sim. É possível. Isso nos enche de novas perguntas, de qualquer maneira. — Ela veio até mim de novo e passou o braço pelos meus ombros. — Sinto muito, minha querida. Acho que talvez seja melhor se deitar. Podemos levar um chá para você.

Ameacei uma risada histérica quando me lembrei de Amy, a irmã de Anne, que brincava dizendo que o chá podia resolver tudo. Incluindo uma cabeça cortada, ao que parecia.

Ficar no meu quarto me deixaria com uma sensação de claustrofobia.

— Acho... acho que quero sair.

Os olhos de River perscrutaram os meus.

— Você não vai deixar a propriedade? — Ela queria dizer *Você não vai fugir, não vai tentar escapar dessa dor? Como sempre faz?*

Minha garganta se apertou. Neguei com a cabeça. Quando saí pela sala de jantar, Solis disse:

— Temos de descobrir de onde veio essa caixa, quem a enviou.

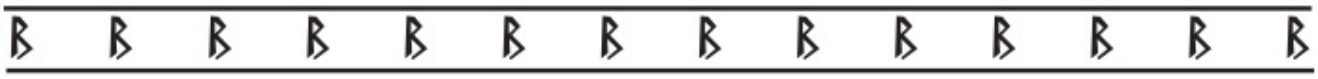
— Deveríamos ligar para a polícia. — Esse foi Charles.

Na cozinha, vi uma refeição meio preparada e abandonada. A porta da cozinha levava para o lado de fora. Como uma sonâmbula, saí da casa... em direção a qualquer lugar.

CAPÍTULO 21

O mundo parecia surreal, as cores meio desajustadas. O sol estava mais quente. A sensação na pele era estranha, como se eu não devesse ser capaz de sentir calor nem nada normal. Estava gelada até os ossos, como se nunca mais fosse me sentir aquecida, como se nem soubesse o que era calor.

Calor... luz do sol...



— *Sea... aí está você.*

Innocencio pulou de uma pedra, aterrissando na areia. Eu estava inclinada sobre a maré baixa, procurando conchas, pedaços de madeira e pedrinhas na areia. Meu traje habitual, um sarongue, estava enrolado no corpo e amarrado no alto com o tecido fino cobrindo meu pescoço; com uma das mãos segurava as duas pontas da bainha e colocava meus achados naquela bolsa improvisada.

Estávamos nas ilhas da Polinésia Francesa havia dois anos. Havia me tornado uma nativa completa: morava em uma cabana na praia e usava pedaços de tecido de algodão local como roupa.

Ergui o olhar.

— Sky, você voltou! — Beijamos as bochechas um do outro três vezes, esquerda, direita, esquerda, e lhe dei um tapinha no ombro com a mão livre. — E

como estava...

— Londres — completou ele, franzindo a testa por eu não me lembrar.

— Foi uma viagem curta! — falei e então vi uma linda conchinha cônica meio enterrada na areia. Eu a puxei e a lavei na água para tirar a areia.

— Passei mais de dois meses longe. — Innocencio-Sky se encostou na enorme pedra e cruzou os braços sobre o terno de linho azul-claro. O tom da voz dele me fez erguer o olhar, e vi pela sua expressão que estava irritado e mais pálido depois de dois meses em Londres. Em... Refleti. Março?

— Então é isso que você anda fazendo? — Ele apontou para meu vestido molhado. — Foi por isso que não quis passar a primavera em Londres? — Ele balançou a cabeça. — Tudo estava florescendo. Você sabe que abril é o melhor mês.

Ah. Abril. Comecei a movimentar as engrenagens do cérebro, tentando chegar à velocidade necessária para ter uma conversa com Incy.

— Estava planejando ir — falei vagamente. — Só perdi a noção do tempo.

Vários anos antes, Incy e eu paramos em Nova York antes de embarcar em um cruzeiro para a Grécia. Nova York sempre fora uma das minhas cidades favoritas, e foi onde nos conhecemos nos anos 1880. Mas, no começo dos anos 1970, a cidade era um buraco. Os Estados Unidos estavam em recessão, e a cidade sofreu muito com isso. Estava suja, malcuidada, com alto índice de violência. Centenas de milhares de pessoas tinham ido morar nos subúrbios ou em outras cidades com economia ligeiramente melhor. Quarteirões inteiros do Upper West Side haviam sido abandonados, uma casa de tijolos marrons do lado de outra fechada com tábuas nas janelas, pichada, usada como abrigo por sem tetos ou traficantes de drogas.

Era horrível ver a cidade daquele jeito, e para ajudar a tirar a imagem dos nossos pensamentos, bebemos uma garrafa de champanhe e fomos para o Metropolitan Museum, na Quinta Avenida. Até o Met pareceu medíocre, enfadonho. É claro que fomos ver os Mestres Antigos, muitos dos quais vi em

atividade quando eram os Mestres Novos. Ou mesmo os Iniciantes Impressionantes.

Fiquei sentada por um tempo em frente a dois quadros de Vermeer, pois a luz nas telas do pintor sempre me levava de volta ao norte com um reconhecimento nostálgico. Tinha vivido em todos os países da Escandinávia em muitas vidas. A luz tem uma qualidade única ali, e Vermeer a captou como se por magick e imbuiu seus quadros luminosos com ela. Fazia meu coração parecer pesado, cheio de chumbo.

Decidimos passar rapidamente para os Impressionistas e jantar cedo antes de irmos ver uma peça na Broadway, talvez. O Impressionismo às vezes parece ser a mais acessível de todas as escolas de arte, a mais alegre. Talvez sejam todas aquelas cores. Não sei. Mas em comparação, digamos, aos Expressionistas alemães, os Impressionistas são um passeio alegre e cantarolante pelo parque.

Mas estou fugindo do assunto.

A questão toda é que naquele dia vimos vários quadros de Gauguin. E, como você deve saber, ele gostava muito do Taiti. A forma como pintava fez com que parecesse exuberante, selvagem e primitivo, explodindo com vida, energia e luz do sol.

Assim, fomos para a Polinésia em vez de para a Grécia e ficamos três anos ali.

Encostado na pedra, com algas espalhadas perto das sandálias italianas feitas à mão, Incy suspirou.

— Mandei quantas mensagens? Você deveria ter ido. Conheci umas pessoas ótimas. Boz passou um tempo lá, ficamos na sua casa maravilhosa em Whitehead Crescent. Você disse que iria.

— Pretendia ir. — Encerrei as buscas do dia, pois Incy precisava ser agradado. — Não consigo acreditar que você já voltou. Eu ia daqui a uma semana ou duas.

Subimos pelas pedras até o caminho estreito que levava àquela praia escondida. Eu estava usando só uma das mãos, mas Incy, ao me ver subir atrás dele, não me ofereceu ajuda.

— Me desculpe — falei, enquanto seguíamos pela rua. — Eu realmente pretendia ir. Você sabe que adoro ir para Londres com você, seja em abril ou não. Acho que morar na ilha confundiu minha cabeça. — Incy não disse nada. — Mas estou tão feliz que voltou! — Adicionei mais entusiasmo à minha voz. Ele me olhou. — Senti tanto sua falta — confessei, sentindo uma pontada de culpa por achar que não tinha sentido tanta falta dele quanto ele de mim.

No Taiti, meu nome era Sea Caraway. Assim que chegamos ali andamos pelas ilhas por um tempo (Bora Bora, Taiti, as Marquesas) e escolhemos ficar em Moorea, a mais próxima da grande ilha do Taiti. Para a diversão e depois preocupação de Incy, tinha me apaixonado por uma cabaninha na praia. Campos de abacaxis chegavam até praticamente o quintal da minha casa, e, durante dez meses do ano, o ar ficava pesado com o aroma doce de abacaxis amadurecendo sob o sol selvagem.

Incy pensou que eu estava louca por querer morar ali. Ele tinha o maior quarto no hotel na beira da praia, onde podia pedir serviço de quarto e beber drinques na espreguiçadeira particular.

Mas eu amava minha cabana. Morar ali era como uma fantasia, como um sonho.

Incy já tinha chegado ao limite. Ele só ficou aquele tempo todo porque eu não queria ir embora. Depois dos anos 1950 e 1960, em que vivi vidas grandiosas no meio da sociedade, precisava de um descanso. Ainda nem tinha envelhecido ou matado minha Hope Rinaldi dos anos 1960, só a fiz desaparecer.

— Sentiu minha falta? Duvido — disse Incy, puxando um grande hibisco amarelo de uma árvore na lateral da rua. Começou a destruí-lo com os dedos, deixando pedaços grandes e amarelos pelo caminho, parecendo penas de um pássaro canoro.

— Incy, é claro que senti sua falta. — Passei meu braço livre pelo dele. — Só fiquei preguiçosa e ocupada, só isso. Mas agora você voltou! Que tal comemorarmos no Blue Dolphin? — Era um restaurante meio elegante em um dos resorts de mergulho. — Só me deixe guardar essas coisas e trocar de roupa.

Quero saber tudo sobre Londres, tudo o que você fez, todo mundo que viu, todas as fofocas. — Na verdade, eu adoraria voltar para minha cabana, arrumar as coisas que tinha recolhido, acender um lampião quando ficasse escuro e, talvez, comer peixe com arroz quando sentisse com fome. Mas Incy estava ali, eu o magoara, e seria bom para mim sair e socializar.

— Tem certeza de que não está ocupada demais? — perguntou ele, com um certo sarcasmo.

— Como eu poderia estar ocupada demais para alguém com um terno lindo desses? — Indiquei o linho azul. — Você comprou em Savile Row. Será que foi com... Josiah Underwood? — Citei um famoso alfaiate que lembrava ser do gosto de Incy.

Incy sorriu para mim, e eu relaxei.

— Que olho — comentou ele. — Quanto tempo você vai levar para ficar pronta?

— Dois minutos — prometi.

Então fomos jantar no Blue Dolphin, e Incy me contou tudo que tinha feito, o quanto havia sentido minha falta, o quanto eu precisava ir na próxima vez e assim por diante. Mas é que o resto do mundo parecia tão sem graça naquela época. O Vietnã, a recessão e os preços do petróleo. Depois da criatividade alegre e chocante e da explosão de vida dos anos 1960, os anos 1970 pareciam um filme barato, decadente. Queria ficar longe daquilo.

Em Moorea, a única restrição que eu tinha era Incy, mas ele também era meu único amigo, a única pessoa que me conhecia de verdade, e era quase sempre divertido e engraçado e minha fonte principal de empolgação. Apesar de precisar constantemente de cuidados adicionais, não havia indicação alguma naquela época de que ele se tornaria o monstro que matou duas pessoas na minha frente meses atrás. Ou que eu, num dia como outro qualquer, abriria uma caixa e encontraria sua cabeça dentro.

Saí do meu devaneio e me vi tremendo em um banco no celeiro. Moorea parecia ter sido há tanto, tanto tempo. Sea Caraway era calma, tranquila e bronzeada, ou seja, o contrário de mim agora. Expirei pesadamente, desejando poder inspirar o ar salgado em vez daquele ar parado e quente, com aroma de cavalo e feno.

Ah, Innocencio. Ele era tão cheio de vida. Um tremendo clichê, mas era verdade. De alguma forma, Incy conseguia acumular muita vida extra em uma única. Meu peito doía. Eu me levantei, sentindo cada um dos meus 459 anos, e, sem pensar, subi a escada para o palheiro.

Estava escuro lá em cima e mais quente que embaixo. Fardos de feno Timothy tinham sido empilhados com cuidado. As pilhas estavam ficando mais baixas; em pouco tempo, os cavalos e vacas comeriam grama comum do lado de fora. Enquanto isso, havia bastante feno solto para eu ajeitar, formando uma cama, e me deitar.

Innocencio estava morto. Cada nervo meu estava sensível, e me xinguei por não ter roubado uma garrafa de vinho quando saí de casa. Alguma coisa mais forte teria sido ainda melhor. Talvez eu devesse ir para a cidade e...

Não queria ir para a cidade. Mas não queria *sentir* isso, *saber* disso. Queria poder fingir que Incy andava bem, e não que era um ex-maníaco homicida morto. *Morto* de verdade. Meu cérebro ficava empurrando a informação para longe, como se ela fosse grande demais para passar pelas entradas de informação.

Tínhamos passado por muita coisa juntos. E mesmo depois de Boston, daquele horror, ainda conseguia olhar para trás e me lembrar de bons momentos com ele. Ou pelo menos de épocas melhores.

Quando estávamos no Taiti, ele me fez amarrá-lo a uma palmeira gigante para vivenciar um furacão ao extremo. O vento e a chuva o atingiram durante horas. Ele acabou arranhado, com hematomas e exausto. E eufórico. Eletrizado.

Durante a Lei Seca, estávamos em um bar que vendia bebidas ilegais em Chicago. Eu estava usando um lindo vestido enviesado de Vionnet. Houve uma batida no local, não de policiais, mas de gângsteres roubando a bebida roubada. Houve tiros, balas perfurando bancos de madeira, fazendo pedaços de reboco voar. Incy e eu tivemos de ir para debaixo de uma mesa e rastejar por baixo de vários bancos e mesas até chegar a um alçapão escondido, o qual poucas pessoas conheciam. Estava tão furiosa por estragar meu vestido, mas Innocencio ria, empolgado.

— Vai ser uma história tão boa! — sussurrou ele.

Cortei o joelho num vidro quebrado e soltei um palavrão.

Fizemos refeições deliciosas juntos, fomos presos juntos e enfrentamos a pior tempestade do mundo durante um cruzeiro na costa da Austrália. Eu estava com ele em um safári quando deu um tiro acidental no próprio pé. Teve de ficar um mês usando muletas. Debochei dele por uns 20 anos.

Ele estava comigo na Índia quando nosso trem descarrilou. Quase todo mundo nos três primeiros vagões morreu. E, sim, tirei anéis de dedos, carteiras de jaquetas. Não sei o que eu estava pensando. Aquela pessoa, Britta, me parece uma estranha agora. Mas na época fiquei pensando: Ah, posso ter *mais*. Mais joias, mais ouro, mais qualquer coisa. Incy debochou de mim, a pobre garotinha rica. Mas não me impediu. Ele aceitava praticamente qualquer coisa que eu fizesse.

O feno fez cócegas no meu pescoço enquanto eu piscava para afastar as lágrimas. Não queria chorar por causa disso. Tinha chorado tanto nos últimos cinco meses. Quando isso chegaria ao fim?

Mas ficava pensando: pobre Incy. Ele riu, festejou, fez mais coisas que qualquer outra pessoa que eu conhecia. Agarrou cada situação e arrancou toda a vida dela. Será que fora feliz em algum momento? Será que alguma coisa bastou para ele?

Desde que voltei de Boston, ficava olhando por cima do ombro. Lancei feitiços para afastar o mal o dia inteiro. Estava com medo dele. Principalmente depois que ele desapareceu da casa de Louisette e nós pensamos que ele a tinha matado.

O que ainda podia ter acontecido, mesmo assim. Estava morrendo de medo de que ele fosse atrás de mim de novo, de que nunca me deixasse em paz. Agora, ele estava morto, e eu não tinha mais o que temer. Ele não existia mais, nem em outro continente, nem em outro país ou em outra cidade. Ele não existia mais, para sempre.

As lágrimas começaram a escorrer nesse momento, caindo dos meus olhos e seguindo pelas laterais do meu rosto. Eu me virei de lado e me encolhi, desejando ter levado um travesseiro.

Incy estava morto, e eu nunca mais o veria de novo, nunca mais o veria sorrir nem gargalhar. Nunca sentiria os braços dele ao meu redor ou o aroma distinto da colônia italiana que ele sempre usava. Chorei, sentindo-me desleal por estar aliviada, não só por não precisar mais sentir medo do Incy Mau, mas também porque jamais teria de suportar o peso do Incy Amável, sempre presente, sempre na minha vida, sempre ao meu lado. Foi exaustivo e sufocante ao mesmo tempo em que foi divertido e excitante. Minha vida inteira parecia mais leve com a certeza de que ele jamais voltaria, jamais precisaria de mim outra vez. Aquela sensação era terrível; apesar dos crimes imperdoáveis que ele cometera em Boston, meu alívio ainda parecia uma traição.

Não foi como um daqueles choros ofegantes, desesperados em que você quase vomita e parece sair do fundo do estômago. Era uma tristeza mais silenciosa e profunda, que coloriu minha alma de azul. E, ao contrário de outros ataques de choro, quando o tempo parecia parar, eu estava ciente de cada minuto que passava, e cada minuto me levava para mais longe dele. Tanto para o bem quanto para o mal.

Uma coisa fria e molhada tocou minha testa, e sufoquei um grito ao abrir os olhos. Um rosto branco, com bochechas mais largas, sem o focinho arrebitado de um filhote muito pequeno, se inclinou na minha direção.

— Você precisa parar de subir escadas, garota — falei para Dúfa, com voz falhada. — É tão estranho.

Ela se curvou e lambeu as lágrimas das minhas bochechas. Meu primeiro pensamento foi: Eca. Mas então percebi que sua língua macia era reconfortante e, então, pensei "Eca" por ter pensado "Eca" antes.

A figura alta de Reyn bloqueou a pouca luz que vinha da lâmpada da extremidade do celeiro.

— Acabei de saber — disse Reyn. — Imaginei que você estaria aqui.

Ele empurrou Dúfa para mais perto de mim. Ela lambeu meu rosto uma última vez e se deitou ao meu lado, com a coluna estreita apoiada na minha barriga. A sensação era reconfortante, como uma bolsa de água quente e peluda. Fiz carinho na barriga dela, e o animal se contorceu mais para perto. Então Reyn se deitou atrás de mim e passou um braço ao redor do meu corpo. Parecíamos um náutilo, com curvas maiores se transformando em menores.

Era tão bom. Meus olhos estavam bem abertos; a sensação era ótima, o que significava que ficaria péssima quando eu não a tivesse mais. O que queria dizer que eu deveria interromper agora, antes de me acostumar a ela, para evitar toda a dor.

Fiquei ali deitada, rígida, imaginando um futuro sem Reyn. Sabia que chegaria o dia em que nós não teríamos mais Dúfa, e esse pensamento por si só já era horrível. Mas sem Reyn? Será que algum dia não haveria Reyn? Como não havia mais Incy?

Engoli em seco e senti o quanto meu nariz estava entupido.

— Pelo menos agora não preciso mais me preocupar com minha habilidade com a espada.

— Sempre vai haver outra pessoa — disse Reyn baixinho, perto do meu cabelo. — Você vai continuar treinando.

Sim, minha vida continuaria, mesmo sem Incy no mundo. Era bizarro.

— Estou tão feliz por ele estar morto, aquele filho da puta, depois do que ele fez — falei. Minhas lágrimas escorriam no pelo branco de Dúfa. — Maldito!

— Eu sei. — A mão de Reyn acariciou minha barriga do jeito que afaguei a de Dúfa.

— Vou sentir tanta falta dele. — Minha voz falhou, e comecei a chorar com sinceridade. — Eu o amava tanto.

— Eu sei, amor. Eu sei. — Ele me abraçou enquanto eu chorava, acariciando meu braço, a lateral do meu corpo, alisando meu cabelo. Os dedos delicados tiraram feno do meu suéter e depois correram de leve pela minha bochecha. De vez em quando, ele esticava mais a mão e acariciava Dúfa também, que suspirava enquanto dormia, com o corpinho se movendo para cima e para baixo. Reyn era tão sólido, tão quente, seus braços protegendo nós duas.

Acabei ficando toda dolorida de chorar. Reyn ficou muito tempo sem falar nada. Eu me sentei com cautela e olhei para ele. Ele estava cochilando, imóvel e silencioso mesmo dormindo, como era típico de invasores. Nunca o tinha visto dormir, e pude examiná-lo sem sentir o olhar de laser daqueles olhos dourados.

Meu Deus, ele era lindo. De uma forma completamente diferente de Innocencio. Ele tinha cor de trigo, sol e hidromel, com a pele ligeiramente bronzeada como pelo macio de cervo. Com os olhos fechados, as maçãs do rosto ficavam mais proeminentes, a simetria do plano terminando no nariz forte. Ele tinha sido quebrado várias vezes, a ponto de ter ficado com um calombo de um lado. Seu cabelo, grosso e queimado de sol, com uma leve onda, estava caído sobre a testa.

A mão que segurei era larga e grande, com calos na palma logo abaixo dos dedos. Desejava saber muito mais sobre ele. Gostaria de tê-lo visto em outras eras, com outras roupas, outras ocupações.

Ou talvez não. Talvez ele tenha sido horrível. Eu fui.

Com um suspiro, passei os dedos pelo cabelo para tirar pedaços de feno. Esse homem tinha me visto na pior condição de aparência e roupas. Será que se importava? Será que gostaria que eu me arrumasse toda? Provavelmente nem ligaria.

Tirei os sapatos e voltei a me deitar, passando o braço dele sobre meu corpo, me virei na sua direção. Apoiei a cabeça no ombro dele e me senti exausta.

Repetidas vezes, tive flashes rápidos do rosto de Incy, e sempre que isso acontecia, eu me encolhia. Estava tão cansada. Fechei os olhos.

Quando acordei, estava chovendo. Era uma chuva brusca de primavera que batia no telhado bem acima da minha cabeça.

Reyn olhava para mim; estávamos calorosamente embolados um no outro, aconchegados no feno. Dúfa tinha se levantado e agora estava dormindo a alguns metros de nós, no ponto em que o telhado tocava o palheiro.

Incy. Tudo voltou de repente. Ah, meu Deus. Tapei a boca com a mão e senti uma dor latejante no peito: a certeza de que Incy estava morto.

Reyn olhou para mim solenemente.

— Você gosta mesmo de palheiros.

— Acho que me sinto fortemente atraída por palheiros. — Meu peito ainda estava apertado de dor, mas me distraí com Reyn empurrando um joelho entre os meus. — Talvez por ter morado em muitas fazendas? Você já teve uma casa assim, os animais embaixo e as pessoas em cima?

— Jamais fui fazendeiro. — Ele começou a beijar meu cabelo, minha testa. — Morei em barracas, tipo yurts. Nunca fiquei tempo suficiente no mesmo lugar para ter uma casa.

Aconchegando-me mais para perto, enfiei uma das mãos debaixo do suéter dele e senti a maciez da camisa gasta de flanela tocando suas costas.

— Estou treinando ficar em um lugar só. — murmurou ele em minha bochecha, provocando uma vibração em meu peito. Quando ele finalmente beijou minha boca, funcionou como um alívio e um refúgio das imagens terríveis queimadas na minha mente.

Nossos beijos pegaram fogo, como sempre, como relâmpagos atingindo uma árvore: súbitos, explosivos, quentes e eletrizantes. Seus dedos percorreram meu corpo, criando trilhas de calor e tocando o cachecol em meu pescoço. Sem falar nada, ele começou a desenrolá-lo, e, por reflexo, eu o segurei com ambas as mãos.

— Já vi a cicatriz. — A voz dele estava muito baixa. — Tenho uma igual.

Baixei as mãos lentamente. Com os olhos grudados nos meus, ele tirou meu cachecol e o deixou ali perto.

Desabotoei-lhe a camisa, abrindo-a, e a deslizei pelos ombros. Quando vi a cicatriz queimada no peito, beijei-a como se pudesse fazer com que desaparecesse. Um som baixo vindo do fundo da garganta dele me deixou arrepiada, e sorri. Eu me senti poderosa, forte, capaz de fazer Reyn tremer e acelerar sua respiração. Aquelas maçãs do rosto proeminentes estavam vermelhas, e os olhos cor de âmbar brilhavam quando ele puxou minha camisa e a regata que havia por baixo. Estávamos pele com pele, queimando, nos abraçando e beijando. A chuva batia no teto acima, e o local parecia particular e seguro.

Ah, sim. Sim, finalmente, depois de tanto tempo.

Eu o abracei, apertei seus braços com os dedos como se ele pudesse me salvar de uma enchente. Ele agarrou minha calça jeans pela cintura e a puxou. Pude sentir o feno quente e áspero roçando nas pernas.

Com impaciência, ele tirou a camisa, e eu me sentei e o puxei para cima de mim, deslizando as mãos por sua pele macia como se fosse pedra polida aquecida pelo sol. Nossas bocas estavam tão famintas. Nunca tive vontade de beijar uma pessoa daquele jeito, nunca quis ficar o mais perto possível de alguém, nunca abracei com tanta força.

Quando ele desceu para beijar minha barriga, meus seios e a pele perto da minha calcinha sem graça foi que senti o primeiro aperto gelado de alarme no peito. Será que tinha pensado sobre aquilo direito?

O que eu estava fazendo? O que ele esperaria de mim depois disso? Será que acharia que era meu dono? Esperaria que eu ficasse toda melosa, toda dedicada a ele? Não fazia ideia. É claro que eu o queria. Será que seria bom? Não sabia, mas também não estava ligando muito naquele momento. A sensação era maravilhosa demais.

Ele só demorou alguns segundos para perceber que alguma coisa tinha mudado, parar o que estava fazendo e olhar para meu rosto.

— O que foi? — A voz estava rouca; ele respirava com dificuldade

— O quê? Nada. Venha aqui. — Fechei os olhos e estiquei as mãos para ele, tentando afastar todos os pensamentos. Ao perceber que estava resistindo, olhei para ele.

— Lilja, o que foi? — A voz dele estava mais alerta.

— Nada! Venha, estava começando a ficar interessante. — Abri um sorriso de flerte, de um arsenal que eu não mexia havia um século.

Ele se afastou e se sentou sobre os calcanhares no feno, olhando para mim. Puxei a camisa para baixo com alguns movimentos desajeitados.

— Qual é seu problema? — Estava começando a ficar constrangida.

Ele balançou a cabeça devagar, pensando.

— Achei que estávamos na mesma sintonia. Mas... Lilja... — Ele afastou o cabelo da testa com um gesto abrupto. Ainda estava com a respiração pesada. Continuava magnífico. — Você me quer?

Levantei a cabeça.

— Quero — respondi, com sinceridade total.

— Você me ama?

Meu queixo caiu. Nunca, jamais tínhamos falado de amor. Ele estava mudando as regras bem ali.

— Do que você está falando?

— Eu amo você. — Ele parecia muito calmo, considerando as palavras apavorantes que estava proferindo com descuido.

Arfei. Sem aviso, a voz de Incy surgiu na minha cabeça: *Ninguém nunca vai te amar como eu.*

— O quê? — perguntei a Reyn, estarrecida.

Seu rosto se fechou, e ele pegou a camisa, jogada em cima de um fardo de feno. Vestiu-a com movimentos rápidos e eficientes, e foi doloroso não poder mais ver seu peito.

— O que você quer de mim? — indaguei, enquanto enrolava o cachecol no pescoço. — Estou me oferecendo para ir para cama com você! Não quero me gabar, mas vários caras ficariam felizes só com isso e não me exigiriam mais nada.

A raiva iluminou seus olhos enquanto ele fechava a calça.

— Não sou vários caras. — As palavras saíram por entre os dentes.

— Olhe — falei, ficando de pé e vestindo a calça. — Por que precisamos botar amor no meio? Você sabe que eu... confio em você. Quero você. Por que precisa insistir nisso?

Ele olhou para mim com desdém.

— Por que duas coisas em três não é ruim?

Tirei mais feno do cabelo com a mão.

— Olhe, só não sou muito boa nesse negócio de namorada. Sinto muito, mas não sou. Queria ser. Queria poder dar o que você quer. Mas eu me conheço. Vou trair. Vou largar você. Vou magoá-lo. Sempre faço isso.

— Nossa, agora me sinto especial. — Seu tom de voz foi marcado pela desolação, por uma frieza que me deixou com vontade de chorar de novo.

Doeu olhar para ele por uma fração de segundo apenas.

— Você *é* especial. Chegou a esse ponto, que é bem mais longe que qualquer outra pessoa conseguiu em cem anos. E eu gosto de você.

Quando Reyn ficou de pé, pareceu uma torre acima de mim. O rosto estava tenso, os punhos, fechados, mas eu jamais teria medo dele outra vez. Sabia que ele jamais me machucaria.

— Você é tão cheia de merda. — Ele estava tentando controlar a voz. — É covarde pra cacete.

— Como posso ser covarde? Estou disposta a ir para a cama com um invasor do norte!

Ele me lançou um olhar furioso.

— Por que não podemos só fazer sexo e pronto? — perguntei. — Por que precisa ser mais que isso? Você *sabe* o quanto dói perder algo! *Sabe* o quanto é arrasador perder alguém que am...

Os olhos dourados pegaram fogo, mas eu parei a tempo. Uma forma branca se mexeu no feno; Dúfa nos olhava preocupada, a cabeça inclinada.

Eu não queria mais saber daquela conversa idiota. Dei um empurrão no peito de Reyn e quase quebrei o dedo.

— E faça sua cadela parar de subir escadas — sussurrei. — É estranho!

Passei por ele batendo os pés e desci a escada tão rápido que quase escorreguei e caí, o que teria sido insuportável. Eu me odiava por me perguntar se ele viria atrás de mim, mas não ouvi nada ao disparar para a porta do celeiro.

Correr de volta para a casa sozinha, no escuro, na chuva fria, foi o ponto alto de um dos piores dias da minha vida.

CAPÍTULO 22

Não se supera rapidamente o fato de receber a cabeça do ex-melhor amigo pelo correio. Na verdade, isso me assombraria por todo o futuro próximo. Lembra que conversamos sobre o quanto meu para sempre é longo?

Não se supera rapidamente Reyn. Por que ele estava sendo tão difícil? Por que não podíamos ter uma coisa simples? Uma pequena parte de mim queria chegar perto da palavra *amor* e cutucá-la com uma vareta, mas meu cérebro se fechava depressa toda vez que eu pensava nisso.

Na manhã seguinte, tudo em River's Edge foi avassalador e pesado. Eu tinha lembranças trêmulas e torturantes de Incy cada vez que passava pelo saguão de entrada, e o peso de saber que estragara o grande feitiço de proteção estava aumentando a cada minuto. Sabia que tinha de contar a River. Mas como? Será que ela confirmaria meu maior medo, o de ser das trevas por herança? Não conseguiria suportar.

As palavras de Reyn, me chamando de covarde, me dizendo que eu era cheia de merda, voltavam à minha mente umas noventa vezes por hora.

Era domingo; ninguém estaria trabalhando nas lojas da cidade. Eu lembrei como Dray e os amigos tinham estragado um apartamento (mais uma coisa ruim) e decidi limpá-lo e dar um jeito de sair de casa um pouco.

— Não é seguro — disse Asher ao me ver vestir o casaco.

— Vou ficar bem. — As famosas últimas palavras. Quantos corpos já foram encontrados em valas depois de alguém proferir essa frase com confiança? Imagino que muitos. Peguei a chave do carro.

— Leve Reyn junto.

Ha ha ha! Claro, por que não peço um favor a ele *agora mesmo*?

— Volto na hora do almoço. — Supondo que não virasse o carro para o oeste e continuasse dirigindo *até* chegar ao Pacífico.

Conforme fui dirigindo para a cidade no piloto automático, meu cérebro foi bombardeado por perguntas: Será que meu tio poderia estar vivo? Será que tinha arruinado as coisas com Reyn para sempre? Como eu me sentia quanto a isso? Quando contaria a River sobre o feitiço?

Concentre-se no lado positivo. Todo mundo sempre me dizia isso.

Estacionei na rua em frente à farmácia MacIntyre's e, encostada no volante, apoiei a cabeça nas mãos por um minuto. Pense positivo, positivo.

Bem, eu ainda estava ali. Já era alguma coisa. As coisas andavam bem difíceis, desconfortáveis, mas eu ainda aparecia na hora do café, continuava dormindo na minha cama todas as noites. Não tinha fugido. Pelo menos, ainda não. Eu me parabenizei por isso. E vamos baixar a onda, certo?

Meus sapatos estalaram nos degraus de metal que levavam aos apartamentos, e parei no patamar em frente à segunda porta. Ver o apartamento que Dray invadira me deixou furiosa de novo. Alguém tinha trocado o batente e a fechadura da porta, mas no interior continuava uma confusão. Alguém trouxera material de limpeza, então peguei um saco de lixo e comecei a jogar coisas dentro com mais força que o necessário.

Não havia nada de errado com o que eu tinha feito com Reyn. Era culpa dele se estava escolhendo ser complicado e difícil. Por um segundo, parei, lembrando-me do rosto dele, do som da sua voz ao dizer *eu amo você*. Uma parte bem pequena e burra de mim sentiu alegria e euforia ao ouvir aquelas palavras. Mas eu não estava disposta a ter um relacionamento completo. Demandava toda a

minha energia e meu equilíbrio emocional *extremamente* limitado só para conseguir lidar com ser *eu* 24 horas por dia.

Esmaguei uma lata de cerveja com o pé e a joguei no saco de lixo.

Por que ele tinha ido atrás de mim? Ele sabia que eu era uma confusão só. Não deveria nem ter tentado!

Tinha começado a varrer o chão quando o som da porta de um carro se fechando me fez olhar pela janela da frente. No momento seguinte, inspirei rapidamente e recuei.

Era o casal assustador do outono passado.

Na época eu trabalhava na MacIntyre's. Aquele casal apareceu, comprou remédio para alergia e foi embora. Só isso. Mas a presença deles deixou meus ossos parecendo gelatina, e eu nunca soube por quê.

Lá estavam eles de novo, e causando o mesmo efeito em mim. Inesperadamente, fiquei apavorada, em pânico, com o coração disparado. Dei outro passo lento para trás, tentando não fazer um movimento repentino que pudesse chamar a atenção deles. Quando achei que estava fora do campo de visão da rua, fiquei de quatro e me arrastei até a porta da frente do apartamento, passei a tranca e guardei a chave no bolso.

Em seguida, rastejei de volta até a janela e olhei para fora com cautela.

Era o mesmo carro de antes, um caro Mercedes preto. O cabelo cor de palha da mulher estava mais comprido e preso dessa vez. O homem estava lindamente vestido com um terno escuro e aparentava certa crueldade.

O medo contraiu meu estômago. Meu coração pulsava na garganta. Desejei estar com meu amuleto, pois tinha começado a usá-lo com frequência por baixo da roupa. Mas será que o tarak-sin os teria atraído para mim? Será que eles teriam conseguido sentir seu poder?

Sem emitir som algum, repeti todos os feitiços para afastar o mal que eu conhecia, os que usava desde que Incy desaparecera. Tinha parado com isso no dia anterior, depois...

Espiei de novo, mas não consegui vê-los. Ah, meu Deus, se ouvisse os passos deles na escada de metal lá fora, não saberia o que fazer. Pularia pela janela? Gritaria pedindo socorro? Você vai apreciar esta ironia: a pessoa que eu mais queria ver era Reyn. Se ele estivesse ali, eu ficaria bem.

Você *é* uma covarde, sussurrou minha voz interior odiosa. E hipócrita. E aproveitadora.

Se as coisas fossem do jeito que eu quisesse, minha voz interior jamais voltaria a trabalhar ali.

O casal saiu da MacIntyre's. Protegendo os olhos, a mulher loura olhou para um lado e para o outro da rua e observou a fileira de lojas. Eu me abaixei mais, sem conseguir engolir. Será que estavam olhando para o carro da fazenda? Conseguiriam sentir minha energia ainda nele?

Minha próxima espiada cautelosa os mostrou ali de pé, conversando. Depois de vários minutos sem que eu conseguisse respirar, finalmente entraram no carro elegante e foram embora. Fiquei deitada no chão, sentindo como se tivesse acabado de correr 15 quilômetros.

Por mais meia hora fiquei ali deitada em silêncio, para ter certeza de que não voltariam. Antes de sair do apartamento, olhei por cada janela, observei cada sombra, cada carro estacionado, para me certificar de que eles tinham ido embora. Por fim, espiei pela porta da frente e, em seguida, desci a escada de metal o mais rápido que consegui. Depois de disparar pela rua, pulei no carro e bati o recorde de velocidade na volta para casa. O tempo todo, meu cérebro ficou tentando desesperadamente se convencer de que tinha sido só uma coincidência estranha, que eles não fizeram nada contra mim daquela vez e muito menos hoje. Não importava. Meu medo não era racional, mas sim real e profundo, e só um idiota o ignoraria. Eu estava me tornando um pouco menos idiota atualmente. *Um pouco.*

Ter rostos de verdade dos quais sentir medo me assustava mais que qualquer outra coisa.

Quando voltei, fui procurar River e a encontrei na hortinha com Reyn, Joshua, Amy e Brynne. Estavam arrancando as plantas e jogando-as em fogueiras cercadas de pedras, sendo quatro delas maiores, posicionadas nos quatro pontos cardeais. O repolho, as couves-de-bruxelas, as ervilhas, os nabos da primavera... estavam todos mortos, ficando murchos e pretos.

Desde a cena horrível no palheiro, só tinha visto Reyn no café da manhã. Eu esperava que fosse frio e reservado, que estivesse zangado, mas ele parecia estar se esforçando para parecer normal. Devia estar feliz por eu ter sido sincera, pelo menos.

Como sempre, os olhos castanho-claros de River olharam intensamente para os meus, como se ela conseguisse enxergar minha alma. Prendi a ponta do meu cachecol de fleece, apertando-o mais no pescoço.

— Você foi para a cidade?

— Fui. — Não podia conversar com ela ali.

Reyn não me lançou um olhar sequer enquanto arrancava nabos e os jogava no fogo. Brynne e Joshua estavam trabalhando lado a lado, com as cabeças próximas. Ao ouvir minha voz, ela se empertigou. Estava linda com suéter vermelho, calça de veludo marrom e galochas xadrez. Depois de se certificar de que Joshua não veria, ela abriu um sorriso largo e palhaço para mim e uniu as mãos sujas de terra: amor verdadeiro. Um desmaio.

Joshua ergueu o olhar, então não pude reagir. Por que ela se sentia tão atraída por ele? Ele era distante, taciturno, solitário, lutador...

Tudo bem, não importa. Mas não precisava esfregar na minha cara.

— Pegue aquelas. — As instruções baixinhas de Amy para Reyn me fizeram olhar para ela, que deu um sorrisinho para ele e apontou para as cenouras. — Eu tiro essas daqui. — Ele assentiu, e eu lembrei que, antes de Ottavio chegar, Amy sentia atração por Reyn. Talvez ainda sentisse. Eu não sabia.

Reyn poderia agir bem naquele momento se quisesse. Devia estar de saco cheio de mim para sempre.

— Você está bem? — River bateu no meu ombro, tomando cuidado para não me sujar de terra.

Assenti e decidi voltar para casa. Talvez eu meditasse voluntariamente ou tomasse chá, alguma coisa assim.

— Almoço! — Roberto estava andando em nossa direção, o cabelo castanho e comprido demais caindo com estilo em cima da gola da camisa xadrez e do colete de veludo. O conjunto ficaria ridículo em qualquer outra pessoa, mas o irmão mais novo de River podia tudo. Será que ele tinha mesmo se lembrado de onde nos conhecemos? Porque só me faltava essa complicação constrangedora agora.

— Tudo bem, vamos dar uma parada, pessoal — disse River, tirando as luvas. Ela olhou para o jardim estragado e suspirou. — Acho que podemos tentar replantar depois de eliminarmos a energia ruim, não é?

— Sem dúvida — disse Amy. Eu me perguntei quanto tempo ela ficaria. Como só estava de visita, deveria haver uma data de partida. Ah, meu Deus, sou uma idiota.

— O que tem para o almoço? — perguntou Joshua ao irmão.

— Não sei. Massa ou alguma coisa assim. Não fui eu que cozinhei.

— Eu queria macarrão com queijo — disse Brynne, largando as luvas em uma cesta.

— É — disse Roberto. — Seria demais. — Seus olhos cor de café espresso observaram os meus por uma fração de segundo, mas então ele se virou e entrou de volta na casa. Mas antes pude ver a sugestão de um sorriso. Sim, ele lembrava.

Para minha surpresa, Reyn foi o último a ir. Ele tirou as luvas e as deixou na cesta, depois desdobrou as mangas da camisa e abotoou os punhos. Um moletom azul-marinho estava jogado em cima de um suporte de framboesas, e ele o pegou.

Olhei para ele. Reyn parecia desanimado em vez de zangado.

— E então, quando você tem um tempo livre para uma aula de espadas? — De nós dois, eu era a mais chocada por essas palavras ousadas saírem da minha boca. — Vi umas pessoas assustadoras na cidade — falei rapidamente, e ele ainda tentava encontrar alguma resposta mordaz.

Ele empertigou-se um pouco e olhou nos meus olhos.

— O que você quer dizer?

Enquanto andávamos para casa, contei sobre o casal estranho e o efeito inexplicável que eles causavam em mim. Apesar de tudo, fui compelida a compartilhar meus sentimentos com ele. Como se ele ainda pudesse se importar.

Ah, sim, eu mesma me confundo. Por que perguntar?

Ele ficou em silêncio depois que terminei minha história de medo paralisante. Será que seguiria andando e me ignoraria? Será que usaria aquele momento de vulnerabilidade nada característica para jogar a rejeição na minha cara?

— Talvez por volta das quatro da tarde — murmurou ele, me deixando para trás ao subir dois degraus da cozinha de cada vez.

Continuei do lado de fora por mais um tempo, apreciando o inesperado e desmerecido brilho caloroso da felicidade interior.

CAPÍTULO 23

Já tive tantos nomes diferentes. Como falei, todos os imortais precisam mudar de nome e identidade de tempos em tempos; se você mora no mesmo lugar há quarenta anos e nunca envelhece, bem, as pessoas começam a comentar. Ou vão atrás de você com tridentes e tochas. Esse tipo de coisa. Sou do time das preguiçosas, jamais amo tanto um lugar a ponto de ter o trabalho de fingir envelhecer ou morrer. Sempre me mudei depois de uns dez ou 12 anos e recomecei a vida em outro local com documentos falsos.

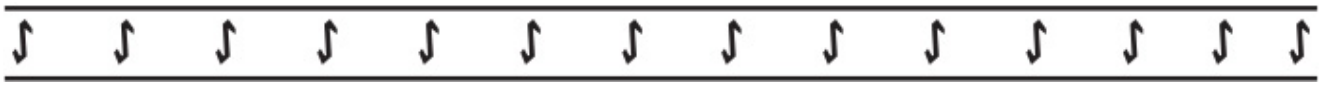
Durante minha vida, já fui islandesa, norueguesa, sueca (tudo bem, foi uma certa falta de imaginação no começo), italiana, alemã, boêmia (da Boêmia), suíça, austríaca (a Áustria é tão bonita), holandesa, francesa, francesa, francesa, francesa de novo, francesa mais uma vez (eu estava numa fase boa), americana, inglesa, americana, alemã, finlandesa (dona de uma pequena destilaria de vodca), francesa outra vez (nos anos 1930, eu adorava roupas), sueca de novo, norueguesa de novo, americana de novo, inglesa de novo e, agora, como Nastasya, inglesa. Basicamente. Tinha vários passaportes válidos, assim como carteiras de habilitação e outros documentos.

Reparou na falta distinta de nacionalidades hispânicas? Nada de sul-americana, brasileira, nada mais ao sul que a França, na Europa, e o Texas, nos Estados Unidos. Nada de australiana. Talvez seja pela minha origem, pela minha herança cultural, mas não sou uma pessoa emocionalmente aberta e expansiva, e

essas culturas parecem incorporar isso. Não me venha dizer: Ah, Nastasya, você é um pequeno livro aberto, aconchegante e carinhoso! Nesse caso, eu o consideraria maluco ou que, talvez, tenha entrado na história tarde demais.

Porque não sou. A única pessoa que *já* beijei e abracei por vontade própria, muitas vezes ao dia, foi meu filho, Urso. Eu o beijava constantemente no doce rosto iluminado, nos macios braços redondos, nas pernas grossas. Ele era o ser, a alma que mais amei na vida toda. Mas não terminou bem. Nunca mais senti vontade de demonstrar entusiasmo algum desde então.

De alguma forma, centenas de anos de proteção crescente, de muros cada vez mais grossos e um desprazer intenso de ser tocada física ou emocionalmente culminaram em Los Angeles, 1982, quando Nastasya Crowe nasceu.



Innocencio finalmente se impôs contra o Taiti e Sea Caraway. Por mim, ainda teria ficado por várias décadas, aperfeiçoando o melhor bronzeado que já tivera; nós, islandeses, não somos do tipo que pega cor direito. Mas deixei a cabana para trás e nos encontramos com Cicely, Stratton, Boz e Katy em Londres. Depois, Incy e eu seguimos para Nova York, pois queríamos ver se continuava divertida o bastante para todos nós.

— Quem você vai ser? — perguntou Incy. Ele já havia abandonado o nome Sky e recuperado seu favorito, Innocencio. Estávamos deitados em sofás um de frente para o outro na sala de estar de uma suíte do Four Seasons, porque nosso apartamento ainda não estava pronto.

— Está frio aqui — reclamei e tomei um grande gole de uísque sour. O serviço de quarto levou uma jarra grande para poupar tempo.

— Estamos em Nova York. Em novembro. É claro que está frio. — A voz de Incy estava meio entediada, meio impaciente. Eu não queria sair do Taiti, mas ninguém conseguia suportar meses de bajulação de Incy alternada com

reclamação e insistência. Acabei cedendo depois que ele me prometeu um belo apartamento em um andar alto, pessoas interessantes, que ele queria que eu conhecesse, e ambientes de arte excitantes.

O apartamento estava sendo transformado em um condomínio, então havia uma tonelada de questões legais para resolver. As pessoas interessantes só se tornavam interessantes depois de cheirar cocaína nos banheiros do Studio 54, e só durava cerca de meia hora. O ambiente de arte *era* excitante, mas também furioso e frequentemente político.

— Pensei que tivéssemos chegado à conclusão que odiamos Nova York. — Enfiei os pés debaixo de uma almofada para aquecê-los.

Consegui ouvir o suspiro dele a 2,5 metros de distância.

— Isso foi nos anos 1970, no auge da recessão — disse ele para refrescar minha memória, o tom paciente demais. — Estamos nos anos 1980, os negócios estão explodindo, e Nova York está cheia de vida.

E pensar que naquele momento poderia estar em uma rede entre duas palmeiras... Relaxei a boca para tomar mais uísque. Normalmente, eu era bem mais agradável, mas não queria estar ali. Não havia chance alguma de ele me deixar voltar a morar no Taiti sozinha. Éramos pão e manteiga. Ele era meu melhor amigo, a pessoa no mundo de quem eu era mais próxima. Por que eu estava tão irritada?

Dei de ombros, mas ele não percebeu porque eu estava deitada de costas.

— Parece sujo aqui. Há mendigos em toda a parte. Precisei passar por cima de um para pegar um táxi ontem.

Innocencio se sentou. O cabelo naturalmente encaracolado tinha sido alisado com gel nas laterais e afofado no topete. Costeletas retas e angulosas emprestavam-lhe um ar de sinistra beleza ao rosto.

— Tudo bem! Para onde você quer ir? — perguntou ele, e se levantou, apontando um dedo para mim. — E não ouse dizer Moorea!

— Paris.

— Não. Paris é horrível no inverno, você sabe.

— No entanto, aqui estamos nós, em *Nova York*.

Sua boca se retorceu, raivosa, e uma das mãos ajeitou o cabelo com força contida. Fiquei deitada no sofá, observando-o com uma expressão teimosa e petulante, imaginando até onde poderia pressioná-lo.

Era incrível a forma como ele conseguia mudar de humor, de expressão, mudar o que queria ou estava disposto a fazer. Quando ele suspirou de novo, a maior parte da tensão deixou seu corpo. Ele se sentou no sofá onde eu estava e me empurrou com a perna.

Eu conhecia tão bem aquela expressão encantadora e triste. Era a que ele usava logo antes de conseguir o que queria, fazendo com que parecesse ser eu quem estava conseguindo o que queria. Isso seria bom.

— Por acaso, hoje de manhã mesmo tive notícias do meu amigo Lee em Los Angeles. Você sabe quem ele é, conheceu-o em Boston. Talvez em Milão.

— Não consigo lembrar.

— O nome dele na época era... Amerigo. Deve ter sido em Milão.

— Ah. Ele.

— Ele está em Los Angeles, e, olhe só, tem um papel fixo em uma novela.

— Isso é um programa de TV?

Incy pareceu sofrer com minha ignorância.

— É. Passa todos os dias. A *questão* é que ele circula com um monte de celebridades e estrelas do cinema e da TV. Nós deveríamos ir para *lá*.

Usei dois dedos para pescar a cereja no marasquino e a comi.

Incy deu um pulinho, feliz novamente.

— Lá faz sol o ano inteiro, lembra? Faz sol e calor, do jeito que você gosta. Nós vamos, conhecemos as estrelas, invadimos festas... é perfeito. Vou pedir um carro para nos levar até o aeroporto.

Em algum ponto no caminho para o aeroporto, me tornei Nastasya. Portas se fecharam dentro de mim. Os bairros pobres e destruídos pelos quais passamos pareciam refletir exatamente o que eu sentia por dentro. Incy estava saltitante, feliz por fazer uma coisa nova, animado com a ideia de conhecer artistas e saber

que podia alegar estar fazendo isso tudo por mim, para que eu ficasse feliz. Eu estava tão cansada de discutir com ele... O ano anterior no Taiti fora marcado por brigas, seguidas de reconciliações. Foi exaustivo.

E, na verdade, era preciso tão pouco para fazê-lo feliz, como ele mesmo tinha mencionado umas cem vezes. Afinal, para mim não custaria nada ficar um tempo em Los Angeles, durante o inverno, não é? Nada. Mas veja como ele ficava alegre. Minha vida seria tão mais fácil a partir de então. Na verdade, minha vida ficava tão absurdamente melhor quando Incy estava feliz que era quase tão bom como eu estar feliz.

Por fora, me permiti demonstrar alegria e ficar de bom humor, ouvi-o falar sem parar durante o voo de seis horas e me espreguicei devidamente sob o sol quando pousamos em LAX.

O ar cheirava a poluição e nevoeiro e combustível de avião. Até onde eu conseguia ver, o terreno era coberto de prédios, estradas e luzes, se estendendo até o deserto, subindo pela montanha como besouros, engolindo a terra com boca de concreto. Eu gostava de cidades, sempre preferia cidades, exceto em Moorea. Mas aquela cidade parecia espalhada demais... incontida demais para mim.

Nosso hotel tinha uma piscina que era uma piada se comparada ao Pacífico sul. O aroma de óleo de coco e fumaça de cigarro aderiu à minha pele. Na maior parte dos dias, eu cochilava em uma espreguiçadeira e acordava para pedir bebidas geladas com frutas espetadas em espadas de plástico. Os abacaxis não tinham gosto.

Uma noite, fomos a uma festa, convidados pelo amigo de um amigo. Tínhamos ido comprar roupas apropriadas, e eu estava usando um Halston branco de alças. Amarrei uma echarpe clara de seda no pescoço e prendi a tira do vestido por cima. Minha pele tinha um bronzeado natural; meu cabelo estava comprido, eu o havia pintado de louro-escuro, e minha cor original aparecia como se fosse mechas. Quando me olhei no espelho, vi uma mulher bonita e impressionante, com olhos pretos e frios como o espaço sideral. Incy não ficava tão feliz havia dez anos.

Por mais linda que estivesse, me misturei com a mobília naquela festa. Ali estavam as mulheres mais lindas que eu já vira na vida, todas mais altas que eu. Havia poucos imortais, Lee, o amigo de Incy, e algumas modelos. Innocencio estava em seu habitat, as pessoas eram magneticamente atraídas por ele, seu carisma quase tão palpável quanto a beleza. Ele saiu com alguém ou um par de alguéns, e eu fiquei desviando de egos inflados e da insegurança gigantesca por mais uma hora até ter certeza de que a morte seria melhor que aquilo.

No dia seguinte, cortei meu longo cabelo louro no banheiro do hotel com uma tesoura de kit de costura. Todas as vezes que eu o via, me fazia lembrar de Moorea, onde cheguei bem perto da paz. E daí se eu estava fugindo do mundo? E daí se eu não estava aprendendo nem crescendo ou melhorando? E daí se eu nunca mais conversasse com ninguém?

As mechas douradas e compridas caíram no chão do banheiro e me deixaram com um corte irregular e malfeito acima dos ombros. Quando Incy viu, ficou louco; ele gostava quando eu estava bonita porque isso o deixava ainda mais bonito. Horrorizado, ele fez ligações até encontrar um cabeleireiro de celebridades que pudesse me atender naquele minuto.

O cabeleireiro exclusivo e esnobe não disse nada além de *tsc tsc* durante a operação de salvamento e ficou lançando olhares de solidariedade a Incy, como se pensasse, talvez, que eu fosse uma estrelinha estressada que acabou surtando.

Quando ele acabou, eu me olhei no espelho e... não soube para quem estava olhando. Não sabia o que eu estava fazendo, por que estava ali, que diabos faria comigo mesma.

Eu lembrei que não precisava saber. Incy sabia. Ele cuidaria disso.

A pessoa vazia no espelhou olhou para mim com olhos embotados.

— Pinte de preto — disse ela.

Atualmente, River's Edge parecia tomada de tensão, além de uma implacável dose de amargura. Está certo, vimos muita coisa acontecer: a explosão das janelas, o feitiço de proteção aparentemente inútil (ugh), o círculo queimado ao redor da casa, as galinhas mortas, o jardim destruído. E, claro, a caixa com Incy. Toda vez que me lembrava disso, o que acontecia muitas, muitas vezes ao dia, eu era novamente dominada pelo choque e pelo horror.

Além do mais, vários de nós estavam tendo sonhos ruins, visões perturbadoras durante a meditação, sentimentos antigos de medo e incerteza.

Reyn e eu ainda treinávamos com a espada. Às vezes, em algumas sessões, eu "esquecia" como segurar a minha, de forma que ele precisava me tocar para posicionar minhas mãos corretamente. Afinal, é claro, sou patética assim.

Uma noite, no fim de março, River pediu para que todos nós ficássemos para uma reunião depois do jantar.

— Meus amigos — disse ela, com o rosto solene e tomado de preocupação —, como vocês sabem, como vimos, há algo acontecendo no mundo dos imortais. Está bem disseminado e é inquestionavelmente maligno. Tenho certeza de que vai afetar nossas vidas aqui, e é provável que seja em pouco tempo.

— Houve mais ataques? — perguntou Charles. A luz das velas na mesa deixava o cabelo ruivo mais escuro e atenuava as sardas nas bochechas.

— Coisas estão acontecendo quase todos os dias — disse Asher. Ele também parecia cansado e preocupado. — Tivemos notícias de vários amigos e colegas pelo mundo. A princípio, os alvos eram, predominantemente, os imortais das grandes casas restantes. Mas, agora, parece que expandiram os ataques.

— Um centro de aprendizado de imortais na África, um local bem parecido com este aqui, desapareceu — disse Ottavio, com sua voz grave. — *Desapareceu*. Treze pessoas moravam lá; sumiram, e não há pistas do que aconteceu a elas.

Brynne e eu nos entreolhamos com expressões sombrias. Quando observei o rosto de Reyn por reflexo, vi que estava imóvel, o olhar distante.

— Fomos abordados, obviamente — prosseguiu River. — Os incidentes aqui foram tristes e destrutivos, mas não mortais. Pelo menos, ainda não, não para nós.

— Só para galinhas e plantas. — Nós, os quatro professores e meus irmãos, temos certeza de que é só uma questão de tempo até que alguma força bem maior e mais maligna tente arrancar nosso poder.

— Mas não sabemos quem é essa força maior e mais maligna? — perguntou Lorenz, o sotaque italiano se acentuando. — Não temos nem ideia?

River negou com a cabeça.

— Poderia ser uma pessoa incrivelmente das trevas, com uma missão de morte e destruição, ou poderia ser uma família ou um grupo, alguma coisa tão sem foco como alguns Teräväs procurando matar o máximo possível de imortais Tähti.

— Tentamos fazer previsões várias vezes — disse Anne. O cabelo escuro e brilhante fazia uma curva perfeita debaixo do maxilar e tocava o colarinho atrás. — Mas as imagens que recebemos não fizeram sentido, pareciam baboseira.

— Nossas previsões podem ter sido afetadas por quem está por trás disso — ressaltou Asher.

— Nada disso parece ser direcionado a uma pessoa ou família em particular? — Solis não olhou para mim. Que sutil.

River balançou a cabeça com firmeza.

— Há algumas grandes famílias ou centros de aprendizados que não foram afetados. Alguns sofreram apenas ameaças, como nós. Outros foram completamente destruídos, e seus integrantes, mortos.

— Não consigo acreditar que essa pessoa não deixou pistas! — exclamou Jess, com voz grave. — Deveríamos ir caçar em alguns desses lugares até encontrarmos algo que nos leve a esse filho da mãe!

— Essa seria uma abordagem — disse Daniel. — Parece melhor do que ficarmos sentados aqui com a palavra "vítima" pintada do lado de fora da casa.

— É uma opção — disse River calmamente. — Mas independentemente do que vamos decidir fazer, um fato ainda é claro: devemos nos preparar para o pior. Acredito que estamos encarando uma batalha. Acho que nenhum de nós precisou enfrentar alguma coisa assim na vida.

Por ter nascido em 718, ela queria dizer que ninguém jamais ouvira falar de nada assim.

— Nós conversamos e gostaríamos de pedir que qualquer um de vocês que queira ficar fora disso deixe River's Edge.

Minhas sobrancelhas se ergueram, e houve movimentação e olhares de surpresa pela mesa.

— Vocês podem ir embora agora, esta noite — prosseguiu River. — Conheço alguns lugares que ainda devem ser seguros, lugares escondidos que são bem protegidos. Qualquer um de vocês será bem-vindo, para permanecer em segurança até que tudo isso seja resolvido de alguma forma.

— Nenhum de nós quer ir embora! — disse Brynne. Obviamente, ela não tinha visto a expressão de esperança no rosto de Charles. Aliás, no de Solis e de Rachel também. Quem podia culpá-los? Qualquer pessoa em sã consciência iria querer pular fora disso.

River lançou um olhar gentil para Brynne.

— Cada um de nós deve tomar a própria decisão.

— Se vai haver uma batalha, então que haja uma batalha. — Daisuke não tinha falado nada até o momento, e Joshua e Reyn se viraram para olhá-lo. Daisuke já havia sido samurai; será que eles percebiam? — Devemos nos preparar para o pior. — Não havia medo no rosto de Daisuke, mas também não havia empolgação, só uma certeza calma.

— Será que... deveríamos ir para Gênova? — Mal reconheci minha voz. — Será que pelo menos alguns de nós deveriam ir proteger sua casa, o local onde sua família nasceu?

Um sorrisinho aliviou a expressão no rosto de River por um momento.

— Não, minha querida. Tudo que importa para mim está bem aqui.

Tudo bem, entendi: os quatro irmãos. Mas e quanto aos livros, às joias e aos instrumentos mágickos? Talvez fabulosas tapeçarias? Essas coisas não deveriam ser salvas? Eu daria tudo para ter apenas um livro, uma única coisa que tenha pertencido aos meus pais. Será que o legado da família deles estava tão protegido?

Lentamente, River olhou para cada um dos rostos reunidos ao redor da longa mesa. A luz das velas cobria sua face de sombras, fazia seu olhar parecer mais brilhante e atento.

— Peço a todos vocês, por favor... se quiserem ir embora agora, não vamos ter outro desejo além de amor e bons sentimentos.

Pela primeira vez, Joshua falou:

— Olhem, não fiquem se forem se tornar um peso. Se não estiverem comprometidos de corpo e alma, se não forem capazes de se cuidar durante uma batalha, física ou mágicka, façam o favor de irem embora.

— Joshua — disse River, aflita.

— Ele está certo. — Reyn parecia sofrer por ter de admitir isso. — Quem não está disposto ou não é capaz de lutar, quem não quer salvar a própria vida por qualquer meio necessário, não passa de uma falha em nossa armadura.

River parecia querer refutar aquela afirmação, mas não conseguiu.

— Admiro o autoconhecimento que diz a uma pessoa que ela é mais útil em outro lugar — disse Daisuke, com mais tato. — Essa situação não é para qualquer pessoa. Se uma batalha chegar até nós, vai ser bem ruim, como sempre são as batalhas. Não há vergonha em não querer ser um soldado.

Bem, como ele colocou dessa forma...

— Vocês não precisam decidir neste minuto — disse River mais rudemente. Ela ficou de pé e começou a juntar os pratos para levá-los à cozinha. — Estarei no meu escritório pela próxima hora. Venham me ver se quiserem buscar um porto seguro, com todo meu amor.

Depois de pegar os pratos, ela empurrou a porta da cozinha com um dos ombros. Três de nós fizemos pilhas e as levamos para a cozinha. River me deu um sorriso tenso e saiu.

— A tarefa da cozinha até parece fácil depois dessa conversa de batalha — comentou Daisuke, tentando desanuviar a tensão.

Anne amarrou um avental na cintura.

— A tarefa da cozinha nunca é algo menor. — Ela bateu em Daisuke com uma toalha, ele sorriu e pegou outro avental. Segui para o andar de cima para pensar.

CAPÍTULO 24

No café da manhã do dia seguinte, descobrimos que Charles, Lorenz e Rachel tinham partido. Apesar de ter parecido esperançosa na noite anterior, a princípio fiquei surpresa por causa de Rachel. Ela era tão forte, tão avançada nos estudos, e eu sabia que amava muito River e River's Edge. Mas talvez acreditasse que poderia ser o elo fraco em uma luta e foi embora para não se tornar um peso, como Joshua dissera.

Ainda assim, depois daquela reunião tensa, depois da partida de três de nós, nada aconteceu durante a semana seguinte. Não fui à cidade, embora o projeto estivesse no final e eu, doida para vê-lo. Falei para Bill que pegara uma gripe e que ele estava no comando, mas que não era para enlouquecer com meu dinheiro.

Em casa, estávamos todos tensos, olhando ao redor com cautela enquanto andávamos da casa para o celeiro e para o campo. Os canteiros de legumes e verduras que substituímos exibiam um primeiro traço hesitante de verde-pálido; todos os cavalos e cachorros pareciam calmos. Dúfa e um outro filhote foram os únicos que restaram; Asher planejava ficar com o outro, um perfeito exemplar clássico de pointer alemão, que ele batizou de Henrik. As galinhas restantes estavam bem e irritantes como sempre. A que eu havia depenado já estava coberta de tufos compridos e nada impressionantes que, para Anne, virariam penas de verdade. Então isso era bom.

Mas independentemente de onde estávamos e do que fazíamos, ficávamos alertas em relação a tudo ao nosso redor. Prestávamos atenção ao canto dos pássaros no bosque em busca de qualquer grito de alarme. Observávamos os cavalos e, principalmente, os cachorros, procurando sinais de nervosismo e agressão. Todas as noites, antes de dormir, River, Ottavio e Asher andavam pela casa atrás de marcas das trevas ou evidência de alguma magick desconhecida. Fomos divididos em pares e colocados em vigília.

Todos os dias, o peso do que havia causado no feitiço de River aumentava, e eu tinha mais certeza de que era a maior, e talvez a única, rachadura na armadura deles.

Seis meses atrás, quatro meses atrás, dois meses atrás, a resposta teria sido clara: fuja o mais rápido possível. Vá para outro lugar, onde não precise pensar no assunto, onde possa se convencer de que aquilo jamais aconteceu. Mas eu sabia o que tinha de fazer. E era uma droga. Por isso adiei o máximo que consegui. Se eu não admitisse naquele momento, todos poderiam morrer. Mas sem pressão.

River estava em uma das salas de aula. Ela e Anne tinham espalhado uma variedade de cristais na mesa, desde bem pequenos, como pedras preciosas, a pedaços tão grandes quanto meu punho.

— Oi, minha querida. — O sorriso de River estava tenso.

— Oi. Hum... como sempre, preciso falar com você. — murmurei, com medo da conversa que viria em seguida. Sabia que seria perdoada, mas as trevas inescapáveis da minha família, as trevas que arruinaram o feitiço de proteção dela, provavelmente ditariam que eu deveria tirar umas férias em algum lugar escondido. E eu não queria fazer isso. Mas iria se ela me pedisse. Mesmo odiando.

River hesitou por um momento, e acrescentei rapidamente:

— Você parece ocupada. Volto mais tarde.

Tinha me virado para fugir quando a mão delicada no meu ombro me impediu.

— Vamos para meu quarto — disse ela.

Não falamos nada no caminho até a casa. Entramos pela porta da cozinha, passamos pela sala de jantar e subimos a escadaria principal como já havíamos feito centenas de vezes antes. Quando passamos pelo meu quarto, fui tomada pela vontade de pular ali dentro, fechar a porta e me encolher na cama. Foi difícil forçar os pés a continuarem, virarem à direita e seguirem River até o final.

Jamais entrara no quarto de River, mas sabia onde ficava, é claro. Na porta, ela passou os dedos pelo batente sussurrando algo. Era um feitiço para trancar portas.

Dentro, o cômodo não era muito maior que o meu, e tão simples quanto, exceto pelo fato de que, em vez de uma cama estreita de solteiro, ela e Asher tinham uma cama de casal com dosséis, feita em madeira escura. Era tão alta que, se fosse minha, eu teria de escalar para subir e pular para conseguir descer. Imediatamente, visualizei Reyn espalhado no edredom branco, me observando com os olhos brilhantes, e tremi.

— Devo pedir chá? Deveria ter pensado nisso antes de subirmos.

— Não, estou bem — falei. Alguns dias eu sentia que sairia flutuando de tanto chá.

Havia duas pequenas poltronas, antiquadas e de encosto alto, do tipo que se veria na Inglaterra dos anos 1890, posicionadas em frente a uma janela. Uma mesa Shaker baixa e redonda ficava entre as duas, e a cesta de tricô de River, embaixo desta.

— Vamos nos sentar aqui — disse ela, indicando as poltronas.

Eu me sentei. Agora que estava ali, meu estômago começara a doer. Nervosa, prendi o cachecol para dentro do suéter escuro de gola alta.

River esperou pacientemente, mas era óbvio que queria que eu começasse logo.

Talvez eu devesse dizer só alguma coisa como: *Estou preocupada com as galinhas que restaram, talvez devêssemos colocá-las no celeiro e quem sabe alguém...*

— Estraguei o feitiço de proteção.

River se empertigou e olhou para mim mais alerta.

— O grande feitiço de proteção?

— É. O grande feitiço. — Minha garganta estava tão apertada que não conseguia engolir.

— Por que está dizendo isso?

— Não era minha intenção. — Deviam ser as palavras mais imbecis em qualquer língua. *Je n'ai pas l'intention. Ich habe nicht zu bedeuten. Ik was niet mijn bedoeling. Io non volevo.* — Não era. Mas estávamos todos lá, e você disse que cada um receberia um sinal, sentiria um empurrão, quando fosse a hora de entrar.

— Sim?

Minha voz estava quase inaudível.

— Não recebi sinal algum. — Tudo bem, estava dito. Parecera uma bigorna no meu peito durante semanas. Agora, estava dito.

— O que você quer dizer?

Será que eu precisaria soletrar? Qual parte de "estraguei o feitiço" ela não havia entendido?

— Todo mundo recebeu um sinal — afirmei. — Todo mundo entrou, um de cada vez, e o feitiço foi em frente. Eu estava lá e queria participar, mas não recebi meu sinal.

— Então por que você se juntou ao feitiço? — River se encostou na poltrona, e o pânico subiu pelas minhas entranhas. Ela me perdoaria. Mas será que continuaria gostando de mim? Se preocupando comigo? Porque eu finalmente acreditava que ela se preocupava. Que ela gostava de mim de verdade. Mas ali estava eu, decepcionando-a de uma forma enorme e importante. Como sempre.

Engoli em seco, desejando ter pedido chá.

— Não consegui suportar não fazer parte dele — murmurei. — Todo mundo tinha entrado. O feitiço estava enorme, complexo e lindamente estruturado, como arquitetura, como um esqueleto. Esperei e esperei o empurrão para entrar. Mas não senti nenhum. Por causa de quem sou. O que sou. Odiei isso. Eu não *queria* ser *aquela* eu, queria ser a eu que fazia parte daquilo. — Em voz alta,

parecia ainda mais egoísta e indiferente que na minha mente. Fixei os olhos em uma minúscula rachadura no piso. Era como se eu tivesse esquecido como parecer entediada e como falar casualmente sobre coisas importantes. Merda. — Enfim. Queria fazer parte daquele feitiço lindo e incrível. Não podia ser a única a ficar de fora. Então, apenas entrei.

— E depois?

— A princípio, minha voz não se misturou tão bem como as dos outros. Mas fechei os olhos e cantei, vendo tudo se unir na minha mente. E, em pouco tempo, minha voz se pareceu com as dos outros, fazendo parte do todo, sem divisória. Parecia arte.

River assentiu sem sorrir.

— Você achou que o feitiço estava perfeito?

Comecei a dizer que sim, mas pensei melhor.

— Não — respondi lentamente, e o olhar de River se intensificou. — Quero dizer, a forma estava perfeita. O padrão. As camadas, as limitações, os poderes invocados. Tudo isso era... a coisa mais perfeita que eu poderia imaginar. Mas havia alguma coisa errada.

— O que quer dizer? O que estava errado?

Com surpresa, vi as mãos de River no colo, unidas como se ela estivesse tentando mantê-las imóveis. Os nós dos dedos estavam ficando brancos.

— O que estava errado? — A voz dela era quase um sussurro.

— Havia... — Não sabia como descrever e não queria criticar algo ao qual ela se dedicara tanto. — Tipo, partes faltando. Como se fosse uma tapeçaria, e o desenho da tapeçaria estivesse perfeito, e a barra, quase perfeita, mas aqui e ali havia pedaços de lã faltando, pedacinhos pequenos sem nada. Ou locais em que parecia haver um remendo. Fiquei surpresa... Não pretendia fazer aquilo, mas talvez tenha feito. Tudo em mim, eu inteira, queria fazer parte daquela beleza. Mas como eu não deveria ter me juntado, talvez o acréscimo da minha voz tenha de alguma forma danificado a estrutura.

River expirou e se recostou na poltrona rapidamente, como se eu tivesse lhe dado um tapa.

Alarmada, procurei alguma coisa para dizer.

— Sinto muito, eu errei, eu não...

— *Shh!* — disse River, balançando a mão para mim, e fechei a boca como uma marionete. Ela quase pulou da poltrona, correu para a porta e a abriu. — Asher! Asher!

Ah, meu Deus, ela estava chamando Asher para me expulsar! Isso era bem pior, eu deveria ter imaginado o quanto era horrível, deveria ter admitido na mesma hora. Eu andava mentindo para mim mesma, tentando me convencer de que não era tão ruim, de que ela podia me perdoar, que jamais me pediria para ir embora.

Lágrimas quentes e constrangidas escorreram dos meus olhos quando fiquei de pé.

— Você não precisa chamá-lo. Vou embora! — falei, engasgada. — Vou embora agora mesmo!

Isso chamou a atenção de River, e ela se virou para olhar para mim.

— Do que você está falando? Sente-se!

Tremendo, eu me sentei e passei a manga pelos olhos. Certo, primeiro haveria gritaria. Acusações, censuras e tudo mais. Bem, eu merecia. Cometi um erro e ficaria aqui sentada suportando o que quer que eles fizessem comigo. Era o mínimo que eu podia fazer. Depois, iria embora dali ou faria o que ela quisesse. Só conseguia imaginar o quanto ela deveria estar cansada de tentar me consertar.

Em um minuto, Asher apareceu com uma expressão preocupada, e River fechou a porta. Ele segurou a mão dela, depois me viu sentada, infeliz, na poltrona perto da janela, tentando não chorar.

— Qual é o problema, amor?

River o puxou até a janela e pegou um banquinho para ele se sentar.

— Nastasya, conte para Asher tudo que você acabou de me contar. Não deixe nada de fora.

Então teria de me humilhar de novo. Fungando, assenti e, com uma voz baixa teimando em falhar, contei minha história idiota de ter arruinado tudo.

— Conte sobre as partes faltando — disse River.

— Acho... que foi minha culpa — confessei. E deveria ser, se River estava me fazendo contar para Asher. Sem olhar nos olhos deles, repeti minha metáfora da tapeçaria. Quando terminei, os dois se entreolharam sem dizer nada. Aquela cena toda estava começando a parecer meio bizarra.

— Hã — disse Asher depois de um tempo.

— Ninguém mais sentiu isso — disse River, sem fôlego.

— Exceto você e eu — disse Asher. — E Nastasya.

— Devo ir agora? — perguntei, com voz baixa. — Só preciso pegar minhas coisas.

— Ir para onde? — perguntou Asher, confuso.

— Hã... embora? De River's Edge? Por ter estragado o feitiço?

— *Tsc*... Eu me esqueci de esclarecer isso — disse River. — Você não estragou o feitiço.

Repeti suas palavras na minha mente, mas ainda não faziam sentido.

— Não recebi o sinal para entrar — reforcei, para lembrá-la. Será que ela havia perdido essa parte?

Pela primeira vez, River me deu um sorriso.

— Recebeu, sim, querida.

Ops, lá fui eu pelo espelho de novo!

— O quêêê?

— Sua sensação intensa de querer ser parte de nós — disse ela, com delicadeza. — Sua recusa em ficar de fora. Esse desejo tão forte de participar que a fez se arriscar e entrar. Esse foi seu empurrão.

Certo, fiquei sem palavras.

— Você estava esperando uma voz na sua cabeça? — perguntou Asher, os cantos dos olhos se enrugando, embora ele ainda tivesse um ar de cansaço e preocupação.

— Sim? — Eu queria dizer sim, *obviamente*, isso teria sido bom.

— O empurrão de cada um é diferente — explicou River. — Pode ser bem intenso ou um pouco mais sutil. O sinal que você recebeu foi até bem forte. Você o descreveu como sendo irresistível, não foi?

Ainda não fazia ideia do que estava acontecendo.

— Aham.

— Então você teve um sentimento irresistível e entrou — disse Asher. — Que parte disso não parece clara para você?

— Além de todo o resto? Foi apenas um sentimento! Sentimentos podem estar errados! Aquilo foi apenas o que eu *queria*.

Eles me olharam, e me senti ainda mais perdida e burra que o habitual. O que, você sabe, não é pouca coisa.

— Não, minha querida — rebateu River por fim. — Quando você é sincera consigo mesma, sintonizada com quem você é e sabe quais são seus objetivos, não, nenhum sentimento pode estar errado. E o que você quer faz sentido.

Eu me senti como se eles tivessem me pendurado de cabeça para baixo pelos tornozelos e me chacoalhado. Vinha me sentindo péssima havia *semanas* cada vez que lembrava o que tinha feito. E eles estavam dizendo que não tinha sido eu.

— Então... o que fez o feitiço não funcionar? — perguntei de repente. — Foi tão forte! Mas coisas continuam acontecendo. River's Edge não parece mais seguro que antes!

Asher e River se olharam de novo e conversaram sem palavras. Eu lembrava que Asher tinha me contado que eles estavam juntos havia mais de sessenta anos.

— Nós não sabemos — respondeu Asher. — Era claro que deveria ter funcionado. Só que, durante o feitiço, River e eu sentimos umas partes faltando no padrão, assim como você. Não foi você, mas não conseguimos descobrir quem foi.

— Mas foi alguém trabalhando de longe, como as outras coisas?

— Foi alguém aqui, Nastasya — disse River. — Alguém aqui estragou deliberadamente o feitiço, e de forma muito habilidosa, para que ninguém nunca

reparasse.

Ah, meu Deus. Meu cérebro começou a funcionar a todo vapor enquanto eu digeria a informação e suas implicações. *Alguém aqui?*

— Ottavio? — Tentei manter a esperança longe da voz.

River me deu um sorriso fraco e balançou a cabeça.

— Alguém que sabia o que estava fazendo — falei, pensando.

— Sim. — River assentiu com tristeza.

— Alguém muito forte.

— Sim — repetiu ela.

— Não sou forte o bastante e não tenho nem ideia de como fazer isso. — Vamos me excluir das possibilidades logo de uma vez. Pensei rapidamente nas pessoas dali para determinar se eram fortes ou habilidosas o bastante. É claro que eu não as conhecia tão bem quanto River e Asher, e sem dúvida eles já deviam ter passado por esse exercício doloroso.

— Não foi Lorenz, nem Charles — falei, e eles assentiram. — Nem Jess. Nem Brynne. Daisuke seria capaz, mas não foi ele. — De alguma forma, tinha certeza.

— Certo — disse Asher, parecendo deprimido de novo.

— Imagino que Rachel fosse capaz, mas tenho certeza de que não foi ela. — Que estranho julgar quem eu achava que aquelas pessoas eram e o quão bem as conhecia. Depois de deixar os mais fáceis de lado, as pessoas que sobraram exigiam mais reflexão. — Acho que Reyn não é forte o bastante. Tenho certeza de que não faria isso. — Um invasor do norte tem seus princípios, afinal.

River e Asher se entreolharam.

Desconfortável, percebi que não queria restringir ainda mais as possibilidades. A ideia de que alguém ali, alguém com quem eu tinha comido, feito tarefas diárias e estudado... De repente, tudo me atingiu com muito mais força.

— Ah, meu Deus — exclamei lentamente. — Foi mesmo um de nós. Eu meio que *acabei* de me tocar disso.

River assentiu.

— É um conceito difícil de aceitar.

— Preciso de duas coisas de você — disse Asher. — Quero que relembre e examine com atenção sua lembrança para ver se você captou alguma pista de quem pode ter sido. E a segunda é que peço que guarde isso para você. River e eu não mencionamos nossa desconfiança para ninguém além de um ao outro.

Se a notícia se espalhasse, eles saberiam quem foi.

— Tudo bem — concordei. Tudo bem.

E foi isso. Minha grande confissão. A grande revelação deles. E a certeza de que alguém entre nós era perigoso.

CAPÍTULO 25

Até o final dos anos 1570, eu já havia economizado dinheiro suficiente para comprar uma passagem de navio da Islândia para a Noruega. Quando eu era pequena, meu pai me mostrou em um mapa grande e bonito onde ficava a Islândia, a Groenlândia, a Noruega e a Suécia. Ele falava de outros países como se fossem incrivelmente atraentes, mas deveriam ser evitados a qualquer custo. Perguntei se ele tinha ido a algum daqueles lugares, e ele disse que sim. Quando quis saber se voltaria algum dia, ele respondeu que não, que jamais voltaria, se Deus quisesse.

Depois que meu marido morreu em 1569, fui para Reykjavik e me tornei empregada doméstica. Minha patroa, Helgar, foi quem me deu a notícia chocante de que eu era imortal (imortal!) e me contou o que sabia sobre nossos poderes, hábitos, história. Mas não era muito. A crença cega e tranquila que ela mantinha das trevas inerentes a todos os imortais me perseguiu pelos últimos quatrocentos e tantos anos.

Quando o cavalariço começou a me perseguir com tamanha insistência, entrei em pânico e fui embora; juntei minhas coisas em uma trouxa de tecido e saí no meio da noite, como um rato. O cavalariço não era um homem ruim. Ele me pediu em casamento e não era grosseiro. Ninguém conseguia entender por que não aceitei; não conseguiam mesmo, como se ser casada fosse me salvar de alguma coisa. Mas nunca mais queria me casar.

Reykjavik era uma cidade portuária, e foi fácil arrumar um lugar no próximo navio de carga a caminho da misteriosa, exótica e estranha... Noruega. A viagem foi indescritivelmente horrível. Nem consigo explicar o quanto. Só para botar em perspectiva: uma vez, Incy e eu estávamos em um cruzeiro na costa da Austrália. Uma enorme tempestade se aproximou, e o navio não conseguiu evitá-la. Foi muito ruim: um navio enorme, pesado e luxuoso sendo jogado de um lado para outro em ondas muito maiores e mais poderosas. O oceano tem um poder absurdo.

As pessoas se reuniram na capela, chorando e rezando em voz alta, certas de que afundaríamos. Elas deram as mãos e foram arremessados de parede a parede, repetidas vezes.

Incy e eu estávamos muito irritados. Nós não nos afogaríamos, mas, se o navio afundasse, ficaríamos morrendo de frio e infelizes por sabe-se lá quanto tempo até outro navio passar para buscar os sobreviventes e/ou corpos. Além de irritada, eu estava absurdamente enjoada e vomitei uma quantidade recorde de 27 vezes, muito tempo depois de não haver mais nada no meu organismo. Juro que foi uma situação incrivelmente horrível. O fato de o navio não ter afundado e ter atracado no porto com apenas um dia de atraso não alegrou os passageiros e a tripulação tanto quanto era de se imaginar. As pessoas ainda estavam chorando quando praticamente engatinharam pela prancha de desembarque; mais de uma dúzia desabaram no concreto e beijaram o chão; e eu, finalmente parada em terra firme, fiquei enjoada de novo pela falta de movimento.

Mas não foi tão ruim em comparação à travessia da Islândia para a Noruega. Primeiro que, por mais enjoada que tivesse ficado no cruzeiro, eu estava do lado de dentro, aquecida e seca. Tinha água fresca e potável à mão se conseguisse me apoiar em algum lugar e ir até a pia. Se me sentisse capaz de ingerir alguma coisa e pudesse de algum jeito chegar à cozinha, poderia comer alimentos que ainda estavam bons. E a parte da tempestade durou apenas um dia e meio.

A viagem para a Noruega aconteceu logo antes de o comércio ser fechado por causa do inverno. E como estávamos na Islândia e na Noruega, o clima já era

horrível. Acrescente aí o efeito da Pequena Idade do Gelo na Idade Média (vá pesquisar), e estamos falando de um frio animalesco de rachar os ossos; o vento cortante como uma faca; dias escuros que começavam às dez da manhã e acabavam às duas da tarde.

O navio era estreito, com talvez uns 9 metros de comprimento e um pouco mais de 3 de largura, acho. Era completamente aberto aos elementos naturais: vento, gelo, chuva congelante, chuva comum, água salgada respingando das ondas, etc. Não havia nenhuma parte coberta, nem mesmo para o capitão. Arenque salgado e defumado era o cardápio básico, mas, de vez em quando, serviam mais arenque, e, às vezes, no café da manhã ou de sobremesa, havia arenque também. Lembro-me de algumas pessoas comemorando quando finalmente comeram a borrachuda carne de tubarão em conserva. Meu parco suprimento de meio pão e algumas maçãs secas ficou logo encharcado e se desintegrou em uma pasta salgada.

Minha cama era uma camada dupla de sacos no deque, e meu travesseiro era o saco de pano encharcado do meu vestido extra, do meu avental extra e do meu lenço de cabelo extra. Em vez de um dia e meio sendo jogada de um lado para o outro e ficando enjoada, aquela viagem durou quase três semanas de infelicidade física constante. Tudo ficava ainda pior pelo fato de que eu não conhecia ninguém na Noruega, não fazia ideia de para onde ir, quase não tinha dinheiro e nenhum plano de verdade exceto tentar ser contratada para trabalhar em algum lugar.

Deve ter sido a coisa mais corajosa que já fiz, deixar para trás tudo e todo mundo que eu conhecia, deixar para trás meu país, meu passado e a pessoa que fui. Passei a usar um nome norueguês, Ragnhild, meu primeiro nome que não era islandês.

A segunda coisa mais corajosa que fiz foi partir para River's Edge, para tentar salvar o que havia sobrado da Nastasya dentro de mim. Porque qualquer pessoa poderia apostar que seria difícil e que eu iria odiar o que veria. E foi isso mesmo.

A terceira coisa mais corajosa foi agora, hoje, decidir ficar. Ficaria apesar de uma batalha apavorante estar se aproximando. Ficaria apesar da minha falta de confiança em meus poderes e habilidades. Conhecia essas pessoas havia menos de seis meses, e nenhuma delas tinha qualquer parentesco comigo. Uma havia sido o inimigo jurado da minha família. Outras não me suportavam.

Mas ali estava eu, e era onde pretendia ficar. Meu primeiro ato de coragem foi abandonar pessoas; meu terceiro ato de coragem foi ficar com pessoas. E parecia ao mesmo tempo corajoso e incrivelmente idiota, como tantos outros atos de coragem meus.

Minha nossa, ainda bem que não sou paranoica e não vejo perigo em toda a parte, senão essa coisa toda de um "traidor entre nós" me afetaria demais!

— Querida, você parece tão para baixo — disse Brynne, colocando um saco de feijões secos na mesa da cozinha. — O que está acontecendo?

Em uma escala de um a dez, a vontade de contar tudo para Brynne chegava a 13. Além de Reyn e River, de todas as pessoas, ela era de quem tinha mais proximidade ali. Eu confiava nela.

— Além da enorme batalha que eles acreditam ser iminente? — Enchi uma panela grande com água, salpiquei sal e pimenta e acrescentei bastante feijão para que cozinhasse lentamente durante toda a tarde. Voilà: jantar. — Isso não basta?

Brynne assentiu enquanto eu pegava meu casaco, e nós duas saímos para o grande celeiro. Como eu não ia mais para a cidade, sobrava muito mais tempo livre para trabalhar minhas habilidades mágickas. Talvez fosse minha imaginação, mas eu achava que estava melhorando e ficando mais forte magickamente.

— Ah, Nastasya... Brynne. — Solis estava saindo da sala de ervas. Como os outros professores, o rosto dele parecia cansado e preocupado. — Estou feliz de ter encontrado você, Nastasya. Gostaria de me oferecer para lhe dar aulas de novo. — Seus olhos azuis de surfista mostravam sinceridade. — Peço desculpas por ter problema para confiar em você antes. Tanta coisa aconteceu, e foi difícil de percorrer o caminho. Mas se River tem confiança total em você, eu também

tenho. Para compensar, pensei em mostrar algumas propriedades interessantes da urtiga comum. Ou podemos trabalhar em previsão com cristais.

Humm. Tinha ficado tão brava e magoada quando Solis tomou o lado dos irmãos cabeças-duras de River. Agora, estava recuando e admitindo seu erro. A coisa educada e de confiança a fazer seria aceitar a proposta dele no espírito de generosidade com que foi oferecida.

Infelizmente, só confio em poucas pessoas e parei de ser educada lá pelos anos 1800.

Portanto, não tive problema em recusar.

— Não, obrigada — respondi.

Ele pareceu surpreso.

— Hã... Posso ver que magoei você mais profundamente do que percebi com minhas ações impensadas. Garanto, Nastasya, que me arrependo verdadeiramente de tudo que fiz que acabou aborrecendo você.

Comecei a ficar irritada. Ele era professor ali e tinha feito praticamente tudo menos usar um cartaz no pescoço dizendo: NASTASYAS NÃO SÃO PERMITIDAS.

— Acho que nós dois vamos superar — falei.

Solis olhou para Brynne, mas ela deu de ombros. Uma porta se abriu no corredor do celeiro, e Anne e River saíram, falando em voz baixa, as cabeças inclinadas. Depois, a porta do lado de fora se abriu, e Jess, Amy, Daniel e Reyn entraram, e a cabeça dele, por ter sido a última e a mais alta, bloqueou um raio de sol, fazendo parecer que havia uma auréola ao seu redor. Coisas assim são tão injustas.

Anne ergueu o olhar e sorriu.

— É uma feliz coincidência — disse ela. — Estava pensando se deveríamos fazer uma meditação em grupo, e essas pessoas seriam excelentes.

Viva.

— Acho que não, querida — disse River, e Anne piscou.

— Não?

River pareceu desconfortável.

— Meditações em grupo podem ganhar uma carga emocional forte demais agora. Talvez só você e eu e uma ou duas pessoas? Mas nada acima de quatro ou cinco, e eu gostaria de estar presente. Só por garantia. Para o caso de alguém precisar de mim.

Isso era estranho, e olhei ao redor rapidamente. River não sabia em quem confiar. Ela não queria correr o risco de algum de nós poder estar trabalhando contra ela. Não sabia se todo mundo tinha percebido isso, mas vi especulação surgir nos olhos de Reyn.

Depois de alguns instantes constrangedores, Brynne disse:

— Vou para a sala de treino... — E saiu. Amy, Jess e Daniel a seguiram.

River sorriu para Solis e pegou seu braço.

— Ande conosco — disse ela, seguindo para a porta.

Ele sorriu com naturalidade ao saírem.

— Com prazer.

Reyn e eu ficamos ali nos olhando. Apesar de algumas aulas de espada, não tínhamos conversado ainda sobre... o que não aconteceu. Rejeitei sua oferta de amor, e ele rejeitou minha oferta do resto de mim. Ele andava distante, porém não furioso, quieto, mas muito pensativo. Eu estava esperando que ele jogasse tudo na minha cara ou ficasse bravo de novo. Ainda doía o que dissera sobre eu ser uma covarde e tal. Ainda doía, mas, em vez de ficar furiosa e deixá-lo de lado, realmente pensei sobre o que ele disse.

Nós apenas não víamos a situação da mesma forma.

— Você vai a alguma das salas? — Sou famosa por minhas conversas geniais. Só que não. Mas você já sabia disso.

Ele passou uma das mãos pelo cabelo, deixando-o um pouco de pé. Tentei não pensar no cabelo dele roçando meu queixo quando ele começou a descer... Tossi um pouco, torcendo para meu rosto não estar vermelho. Pois sentia, como se estivesse de pé ao lado de uma fogueira, que a esperança era bem pequena.

— Acho que vou para onde você não for — disse ele.

Não estava tentando ser cruel, eu tinha certeza. Estava sendo direto, e eu não deveria culpá-lo por se sentir daquela forma.

Mas é claro que o culpei. Em um mundo ideal, eu poderia dizer ou fazer o que quisesse, e todo mundo ao meu redor entenderia, concordaria e não haveria repercussões. Eu tinha 450 anos de decepção nesse aspecto e percebi, com tristeza, que provavelmente ainda teria *pelo menos* mais um século de decepções.

— Ah, tudo bem, então — falei, desejando ter uma resposta mais mordaz. Ergui o queixo. — Acho que vou para o celeiro! — Rá! O domínio dele!

Os olhos dourados se estreitaram, assim como os lábios, mas, quando ele falou, a voz estava firme.

— Tudo bem. Então vou para uma sala.

Mantive o queixo erguido e a expressão tranquila.

— Talvez a gente pudesse ter uma aula de espada mais tarde.

Lentamente, ele balançou a cabeça.

— Acho que não... posso hoje. — Ele pareceu sofrer tanto que ficou claro que não estava tentando me frustrar. Parecia que estar perto de mim era difícil para ele, e ficava cada vez pior.

Tanta gente sente o mesmo com relação a mim, mas por outros motivos.

Sem me sentir nada vitoriosa, segui para o sol da primavera, indo até o celeiro.

Eis uma coisa que vai fazer você gargalhar: decidi meditar de novo. Esperava dessa vez não ter os olhos vidrados de Ottavio me encarando enquanto isso. Mas para onde eu podia ir?

Seis cavalos em um celeiro para dez significava quatro baias vazias. A galinha do demônio estava em uma delas. Todos os dias nós espiávamos para ver se os ovos já tinham sido chocados, mas, até o momento, nada. River estava começando a achar que os ovos tinham morrido junto com as outras galinhas.

Molly, Dúfa, Henrik e Jasper, o corgi, ocupavam outra baia e estavam dormindo no piso coberto de feno. Uma baia guardava as ferramentas, como tridentes, carrinhos de mão e vassouras largas.

O que deixava uma baia livre. Não queria ir para o palheiro; além de todos os surtos emocionais que meu cérebro tinha só em pensar nele, parte de mim ainda sentia medo de que a meditação podia acabar sendo tipo uma viagem ruim de drogas. Não queria ficar a 3,5 metros do chão, mesmo que me convencesse de que podia voar.

Vela acesa + celeiro cheio de feno = perigo de incêndio, então levei um pedaço grande de ametista no qual me concentrar. O amuleto da minha mãe... meu amuleto estava quente debaixo do suéter. Dentro da baia, puxei a porta de correr para deixá-la quase toda fechada e me sentei em um canto onde ficaria fora do campo de visão de qualquer passante casual. Juntei um montinho de feno, feliz por não ter de sentar a bunda no chão congelante, para variar. Depois de me acomodar, me ajeitei para ficar confortável e coloquei a ametista no chão, em uma área iluminada pelo sol. Ela brilhou com uma cintilante luz roxa interior. Mantive os olhos grudados nela e me lembrei várias vezes de prestar atenção, de não me deixar distrair pelo ar poeirento, pelo feno pinicando debaixo das minhas pernas. Inspirei e expirei lentamente enquanto afastava pensamentos aleatórios como se fossem moscas. Em determinado momento, um gato entrou e me farejou, ficou de pé em uma das minhas pernas e chegou tão perto do meu rosto que os bigodes quase me fizeram espirrar. Mas eu inspirei e expirei, e logo o gato foi embora.

Minutos se passaram, e quanto mais eu observava a ametista com olhos de coruja, mais começou a parecer que eu estava olhando para uma foto do cosmos, uma planície vasta, profundamente roxa, salpicada de luzes cintilantes que existiram havia milhões de anos.

Mostre-me o que preciso ver, pensei. Na paisagem celeste, eu mesma era uma partícula infinitesimal. Minha vida anormalmente longa nesse planeta significava que eu era uma estrela que cintilava por um centésimo de segundo em vez de um milésimo, como as outras pessoas.

E ali estava: Sirius, a Estrela do Cão. A estrela mais brilhante do céu, a principal da constelação de Canis Major. Era interessante, mas inexplicável, que

as oito grandes casas de imortais do mundo fossem localizadas da forma mais próxima possível, na mesma formação das estrelas de Canis Major.

Eu estava perdida no céu, flutuando entre os pontinhos de luz, mas levemente ciente de mim mesma sentada de pernas cruzadas e com todos os músculos relaxados. Enquanto olhava para as estrelas frias e distantes, o céu pareceu mudar lentamente. Passei a ver o mundo de uma distância enorme. Um vento frio soprou meu cabelo no rosto. Estava flutuando, mas me aproximando da Terra a cada segundo. A constelação se tornou um modelo redondo em 3-D da superfície da Terra, com o mundo girando para mostrar a localização das oito casas.

O que aquilo queria dizer?

Eu estava despencando para o chão, mas não sentia medo, só uma espécie de curiosidade especulativa. Abaixo de mim, o mundo girava no eixo, de forma que deixava a América do Norte bem embaixo, depois a Europa e, em seguida, a Rússia. As oito casas tinham se tornado rios, cada um se expandindo. Não rios de verdade com água e correntes, mas linhas com outras linhas escuras saindo em todas as direções. Algumas dessas eram interrompidas abruptamente; outras se bifurcavam. Algumas se bifurcavam e voltavam a se unir. Enquanto outras ficavam azul-claras, e as demais faziam a volta para retornar ao centro-estrela.

As linhas se tornaram, então, uma teia fina cobrindo a superfície terrestre do mundo. Parecia um recife de corais, denso e complexo em alguns pontos, esparso em outros. Muito colorido às vezes, mas com manchas brancas em amontoados irregulares. A teia era pontilhada de luzes cintilantes, o que fazia com que parecesse viva e vibrante, pulsando com energia.

Eu estava acima da Islândia, vendo as costas irregulares, as enseadas profundas nos pontos em que o mar gelado penetrou na terra rígida. Eu ainda ficava maravilhada com a incrível precisão dos primeiros cartógrafos, medindo distâncias de topos de montanhas a topos de montanhas, colocando áreas em perspectiva.

E ali estava nossa terra, o reino do meu pai: a baía estreita, a enseada larga, o pedaço de terra entre o mar e a montanha que foi meu mundo durante meus

primeiros dez anos. Será que eu desceria direto para a terra queimada e morta onde o *hrókur* do meu pai fora destruído?

Não. A terra abaixo de mim estava se aplainando, empalidecendo. Não via mais oceano e montanhas; não via mais a Estrela do Cão e seus rios de vidas longas. Era um... desenho, em cima da mesa, na biblioteca de River's Edge. Um desenho em um pergaminho muito, muito antigo, frágil e escurecido com a passagem do tempo. Mostrava uma árvore cujas raízes pretas e retorcidas pareciam agarrar o chão em que estavam. Seu tronco era coberto de casca com entalhes profundos, tinha tons do pêssego até marrom-escuro e parecia quase exatamente uma paisagem.

Os galhos eram poucos e retorcidos. Muitos foram aparados, alguns bem curtos, outros mais longos. A árvore tinha sido tão severamente podada que parecia deformada, desequilibrada e comprida.

Ah, e ali estava eu. De um lado da árvore, um galho único tristemente sozinho tinha a ponta aberta como um ramo de brócolis. Nomes começaram a escorrer pela parte de baixo do pergaminho, e encontrei o meu, Lilja, entalhado debaixo de uma vinha curva. Minha vinha tinha seis folhas crescendo, embora uma tivesse caído, e uma linha se juntando à minha com um nome que eu não conseguia ler.

De cada lado da minha vinha, apareceram os nomes dos meus irmãos e irmãs; suas vinhas tinham sido cortadas. À minha esquerda estava o nome da minha mãe, Valdis, e do meu pai, Úlfur, e à esquerda deles havia outros galhos de outros comprimentos. Um ou dois tinham sido cortados curtos, mas havia uma grande mancha de água borrando a imagem, fazendo a tinta derreter e obscurecer um quarto da área superior direita. A água estava se espalhando rapidamente, encharcando o pergaminho, misturando tronco, raiz e galho em uma curva grande e cinza. Tentei tirá-lo da água, mas minhas mãos não seguraram nada...

... e foi esse movimento que me tirou rapidamente da meditação. Eu estava sentada no feno áspero de uma baia no celeiro e respirava forte, com os olhos

arregalados. O que eu tinha visto? O que tudo aquilo significava? Precisava ir me deitar e pensar antes que esquecesse.

Meu coração estava disparado; preciso me levantar, pensei. Mas quando estava tentando coordenar meus músculos e sincronizar os movimentos, Dúfa entrou pela abertura da porta deslizante e deixou um rato morto aos meus pés.

Sufocando um grito, verifiquei se ele não estava mesmo se movendo e olhei para a cachorrinha. Ela estava sentada à minha frente, ofegando com alegria e parecendo incrivelmente satisfeita consigo mesma.

— Dúfa?

Ela se virou ao ouvir a voz de Reyn e deu um breve latido. Quando Reyn abriu a porta da baia, me viu sentada no feno em um canto com um rato morto à frente.

Não há escola de etiqueta no mundo que pudesse preparar uma pessoa para ter as palavras certas em uma hora assim.

Reyn observou a baia por uma fração de segundo, como se para colher mais pistas que o ajudassem a entender que diabos estava acontecendo naquele contexto. Por fim, olhou para mim.

— Rato legal.

— Dúfa acabou de largar aqui na minha frente — falei, minha voz soando estranha aos meus ouvidos.

Ao escutar seu nome, ela se inclinou, pegou o rato e o balançou com força como se para matá-lo de novo.

— Eca! — exclamei, finalmente conseguindo ficar de pé. Se ela o soltasse e ele voasse para minhas pernas, eu tinha certeza de que pularia e gritaria como uma garotinha. — Que tal... tirá-lo dela?

Reyn balançou a cabeça.

— Não, ela o caçou. Provavelmente vai comê-lo.

— Ah. — Eca. Mas tudo bem, transparência total: eu mesma já comi ratos. Deixe-me passar fome, me faça sobreviver de casca de árvore e grama, que eu comeria ratos de novo e ficaria feliz. Mas se brincaria com ele antes? Não.

— Você está bem? Por que está aqui?

Peguei a ametista, tomando cuidado para ficar longe do alcance do rato.

— Estava meditando.

Ele não demonstrou surpresa.

— Ah. Está na hora do jantar.

— Já? Ainda está claro lá fora.

Assentindo, Reyn chegou para o lado para que eu pudesse sair da baia.

— Bem, é primavera — disse ele.

Sim, pensei. Primavera, a abençoada primavera depois de um inverno que durou cem anos.

Andamos juntos até a casa.

CAPÍTULO 26

Depois do jantar, fiquei parada em frente à pia, passando automaticamente uma esponja com sabão nos pratos e empilhando-os para que fossem enxaguados. Minha mente ainda estava cheia de tudo que tinha visto durante a meditação. Não fiz progresso algum sobre quem poderia estar trabalhando contra nós, mas talvez a informação estivesse ali e eu só não tivesse percebido ainda. Ou talvez não houvesse como saber.

Durante o jantar, Asher, Solis e Ottavio discutiram formas de tornar a propriedade fisicamente mais segura: planejar rotas de fuga em caso de incêndios, fazer os feitiços que eles conseguissem lembrar para afastar qualquer coisa que pudessem imaginar. Daisuke, Joshua e Reyn perguntaram se deveríamos trabalhar as habilidades de batalha, técnicas de luta e determinar quem estaria na linha de frente e quem seria coadjuvante e carregaria as armas ao fundo. Não exatamente, mas alguma coisa assim.

Fui eu que sugeri que todos fizéssemos as malas e fôssemos para alguma praia, tomar banho de sol e beber drinques com enfeites de guarda-chuvas nos copos. E evitar toda aquela situação.

Enfim. Ali estava eu, trabalhando na cozinha. O que quero dizer é, se estivéssemos mesmo em perigo iminente, será que ainda teríamos de lavar pratos? Não, né? Eu não deveria estar fazendo estoque de erva-de-são-joão, de heliotrópio ou algo do tipo? Ainda assim, o ritmo tranquilo de lavar a louça

funcionava meio como um calmante. Minha mente tinha sido disparada por uma confusão de pensamentos, mas minhas mãos estavam fazendo uma coisa útil.

Esfrega, limpa, empilha. Quando cheguei aqui, éramos só 13 pessoas. Depois de todos os acréscimos e subtrações, agora somávamos 14. Catorze pratos.

— Oi?

Sobressaltada, ergui o olhar e dei de cara com Amy sorrindo para mim.

— Hã?

— Você deve estar viajando — disse ela. — Perguntei se queria que eu terminasse no seu lugar, porque você já lavou quase todos. — Ela apontou para a pia.

Minha reação imediata foi: pelo amor de Deus, sim! Mas então percebi que estava em paz ali em pé esfregando e que isso parecia me ajudar a pensar. Era como se ter alguma coisa para fazer libertasse o poder da minha humilde mente.

— Ah, obrigada — agradeci, enquanto empilhava outro prato. — Mas pode deixar que eu termino. Você talvez pudesse começar a guardar algumas coisas, que tal? — Indiquei as tigelas limpas e secas usadas no jantar.

— Deixe comigo — disse Amy, pegando uma caçarola pesada de ferro fundido.

Ela continuava perturbando Ottavio, forçando-o a falar com ela sempre que podia. Da total indiferença, ele passou à irritação, depois à cautela mal-humorada e, agora, parecia ficar alerta, mas não com raiva. Eram essas coisas que fazíamos ali em vez de ver TV.

Minhas mãos nas luvas amarelas de borracha sentiam o calor da água; eu conseguia sentir seu cheiro próprio, dos traços de minerais provenientes do nosso poço e do aroma de alfazema do detergente. A janela da cozinha, recém-instalada com vidros duplos, não irradiava a friagem como a antiga. Estava escuro e frio lá fora.

Eu estava ocupada esfregando uma panela esmaltada quando um pensamento me ocorreu: hoje meditei *de propósito* sozinha pela segunda vez e tinha acabado de decidir terminar de lavar a louça em vez de escapar na primeira oportunidade.

Minhas mãos ficaram imóveis; o pensamento foi tão chocante que precisei analisá-lo aos poucos. Quando cheguei aqui, odiava tudo que River me obrigava (e a todo mundo) a fazer. O plano era sempre fazer até que ela relaxasse e me deixasse escapar, talvez por umas duas semanas. Ela me ensinou o valor de tudo, de vivenciar cada momento, de prestar atenção ao que você estava fazendo, independentemente do que fosse. Embora eu tivesse concordado para agradá-la, sabia que era baboseira sentimental que eu deixaria de lado o mais rápido possível.

Mas lá estava eu. Caí na rede. Ela me atingiu, afinal.

Hum. Essa percepção estava me deixando abalada. Poderia parecer algo pequeno para um observador inocente, mas para mim era um terremoto de mudanças que nunca, jamais pensei que fosse possível. Ou desejável. Ou tolerável.

De repente, senti como se tivesse voltado àquele barco mercador norueguês, mas sem a náusea e os arenques. Só... no mar, deixando para trás tudo o que eu sabia, encarando um futuro desconhecido que poderia ser maravilhoso, toda uma vida nova ou, então, uma decepção difícil, dolorosa e horrível.

Por pior que estivesse quando cheguei, por mais profundamente necessário que fosse mudar, agora que tinha sofrido uma modificação real e fundamental, esta era chocante e assustadora. Eu conhecia a Nastasya horrível, sabia como ser ela. Essa era uma Nastasya que eu não identificava. Se isso era bom, se fazia parte de ser saudável, então era positivo. Mas eu não sabia ser aquela pessoa. Não sabia ser boa todos os dias, o dia inteiro. E achava que nem queria tentar.

— Nastasya, qual é o problema? — Daisuke se inclinou para a frente e colocou delicadamente alguns copos na pia. — Você parece ter visto um fantasma.

— Hã... — Eu estava surtando, dominada pelo autoconhecimento apavorante, e estava precisando usar todas as forças do meu corpo para não:

1. Fugir.
2. Fugir.

3. Ou fugir.

A pergunta de Daisuke se solidificou em preocupação. Eu estava paralisada em frente à pia, com as mãos ainda debaixo da água com sabão, sentindo-me cimentada ao chão. Meus olhos estavam arregalados e em pânico, mas não conseguia juntar duas palavras. Sendo um homem de ação, Daisuke segurou minhas mãos, retirou as luvas e me tirou à força da cozinha. Amy e Jess observaram, surpresas, mas ninguém interferiu.

Minha pele estava fria, e eu respirava rápido e de leve, como se prestes a desmaiar. Do corredor, ele gritou por River, que saiu da sala imediatamente. Sem nem perguntar o que havia de errado ou o que tinha acontecido, ela deu uma olhada no meu rosto e se dirigiu para meu outro lado. Juntos, ela e Daisuke me levaram para o andar de cima, até meu quarto. Era ridículo; eu me sentia bizarramente extravagante e constrangida, mas tudo dentro de mim estava trancado, emperrado, e eu não conseguia fazer nada.

Daisuke saiu em silêncio e fechou a porta. River empurrou meus ombros até que eu me sentasse com força na cama. Tremendo, caí para o lado quando River me guiou até o colchão e me cobriu. Ela ligou o aquecedor; o sibilar reconfortante do vapor me informou que meu quarto logo se tornaria um santuário aconchegante. Em seguida, ela se sentou na minha cama, colocou uma das mãos no amontoado que eu formava debaixo das cobertas e esperou.

Ao ficar ali, na minha própria cama, com a mente gritando, me dei conta de que o pânico (estou falando de pânico sem uma causa física externa, como um invasor) não durava tanto tempo quanto achei que duraria. Meu pânico, que supus consumir minha vida e meus pensamentos no futuro próximo, durou cerca de meia hora. Jamais tinha passado tempo suficiente com ele para saber disso.

Parei gradualmente de tremer, pois o calor do quarto e a presença de River atingiram, por fim, meu cérebro animal. Quando me acalmei, as sinapses começaram a funcionar mais em uníssono, e, em pouco tempo, palavras surgiram em minha mente.

Por fim, olhei para River, que olhou de volta para mim.

— Duas coisas — falei, com a garganta seca.

Ela foi até a pequena pia do meu quarto e trouxe um copo d'água para mim. Bebi, sentindo-me uma folha de alface sendo reavivada.

— Para começar... — Contei toda a meditação para ela: brilhos roxos, a queda até a Terra, a paisagem, a árvore, os nomes que desapareceram, etc.

— Não vejo como tudo isso poderia ser mais claro — disse ela, quando terminei. — Quero dizer, não sei *por que* você viu as oito casas, mas é algo significativo, e vou pensar no assunto. A árvore é óbvia, principalmente a árvore genealógica com seus pais e irmãos cortados cedo demais.

— O que eram as folhas na minha vinha? Devo iniciar mais seis casas? A folha caída era a casa do meu pai? Ou era, tipo, o que eu deveria estar fazendo com meu poder, mas fracassei?

Uma expressão gentil surgiu em seu rosto.

— Não, minha querida. A folha caída era seu filho que morreu.

A habitual ponta da flecha de pedra se cravou em meu coração.

— Não — discordei, depois de um minuto. — Acho que não era isso. Lembra-se das outras cinco folhas?

River apenas olhou para mim.

— Não — repeti. — Porque eram *cinco*, lembra? Por isso, não são filhos. Obviamente.

River mordeu o lábio e olhou para a parede.

— River, havia *cinco* folhas — insisti, sendo teimosa. — Nunca mais vou ter filhos. *Nunca.*

— Bem, a visão foi sua, não minha — disse ela. — É uma pena que tanta coisa tenha sido estragada pela água. É como se você não soubesse ou não quisesse saber como era o resto da árvore.

— É — concordei, afastando a ideia dolorosa e ridícula de mais filhos da minha mente.

O olhar dela foi irritantemente compreensivo.

— Qual era a segunda coisa? Você disse que eram duas.

— Ah. — Soltei o ar e senti meus músculos se contraírem de novo. — Bem, eu meditei hoje, como já disse. De maneira voluntária. Sozinha. Pela segunda vez.

— Aham.

— Depois, eu estava lavando a louça do jantar quando Amy apareceu dizendo que ela mesma poderia terminar porque eu já estava no final, e eu disse... eu disse: "Não, obrigada, pode deixar que eu termino."

Sobrancelhas delicadas se arquearam.

— É mesmo? Você recusou?

— É. Então... estou surtando. — *Claramente.*

Voltei a me encolher debaixo das cobertas e prendi o cachecol com mais força no pescoço, porque não acreditava que eu pudesse mesmo mudar, lá no fundo. Tudo bem, a Nobre Nastasya estava fazendo o projeto na cidade e dando emprego para as pessoas, mas independentemente de ser um benefício para qualquer outra pessoa, foi tudo para me ajudar, a mim mesma, não aos outros. E era verdade, a Boa Nastasya não se metia em confusão havia um bom tempo, mas todos nós sabíamos que estava rondando, certo? Era só questão de tempo. Foi só porque nada surgiu. Mas alguma coisa surgiria em algum momento. Era sempre assim. A vida sempre me oferecia possibilidades de fazer besteiras de formas absurdas, irreparáveis. Sempre.

Durante alguns minutos, River pareceu pensativa, observando o nada, sentada muito imóvel. Meu coração disparou de novo, e eu fechei os olhos.

— Você não se reconhece — disse ela por fim.

Todo mundo deveria ter uma River. Pense no quanto você economizaria de terapia só de não precisar explicar seus sentimentos.

— Não. — O som saiu abafado de baixo do cobertor.

— Está com medo de não conseguir continuar assim.

— Eu *sei* que não consigo continuar assim! *Para sempre?* Não. Provavelmente nem por mais duas horas. Talvez um dia. — Minha voz estava se elevando com a histeria, e me encolhi ainda mais na posição fetal. Todo seu trabalho e o ensino,

toda a paciência, o fato de ter ido me salvar de Incy, tudo isso era para eu poder mais ou menos fazer a coisa certa durante um *dia*. Uma *tarde*.

— Querida? — River se inclinou na minha direção. — Você não precisa ser assim para sempre.

— Do que está falando? É claro que preciso. — Ou será que deveria agir daquela forma um século sim, um século não, de modo que em dois mil cento e alguma coisa eu poderia deixar tudo de lado e ser horrível outra vez?

— Não, querida. Ninguém poderia se comprometer com isso e nem acreditar que poderia fazer boas escolhas o tempo todo para sempre. Não acredito nisso nem quanto a mim mesma. Se tivesse que prometer a alguém que seria assim, acho que enlouqueceria.

Pode me chamar de desconfiada, mas não era *exatamente* esse o propósito de toda a vida dela? Eu me sentei.

— Como você pode dizer isso? Você é a pessoa mais bondosa que eu conheço! Mas eu sou... *eu!* Não sei como fazer isso!

— Nastasya, você sabe que nem sempre fui assim. Precisei aprender a mudar, assim como todos nós. Todo mundo aqui. E leva tempo, às vezes muito tempo, para mudar. Pode até levar décadas ou cem anos. Ou 300 anos. — Eu me perguntei se ela estava falando de Reyn. — Todos nos perguntamos isso até hoje, se conseguimos prosseguir assim. Mas você não precisa ser assim para sempre. Acha que consegue ficar longe das trevas durante uma hora?

Estreitei os olhos. Será que aquela era uma pergunta capciosa?

— Acho. Provavelmente. Pode ser.

— É tudo que você precisa fazer — disse ela. — É tudo o que qualquer um de nós pode fazer. E, às vezes, é minuto a minuto, acredite.

— Não estou entendendo.

— Tente ser Tähti durante a próxima hora. Se conseguir, então tente pela hora seguinte. Quando for capaz de sobreviver a essa hora, tente mais uma. E se você se sentir abalada, então escolha dez minutos. E não precisa prometer ser Tähti pelo resto da vida. Mas tente ser, ao menos uma hora de cada vez.

Demorei um tempo para absorver aquilo.

River se animou.

— A boa notícia? Quanto mais poderosa você se torna, mais difícil fica.

O horror apareceu de forma óbvia no meu rosto, e ela riu.

— Quando não for capaz de fazer muito, ou não estiver muito concentrada, é mais fácil deixar alguma coisa pra lá — explicou ela. — Deixar alguém pra lá. Quando for muito forte e souber que é capaz de esmagar essa pessoa como se fosse um merengue, é nessa hora que sua vontade e seu autocontrole serão realmente testados. É aí que entra a história do minuto a minuto.

— Ah, *que ótimo!* — Eu precisava parar de aprender coisas *agora mesmo*.

River deu outra risada e esticou o braço para afastar o cabelo do meu rosto.

— Você estava mesmo surtando antes.

— Estava.

— Como se sente agora?

Fiz uma avaliação em busca de medo e pânico.

— Melhor. — Por mais estranho que fosse.

— E sabe o que reparei?

— Que sou uma bebê chorona?

— Não. Que você não fugiu. — Seus dedos frios deixaram um rastro na minha bochecha. — Bom trabalho — disse ela baixinho. — Parabéns.

No dia seguinte, quando River foi dar uma olhada na galinha do demônio, encontrou sete bolinhas fofas correndo de um lado para o outro, piando irritantemente. Vida nova tinha chegado a River's Edge.

CAPÍTULO 27

Eu andava treinando sozinha com a espada, fazendo katas limitados e silenciosos no quarto, me acostumando com o tamanho da arma, seu peso e equilíbrio. Tinha tentado golpear vinhas ressecadas pelo inverno que cresciam em árvores florescentes e cobertas de milhares de folhas novas, verde-claras e delicadas como papel de arroz.

Mas quando Reyn me perguntou se eu queria lutar, é claro que aceitei. Como sempre, fomos para o campo aberto atrás do celeiro, um bom lugar porque ninguém conseguia me ver bancando o Super Mouse com minha espadinha. Precisava admitir que estava gostando de aprender a lutar. Jamais seria tão boa quanto alguém que crescera usando a espada, mas cada vez menos passava vergonha. Era verdade o que Reyn dissera: eu gostava de dar porrada nas coisas.

Quando lutamos, Reyn deve ter usado uns cinco por cento de sua força total, mas para mim ainda foi um desafio, e meu cachecol ficou encharcado de suor.

Pulei na direção dele, mantendo meu centro de gravidade baixo.

— E... você está morta — disse Reyn pela centésima vez, derrubando com facilidade a espada da minha mão cheia de bolhas e tocando minhas costelas com a ponta da lâmina.

— Porcaria! — reclamei, enquanto esfregava a palma ardida da mão.

— Isso não é aula de esgrima — disse ele, esperando que eu pegasse minha espada de volta. A respiração dele nem tinha sido alterada, enquanto eu ofegava

como um cachorro em uma rua quente. — Você não precisa ficar em linha reta com uma postura perfeita e não recebe pontos adicionais por seguir as regras. O objetivo é impedir alguém que está tentando cortar sua cabeça.

— Eu *sei*. — Tirei uma bandana do bolso e a enrolei na mão. Uma bolha tinha se rompido e estava ardendo. Muito.

— Talvez você não tenha o professor certo. — A voz baixa vinda do limite da clareira fez nós dois nos virarmos. Joshua deu um passo à frente. Estava segurando uma espada.

— Já é difícil o bastante para *ele* — falei, indicando Reyn —, e ele *gosta* de mim. Você não tem a menor chance de sobreviver a uma aula inteira com Nastasya.

— Talvez ele só queira exibir suas habilidades. — A voz de Reyn soou sem inflexão.

— Talvez você não queira que eu as exiba — retrucou Joshua.

E assim, do nada, as colinas foram tomadas por uma abundância de testosterona. Pensei que eles tivessem aceitado dar uma trégua várias semanas atrás; nossa dança a três tinha sido tão adorável. Mas lá estavam eles, texugos raivosos, andando lentamente em círculos de frente um para o outro. Reyn jogou a pesada espada viking de uma das mãos para a outra sem desviar os olhos do oponente. Joshua estava girando os ombros e encarando Reyn diretamente, a expressão firme.

Quem tinha tempo para aquilo?

— Talvez vocês dois devessem ir para um quarto — sugeri.

— Preciso que você saia do caminho — disse Reyn baixinho, sem olhar para mim.

Suspirei e segui na direção do limite da clareira, até ficar de pé ao lado de uma árvore grande. Poderia pular para trás se precisasse. Lembrei que Reyn e Joshua se enfrentaram em várias guerras nas muitas vidas que viveram. No último mês, mantiveram a animosidade sob controle, mas parecia que esses dias tranquilos haviam acabado. Eu me perguntei se deveria voltar para casa e pedir para Anne

preparar bastante chá, porque os imbecis provavelmente cortariam fora pelo menos um braço. Mas decidi que seria melhor ficar.

Na verdade, não era nada engraçado. Fui me sentindo cada vez mais desconfortável conforme eles andavam de lado se encarando, os olhos intensos e frios. Reyn sempre se movia com graça controlada, estivesse tirando leite da vaca, cavalgando ou fritando um ovo. Mas aquilo era diferente, como a diferença entre o movimento preciso e econômico de um bailarino e, digamos, o latejar dos músculos de um tigre com energia furiosa e faminta, e olhos hipnotizando sua provável vítima.

Eu havia visto Reyn daquele jeito e nunca mais queria ver de novo. Tinha medo de ver outra vez.

E o amiguinho Joshua o complementava com perfeição. O irmão de River sempre pareceu perigoso e remoto, a ameaça latente sob uma máscara imperfeita. A máscara tinha caído agora. Aquele não era Reyn atacando um vilarejo; eram duas criaturas idênticas e primárias seguindo um roteiro que só elas conheciam.

Que idiotas.

A tensão estava insuportável enquanto seus pés silenciosos descreviam o círculo de combate. Cruzei os braços e apertei bem as mãos em punho. Após algum sinal invisível, eles de repente se juntaram com uma onda explosiva de poder, suas espadas produzindo o som metálico distinto e surpreendentemente alto que eu não ouvia havia séculos. Fagulhas voaram quando as lâminas se chocaram repetidamente, primeiro bem acima das cabeças deles, depois baixo em um dos lados, passando para o outro.

Folhas estalaram atrás de mim e, quando me virei, vi Brynne com os olhos fixos na batalha e o rosto solene.

— Jamais vi algo assim — murmurou ela.

— Eu já. E vai piorar.

Certamente eles não pretendiam cortar a cabeça um do outro, não é? Meu coração não conseguia encarar a ideia, então me concentrei em apenas assistir, como se eu tivesse pagado para ver um espetáculo.

Na semana anterior, Reyn e eu andamos lutando um pouco. Eu tinha me soltado e o estava atacando de todas as formas que conseguia imaginar, empurrando a espada para a frente, com a mão virada, de todo jeito. Depois do que pareceram ser três horas, eu estava abaixada, com o peito subindo e descendo, sentindo que vomitaria de exaustão. Foram seis minutos. Esse foi o tempo que durei, e ainda morri quatro vezes. Se eu algum dia entrasse em uma batalha de vida ou morte com alguém portando uma espada, ela precisaria acabar em menos de seis minutos. E a pessoa tinha de ser mortal.

— Não são exatamente dois mosqueteiros, não é? — murmurou Daisuke ao meu lado.

O som revelador de aço temperado batendo em aço temperado fez com que várias pessoas se aproximassem para ver o que estava acontecendo; Asher tinha vindo correndo segurando o que eu supunha ser sua espada. Quando olhei para baixo, vi que Daisuke tinha uma presa ao cinto. Era longa, fina e um pouco curvada como um sabre.

— Não — afirmei.

Não era um duelo de honra: uma das mãos levantada artisticamente no ar e os oponentes se revezando no ataque e na defesa. Com o rosto anguloso distorcido pelo ódio, Reyn golpeou ferozmente na direção de Joshua, ambas as mãos no punho envolto em couro, e a força dos golpes reverberando dos braços aos ombros. A sede de sangue no rosto de Joshua me fez lembrar de que, há muito tempo, River planejou matá-lo antes que seu poder eclipsasse o dela.

— Ah, deusa, eu sabia que isso ia acontecer. — A voz de River estava baixa, e Asher segurou-lhe a mão.

— Isso não precisava acontecer — falei, com a voz tensa. Os músculos da minha barriga estavam duros de tensão. Tinha medo de ver alguém ser terrivelmente ferido, mas não conseguia desviar o olhar.

River suspirou.

— Ah, provavelmente precisava. Esses idiotas.

— E o que acontece depois? — perguntou Brynne. — O vencedor vai sair dançando por aí dizendo "Se deu mal"?

— Nada tão inocente, infelizmente — disse River.

Nos dias de hoje, quando as pessoas pensam em guerra, imaginam soldados encolhidos em algum lugar com uma bazuca e enormes bombas explodindo ao longe. Os sons são estrondos explosivos e estalos secos de metralhadoras. Mas durante a maior parte da minha vida, o som da guerra era o de metal ressoando; de homens gritando; de cavalos relinchando; do vibrar de flechas; do sincopado de um trabuco; do assobio de uma lança. O cheiro de fogo.

Aquela cena me lembrou de como a guerra era antigamente: um combate homem a homem, mano a mano. E, na verdade, essa é a única coisa que considero melhor nos velhos tempos: a guerra. Era brutal, sangrenta, selvagem e devastadora, mas em uma escala bem menor. Os homens precisavam estar próximos o bastante para ver o outro e poder atacar. Não havia essa baboseira de mísseis de longo alcance nem aviões jogando bombas em pessoas e lugares que jamais veriam. Dá para perceber que ainda estou furiosa com a Segunda Guerra Mundial.

A inspiração assobiada de Brynne atraiu minha atenção de volta para Reyn e Joshua.

Havia o primeiro sinal de sangue.

Um arco de spray de sangue manchava o rosto de Joshua, mas não consegui descobrir de quem era. Com um rugido profano, ele se virou e bateu a espada na de Reyn. O golpe teria me lançado a quilômetros de distância, mas Reyn absorveu a força sem alterar a expressão, deu meia-volta e revidou com sua lâmina...

... que penetrou no flanco de Joshua. De repente, zip! E foi rapidamente retirada.

Todo mundo menos Daisuke sufocou um gritinho.

Por uma fração de segundo, Reyn pareceu chocado, pois o golpe teria derrubado uma pessoa comum. Mas Joshua só rosnou e ergueu a espada,

prosseguindo com a luta, embora as roupas de ambos estivessem manchadas com o sangue de Joshua.

— Você pode fazê-los parar? — sussurrou Brynne para River.

River olhou para ela, compreensiva.

— O que você acha, querida?

Com relutância, Brynne se virou de volta para o show. Eu não conseguia imaginar o que ela estava pensando. Perseguia Joshua havia um tempo, mas agora estava vendo um lado dele que provavelmente jamais tinha imaginado.

E olhe para mim, com Reyn: aquele era quem me amava, quem queria que eu o amasse, o cara que tinha acabado de enfiar uma espada no irmão da minha amiga.

Tudo bem, o irmão apareceu sem ser convidado, obviamente querendo lutar. Mas mesmo assim.

E então, aconteceu. Depois do que pareceu uma hora de golpes, estalos, grunhidos, rugidos e assobios, Reyn e Joshua chegaram juntos ao momento de definição. De alguma forma, com *timing* perfeito e a série exatamente correta de movimentos, cada um atacou com toda força e... parou de repente, as posições espelhadas, cada um com a lâmina manchada de sangue a menos de 2 centímetros do pescoço do outro.

Brynne e eu demos as mãos; senti Asher segurando River. Segundos agonizantes se passaram lentamente. Os dois estavam tão imóveis quanto cervos assustados, embora os peitos arfassem como foles. Mas nenhuma mão tremia, nenhum pé se movia, nenhum músculo se contraía em preparação para o ataque.

Tinha acabado. Eles só precisariam de um tempo para aceitar.

Com muita cautela, afastaram as lâminas do pescoço um do outro, uma fração de centímetro de cada vez. Em seguida, mais uma vez com uma sincronia não ensaiada, baixaram as espadas e deram um passo rápido para trás, para longe do alcance do outro.

— Foi ótimo. Temos de repetir em breve — falei, mas com bravata alguma.

— Acho que vou vomitar — murmurou Brynne, parecendo pálida e perturbada. Daisuke passou o braço ao redor dos ombros dela e começou a levá-la de volta para casa. Ele andava cuidando com frequência de mulheres atônitas ultimamente.

Assim que pareceu que a atmosfera maluca estava se desfazendo, River correu até o irmão e colocou a mão ao lado do corpo dele, que sangrava muito.

Joshua franziu a testa e olhou para o machucado, depois pressionou mais firme com a mão para estancar o sangramento.

— Foi um golpe de sorte — disse ele, com desdém.

Fiquei tensa e esperei que Reyn desse um pulo após o insulto. Mas, para minha surpresa, depois de um instante, ele gargalhou, os dentes ainda mais brancos no rosto manchado de sangue.

— É — disse ele —, foi mesmo.

Lentamente, Joshua abriu um sorriso. Reyn sorriu de volta. Logo os dois estavam rindo, Reyn apoiado na espada para não dobrar os joelhos e cair. A terra embaixo dos pés deles estava manchada de sangue; as folhas tinham sido chutadas para longe. As roupas dos dois estavam cortadas e rasgadas dos joelhos aos ombros, e eles tinham pelo menos três outros ferimentos menores manchando o tecido de sangue.

Então Joshua fez uma careta, e River disse:

— Vamos para casa, seu imbecil ridículo.

— OK, tudo bem. — Ele aceitou a vontade da irmã mais velha e começou a andar na direção da casa, mancando um pouco. Mas fez uma pausa e se virou para olhar para Reyn. — Pelos dentes de Deus, foi ótimo!

Reyn assentiu.

— Demorou muito para esse momento chegar, mas valeu a espera.

Dali em diante, Reyn e Joshua passaram a ser, se não melhores amigos, ao menos não mais inimigos.

Joshua levou 18 pontos. Reyn usou curativos nos dias seguintes para segurar a bochecha no lugar. Anne também o fez tomar um pouco de chá.

Nunca vou entender os homens. Mesmo daqui a mil anos, ainda vou estar com a cabeça inclinada para o lado, como um cachorro, dizendo: "Hã?"

Fui acordada à 1 hora da madrugada por meu celular tocando "Copacabana", o que queria dizer que alguém, provavelmente Brynne, tinha me pregado uma peça e mudado o toque.

— Alô?

— Oi. Tenho uma ligação, então decidi premiar você. — A voz era jovem, arrogante e estava assustada.

— Dray?

— É. Quem você estava esperando, o coelhinho da Páscoa?

— Eu não estava *esperan...*

Ouvi um barulho de alguém se movimentando, e uma voz de mulher entrou na linha, dizendo:

— É a Sra. Nastasya Crowe?

— É.

— Sua amiga aqui foi flagrada invadindo um dos apartamentos na Main Street. Ela diz que você deu permissão. Mas permissão e nada de chave? Sei.

— Ah. — De novo? Dray estava me sacaneando *de novo*? Tudo bem, cadê minha espada?

— Você vem buscá-la? É você ou os pais dela.

O silêncio mortal que ouvi em seguida me disse que Dray faria qualquer coisa para não ter de ligar para a mãe alcoólatra. Ligar para o pai não era uma opção, ela não fazia ideia de onde ele estava.

— Tudo bem. Vou buscá-la. — E, cara, ela ia se arrepender.

Foi estranho sair à noite no carro da fazenda. Não saía de River's Edge fazia mais de uma semana. Ocorreu-me que não seria muito inteligente sair sozinha, principalmente à noite, mas desde quando "não inteligente" me impedia de fazer alguma coisa?

Não foi difícil encontrar a delegacia de polícia de West Lowing, apesar de nunca ter ido ali. Era a única da cidade e ficava em um pequeno prédio despretensioso que parecia ter sido uma oficina antes. A raiva e o frio me despertaram imediatamente, e, quando estacionei na frente do local, estava ensaiando todas as coisas furiosas que diria.

Se eu fosse um policial, não liberaria uma menor se alguém que não um parente aparecesse, mas talvez a policial conhecesse a mãe de Dray e estivesse com pena da garota. De qualquer forma, permitiram que eu me responsabilizasse por ela e lhe entregaram um envelope pardo com seus objetos pessoais.

Saímos pelas portas de vidro para o ar refrescante da noite.

— Tudo bem, até mais tarde, cara — disse Dray, e saiu andando.

Segurei a manga do seu casaco como uma cobra dando o bote.

— Pode parar. Você me acordou no meio da noite, me fez ir até uma delegacia, e tudo isso porque estava invadindo *minha* propriedade *de novo*? Você não vai a lugar algum. — Empurrei-a na direção do carro, obrigando-a a entrar, dirigi até um local longe dos olhos da polícia e parei.

Dray bocejou enquanto olhava pela janela do carro. Como eu já tinha feito o mesmo gesto de *não me importo*, ela não me enganou.

— É sério, isso *além* de você e a escória que são seus amigos invadirem meu prédio? — perguntei. — Que diabos você estava pensando?

— Estava pensando que queria ter onde dormir! — respondeu ela, e olhou pela janela como se não houvesse tido a intenção de dizer tudo aquilo.

Então ela não estava na casa da mãe e devia ter terminado com o namorado babaca.

— Acabamos de trocar a fechadura! Demorei um dia inteiro para limpar sua sujeira! — Eu me lembrei daquele dia, quando tinha visto o casal apavorante de novo, e me dei conta de que estava estacionada em uma rua escura, a céu aberto. Precisava voltar para River's Edge, mas, naquele momento, me bateu uma inspiração. — E você vai trabalhar para compensar.

Isso chamou a atenção dela.

— O quê?

— Você vai aparecer amanhã e se apresentar a Bill — ordenei, gostando da ideia. — E vai fazer o que ele mandar até pagar o que me deve pelos danos. Uns duzentos dólares. — Tirei o número do nada.

— Bobagem. Não vou fazer isso!

Liguei o carro.

— Vamos voltar para a polícia, então.

Ela tentou abrir a porta, mas a tranquei pelo meu lado. Era ridículo, eu me sentia como os policiais atrapalhados do cinema mudo. Ela acabou desistindo.

— Não posso fazer isso — disse ela, mal-humorada. — Preciso fazer minhas bijuterias e tal.

— Vou jogar suas *bijuterias e tal* no lixo — falei, com firmeza.

— Você não pode fazer isso! Luisa está alugando a loja. Se ela me quer lá...

— Eu sou a *dona*, Dray. E se eu disser que ela não é mais bem-vinda? — Legalmente, eu não podia fazer isso, Luisa tinha um contrato de aluguel. Mas Dray provavelmente não sabia.

Dray ficou em silêncio.

— Por *sua* causa. — Eu estava sendo rigorosa, mas também me perguntava o que teria acontecido se alguém tivesse feito isso comigo, digamos, décadas atrás. Se me deixasse sob controle e me obrigasse a fazer algo bom por chantagem em vez de coisas ruins. Provavelmente nada, certo?

— Fazer o que para Bill? — Ainda tão mal-humorada.

— O que ele precisar. Varrer. Tirar o lixo. — O rosto de Dray ficou mais tenso. — Consertar janelas. Instalar placas de reboco. Pintar. — Ela pareceu um pouquinho mais interessada. — Colocar pedras no parque novo. Plantar. Ajudar a construir um chafariz. — Ela olhou para mim, especulando.

— Pode não ser tão ruim. Mas o que acontece depois que eu ganhar os duzentos dólares, que, aliás, é um valor alto demais pra o que eu fiz?

— Se você trabalhar bem e não irritar Bill, vai entrar para a equipe, vai trabalhar com o pessoal. Virar carpinteira, alguma coisa assim. A pessoa

responsável pela equipe de reboco é uma mulher, e a braço direito dela também. Você pode fazer qualquer coisa que elas fazem.

Meses atrás, eu falei para ela sair da cidade, o que me parecia ser seguro, mas para ela era algo totalmente impossível e intimidante. Mas ali estava uma opção para continuar na cidade e ganhar dinheiro. Sem ser garçonete, um trabalho no qual ela seria péssima, considerando suas inexistentes habilidades interpessoais. E como ela provavelmente já furtara da maior parte das lojas da cidade, eu duvidava que qualquer uma fosse contratá-la.

— Preciso de um lugar para ficar. — disse ela, tão baixo que mal ouvi.

— Não vou deixar você ficar em um dos meus apartamentos de jeito nenhum. Pode tirar isso da cabeça.

Expressão de teimosia. Ugh. Era como assistir a um filme caseiro.

— Acho que você tem duas opções — falei. — Uma é o abrigo de mulheres, e a outra é perguntar a Luisa se ela é tão otária a ponto de deixar você dormir em um colchão nos fundos da loja. Eu não deixaria.

— Não sou uma mulher agredida pelo namorado.

— Você não precisa ser agredida. Só uma mulher que precisa de um lugar para ficar.

Eu praticamente conseguia ver os pensamentos e argumentos rolando por seu rosto.

— Tudo bem.

Engatei a marcha do carro e corri para o abrigo antes que Dray pudesse mudar de ideia. Ela saiu e, antes de ir embora, esperei para ver se ela entraria mesmo. Não sabia se ela fugiria por trás na mesma hora ou apareceria para ver Bill no dia seguinte. Há coisas que as pessoas precisam fazer sozinhas, e elas só podem mudar quando estão prontas.

Porque eu sou especialista, não é mesmo? Sou tão controlada... Quem estava querendo enganar?

Voltar para River's Edge pareceu demorar muito. Eu estava nervosa e ficava olhando obsessivamente para os espelhos. Se conseguisse voltar sem ser

sequestrada/enfeitiçada/atacada...

Com alívio, dirigi pelo longo caminho de entrada, tentando não olhar para as árvores ladeando a passagem. Árvores onde qualquer coisa poderia estar escondida. O pé grande. Lobisomens. Imortais do mal. Estava tão ocupada observando que não reparei que a luz de temperatura do motor do carro tinha se acendido e o mostrador estava no vermelho.

Reparei só na hora que saí. Merda, alguém se esquecera de botar água no radiador ou alguma coisa assim. E, então, vi as chamas saindo alegres por baixo do capô. Ah, não... tinha estragado o carro de River! O que acontecera? Havia um extintor de incêndio logo no saguão de entrada. Eu me virei para pegá-lo correndo... e o carro explodiu, me derrubando e me fazendo voar com graça pelo ar por cerca de 3 metros, para depois cair no chão com um pouco menos de graça. Uma bola de fogo de 5 metros de diâmetro ascendeu no céu da noite enquanto eu olhava estupidamente para o cascalho que surgiu debaixo do meu rosto. Quando consegui piscar mais algumas vezes, luzes começaram a se acender dentro da casa, e então River, Ottavio, Reyn e mais alguns outros saíram correndo em suas roupas de dormir.

— Nastasya! — disse River, caindo de joelhos ao meu lado. — Você está bem?

Assenti ou ao menos pareceu que eu estava assentindo. Meus ouvidos ainda zumbiam, e as palavras dela estavam um pouco confusas, como se minha cabeça estivesse enrolada em um pedaço de lã. Minhas bochechas também ardiam, assim como as palmas das mãos e os joelhos. Eu me levantei devagar e recebi sinais de dor de todas as partes do corpo.

— O que aconteceu? — Esse foi Ottavio.

— Você é mesmo difícil com carros. — Asher, do meu outro lado.

Reyn estava com o extintor que ficava no saguão e apagou o fogo do motor.

Foi quando vimos a picape da fazenda, o outro carro e o SUV com tração nas quatro rodas que River usava quando nevava. Os capôs estavam levantados, os motores, destruídos, e as janelas, quebradas. Nenhum estava utilizável. O que significava que não tínhamos como sair dali se não fosse a pé.

CAPÍTULO 28

Durante milênios, as pessoas viajavam a pé. A pé, a cavalo e de barco. Um cavalo veloz valia muito mais que um servo ou um escravo. Um cavalo veloz valia mais que muitos terrenos, fazendas, vacas, carroças. Um cavalo veloz podia significar vida ou morte.

Tudo, o mundo todo, era adequado à velocidade de um homem caminhando, um cavalo galopando. Hoje em dia, é claro, as pessoas correm por esporte ou diversão. Elas decidem atravessar um país caminhando por caridade ou como uma aventura estranha, mas admirável. Elas se permitem o tempo que precisam. É uma escolha, um anacronismo.

Ali, naquela noite, no oeste do Massachusetts, não ter veículos, não ter opção além de ir para algum lugar a pé ou a cavalo parecia chocante e apavorante. Nada divertido, pitoresco ou encantador.

— Será que isso poderia ter sido feito por algum local? — Amy estava envolta em um roupão de fleece, com o cabelo escuro comprido caindo por cima dos ombros.

Asher estava examinando a picape, o motor danificado.

— Qual é o sentido disso?! — A exclamação alta nos sobressaltou. — Por que estão brincando conosco? O que querem? Por que simplesmente não nos atacam de uma vez? — Ele esfregou os olhos com o punho. — Estou tão... de saco cheio. Quero que isso acabe.

River seguiu na sua direção e passou o braço pela cintura dele enquanto murmurava baixinho. Ele assentiu bruscamente duas vezes, dizendo:

— Eu sei, eu sei.

— Há quanto tempo você saiu? — perguntou Reyn.

— É, Nastasya. Aonde você foi a essa hora? — A pergunta partiu de Ottavio. — Por que deixaria a segurança da fazenda e sairia sozinha no meio da noite? — Ele baixou o olhar, empinando o nariz para mim, e eu me perguntei se ele realmente achava que eu iria desmoronar de repente e confessar alguma coisa, provar que ele estava certo. Mas fala sério.

As palmas das minhas mãos estavam arranhadas e sangrando; supus que os joelhos também e, possivelmente, as bochechas.

— Saí um pouco depois da uma — falei. — Minha amiga Dray, da cidade, foi presa tentando invadir um dos meus apartamentos. De novo. Fui até lá e lhe dei uma bronca, depois a deixei no abrigo de mulheres e voltei imediatamente.

— São duas e pouco — disse Amy, assentindo.

— O que quero dizer é que isso aconteceu entre 1 e 2 horas — disse Reyn. — Não teriam poupado um carro. Eles não sabiam que alguém sairia com ele. Se não teriam danificado todos. Por isso, deve ter acontecido entre a hora que Nastasya saiu e a que voltou.

— Se é que ela foi a algum lugar — disse Ottavio.

— Ott — comecei, cansada —, você pode verificar com a polícia, com o abrigo de mulheres.

— Que vergonha, Ottavio — disse Amy. — Não seja idiota.

Seus olhos escuros se incendiaram, mas ele apertou os lábios e não respondeu.

— Então alguém veio até aqui e estragou todos os motores há pouco tempo — afirmou Joshua, e Reyn assentiu.

— E, se essa pessoa não fez nada no carrinho, mas o viu voltando e improvisou alguma coisa para fazê-lo explodir, então esse alguém estava bem aqui — disse Reyn. — E ainda poderia estar.

— Todo mundo, para dentro — ordenou Daisuke.

Cada momento daquela noite sem fim vai ficar marcado na minha memória por muito, muito tempo. Basicamente, todos nós voltamos para dentro e nos preparamos para uma batalha. Reyn, Joshua e Daisuke reviraram a área em busca de sinais de quem pudesse ter destruído todos os veículos. Eles relataram não terem encontrado nenhuma pegada, nenhuma impressão digital. E todos eram rastreadores experientes. Nós pegamos as armas que tínhamos e nos juntamos no saguão de entrada, onde não havia janelas para serem quebradas, exceto a da porta. Um grupo com quatro ficou na cozinha, onde havia outra porta.

River, Daniel e Jess buscaram Molly e os outros cachorros e os levaram para dentro da casa também. Os animais permaneceram calmos, mas alertas, sem pelos eriçados, sem rosnados, sem prestar atenção aos ruídos.

Foi incrivelmente estressante e incrivelmente estranho ficar sentada ali com minha espada e meu amuleto. Não havia como não me sentir uma fraude com qualquer um dos dois. Mas preferia parecer uma fraude a ser uma vítima indefesa. Nos primeiros cem anos da minha vida, me sentia uma vítima com frequência, até Eva Henstrom, a mulher que conheci na loja do alfaiate, me abrir os olhos e promover uma transformação em mim. Desde então, venho trabalhando constantemente para estar no controle da minha vida, cuidando do que é meu e fugindo da influência de qualquer pessoa. Tive altos e baixos, é claro. Mas, até aquele momento, jamais ficara para qualquer tipo de luta ou batalha.

E, então, lá estava eu, comprometida a ficar, desejando lutar. Não era como se Brynne fosse Tina, mas eu mataria qualquer coisa que a ameaçasse. Jess não era Háakon, inocente e necessitando de proteção a qualquer custo. River não era minha mãe, bela e terrível, a pessoa que mais amei até ter Urso.

Mas mesmo assim fiquei. Continuei acordada com os outros e sabia que, mais cedo ou mais tarde, estaríamos lutando lado a lado. E, durante essa luta, uma pessoa se revelaria traidora.

Não fomos atacados durante a noite. Não fomos atacados na manhã seguinte quando os reboques levaram os veículos destruídos. Nem quando Amy e Roberto foram com os reboques e compraram um grande SUV com tração nas quatro rodas e uma van enorme para oito passageiros. Reconheci bem o que eram: veículos de fuga de emergência. Como poderíamos mantê-los seguros?

O dia foi tranquilo, desanimado. Havia coisas a serem feitas, animais que precisavam de cuidado, independentemente da possibilidade de um apocalipse. Nosso trabalho foi apressado, quase silencioso e muito tenso.

Muitos de nós estavam ansiosos demais para comer, mas River insistiu, falou sobre açúcar no sangue e níveis de energia, essas coisas. Belisquei meu sanduíche, tentando engolir alguns pedaços.

— Acreditamos que nosso inimigo está tentando nos cansar, nos assustar, nos deixar desequilibrados para que estejamos consideravelmente fracos quando atacarem — disse Joshua. O apetite dele não fora afetado. Já estava no segundo sanduíche.

— Até agora, parece um bom plano — opinou Jess secamente.

— É — concordou River. — Parece mesmo, não é? Joshua, Reyn e Daisuke, como nossos três lutadores mais experientes, desenvolveram algumas contramedidas.

— Ah, que bom — murmurou Brynne. Eu me perguntei se ela ainda estava interessada em Joshua ou se o pequeno show de espadas a perturbou demais. Depois dessa coisa de vida ou morte, nós duas precisaríamos ter uma conversa.

— Vamos nos revezar em duplas para fazer uma vigília na cúpula da casa principal — avisou Joshua.

— Não sabia que dava para subir ali — disse Amy.

— Dá, sim — confirmou River. — O vidro tem uma película, de forma que é possível ver o lado de fora, mas quem está fora não consegue ver dentro. Há um telescópio, e vamos sempre ter alguém vigiando, com um parceiro para revezar.

Queria que tivéssemos começado com isso antes de as árvores folharem. Seria mais fácil enxergar o lado de fora.

— Você precisa de uma metralhadora Gatling lá em cima — falei, pegando um pedaço de pão.

— Quem me dera — disse Reyn, e nos encaramos por um segundo.

— Vamos também fazer alguns exercícios de concentração — informou Anne. — Precisamos ficar calmos e alertas, não podemos deixar o medo enevoar nossas capacidades.

Tarde demais, pensei com mau humor.

— Vamos treinar feitiços de guerra — disse Asher, com simplicidade. — Desarmamento, subterfúgios, ilusões e uso de armas.

— Além disso, vamos manter a rotina o mais normal possível — avisou Solis. — Precisamos comer. Os animais precisam de cuidados. Precisamos demonstrar que achamos que os carros foram apenas mais um contratempo, e não que, na verdade, estamos preparados para a guerra.

Sabe, além de nunca me importar o bastante com nada a ponto de querer lutar para defender alguma coisa, também não *gosto* de guerra. Às vezes, ela une as pessoas, faz com que exibam seu melhor, blá-blá-blá, mas quase sempre é só assustadora, incrivelmente destrutiva e mostra o pior da humanidade. Eu a odeio, não quero estar por perto, não quero vivenciá-la de maneira alguma. Isso justificou totalmente meu padrão fugitivo para a vida: era bem mais fácil e muito menos doloroso. Eu estava odiando fazer parte daquilo. Parte da tropa de River.

Mas, se não ficasse, sabia que nunca mais haveria esperança para mim, e minha vida seria uma desolação eterna, infeliz e vazia, de desespero e solid...

Tudo bem, tudo bem, você está certo, estou exagerando. Basicamente, ficar *era* melhor, embora fosse mais difícil e doloroso. Odeio essas contradições da vida.

Reyn listara quem faria o que e quando. As pessoas foram designadas para a vigília, para aulas e treinos, mas reparei que meu nome não tinha sido incluído ainda. Era como ser a última escolhida na escola, embora não soubesse como é isso.

— Nastasya? Você pode vir comigo um minuto? — River ficou de pé.

— Claro.

No corredor, River seguiu para seu escritório, e vi que Ottavio já estava lá dentro. Meu Deus, o que foi agora? Como se meus nervos já não estivessem abalados o bastante. Engoli um suspiro e fui atrás dela. O escritório era bem pequeno, e, com Ott ocupando bem mais que sua cota de espaço, me senti um pouco espremida.

De um modo estranho, River trancou a porta depois que entrei. Ela girou a chave devagar e sem fazer barulho.

Hã... o que estava acontecendo?

E, então, River passou os dedos de leve por baixo da escrivaninha. Disse algumas palavras, e a parte de madeira da escrivaninha se levantou, como uma escotilha. Fiquei olhando. Já tinha entrado no escritório dela muitas vezes, eu a *vi* abrir aquelas gavetas de arquivos. Ela apontou silenciosamente, e me inclinei para olhar. Havia uma escada que descia para a escuridão. Era um alçapão que levava a uma passagem escondida.

River enfiou a mão lá dentro e ligou um interruptor. Uma série de luzes fracas iluminou pelo menos vinte degraus. Ottavio fez sinal para eu descer.

— Você primeiro — sussurrei.

Sobrancelhas escuras como gaivotas se ergueram acima do seu nariz comprido e reto. Mas ele obedeceu, abaixando-se para passar pela pequena abertura, e depois ficou de pé quando chegou à escada.

River me cutucou.

Tudo bem, eu já havia passado por túneis subterrâneos antes, como na França, durante a Segunda Guerra Mundial, e naquele bar que vendia bebidas ilegais, em Chicago. Em geral, sou a favor deles. São coisas boas. Mas minha primeiríssima experiência com um túnel secreto foi na noite em que minha família morreu. Eu estava na sala em chamas, com os pés encharcados com o sangue da minha mãe, quando vi uma porta se abrir, uma porta que jamais vira antes e da qual nunca ouvira falar. O responsável pelos estábulos do meu pai e sua mulher me salvaram.

Agarrei o amuleto quebrado da minha mãe que estava perto do fogo, enrolei-o em um tecido e o amarrei no pescoço para ficar com as mãos livres. Ele queimou o tecido e marcou a imagem na minha nuca, e aquela era minha cicatriz que nunca sumiria.

Aquele túnel era bem parecido com meu primeiro.

— Vá — ordenou River.

Era *River* falando comigo. Embora não fizesse ideia do que se tratava aquilo e nem do que aconteceria em seguida, eu me agachei, passei pela escotilha e fiquei de pé na escada. Ott já seguia vinte degraus abaixo.

Parafusos com aros largos estavam presos na parede de pedra, e uma corda grossa passava de aro em aro. Eu me segurei na corda enquanto descia com cuidado pelos degraus de pedra (são sempre de pedra, não é?) sentindo River logo atrás de mim.

Adivinhe só. No pé da escada havia um pequeno cômodo, e daquele cômodo saíam três túneis. Cada um mais escuro que o inferno. Fala sério, não era mais fácil me matar logo?

— Isto é um filme de Stephen King — comentei.

River deu um tapinha nas minhas costas.

— Não, minha querida. Essa é sua vida real, complicada e empolgante.

Na verdade, lavar a louça e tirar leite da vaca me parecia cada vez melhor nesse momento.

— Quem sabe sobre esses túneis? De onde eles vieram? Pra que vocês os usam?

— Só alguns de nós, então é claro que você não deve contar para ninguém — disse River, respondendo minha primeira pergunta. — Comecei a trabalhar neles quando comprei a propriedade, há quase noventa anos. Alcancei o ponto que queria no final dos anos 1960. Gosto de ter opções.

— Hã — falei, tentando incorporar à mente este novo desenvolvimento. — Ott? Você não está com medo que eu saiba disso?

Ele apertou os lábios. Aposto que o maxilar dele dói no fim do dia. Todos os dias.

— Sim, claro.

— Fizemos uma aposta — disse River. — Portanto, não me decepcione. Eu *vou* compartilhar a dor.

Bem, estava ficando intrigada.

— É um labirinto — disse Ottavio. — Por isso, preste atenção: pegue o túnel da direita. Quando ele se bifurcar, pegue outra vez o da direita. Nesse túnel, você vai ver...

Meu queixo caiu enquanto meu cérebro se esforçava para acompanhar, mas River colocou a mão no braço de Ottavio.

— Tem um jeito mais fácil, querida.

Foi assim que Ottavio, rei da Casa de Gênova, *moi*, herdeira da casa da Islândia, e River compartilhamos pensamentos.

Entramos no túnel da esquerda, que não estava iluminado. Senti uma brisa fria soprar no meu rosto e cabelo e assim soube que não era um túnel sem saída. Havia circulação de ar entrando por algum lugar. Com rapidez, River desenhou um círculo perfeito de giz no chão de pedra. Ott e eu entramos nele, e River o fechou atrás de si. Estava bem mais escuro ali, e Ottavio fez um gesto apressado com a mão na altura do peito. Uma luz azul, pequena e frágil se acendeu e parou ali, no meio de nós três. Não conseguia ver nada queimando; a luz existia por si só.

River sorriu com minha descrença.

— Chamam de fogo de bruxa — informou ela. — Dá até para jogar nas pessoas.

— Isso é *incrível* — falei, olhando para a luz. Está vendo? Era *esse tipo* de coisa que queria aprender, não mais uma maldita pomada de hortelã.

Ott pareceu satisfeito consigo mesmo.

Demos as mãos. A de River era fria e familiar e se encaixava na minha. A de Ott era grande e parecia feita de aço. River murmurou palavras para nos ajudar a

nos concentrarmos na luz e esvaziar nossas mentes. Não tinha muita certeza se queria as sinapses do meu cérebro se misturando com as de Ottavio, mas tinha de confiar em River. Eu *tinha* de confiar, não é? Porque se ela não fosse exatamente o que eu acreditava que era, então minha vida chegaria ao final. Eu não teria nada em que acreditar e precisaria dar fim a tudo.

Eu estava em nível intermediário, se não avançado, quando se tratava de entrar em estado meditativo com a rapidez de um espirro. Parecia que eu tinha respirado fundo apenas cinco vezes quando as paredes escuras recuaram. Eu me senti mais aquecida e confortável, e vi River e Ottavio como se estivéssemos em algum lugar ao ar livre sob uma luz delicada. Todo o peso e medo da batalha que se aproximava foram tirados de nossos ombros como uma jaqueta pesada.

Eu estava nervosa por causa de Ottavio e me isolei por reflexo quando senti a mente dele se aproximando da minha. Ele fez o mesmo. River demonstrou paciência e lentamente nos ajudou a relaxarmos e confiarmos.

Era como estar em uma montanha-russa, uma montanha-russa lenta. Eu estava ao mesmo tempo guiando e sendo guiada, me observando fazer a jornada enquanto a vivenciava também. Ottavio xeretou um pouco minhas lembranças. Senti a seriedade dele pelas mortes dos meus familiares, senti-o aceitar quem eu era e que, se eu aprendesse alguma coisa e não fracassasse completamente, seria mesmo muito forte. Ele se perguntou se eu tinha tomado os poderes da minha família quando eles morreram, mas é claro que não tinha feito isso. Nem considerei a possibilidade, pois não sabia que podia ser feito.

Vi as lembranças compartilhadas de River e Ottavio, algumas alegres, como a comemoração do festival de São Jorge, padroeiro de Gênova; outras sombrias e cruéis, como River e Ottavio armando contra sócios de negócios e outros profissionais que os prejudicaram. Vi Ottavio se casar e sua mulher mortal morrer de peste. Uma das pestes.

Roberto já havia sido mimado, conspiratório e invejoso. Vi o quanto ele mudou e se tornou o favorito da família. Tinha uma doçura interior assim como uma apreciação profunda pela beleza. Aham.

Joshua ficou magoado e furioso quando soube do plano que River e Ottavio tinham de matar os irmãos. Mesmo naquela época, ele era alto e magro, com um olhar quase selvagem e faminto e nenhuma delicadeza ou gentileza. River passou a amá-lo de maneira intensa e protetora. Ele voltava de alguma guerra, e ela o acolhia. Os ferimentos físicos cicatrizavam depressa, mas sua mente foi ficando cada vez mais marcada. Senti o desespero e a preocupação dela.

Ottavio era o mais velho, depois vinha River, Joshua, Daniel e Roberto. Daniel era o que ficava meio perdido no meio. Não tinha a austeridade e a responsabilidade de Ottavio e não compartilhava da força generosa de River. Não gostava de guerra e não conseguia entender a necessidade teimosa que Joshua tinha de batalhas. Mas Daniel gostava de dinheiro e se mostrou um investidor sábio e o gestor da fortuna da família.

Aquelas eram incursões fascinantes pela família, essa família antiga e poderosa que tinha vindo de toda a parte do mundo para ficar unida, para enfrentar unida o que estivesse para acontecer.

Ottavio me viu perdendo meu filho, me viu pobre e desesperada, depois bela e rica, pobre e desesperada outra vez; me viu ser detestável, descuidada e egoísta. Viu Sea Caraway e a Nastasya original, com o rosto ossudo, pálido, drogada e com olhos severos, delineados de preto. Viu como eu tentava afogar todos os sentimentos e me fechar. Viu como eu fugia das emoções como um gato de fogo. E viu onde eu estava agora: o quanto estava tentando, que não sabia se conseguiria, que não queria decepcionar River.

Vi River, Ottavio e os irmãos fazerem um pacto de sangue para serem sempre leais uns aos outros.

Vi uma River mais jovem e de cabelo preto pegando uma garota em uma vala, pois uma carruagem a tinha jogado na lama. A menina usava roupas gastas de criada e, quando River pegou um lenço para limpar-lhe o rosto, se encolheu. E ficou atônita com a gentileza de River.

Meus olhos se arregalaram e inspirei rapidamente quando o rosto da garota apareceu. Era Eva Henstrom, bem antes de eu conhecê-la. Minha mente voou

para o passado. Ela dissera que uma mulher a ajudara. Será que mencionou o nome dela? Achava que não. Mas tinha sido River, havia seiscentos anos.

Ottavio voltou a se dedicar ao trabalho: repassou a disposição dos túneis repetidas vezes, até eu conseguir andar por eles vendada e achar a saída. No caminho, ele me mostrou sigils de proteção, de ilusão, de medo; se alguém estivesse me seguindo, sentiria um medo inexplicável e ficaria confuso e em pânico.

River também me passou o que pôde: feitiços de proteção e também de ataque. Estava começando a parecer demais, que eu não conseguiria absorver tudo. Em pouco tempo, entraria por uma orelha e sairia por outra. Será que eu me lembraria de alguma coisa? Não sabia.

Lentamente, saímos de nosso estado meditativo. De certa maneira, uma união de pensamentos é como ver as pessoas com roupa íntima: depois, você as conhece melhor, fica constrangida, mas se sente mais calorosa por conta da vulnerabilidade compartilhada. Além do mais, foi exaustivo, e eu estava morrendo de fome.

Tentei não me desequilibrar, mas me sentia sobrecarregada e talvez eufórica. River olhou para Ottavio.

— Está vendo? — perguntou ela baixinho.

Ele assentiu e olhou para mim. Pela primeira vez, seus olhos não disparavam fogo negro; ele ainda não gostava de mim, mas acreditava em quem eu era e por que estava ali. Acreditava que eu não era a traidora.

Engoli em seco.

— Será que ainda sobrou algum biscoito de gengibre?

River sorriu e massageou meu braço.

— Vamos ver.

CAPÍTULO 29

Um amigo de River foi buscar todos os cavalos. Ela combinou com o fazendeiro vizinho de deixar nossas duas vacas, as ovelhas e os bodes passarem por um portão até a propriedade dele, para que ficassem bem distantes, fora de nossas terras. Embora nosso inimigo já tivesse atacado as galinhas uma vez, River esperava que, na grande luta, elas parecessem insignificantes demais para serem atacadas.

Fiquei feliz de os animais não estarem mais conosco. A ideia de alguma coisa horrível acontecer a eles — de ficar sabendo que alguma coisa horrível aconteceu a eles — só aumentava meu medo, principalmente depois da história de Daisuke do celeiro pintado com o hexágono.

A guerra é assim: você reduz tudo ao essencial, tenta manter o que tem de valioso em segurança e se prepara para o pior. Parecia aquele comboio rumo à Califórnia: no começo, as pessoas levavam tudo que consideravam absolutamente necessário e lamentavam deixar para trás as coisas para as quais não tinham espaço. Conforme a caravana seguia, descobriam que conseguiam viver sem muito do que parecia essencial na hora da partida. Mais adiante, depois de atravessar rios, sobreviver à seca, após algumas pessoas morrerem e outras enlouquecerem, descobriam que era possível prosseguir com menos ainda.

No final da jornada, suas necessidades estavam reduzidas a: água. Elas descobriam que a única coisa da qual precisavam de verdade era a vida. Todo o

resto era substituível, todo o resto não tinha valor em comparação a apenas estar vivo no fim do dia.

Então, todos passamos a nos preocupar em ficarmos vivos, porque alguém por aí nos queria mortos. Depois das muitas, muitas vezes em que me importei tão pouco se viveria ou morreria, quando fiz coisas burras, arriscadas, gestos de ódio contra mim mesma porque minha vida não tinha valor, era estranho agora estar concentrada na sobrevivência. E não só para ser educada. Eu não estava preparada para morrer. Nem para abrir mão do meu poder, o poder com o qual nunca me importei. Queria mais tempo para encarar meu relacionamento com Reyn. Para aprender mais. E para ser amiga de Brynne e me tornar uma história de sucesso para River. E também para ficar assando em um ambiente quente pelo menos mais uma porcaria de vez.

— Tem certeza de que não podemos arrumar as malas e ir para algum lugar ensolarado? — perguntei no jantar daquela noite. Era estranho saber dos túneis de fuga. Outras pessoas deviam saber sobre eles, mas eu não fazia ideia de quem.

River balançou a cabeça.

— Obrigada por perguntar. De novo. Mas isso precisa ser enfrentado agora. Ir para outro lugar só adiaria as coisas. Eu, pelo menos, preciso saber quem está por trás disso e o que quer.

— O inimigo deseja o poder — disse Joshua sem erguer o olhar. — O máximo que puder conseguir.

— Houve ataques simultâneos? — perguntou Reyn. — Por exemplo, em duas cidades no mesmo dia? Em partes diferentes do mundo ao mesmo tempo?

— Não — respondeu River. — Marcamos os ataques em um mapa-múndi e colocamos as datas. Embora alguns tenham sido bem próximos, ainda parecem sequenciais.

— Por quê? — perguntou Daniel.

— Eu estava pensando se é apenas uma pessoa ou um grupo, ou se há núcleos em diferentes lugares para fazerem ataques simultâneos — disse Reyn.

— No momento, estamos supondo que é uma pessoa ou grupo — afirmou Joshua. — Depois do jantar, quero repassar nossos planos. Lembrem-se, não importa quem vier, não importa quantos forem e nem o tipo de abordagem: isso é uma batalha. Essa pessoa ou pessoas mataram nossos amigos em todo o mundo, e agora estão vindo atrás de nós.

— Não se preocupem com certo ou errado — reforçou Reyn friamente. — Não sigam regras de cavalheirismo. Não estamos em uma encenação histórica, é uma questão de vida ou morte. Se você enfiar uma faca no peito de alguém, vai deixá-lo *irritado*. Se disparar no coração da pessoa, ela só vai ficar mais lenta. Ataquem no pescoço, mirem direito e golpeiem de lado com o máximo de força que conseguirem, como mostramos.

Era tão assustadoramente real.

— Não lutem de forma justa e não se preocupem com a impressão que vão passar — continuou Joshua. — Façam o que for preciso para impedir nosso inimigo, sem limitações.

— Como em uma liquidação na Loehmann's — disse Brynne.

Joshua e Reyn exibiram a mesma expressão de vazio.

— Sim, isso mesmo — concordou River.

Joshua balançou a cabeça como se para afastar uma ideia tão fútil.

— Preparem-se para se machucar. Preparem-se para sentir dor. Não deixem que isso faça com que entrem em pânico. Vocês sabem que, enquanto suas cabeças estiverem presas ao corpo, estarão bem. Sigam em frente.

Houve movimentos solenes de cabeça ao redor da mesa. Meus joelhos estavam tremendo, e pressionei os pés no chão com força para fazê-los parar. Eu me importava se venceríamos ou perderíamos. Eu me importava se meus amigos acabariam feridos ou mortos. Eu me importava se alguém destruísse River's Edge. Meu Deus, era tudo tão ruim. O que eu estava pensando?

Mais uma vez, repassamos os planos de ataque e retirada, marcando nossas saídas e rotas de fuga em um diagrama, como se estivéssemos em um avião nos preparando para uma emergência que jamais aconteceria de verdade. Reyn e

Joshua foram os que mais falaram, mas Daisuke interrompia de vez em quando para esclarecer alguma coisa ou acrescentar outro ponto de vista. Os outros dois escutavam de forma respeitosa. Eu me perguntei o que Daisuke estava sentindo. Será que lamentava ser convocado mais uma vez para a batalha? Poderia ter ido embora se quisesse. Será que achava que lutar o colocaria de volta no caminho certo?

No final, não houve tempo para dúvidas morais nem convicções hesitantes. No final, tudo foi uma surpresa.

***

— Nastasya? Você pode me fazer um favor? — perguntou River. Eu me levantei da mesa da cozinha e enfiei a espada na bainha do meu cinto.

— Claro — falei.

Ela estava hesitante.

— Sei que já está quase escuro, e eu deveria ter pensado nisso mais cedo. Preciso de algumas coisas de um dos armários da sala de aula. — Ela me entregou uma lista e uma cesta. — O material deve estar todo no armário da sala de Anne. Pegue o máximo que conseguir de cada item.

— Tudo bem — falei. Claro, adorava andar no escuro. Ali fora. Sozinha.

— Posso ir com você — ofereceu Daniel, pegando a espada.

— Boa ideia — concordou River. — Não queremos ninguém lá fora sozinho.

Tinha talvez uma janela de dois minutos e meio em que ainda haveria um restinho de luz. Senti que River talvez estivesse sendo um pouco negligente com minha saúde e bem-estar, mas então percebi com desânimo que eu, provavelmente, era uma das pessoas mais supérfluas ali.

Com a cabeça erguida e os olhos atentos enquanto atravessávamos o pátio, mantive a mão de leve no punho da espada como Reyn me ensinou. Pensei com

saudade nos dias em que eu era uma pessoa desprezível, mas relativamente em segurança.

— E então — disse Daniel —, quem você acha que está por trás desses ataques?

Ele era o irmão que eu menos conhecia; nossa única interação foi quando ele tentou me subornar para que eu fosse embora de River's Edge. Desde então, parecia o mais opaco dos irmãos. Lembrei-me da visão compartilhada com River e Ottavio, de como Daniel de certa forma foi o esquecido irmão do meio.

Olhei para ele. A rigor, não era tão bonito quanto Ottavio e Roberto. Suas feições eram mais delicadas, menos precisas. Era engraçado Brynne ter ignorado aquele indivíduo bem cuidado e civilizado em favor de Joshua, que tinha bem menos a oferecer. Pelo menos, aparentemente.

— Nenhuma ideia? Nem opinião?

— Não sei — respondi. Por algum motivo, eu não queria falar sobre meu possível tio nem possíveis amigos que poderiam estar por trás daquilo, como Cicely. Não que ela fosse capaz de organizar um ataque, pois não conseguia planejar nem mesmo um jantar.

— Você sente que estar aqui a deixou mais forte? — perguntou ele, abrindo a porta do celeiro. — Aprendeu muita magick poderosa?

Estreitei os olhos. River tinha uns irmãos muito xeretas e intrometidos. Mas talvez ele estivesse querendo ter certeza de que eu seria um acréscimo na situação.

— E você? — perguntei, seguindo para a sala.

— Ah, sou bem forte — disse ele, tranquilo. Ele esperou na porta enquanto eu mexia rapidamente nas prateleiras e olhava a lista de River, para ter certeza de ter pegado tudo que ela pediu.

— OK — falei, repassando a lista uma última vez. — Acho que é tudo.

Peguei a cesta e segui para a porta, mas Daniel não se mexeu.

— Vamos — chamei.

Ele deu de ombros.

— Não tive chance de conversar com você. Queria saber o que você acha de River e de tudo isso aqui.

Acho que uma pessoa educada teria respondido, teria mantido uma conversa amigável com o irmão de sua mentora. Mas sabemos bem como me posiciono quanto à educação.

— Por quê?

Daniel pareceu surpreso.

— Acho que River está preocupada com você.

— De que maneira? Me deixe sair.

Com relutância, Daniel deu um passo para o lado. Precisei empurrá-lo com o cotovelo para abrir passagem.

— Ela considera você um ponto fraco.

As palavras sussurradas me fizeram parar no corredor do celeiro, e me virei para olhá-lo.

— Ela disse isso? — perguntei, a voz tensa.

Ele deu de ombros outra vez.

— Ela não tem certeza de que pode confiar em você — prosseguiu ele ao ver que tinha minha atenção. — Acha que você não sabe o bastante para ajudar. Ela e Ottavio ainda estão convencidos de que os ataques têm alguma ligação com você de alguma forma.

Quase comecei a hiperventilar. Pensamentos dolorosos e de pânico atravessaram meu cérebro como arame farpado, destruindo minha confiança e me fazendo questionar tudo.

Daniel chegou alguns passos mais perto com uma expressão solidária no rosto.

— É que... as coisas ruins começaram a acontecer depois que *você* chegou. E, em seguida, você fugiu com Innocencio. Ela me contou como a cena de Boston foi horrível.

Minhas bochechas arderam com a imagem de River contando isso a Daniel.

— Você não está aqui há tempo suficiente para River conhecê-la de verdade. — Ele deu uma risada breve. — Acredite em mim, ela não é fácil de ser

convencida. Você precisa provar quem realmente é infinitas vezes.

Sentimentos doentios e familiares demais de constrangimento e vergonha começaram a se espalhar por mim, fazendo meu coração disparar e meu maxilar travar. E então...

... então, uma parte bem mais experiente de mim disse: Espere aí. Vai acreditar nesse cara que mal conhece ou vai confiar no que a própria River falou e no que seus olhos, ouvidos e coração dizem?

Até pouco tempo, eu teria acreditado imediatamente no que Daniel estava dizendo. Não tinha referência para comparar a confiança e a honestidade, não tinha bússola para determinar o que era real e o que era ilusão.

Mas minha cabeça estava bem mais lúcida agora. Sabia quando estava sendo sincera comigo mesma, e essa mudança crucial me permitia ver a sinceridade nos outros.

Daniel estava querendo me enganar. Por quê?

— Sei que é difícil de aceitar — disse ele, com gentileza, chegando mais perto de mim. — River sempre teve a habilidade de não demonstrar o que realmente está acontecendo. É difícil perceber quais são suas reais motivações, que usos ela tem para as pessoas.

— Daniel. Que diabos você está fazendo? — Ainda não estava zangada, mas falta pouco. Na verdade, estava mesmo era confusa. Será que era algum tipo de teste?

— Nastasya, está tudo bem. Não é culpa sua. Mas River me disse que seria bem mais fácil para todo mundo se você fosse embora.

Olá, raiva. *Não é verdade não é verdade não é verdade...*

— É mesmo? — falei calmamente. — Porque ela me disse que, se eu for embora, vai me caçar como faria com um cachorro na rua, depois me prender na cama com fita adesiva e me manter lá. Vai me empurrar chá, aulas e alimentos com fibras.

Os olhos dele se arregalaram naquele exato momento, depois ele franziu a testa.

— Não. Ela não disse isso.

Minha mente estava clara como uma maldita bola de cristal.

— Sim, Daniel. Ela disse isso.

Ele tentou de novo.

— Ela nem sempre diz o que sente.

Eu estava respirando pelo nariz, tentando manter minhas emoções sob controle. Mas ficaria feliz em ficar em cima dele e largar uma bigorna na sua cabeça.

— Na verdade, Daniel, descobri que ela diz exatamente o que sente. Mesmo quando não é o que a pessoa quer ouvir. — Pensei em todas as vezes que River me chamou a atenção bem na hora. — De jeito algum.

Então, ele pareceu irritado.

— Escute... — disse e levantou a mão tão rápido que não tive tempo de reagir. Ele apontou os dedos abertos para mim, e uma bola de canhão invisível bateu no meu peito e me derrubou de joelhos. No mesmo instante, lembrei-me de Incy e do taxista londrino, da forma como ele derrubou o cara apenas com gestos no ar.

Como Daniel fez comigo, inclinando o punho para o lado, me empurrando para o chão.

Ah, meu Deus, de novo não, pensei, com a cabeça ecoando. E, então, libertei minha raiva. Deitada de lado no chão, imaginei a palma da minha mão se enchendo com aquele incrível feitiço de fogo e fiz um movimento de lançamento.

Para nosso choque mútuo, funcionou. Uma bola giratória e crepitante de feitiço de fogo do tamanho de uma laranja voou pelo ar e o atingiu no pescoço. Ele cambaleou para trás, engasgando, e, então, um vulto escuro se aproximou silenciosamente por trás dele... e bateu com uma pá na sua cabeça, com força.

Os olhos dele se reviraram, e ele desabou. Fui libertada de imediato.

— Que babaca — disse Brynne, respirando forte e olhando para ele. — Ei, como você fez aquela coisa do fogo? Foi incrível.

— Ottavio me ensinou. Ah, meu Deus... Daniel é o traidor! — falei. — Temos de ir para casa contar a River!

Brynne assentiu rapidamente, e peguei a cesta e todas as garrafas de vidro que tinham caído no chão.

— Como podemos garantir que ele vai ficar do lado de fora? — perguntei, mas um pensamento terrível me paralisou. — Brynne... por que você estava aqui fora sozinha? — Eu me empertiguei lentamente e olhei para ela. Por favor, Brynne não, qualquer pessoa, menos Brynne.

— Não estou sozinha. Vim com *ele* para ajudar a pegar os machados e o resto das coisas. Pás. — Ela inclinou a cabeça e indicou os fundos do celeiro.

Ao olhar para além dela, vi... Joshua andando na nossa direção.

— Encontrei um pedaço de corda — disse ele, e se ajoelhou para amarrar as mãos de Daniel e depois os pés com movimentos práticos e eficientes, como se ele fosse uma ovelha fujona.

E acho que era mesmo.

Daniel abriu os olhos.

— Dominicus... você precisa me ajud... — Joshua enfiou um lenço na boca de Daniel e o puxou pela corda para que ficasse de pé.

— Tudo bem, peguem o que puderem — ordenou Joshua. — Observem com atenção quando atravessarmos o pátio. Não corram. Sigam direto para a porta da cozinha. — Segurando um Daniel cada vez mais furioso, ele puxou a espada comprida, daquelas que precisam de ambas as mãos para serem empunhadas, além de pesada e decorada. Brynne e eu pegamos os machados e as duas pás e o seguimos no escuro.

Jamais fiquei tão aliviada de chegar à cozinha. Entramos rapidamente pela porta e surpreendemos Anne e River, que deram um pulo, alertas.

— Aqui estão suas coisas — falei, colocando a cesta na mesa da cozinha. — E aqui está seu irmão imprestável, nojento e babaca.

O queixo de River caiu quando Joshua entrou na cozinha arrastando Daniel, amarrado e amordaçado.

— O que significa isso? — indagou Anne.

— Ele é nosso traidor — disse Joshua, com simplicidade, e, naquele momento, percebi que bênção extraordinária tinha sido o fato de ter testemunhas no celeiro. Eu tinha apoio. Fiquei tão agradecida que quase chorei.

— O quê? — gritou River, quando Daniel balançou a cabeça com raiva, murmurando algo com o lenço na boca.

— Ele falou um monte de merda para Nastasya — disse Brynne, olhando para ele com ódio. — Que você não confiava nela, que queria que ela fosse embora.

A respiração de Anne foi audível.

River ficou em silêncio e olhou de um irmão para outro. Depois de um minuto, assentiu lentamente.

— Ah, Daniel — disse ela. — Com quem você está trabalhando? Por que faria isso?

Com os olhos arregalados, Daniel balançou a cabeça violentamente.

— A cabeça dele está sangrando — observou Anne.

— Bati nele com uma pá — explicou Brynne. — Ele tinha derrubado Nastasya no chão e estava indo para cima dela. Então, bati nele.

Daniel ficou imóvel absorvendo a ideia de que eles tinham mesmo visto e ouvido tudo. Estreitou os olhos e fez um esforço enorme contra as cordas.

Joshua puxou a corda e desequilibrou Daniel.

— Daniel! — disse River, com mais força. — Como você pôde fazer isso? Quem o obrigou a fazer isso? — O rosto dela estava austero, e a voz, furiosa. Por baixo de tudo, eu sentia a tristeza e a decepção profundas pela traição de um dos seus irmãos.

Olhos castanhos desafiadores a observaram com raiva. Joshua esticou a mão e arrancou o lenço da boca de Daniel.

— *Fale*, irmão. — A voz de Joshua foi tão baixa e afiada quanto uma lâmina raspando no gelo. Se fosse direcionada a mim, eu estaria a ponto de desmaiar de medo. Daniel não disse nada, e Joshua puxou a corda com mais força. Vi as marcas brancas nos pulsos dele, onde a corda já arranhava a pele.

— Jamais deveria ter se juntado a ela — disse Daniel, apontando para mim.

— Por quê, Ugolinus? — A voz de River estava calma, mas aquela calma escondia uma raiva crescente. Daniel tinha chamado Joshua de Dominicus; River chamou Daniel de Ugolinus. Eu estava supondo que esses eram seus nomes originais e que tinham um peso adicional, assim como Lilja tinha um peso adicional para mim e me fazia voltar à infância.

— Às vezes, os herdeiros não são quem merece receber a herança. — O olhar frio pareceu endurecer o rosto de River.

— É mesmo? — O tom controlado enganava. — Como quem?

— Se deve escolher entre uma vagabunda inútil e alguém de grande aprendizado e poder... — começou Daniel, mas em seguida resmungou e fez uma careta de dor quando Joshua torceu a corda para apertar ainda mais os pulsos de Daniel. A camada superior da pele se soltou com a corda áspera e dura de sujeira.

Meu rosto estava em chamas. Todos nós sabíamos quem era a vagabunda inútil naquele lugar.

Tinha visto River irritada, zangada e decepcionada, mas jamais a vira daquela forma, e fiquei feliz por isso. A pessoa calorosa, misericordiosa e generosa que eu conhecia, o farol de salvação da minha vida, estava se transformando em uma estátua de mármore bem na frente dos meus olhos. Estava se tornando Diavola, como a havia vislumbrado em uma visão quando tinha pouco mais de 300 anos. A Diavola que matara os próprios pais, que planejou matar os irmãos para adquirir seu poder. Fazia mais de mil anos que Daniel não via Diavola, e ele estava começando a perceber, piscando sem parar e demonstrando um pouco menos de segurança.

Lentamente, River se inclinou para mais perto de Daniel, e, se isto fosse um livro adolescente de vampiros, seria nesse exato momento que, com um salto, ela lhe rasgaria o pescoço. Mas não havia sentido torcer para que isso ainda pudesse acontecer, refleti.

— De que pessoa de grande aprendizado e poder estamos falando, Ugolinus? — A voz dela era um sussurro, uma carícia. A leve brisa que uma serpente soprava logo antes de atacar.

Daniel comprimiu os lábios.

Joshua colocou a mão no pescoço de Daniel e apertou os dedos, beliscando um nervo que fez o suor brotar no rosto do irmão e que o deixou inspirando de forma trêmula.

— Responda, irmão.

Rezei para nunca ter de ouvir aquela voz se dirigindo a mim. A mão de Brynne tocou a minha, e agarrei-a com ansiedade.

Daniel não disse nada.

— Eu cuido dele — avisou Joshua, e puxou a corda, levando Daniel para fora da cozinha.

— Você vai se arrepender disso! — disse Daniel, mas engasgou quando Joshua enfiou de novo o lenço em sua boca. Ele empurrou o irmão pela porta de vaivém, e nós ficamos ali, abalados.

Depois de respirar fundo, River pareceu voltar a ser ela mesma, embora demonstrasse estar esgotada ao se virar na minha direção.

— Conte para mim o que Daniel disse e fez.

Contei para ela, e River pareceu mais e mais perturbada conforme prossegui.

Olhos castanhos límpidos olharam nos meus.

— Você acreditou nele?

É claro que eu queria mostrar o quanto era firme e fiel, imperturbável, etc. Mas, então, lembrei que River me conhecia.

— No começo — admiti. — Só por um minuto. Mas depois achei que podia ser alguma espécie de teste ou algo do tipo. Em seguida, pensei que ele só estava sendo grosseiro.

— Então você não acreditou no que ele disse? — Ela pareceu muito atenta à minha resposta.

— Eu... Você sabe, não me surpreenderia se não confiasse mais em mim. — Minha voz mal passava de um sussurro, e ela inclinou a cabeça para me ouvir. — Não ficaria surpresa se você tivesse desistido de mim. — Ergui os olhos, encontrando os dela. — Mas... acho que você me contaria se isso tivesse

acontecido. Você jamais me disse isso. Ainda. E acredito em você mais que acreditei nele.

Com um sorrisinho triste, River colocou a mão na minha bochecha.

— Obrigada por confiar em mim — disse ela, suavemente. — Daniel estava mentindo. Obrigada por acreditar em mim.

River estava *me* agradecendo por acreditar nela? Por confiar *nela*?

A porta da cozinha se abriu de repente, e todos nós demos um pulo. Reyn apareceu com o rosto tenso.

— Tem alguma coisa vindo — disse ele simplesmente.

CAPÍTULO 30

Por um momento, ficamos todos ali, olhando uns para os outros como se alguém soubesse que diabos estava acontecendo.

— O que está vindo? — perguntou River.

— Não sei — disse Reyn. — Saiam da cozinha.

Em um instante, River fechou as trancas da porta da cozinha, e corremos para a sala de jantar. Reyn começou a mexer na enorme placa de madeira para bloquear a porta de vaivém. Ottavio foi ajudá-lo, e o resto de nós se encostou a ela.

Passos soaram na escada; Amy e Asher estavam vindo correndo nos encontrar na sala de jantar.

— A floresta! — exclamou Amy. — Há pessoas, formas escuras, vindo em nossa direção!

— Quantos? — perguntou Reyn. — De que direção?

— Pelo menos quarenta — disse Asher. — Talvez mais. Vindo de todas as direções.

Meu queixo caiu. Quarenta! Ah, meu Deus! Estávamos imaginando talvez um ou dois, ou até um grupo exclusivo de cinco! Quarenta? *Quarenta* imortais do mal vindo para cima de nós? Erik, o Derramador de Sangue e seu grupo de 11 homens tinham tomado o castelo inteiro do meu pai! E nós tínhamos guardas!

— Ah, deusa sagrada — sussurrou River, com a mão na boca.

E então, tudo começou.

O primeiro estrondo me fez pegar a espada com o coração disparado. Havíamos fechado as janelas de madeira, mas o que precisávamos mesmo era de uma casa envolta em aço maciço. Enfeitiçado para repelir magick.

— River! Rápido! — disse Anne, derrubando uma caixa de sal e formando um círculo no chão no saguão de entrada. River e Ottavio entraram, e Anne completou a linha de sal fechando o círculo. De mãos dadas, os quatro começaram a unir os poderes e formar camadas de feitiço que vinham elaborando havia dias.

Alguma coisa explodiu em outra janela fechada; o som de vidro quebrando e um estouro precedeu uma bola de fogo que atingiu a sala, fazendo parecer que era dia.

— Em posição, todo mundo — ordenou Reyn. Eu e ele nos entreolhamos rapidamente; fiquei surpresa pelo tanto de dor nos olhos dele. Será que tinha ficado surpreso pelo medo nos meus? Era provável que não.

— Há mais deste lado da casa que do outro — relatou Daisuke ao entrar vindo da sala de jantar. — Acrescentei um feitiço à placa de madeira na porta da cozinha.

Assim que se acendeu, o fogo lá fora se apagou. River tinha fechado os olhos para se concentrar, mas os ombros estavam relaxados. Com um foco supremo, ela conseguiu afastar tudo o que não fazia parte do feitiço.

Um grito e um brado sobrenaturais vindos de fora me atingiram como um garfo se arrastando no gelo. Quase imediatamente, minha cabeça pareceu enevoada, e olhei distraída para a espada enquanto me perguntava o que estava fazendo.

— Bloqueiem! — gritou Joshua, saindo do escritório de River. — Estão enviando feitiços! Bloqueiem! Fechem as mentes!

As palavras dele me despertaram e afastaram a névoa da minha cabeça. Fechei a mente para as forças externas como Anne tinha me ensinado tantas vezes.

Ouvi passos nos degraus da frente e fiquei quase imobilizada pelo medo. Não podia encará-los. Queria que alguém os atacasse por trás, os destruísse por dentro...

— Reyn!

— O quê? — Ele estava em posição de luta, sem desviar os olhos da porta pela qual eles entrariam a qualquer segundo.

— Deveríamos ir para os túneis! — exclamei. — River! *River!*

River abriu os olhos lentamente: ela havia me ouvido.

— Faça sua magick dos túneis — falei, com urgência. — Vamos sair por ali e pegá-los por trás, no bosque! E assim quando eles entrarem na casa, ela estará vazia!

— Sim, é claro! — concordou Roberto.

— Venham! — chamei, indicando o escritório de River para Reyn.

Ele me encarou.

— Que túneis?

— Vão incendiar a casa — disse Asher, enquanto posicionava uma flecha comprida e afiada no arco. Ele puxou um pouco algumas vezes para esticar a corda.

— Uma flecha? Isso não vai só deixá-los furiosos? — perguntei.

— Vai estar pegando fogo — informou Asher, com simplicidade. — Isso vai surpreendê-los. Saiam vocês pelos túneis. Deem a volta e os ataquem por trás. Jess, Solis e eu ficaremos aqui como distração e contratempo.

— Não tem importância se botarem fogo na casa — disse River, enquanto Anne desfazia o círculo o mais rápido possível. — A única coisa que importa é que nós vençamos.

— Vou abrir — avisou Joshua, passando por mim.

— Túneis? — perguntou Brynne, enquanto corríamos para o escritório de River. — Temos túneis?

Reyn ficou desconcertado quando Joshua abriu a lateral da escrivaninha de River. Ele olhava de Joshua para mim e para a escrivaninha. O irmão de River

abaixou a cabeça e entrou primeiro, mantendo as armas nas laterais do corpo, depois entrei e fiquei de pé na escada, profissional nessa história de túneis escondidos. Daisuke, Amy, Brynne, Roberto e Reyn vieram atrás. Estava ali embaixo quando ouvi Solis dizer:

— Vá! Vá! Vou fazer um feitiço para fechar depois que você for!

Não vi Daniel (se é que ele estava ali embaixo) quando corremos pelos túneis mal iluminados. Pensei no quanto Joshua e River devem ter ficado zangados e enojados, e tremi pelo que Joshua podia ter feito a ele.

— Você conhecia esses túneis — disse Reyn, respirando normalmente enquanto eu ofegava ao seu lado, sentindo meus pulmões queimarem.

— Aham — consegui dizer.

— Para onde nos levam?

— Para cinco lugares diferentes — falei, relembrando as imagens mentais que River transferira para mim. — Duzentos metros atrás do celeiro grande. Cento e cinquenta metros a leste do galinheiro. Cento e setenta metros a sudeste do estacionamento. Para o celeiro dos cavalos, debaixo da baia de Titus. Embaixo das jardineiras com tampa de vidro na horta. E tem becos sem saída também.

Bem naquele momento, Joshua parou em uma das interseções principais.

— Reyn, leve Brynne — disse ele, e Reyn assentiu. — Nastasya, você vai com Daisuke e com você, Bertino. Amy vai comigo. Certo?

Três equipes, cada uma liderada por um guerreiro experiente, cada uma com uma pessoa mais fraca choramingando. Na verdade, acho que eu era a única choramingando. Em silêncio. Dentro da minha cabeça.

Queria ir com Reyn, mas quando ele assentiu com uma expressão séria, entendi: ele não queria ser distraído por mim, se preocupar comigo. Se precisasse, poderia sacrificar Brynne. Assim como Joshua poderia sacrificar Amy, e Daisuke, me sacrificar. A guerra apenas simplifica as coisas.

Joshua se ajoelhou e desenhou um quadrado pequeno na terra, depois mais outros ao redor.

— Esta é a casa — disse ele, apontando — e os prédios ao redor. Aqui é onde os túneis saem. Reyn, você sai por aqui, atrás do celeiro. Daisuke, você vai para o leste e sai no bosque atrás do galinheiro. É provável que vocês consigam ver o inimigo logo de cara. Vou levar Amy e sair atrás do estacionamento. — Ele ergueu o olhar com expressão determinada e rígida. Reyn e Daisuke assentiram brevemente.

— E depois seguimos todos na direção da casa — completou Daisuke, a voz tensa. Eu o tinha visto olhando para a espada com desagrado, até mesmo repulsa. Mas, assim como eu, estava comprometido a defender River's Edge, um lugar onde tantos conseguiram mudar o rumo da própria vida, e River, a pessoa que nos salvou. — Para cortá-los um a um. Nossa melhor aposta seria começar pela periferia, depois nos apressarmos para acabar com o resto.

— Tipo, matá-los de verdade? — Amy parecia em dúvida.

Daisuke abriu um sorriso sofrido.

— Infelizmente, sim. Isso é uma guerra. Eles não estão aqui porque querem nosso ouro. Querem nos matar, cada um de nós. E é isso que vão fazer, a não ser que os matemos primeiro.

— Era mais fácil antigamente, hein? — disse Joshua, sem humor na voz.

— Era — concordou Reyn.

Eu não queria mesmo, mesmo me separar de Reyn. Quando Daisuke, Roberto e eu nos viramos para ir, Reyn segurou meu braço e me virou, fazendo com que olhasse para ele. Ali, na frente de todo mundo, no *meio* de uma *batalha*, ele se inclinou e me beijou intensamente.

Segurando minha nuca com a mão livre, ele sibilou no meu ouvido:

— Não morra. Está me ouvindo?

Assenti e sussurrei em resposta:

— Antes de dormir com você? De jeito nenhum.

— Está pronto para lutar ou precisa fazer um pouco mais de carinho na sua mulher? — O resmungo de Joshua fez Reyn se afastar com os olhos estreitados.

— Pronto — disse ele friamente. — Vejo você do outro lado se conseguir sobreviver.

Vi Joshua sorrir antes que ele e Amy saíssem correndo na escuridão.

Daisuke puxou minha mão, e saí correndo atrás dele enquanto afastava todos os pensamentos da minha mente, exceto: Lutar. Vitória. Sobreviver.

Nós três chegamos ao final do túnel rápido demais. Eu ficaria feliz em correr por mais uma hora se significasse poder evitar o que estava nos esperando ali em cima. Mas Daisuke diminuiu o passo até parar, a mão esticada na nossa direção, fazendo sinal para esperarmos.

— Lembrem-se: são imortais ali em cima. — A voz de Daisuke estava tão baixa que um esquilo a 1,5 metro não teria conseguido ouvir. — É óbvio que seria mais fácil se fossem mortais, seria mais simples matá-los e poderiam ser mortos de longe.

— Precisamos daquele chapéu com aba de lâmina do filme do James Bond — sussurrei. — Poderíamos jogar a certa distância e cortar a cabeça de alguém.

Os dois homens olharam para mim em silêncio, e Daisuke seguiu em frente como se eu não tivesse falado nada. Tudo bem. Eu era só uma garota querendo ajudar.

— Vamos chegar por trás, então ser furtivo é essencial.

Roberto assentiu. Fiquei com vontade de dizer: Dã.

Apontando para minha espada, Daisuke disse:

— Mire no pescoço. Crave ali. Golpeie de lado com o máximo de força que conseguir. Já cortou a cabeça de alguém?

Balancei a cabeça, me sentindo um pouco enjoada.

— Já vi fazerem.

— É mais difícil que parece — disse Roberto baixinho. — Acertar no osso é um choque. O truque é aplicar toda a sua força no golpe.

Certo, eu ia vomitar. Lembranças grotescas da pobre Katy pontilhavam minha mente como cocô de passarinho. Assenti enquanto tentava respirar.

— Fiquei feliz ao ver que eles pareciam humanos, e não espectros e nem espíritos do mal — disse Roberto, com voz baixa.

Eu o encarei.

— Espíritos do mal eram uma possibilidade? Pensei que as pessoas estivessem brincando!

Mais uma vez, eles me olharam. Observei meus pés e tentei não desabar em lágrimas histéricas.

— Vamos — disse Daisuke, e começou a subir a escada de metal presa na terra.

Segui Daisuke, e Roberto veio atrás de mim. Havia um alçapão no topo. Daisuke puxou uma tranca de metal e muito, muito lentamente empurrou o alçapão. Por alguns momentos, a porta nem se mexeu, mas logo uma chuva de terra caiu em cima de nós, junto a algumas folhas e galhos. Daisuke passou silenciosamente pela abertura estreita enquanto eu segurava o alçapão para ele.

Depois de trinta segundos de silêncio, sua voz baixa chegou até nós.

— Tudo bem. Subam.

Com o coração na boca, segurei a espada ao lado do corpo e subi. Estava suando de medo e apertava o punho da espada de forma tensa e dolorida. Será que era tarde demais para fugir?

E, então, lembrei que Reyn já achava que eu era uma grande covarde.

Merda. Merda, merdona, merda.

O mais silenciosamente possível, saí e fiquei de pé. Do lado de fora, estava tão escuro quanto dentro de um barril. Um pouco ao longe, depois do galinheiro, vi a casa. Estava pegando fogo. As chamas facilitavam a identificação das formas escuras ao redor dela, algumas na varanda, ainda tentando arrombar a porta enfeitiçada. Enquanto outras gritavam com crueldade.

— Ei. — Roberto tocou meu ombro, e tive um sobressalto. — Você está bem?

Pisquei e sussurrei em resposta:

— Estou. É só que... quatrocentos anos depois, meu vilarejo ainda está sendo atacado.

Ele assentiu com ironia.

— Os homens sempre irão para a guerra, por todos os motivos ou por nenhum. — Parecia uma citação.

Daisuke apontou para a direita. Olhei na direção que ele indicou, mas não vi nada. Ao meu lado, Roberto assentiu, então estreitei os olhos e espiei outra vez entre as árvores. Nada, ainda. Mas em seguida uma sombra se moveu de uma árvore até outra. Enquanto eu estava olhando, aconteceu de novo.

Reyn. Indo na direção da casa por trás do celeiro. No local onde estacionávamos os carros, Joshua estaria saindo com Amy.

Daisuke ergueu as sobrancelhas para nós, e Roberto assentiu com seriedade.

— Essas pessoas corromperam seus amigos para que eles matassem vocês. — As palavras de Daisuke eram como penas no ar noturno. — Elas mataram pelo menos vinte imortais ao redor do mundo, até onde sabemos. Estão promovendo magia das trevas, provocando mal e destruição em todos os lugares por onde passam. Agora, estão aqui para destruir River's Edge. Se puderem, vão matar vocês e todos nós. — Seus olhos amendoados se concentraram em mim. — Nastasya, essas pessoas lhe mandaram a cabeça de Incy dentro de uma caixa.

Meu sangue virou nitrogênio líquido, e minha respiração parou, entrecortada. Só conseguia ver a escuridão nos olhos de Daisuke.

Expirei e assenti.

— Vamos cortar suas cabeças.

CAPÍTULO 31

Gostaria de poder contar que virei uma Valquíria, caminhando silenciosamente pelo bosque, me misturando às sombras da noite. Que corri sem medo, com a espada erguida, para destruir o mal e defender o bem e o certo.

E deveria mesmo dizer isso. Você jamais saberia a diferença. Como poderia verificar? A manchete "Batalha Estranha Acontece em Cidadezinha de Massachusetts" não sairia no *Herald*, com entrevistas dos moradores e testemunhas oculares.

Mas não foi assim. Não foi glorioso. Não me senti virtuosa. Foi horrível e apavorante, e eu poderia ter fugido com alegria a qualquer momento se tivesse conseguido.

Daisuke se moveu mesmo como uma sombra, como um espectro, pela escuridão da noite. Fui atrás, acompanhando seus passos largos com os meus, pisando apenas onde seus pés já haviam pisado porque ele conseguia atravessar o bosque sem emitir ruído algum.

Eu não conseguia ouvir Roberto atrás de mim, mas ao olhar para trás, vi que ele estava bem ali, o belo rosto imóvel e frio, contornado de leve pela lua estreita. Devo ter parecido tensa e apavorada, porque ele sorriu de repente e disse:

— Que tal se, quando isso acabar, você e eu tomarmos uma garrafa de champanhe ao som de Jefferson Airplane para ver que tipo de vibração inovadora fazemos juntos?

Estreitei os olhos e subitamente me senti pronta para matar coisas. Roberto riu sem fazer ruído. Daisuke tocou em meu braço, e o segui.

— Queimem tudo!

A voz gutural alcançou minhas profundezas. Bem à nossa frente, o grupo de invasores se separou, alguns indo pegar galhos e acendendo as extremidades no fogo da casa. Dois deles correram para o galinheiro, a menos de 2 metros de onde estávamos. Assim de perto, com os rostos iluminados pelo fogo, não os reconheci. Não eram pessoas do meu passado, e senti alívio.

Sem falar nada, Daisuke se moveu rapidamente e pegou um. Antes que o homem pudesse gritar, ele puxou o sabre e o golpeou com uma força feroz. A cabeça dele caiu no chão como uma bola de boliche, derramando sangue na grama macia e nova da primavera debaixo de nossos pés. Tapei a boca com a mão para tentar não gritar e pulei para sair do caminho do sangue que jorrava do pescoço. O cheiro do sangue era quente e acobreado no ar frio da noite, desagradável e perturbador em meio ao cheiro fresco do bosque.

Ah meu Deus, não consigo fazer isso não consigo fazer isso não consigo mesmo...

Roberto cuidou do outro com eficiência e em silêncio, e começou a chutar terra na direção da tocha para apagar a chama. Como um zumbi, fiz o mesmo com a outra tocha enquanto Daisuke limpava o sangue da espada. Os homens se entreolharam.

— Menos dois — disse Daisuke, parecendo muito triste.

Roberto assentiu.

Vá em frente, Nas. Vá em frente, não morra. Logo vai acabar.

Mas não tão cedo.

Daisuke respirou fundo, assentiu para nós e saiu de trás do galinheiro. Com o sabre erguido, deu um grito de guerra horrível e ininteligível que parecia o de um animal sendo estripado. Como se puxada por uma corda, fui atrás dele com minha espada erguida. Só conseguia pensar em berrar o que meus irmãos e eu gritávamos uns para os outros quando brincávamos de guerra com as espadas de

madeira que o capitão do meu pai fez para nós. Era em islandês, e, quando minha voz se espalhou, vários homens viraram a cabeça para olhar.

Eles foram pegos de surpresa, e Daisuke decapitou dois antes que os outros pudessem reagir. Ao nosso redor havia sons apavorantes de batalha: o estalo inesperadamente alto de lâmina batendo em lâmina; lutadores grunhindo e sibilando devido ao esforço; palavrões e xingamentos sendo gritados. A inspiração repentina de alguém perfurado por uma espada. Injúrias cheias de ódio sendo cuspidas por uma boca que ficou frouxa quando a cabeça se soltou do corpo. O baque pesado de revirar o estômago de uma cabeça atingindo o chão e, em seguida, a queda do corpo, como se fosse um saco de batatas.

Alguém correu para cima de mim gritando, levantando uma espada. As horas de prática com Reyn me vieram à mente, e me movi como se aquilo fosse apenas mais um exercício, desviando e recuando para que o assobio da lâmina passasse a centímetros da minha orelha. Girei em um calcanhar e usei as mãos para levantar a espada enquanto a voz de Reyn debochava de mim em pensamento: *Use toda a sua força, sua frouxa! Você não está tentando fazer cócegas em ninguém!*

Bati de lado com o máximo de força que consegui e atingi de forma sólida o ombro do meu agressor; meu ângulo foi completamente errado. Mas foi o suficiente para fazer um corte fundo no seu ombro, quase cortando fora o braço, e aquela mão largou a arma. Uma fúria tomou conta de mim, pois eles tinham vindo para estragar nossa vida tranquila, achavam que tinham o direito de destruir coisas e pegar o que não era deles. Com um rugido que nem eu mesma reconheci, tirei a espada do corpo dele, mudei o ângulo e bati de lado com toda a minha força.

E cortei minha primeira cabeça.

Bile quente e amarga subiu pela minha garganta, me fazendo engasgar. Mas já havia outra pessoa quase em cima de mim. Levantei a espada por reflexo e gritei quando a bati tão pesadamente na arma do outro que meu braço ficou formigando até o ombro. Minha mão estava entorpecida e ardendo, mas ignorei a sensação e movi a espada para trás.

"Você não vai ter altura e nem força para superar seu oponente", dissera Reyn. "A não ser que seja atacada por uma criança ou um gnomo." Fiz uma careta para ele nessa hora. "Vai precisar usar a velocidade, a precisão e a surpresa. Portanto, movimente-se, tente ser imprevisível. Jamais se apresente como um alvo direto."

Em uma tentativa ridícula de ser imprevisível, me virei de costas e ergui a espada rapidamente acima da cabeça. Minha lâmina bateu de novo na dele, e, quando me virei de repente, vi sangue escorrendo pelo crânio do meu agressor. Seus olhos se encheram de fúria, e ele segurou meu braço, porque cometi o erro de chegar perto demais. Em um instante, dei um chute alto com o pé esquerdo e acertei bem no negócio dele com força, o que, imortal ou não, era o bastante para desestabilizar qualquer homem. Antes mesmo que pudesse levantar a espada, Roberto deu um pulo, cortou-lhe a cabeça e voltou para sua própria batalha.

— Você não é nada! — O grito de uma mulher me fez virar, surpresa. Uma figura alta e loura estava correndo para cima de mim, e, em uma fração de segundo, reconheci a mulher apavorante que tinha visto na cidade, na farmácia e na rua. A adrenalina se reacendeu nas minhas veias quando ela veio na minha direção com uma espada pequena, pouco mais que uma adaga, apontada para minha barriga. Sem pensar, dei um golpe violento para a esquerda, atingindo o pescoço e quase lhe cortando a cabeça, na mesma hora em que ela enfiou a espada na minha barriga quase até o cabo.

A cabeça da mulher caiu grotescamente para o lado, presa por um fio de pele, e seus joelhos se dobraram. Olhei para minha barriga, surpresa, e me perguntei por que o cabo estava cravado em mim daquele jeito. E então, uma onda chocante de dor tomou conta de mim dos pés à cabeça, me fazendo ofegar, e transformou meu sangue em água e fez suor brotar na minha testa.

A mulher tinha caído no chão de lado, mas estava me olhando e sorrindo enquanto sangue lhe escorria pela boca.

— *Þú ert ekkert* — disse ela em islandês. — Você não é nada. — As palavras dela foram assobiadas, quase incompreensíveis, e os cortes nas vias respiratórias faziam mais sangue borbulhar ao redor dos seus lábios.

Daisuke apareceu logo ao meu lado e terminou o serviço fazendo um corte preciso e quase delicado dos nervos e da pele que sobraram. Em seguida, empurrou a cabeça com o pé. Demorou vários segundos até que a luz nos olhos dela morresse, e o sorriso sardônico sumisse.

— Nastasya! — gritou ele, com uma das mãos no meu ombro.

Pisquei e, pelo canto do olho, pude ver seu rosto, temendo que até esse movimento pudesse me causar dor.

— A batalha continua. Você precisa lutar — disse ele. Seu rosto estava com filetes de sangue respingado. Sua voz formava nuvens de vapor no ar.

Olhei para ele com um burburinho intenso nos ouvidos.

— Nastasya! Escute: isso não vai matar você. — Ele apontou para a espada cravada em mim. — Sei que dói, mas a dor é só um sentimento, e sentimentos não são capazes de machucar você. Está entendendo?

Minha respiração estava curta, e meus dentes, trincados.

— Está entendendo?

Não consegui assentir.

— Isso vai doer — disse ele, e, com um movimento rápido, retirou a espada e a prendeu no cinto com meu sangue ainda pingando dela.

Um tremor nauseante percorreu meu corpo; meus joelhos quase cederam, eu estava tremendo e com mais frio que nunca.

— Daisuke!

O grito alto de Roberto fez Daisuke se virar já empunhando a espada. A lâmina acertou a pessoa que partia para cima dele direto no pescoço. Com apenas uma das mãos, Daisuke levou a espada para a esquerda e depois para a direita, e logo havia menos um imortal na luta.

— Nastasya! — quase gritou Daisuke. — Nós precisamos de você! Você tem de ignorar o ferimento e lutar! Ou continuar aqui e morrer.

As últimas palavras dele foram mais baixas e atingiram o animal lastimoso dentro de mim. Consegui assentir.

Um estrondo enorme nos surpreendeu; a porta da frente explodiu ao abrir. Vários agressores voaram no ar por cima da varanda e aterrissaram no chão. De alguma forma, Joshua e Amy estavam lá, com as espadas brilhando com o reflexo do fogo. Amy parecia implacável e determinada ao segurar alguém com o pé e cortar o pescoço da pessoa.

Não morri. Segui em frente. Fui atrás de Daisuke para os fundos da casa. Cada passo quase me fazia desmaiar devido à dor ardente e ao medo. Não conseguia deixar de olhar para baixo para ver o sangue escorrendo pelo meu corpo, encharcando meu moletom e minha calça jeans.

A única vez que Daisuke fez uma pausa foi quando tivemos de passar pelo corpo de Solis.

Agressores vieram ao nosso encontro. Daisuke acertou uma pessoa menor quando esta veio correndo, e, quando ela hesitou, golpeei com a espada. A dor do movimento me deu vontade de vomitar, mas fiquei com medo de me abaixar e com isso me tornar um alvo muito mais fácil. Um homem alto e moreno passou por mim seguindo na direção de Roberto, gritando como um chacal ferido. Era o indiano, o companheiro apavorante da loura.

Meu ângulo era ruim, e eu estava um pouco longe demais, mas dei um passo para a frente e o acertei de lado, cortando a lateral de seu corpo. Isso o deixou mais lento, o suficiente para Daisuke se virar e terminar o serviço.

Meu rosto estava frio e molhado. Não tinha percebido que estava chorando. Tudo que eu queria era ver que Reyn e River estavam bem, não feridos nem mortos.

Passos rápidos pareceram surgir do ar noturno. Nós nos viramos, mas não rápido o bastante. Alguém atacou Roberto com um grito de raiva. Daisuke partiu para cima do agressor e o derrubou no chão com um chute, e, em seguida, cortou sua cabeça com fúria. Ouvi a lâmina bater no osso e fiz uma careta, depois me virei para ver se Roberto estava bem. Mas ele não estava ali. Tinha desaparecido. Olhei ao redor, entorpecida, mas só quando vi o rosto consternado de Daisuke pensei em olhar para baixo.

O corpo de Roberto estava aos meus pés, com a cabeça a poucos metros de distância. O belo rosto estava flácido com a morte, inexpressivo. O irmão mais novo de River estava morto.

Eu me inclinei e vomitei.

— Temos de ajudar os outros — disse Daisuke, quase gentil. Ele pegou meu braço e saiu andando, me puxando atrás de si como se eu fosse um peso. Com um braço, limpei o queixo, mas me mantive em pé. Forcei-me além de qualquer limite que pudesse ter imaginado, tonta, em choque e com tanta dor que não conseguia organizar nem dois pensamentos.

Não havia ninguém vivo daquele lado da casa, então seguimos para a frente. Era tão tentador cair de cara na terra e ficar ali chorando, mas se eu fizesse isso, sem dúvida alguém surgiria para cortar minha cabeça patética.

A parte da frente estava em silêncio, exceto pelo assobio e estalo da madeira enquanto a casa pegava fogo. Asher estava na varanda a caminho da porta da frente, mas se virou para nos olhar.

Fiquei aliviada ao ver Amy ali, apesar de ela parecer chocada e estar coberta de sangue, com um braço pendendo na lateral do corpo. Brynne estava cambaleante, com o belo rosto ferido em uma bochecha e o sangue colorindo o ombro e a lateral do corpo. Ela me viu, reparou em meu tórax encharcado de sangue, e seu rosto arruinado desmoronou. Ela esticou a mão, e eu a apertei com fraqueza, muito feliz de ver que estava viva.

Mas onde estava Reyn? Onde estava River?

Asher viu Daisuke e olhou para trás deste, procurando Roberto. Daisuke balançou a cabeça. Asher ficou pálido sob o sangue e a sujeira. Em seguida, viu minha barriga, meu rosto verde e meus olhos como poços negros.

— Onde está Anne? — perguntou Daisuke.

— Não sei — respondeu Asher, com uma expressão triste. — Jess não sobreviveu.

— Nós vimos Solis. — Demorei alguns segundos para reconhecer a voz fina e fraca como sendo minha.

— Ah, não — disse Amy.

Do nosso grupo, Jess, Solis e Roberto estavam mortos. Tinha medo de perguntar sobre minhas pessoas mais queridas, as pessoas sem as quais não queria viver, no sentido literal das palavras.

Onde estava Reyn? Ah, meu Deus, se eu visse o corpo dele caído em algum lugar... O pensamento de que ele poderia estar morto me deixou mais em pânico que o horror que tinha enfrentado até então. A pergunta chegou aos meus lábios, mas a segurei. Enquanto não soubesse, havia uma chance de ele estar vivo. Se alguém confirmasse que estava morto, não imaginava o que eu poderia fazer. Era melhor não saber.

A porta da frente estava em chamas; a madeira velha queimava com facilidade. A tinta se soltava em tiras, ficando marrom e depois preta por causa do fogo. Comecei a subir a escada, determinada a entrar com eles.

Uma força emanava da porta flamejante. Ela me manteve parada no mesmo lugar e fez Asher e Daisuke cambalearem. Uma pessoa alta e corpulenta saiu em meio ao fogo puxando alguém menor pelo braço: River. Seu rosto estava machucado, escorria sangue pelo nariz, e ela parecia atordoada. Asher partiu na direção dela, mas o homem esticou a mão e o empurrou com uma força invisível. Ele se esforçou para ficar de pé.

Atrás dele, uma mulher alta e magra saiu das chamas como se o fogo fosse só uma decoração de Halloween. Anne veio atrás, parecendo quase inconsciente, com a cabeça baixa, e tropeçou na entrada. Os rostos de Anne e River pareciam chamuscados, mas os outros estavam ilesos.

Minha mão apertou o cabo da espada. A tensão aumentou ao meu redor: Joshua, Asher, Daisuke. Os músculos deles estavam contraídos.

Quando o homem deu um passo à frente, a lua fina da primavera iluminou o rosto dele. Franzi a testa. Ele era grande e robusto como um cavalo de batalha, com cabelo ruivo dourado bem aparado e um cavanhaque curto e moderno. Um breve pensamento lutou em minha mente, como um vaga-lume em um vidro fechado ficando sem oxigênio.

Aquele cabelo ruivo dourado...

Quase imediatamente, os olhos dele se direcionaram para mim e se fixaram como lasers.

— Lilja de Úlfur. — A voz grave como a de um urso acompanhava-lhe o tamanho.

O vaga-lume na minha mente piscou. Percebi um calor crescer debaixo do meu moletom. Eu estava gelada e grudenta desde que tinha sido ferida, mas aquele calor emanando do centro do meu peito pareceu abrandar o pior do frio. A dor insuportável e cortante nas minhas entranhas diminuiu um pouco.

Era meu amuleto. Eu tinha uma leve noção dele durante a noite, mas não tivera tempo de pensar e nem sonhar em usá-lo.

Mas, então, ele estava despertando, ganhando vida.

— Lilja — repetiu o homem. — *Dóttur bróður míns*. Como estou feliz de finalmente conhecer você.

Filha do meu irmão.

Agora todos estavam olhando para mim.

— Quem...? — Minha voz falhou, e eu tossi. — Quem é você?

— Minha adorável sobrinha, eu sou o verdadeiro herdeiro do trono da Islândia. Seu tio Egthor.

CAPÍTULO 32

Ergui o queixo e tentei firmar minha voz.

— Nunca ouvi falar de você.

— É claro que não — disse o homem. O cabelo dele, que tinha o mesmo tom do de Eydís, brilhava como fogo. — Por que seu pai falaria de mim? Eu era seu maior segredo, o único irmão que não matou imediatamente.

— Onde você estava? Por que não apareceu antes? — Um som muito, muito baixo chegou até mim, pairando no ar como uma única pluma de fumaça de um fósforo apagado.

— Estava onde seu pai me deixou — disse Egthor. — Nos túneis embaixo do *hrókur* dele.

O único túnel que eu conhecia era o que me levou da biblioteca do meu pai até o bosque. O túnel pelo qual fugi.

— Você estava debaixo do castelo quando ele pegou fogo? — perguntei. O fio transparente de som envolveu meu queixo e subiu na direção dos meus ouvidos.

O rosto dele ficou tenso.

— Sim. Infelizmente. Mas agora estou livre. E vim aqui pegar o poder que deveria ser meu há quatro séculos e meio.

Passei a me sentir aquecida. O fluxo de sangue do meu ferimento tinha se reduzido a um gotejar. Estava menos tonta, e a dor tinha diminuído consideravelmente. Encostado em minha pele, o amuleto estava ficando quente

demais, de uma maneira desconfortável. Identifiquei o que estava ouvindo: era a lembrança da voz da minha mãe, cantando o poder para dar forma a ele. Era a música que ela cantou na noite em que morreu.

— Por que seria você o verdadeiro herdeiro? — perguntei. Mantive a voz fraca e hesitante, e minha aparência era sofrida, sangrenta e machucada.

— Eu era o melhor aluno e o favorito do meu pai. O trono deveria ter sido meu. — A raiva surgiu na voz dele. A mão apertou o braço de River, fazendo-a oscilar.

A música estava crescendo com clareza dentro de mim agora, e, pela primeira vez, entendi-a, como uma criança aprendendo a ler, quando a confusão de formas se arruma em letras e as palavras se encorpam e ganham um significado. Ela chamava os poderes da terra, do vento, da água. Convocava todos os poderes para virem até mim como pássaros indo pousar em uma árvore. A sensação era atordoante, dolorosamente alegre e intensa. Ainda assim, eu estava ciente de que esse poder serviria para fazer um grande mal e causar grandes danos.

— Mas meu pai era o mais velho. — Era o que eu supunha.

— Ele era a ovelha negra! — gritou Egthor. — Uma decepção amarga para nosso pai! Ele não estudava nada e passava os dias saindo com prostitutas e bebendo!

Atrás de mim, Amy murmurou com cansaço:

— Com prostitutas? Sério?

— Eu estudava! Trabalhava! Aprendi a magick da nossa família ao lado do meu pai. Ele tinha orgulho de *mim*. Seu pai era uma desgraça. — Egthor estava ficando nervoso, e o aperto no braço de River mostrava que ela estava sendo sacudida.

A voz da minha mãe estava forte dentro da minha cabeça. Ao lado de Egthor, River ergueu o queixo de leve e olhou para mim, e tentei não reagir. Seus olhos estavam lúcidos e concentrados em me enviar a mensagem: *Você consegue fazer isso.*

— Mas meu pai continuava sendo o mais velho.

A raiva deixou as bochechas de Egthor vermelhas. Prossegui, com pressa:

— Mas por que você esperou tanto tempo? Por que não tomou o lugar dele quando eu era criança?

— Ele só foi libertado recentemente. — Pela primeira vez, a mulher ao lado de Anne falou. As maçãs do rosto dela, embaixo de olhos escuros com pálpebras pesadas, eram salientes. O cabelo era fino e prata, como o de River. Oh-oh. — Eu estava curiosa quanto à casa da Islândia e fui explorar.

Também explorei ali, mas brevemente. A terra queimada e morta me provocou tantos sentimentos ruins que jamais voltei.

— Então, encontrei seu tio. Estava acorrentado nos túneis, preso por parafusos que perfuravam seus pulsos e tornozelos — disse a mulher, descrevendo uma imagem doentia, que me encheu de repulsa. — O lugar todo estava enfeitiçado para anular seu poder. Nenhum tipo de magick podia ser feita ali.

— Minha nossa — disse Asher.

Meu tio ergueu um braço. A ferida estava cicatrizando, mas havia uma marca profunda no seu pulso, onde um parafuso enfeitiçado o segurou durante quatro séculos. A descoberta chocante de que meu pai havia mantido o irmão prisioneiro daquele jeito era horrível, não dava nem para descrever. Eu não queria saber.

— Por que ele não matou você simplesmente? — perguntei, a voz baixa e envergonhada.

— Ele precisava do meu conhecimento — disse Egthor, com desdém. — As aulas das quais ele debochou de repente passaram a ser úteis. Disse que me manteria vivo desde que eu pudesse ensinar alguma coisa para ele. Fiquei lá durante um ano e meio até a chegada dos invasores do norte, aqueles selvagens.

Ah, meu Deus, ele tinha matado Reyn. E onde estava Ottavio?

— E, então, por mais quatro séculos e meio. Felizmente, nos últimos trezentos anos meu cérebro não funcionou direito, então não entendia muito bem que estava acontecendo.

Aí está uma das grandes desvantagens de ser imortal: você não pode morrer de fome. A pessoa continua viva, o corpo vai se deteriorando, o cérebro virando

um nada sem o combustível necessário. No caso do meu tio, se alguém tivesse cortado a cabeça dele, teria sido um ato de misericórdia. Meu pai o colocara lá; tinha feito aquilo com o irmão. Será que eu conseguiria algum dia pensar em meu pai sem repulsa e horror?

— Eu o encontrei há oito meses — disse a mulher. — Eu o soltei e cuidei dele até que ficasse saudável de novo.

— Por quê? — Meu corpo estava zumbindo de poder, força e luz.

— Eu o compreendi — respondeu ela. — Também fui enganada quanto ao poder da minha família. Quando meus primos mataram os pais, foram gananciosos. Agora, estou aqui para pegar minha parte.

— Agata — murmurou River, e Egthor a sacudiu de novo.

— Sim. Sua prima Agata — disse ele. — Formamos uma bela equipe. Imortais de todo o mundo sentiram o gostinho da justiça. Por muito tempo, o equilíbrio de poder foi desigual. — Suas palavras arcaicas misturadas a uma linguagem moderna acrescentavam um toque de irrealidade à situação.

— Bem, você não está equilibrando nada — falei. — Só está pegando para você. Entende a diferença?

Nastasya. Era a voz de River na minha cabeça, audível como o canto de um pássaro. *Precisamos acabar com isso.*

Eu não sabia fazer aquilo de transferir o pensamento, então só pensei *OK* e torci para que minha resposta chegasse a ela de alguma forma.

Egthor agiu como se não tivesse me ouvido.

— Depois que Agata me libertou, procurei o amuleto de Valdis. Deveria ter conseguido seguir os rastros dele, deveria ter sido capaz de encontrá-lo. Só algumas semanas atrás foi que me ocorreu em sonho que ele estava inteiro de novo. Que tinha sido achado.

— Humm — falei, para ganhar tempo. Por dentro, estava tentando me concentrar em juntar o poder da minha mãe com o meu. Estava muito claro para mim. Teria sido bem mais fácil arrancar o poder de tudo ao meu redor da forma que os Teräväs fazem. Em vez disso, estava me demorando e usando o resto das

minhas energias para abrir um canal que pudesse fazer a magick se mover por mim.

Eu me lembrei de como Incy me deixou em uma névoa, envolta em camadas de magick para que eu não conseguisse me mexer. Adicionei essas lembranças ao feitiço.

Não podia matar Egthor ou Agata, a não ser que viessem correndo para cima de mim gritando e empunhando uma espada. Mas com eles ali de pé, eu só conseguia executar um feitiço de prisão.

— Então me dê o amuleto, Lilja — disse meu tio. — Sou seu único parente vivo. Sei mais magick que você é capaz imaginar e poderia ensinar tudo a você. Posso mostrar a você como usar o amuleto, como aumentar dez vezes seu poder. Você vai ser *minha* herdeira.

— É mesmo? — indaguei, deixando minha voz soar cansada.

— É. E não é só isso. Também posso lhe contar a história da nossa família.

Isso me fez erguer a cabeça, e meus olhos o observaram atentamente. Desejei isso minha vida toda. Eu era tão jovem quando minha família morreu... não sabia quase nada sobre eles ou sobre nossa linhagem. Daria qualquer coisa para saber, para entender minha família e meus pais melhor. Para compreender de onde viemos e como nossa magick cresceu.

Egthor viu meu interesse e insistiu:

— Meu pai me ensinou a história da nossa família até 35 gerações passadas. Sou a única fonte desse conhecimento no mundo todo.

Ah, *isso* doeu.

— Então me dê o amuleto — exigiu ele, com bajulação na voz. — Você e eu... e Agata... podemos nos tornar incrivelmente poderosos.

— Não precisamos dela — disse Agata de maneira brusca. — Nós dois juntos bastamos! Você sempre a quis morta... Edna... aquele garoto tolo...

— Ah, meu Deus — murmurou Daisuke. — Innocencio.

— Ela está com o amuleto — disse Egthor.

— Mate a menina e pegue-o — ordenou Agata.

Foi naquele momento, quando Egthor olhou para mim me avaliando, como se pensasse: *Bem, acho que poderia apenas matá-la e pegar o amuleto,* que tudo ficou claro para mim. Por pior que tenha sido o mal que meu pai causou a Egthor, por mais violento que o passado dele tenha sido, esses dois tinham percorrido o mundo matando imortais e tirando seus poderes. Eles enfeitiçaram Incy para tentar me matar. Seduziram Daniel e o fizeram se virar contra River.

Eles me enviaram a cabeça de Incy.

Ele provavelmente tinha matado Reyn.

Respirei fundo e abri a boca, e o poder da minha mãe, o meu poder, saiu de dentro de mim. A música soou altiva e terrível, cheia de ameaça e força, tão intensa quanto um furacão, sólida como a terra, cruel como o fogo e implacável como o oceano. Permiti que a magick saísse de mim para a noite, me deixei ser apenas um condutor. Era mais difícil, exigia mais concentração, mas foi como escolhi usar meu poder.

Egthor e Agata ficaram paralisados, perplexos, quando o feitiço de prisão os atingiu com toda a força. Senti o ferimento na minha barriga se abrir de novo, provocando uma dor lancinante, e senti o fluxo de sangue assustador e quente voltar. Mas continuei cantando e observei Egthor largar contra a vontade o braço de River e Agata soltar Anne.

O rosto de Egthor brilhava devido ao esforço para resistir ao meu feitiço. Senti Agata lutando comigo; conseguia sentir minha música enfraquecendo, sendo superada pelo conhecimento maior deles. Um sorriso cruel ergueu os cantos dos lábios de Agata. Ela queria me esmagar como uma flor pisoteada. Ela me queria morta, não gostaria de dividir Egthor com ninguém. Minha garganta começou a se fechar como se um punho apertasse minha faringe. Ah, meu Deus, ah, não.

Duas vozes se juntaram à minha, reforçando minha magick. Apoiando uma à outra, River e Anne estavam chamando a magick da terra, do ar noturno. Elas uniram suas músicas à minha, e a pressão no meu pescoço diminuiu. O sorriso sumiu do rosto de Agata.

Um a um, meus amigos acrescentaram suas vozes, se misturando e oscilando ao redor do meu núcleo cada vez mais forte. Egthor caiu de joelhos, esticou a mão e gritou palavras que rechacei. Tirei o amuleto de dentro da camisa e o ergui, brilhando com o antigo poder. Quando Egthor o viu, seus olhos se arregalaram e seus gritos ficaram mais desesperados. Agata estava berrando palavras sombrias e agressivas, afiadas como agulhas e acres como melão estragado.

Mas ela não era páreo para mim, para nós.

Minhas palavras deixaram Egthor e Agata de joelhos, depois encolhidos no chão devido à força enorme do meu feitiço de prisão. Com cuidado, comecei a enrolá-lo neles, a amarrar e concluir o feitiço, como se o estivesse tricotando. E, então, um bando de cachorros latindo e rosnando passou correndo pela porta em chamas: Molly e Jasper, os pequenos Henrik e Dúfa. Estavam furiosos, com os dentes à mostra e o pelo eriçado nas costas.

— Molly! — exclamou River, e Asher assobiou intensamente. Os cachorros olharam, e ele deu uma ordem severa para que descessem os degraus. Eles passaram com relutância por Egthor e Agata, os rosnados ressoando no fundo da garganta e os dentes mais assustadores que eu poderia imaginar.

E, então, uma figura alta passou pela porta em chamas. Meu coração parou de bater por um momento, minha voz falhou, e me esqueci de respirar.

O rosto estava queimado e com bolhas, a camisa, fumegando e chamuscada. Ele trazia nas mãos uma enorme montante e ergueu-a rapidamente acima da cabeça de Egthor.

— Espere! — gritei para Reyn. Pois era mesmo Reyn, vivo, com dor e em estado de fúria total.

— Espere — ecoou River.

— Ele morre *agora!* — afirmou ele, e a fúria de invasor no rosto o deixou ao mesmo tempo distante e familiar.

— Espere! — pedi e dei um passo à frente, fazendo uma careta devido à dor renovada e lancinante. Reyn viu a parte da frente das minhas roupas encharcada

de sangue, e seus olhos se inflamaram com uma nova fúria que os acendeu por dentro. — Reyn... ele conhece a história da minha família! Sabe todas as coisas que não sei!

River se virou devagar. Ela parecia mais velha, o rosto estava magro e tenso, e o cabelo parecia mais claro.

— Reyn, por favor.

— Você quer reabilitá-los? — disse Reyn praticamente cuspindo. — Como Innocencio? Eles merecem morrer!

— E eu não? — perguntou River, parecendo estar com dor e exausta. — Você não? Eles são tão piores assim que nós?

Reyn contraiu o maxilar e olhou para River.

— Você quer dar a eles trezentos anos para ficarem bons?

A sombra leve de um sorriso surgiu no rosto de River.

— Não, meu querido. Só quero dar a eles um dia. E depois, mais um. Talvez um dia depois desse também.

Só percebi que Asher tinha se afastado quando o vi voltar com correntes de prata nas mãos. Quando Egthor viu a corrente, começou a chorar em silêncio, lágrimas escorrendo por seu rosto.

— Você não vai ficar em um calabouço — murmurou Asher ao pegar as mãos de Egthor e fechar algemas enfeitiçadas em seus pulsos.

Deitada na varanda ao lado dele, Agata estava furiosa, os olhos saltados e os lábios tão apertados que ficaram brancos. Cansada, River se inclinou e tentou abrir os dedos dela, que pareciam apertados de forma sobrenatural, com os músculos e os ossos contraídos como na morte.

O esforço deixou a testa machucada de River coberta de suor, mas ela conseguiu abrir vários dedos com determinação e tirou alguma coisa da palma da mão de Agata. Inspirei com força quando River colocou o tarak-sin da Casa de Gênova, e o grande anel pesou no seu dedo fino.

Agata estava com o tarak-sin. Chocada, percebi que Ottavio devia estar morto.

Asher se ajoelhou e prendeu as mãos dela atrás do corpo.

— Sinto muito, Agata — disse ele ao fechar as algemas nos finos pulsos ossudos. — Mas você sabe que não podemos deixar que faça isso.

Ela parecia tentar cuspir nele, mas não conseguia.

Asher ficou de pé, com o rosto sujo de fuligem e cansado, e observou nosso escasso grupo.

— Daisuke. Joshua. Anne. Vocês podem vir comigo? Vou levá-los para Benoit, em Minnesota.

Egthor gemeu. Ele se parecia com meu pai. Seu rosto tinha ângulos mais evidentes, e o cabelo e a barba do meu pai eram mais longos e costumavam ficar trançados e amarrados com couro. Mas ele era a primeira pessoa que eu via em 450 anos cuja aparência era a mais parecida com a da família, e não conseguia desviar os olhos dele. Andei até a varanda, a dor na barriga se tornando o centro do meu ser, a coisa enorme ao redor da qual todo o meu ser girava. Levantar um único pé para subir um degrau fazia parecer que tinha alguém enfiando um machado na minha barriga.

— Você vai me contar tudo — falei para Egthor, erguendo a voz.

Ele rosnou para mim com as bochechas molhadas de lágrimas. Reyn o chutou, e Egthor fez uma careta. Olhei para Reyn.

Eu era Lilja de Úlfur. Eu me recusava a compartilhar a vergonha do meu pai, a lembrança dos seus atos cruéis e brutais. Mas o poder dele corria nas minhas veias, e sempre seria assim. Estreitei os olhos, deixei o rosto frio e permiti que toda a minha raiva transbordasse.

— Você vai me contar tudo — falei, com mais firmeza. — Sou a herdeira da Casa de Úlfur! Tenho o poder da minha família!

Levantei o amuleto mais alto, e a pedra da lua brilhou. A ganância no rosto de Egthor enquanto ele olhava para o amuleto era incômoda. Trinquei os dentes por causa da dor, rezei para não desmaiar ou cair para trás e me obriguei a subir a escada.

— Você vai me contar tudo — sibilei. — Vai me ensinar o que sabe. Senão, vou arrancar a pele do seu corpo com uma palavra, vou cortar sua cabeça e

alimentar os cachorros com ela!

O rosto de River estava inexpressivo. O de Reyn, atento. No pé da escada, o rabo de Dúfa bateu uma vez como um chicote, como se aceitando educadamente a oferta da cabeça de Egthor.

Egthor arregalou os olhos, mas não respondeu. Asher puxou a corrente, Daisuke e Joshua foram ajudá-lo, e Anne começou a murmurar alguns feitiços. Egthor e Agata foram levados. River se sentou desajeitadamente nos degraus e escondeu o rosto nas mãos.

O mundo começou a escurecer pelos cantos dos meus olhos, e o som de movimento voltou a rugir nos meus ouvidos.

— Oh-oh — falei, e tudo ficou preto.

CAPÍTULO 33

E essa, meu amor, é a história de como minha vida começou, quando eu tinha 459 anos. Ao olhar para mim agora, uma líder da comunidade imortal, respeitada por meu conhecimento e sabedoria...

— Você é muito metida — disse Reyn por cima do meu ombro. — Ninguém vai acreditar nisso.

Olhei para ele com raiva e tentei tapar a tela com as mãos.

— Vá embora! Ninguém perguntou nada a você!

— Líder da comunidade imortal? — Ele riu com deboche. — Você faltou à última reunião porque ficou acordada até tarde assistindo a *Dancing with the Stars*!

— Cale a boca! Ninguém perguntou mesmo nada a você!

— Além do mais, sou mais alto do que você disse que sou.

— Ah, meu Deus! O quanto você leu?

— Na verdade, tenho quase 1,85m.

Meu queixo caiu.

— Ah. Meu. Deus. Não consigo acreditar que você leu isso.

Ele sorriu sem arrependimento, e, como sempre, seu sorriso provocou um arrepio de empolgação em meu peito, como uma borboleta voando. Esmaguei a borboleta sem dó ou piedade. Havia questões sérias em jogo.

Fiquei de pé e coloquei as mãos nos quadris. No sofá, a adolescente Dúfa abriu os olhos, se levantou e se espreguiçou.

— Está louca? Quer vir me pegar? — Reyn ergueu as sobrancelhas em um movimento sugestivo.

Eu conhecia aquele olhar, assim como todas as células do meu corpo traidor, que começou a dar gritinhos e pulinhos de expectativa.

— Você tem de ir embora — afirmei e cruzei os braços.

— Não pode me expulsar. Moro aqui. Além do mais, tenho a guarda da criança. — Ele indicou Dúfa, que pulou do sofá e se espreguiçou da forma como os cachorros fazem, com a cabeça abaixada. A cadela crescia sobre pernas compridas e finas, e estava um pouco menos desajeitada e esquisita.

— Sou dona do prédio! — Era incrível quantas vezes eu precisava repetir isso para todo mundo.

— Meu nome está no contrato.

Por que eu sempre tinha de aguentar essa resposta?

Reyn andou na minha direção com uma graça felina. Franzi a testa com força. Ele passou os braços ao meu redor e se inclinou para beijar minha testa, minha orelha, meu pescoço. Meu estômago deu um pulinho.

— Venha para a cama — sussurrou ele, e na hora sufoquei um choramingo. Suas mãos grandes e fortes acariciaram minhas costas enquanto ele beijava minha bochecha. Os lábios demoraram demais para alcançar os meus, mas acabaram chegando. Meus braços se esticaram e lhe envolveram o pescoço, e não consegui evitar um sorriso com a boca encostada na dele.

Ele começou a andar comigo na direção de nosso quartinho, que ficava após a pequena alcova de jantar com a mesa de fórmica e quatro cadeiras descombinadas. Percorremos o corredor e passamos pelo banheiro. Nosso quarto tinha vista para a Main Street, e Reyn puxou a persiana ao me levar para a cama.

Quando caí de costas no colchão, já estava rindo, mais feliz e cheia de alegria que jamais imaginei ser possível. Dúfa pulou na cama e lambeu minha pálpebra.

— Pare — falei para ela. — Isso é tão nojento. — Ela sorriu para mim e mostrou as presas de menina crescida que tinham finalmente surgido.

Reyn se deitou ao meu lado, e estiquei os braços para ele. Nós nos abraçamos e nos beijamos como se fosse a primeira vez ou, talvez, a última, como se nunca fôssemos nos cansar um do outro. Eu o absorvi sem parar, amando seu cheiro, a sensação do seu cabelo na minha testa, o peso do seu corpo rígido em cima do meu.

Reyn se afastou e olhou nos meus olhos, como se ainda precisasse decorar meu rosto e tudo em mim. Minhas mãos se moviam sem parar pelas costas dele, coberta de músculos definidos e de força, e tentei me erguer para beijá-lo de novo.

— Deixe-me olhar para você — sussurrou ele. — Eu amo tanto você, minha Lilja.

Engoli em seco e torci para não ficar toda sentimental.

— Eu amo tanto *você*, Eileif.

Parecia que nós dizíamos isso um para o outro umas cem vezes por dia. Talvez porque nenhum de nós esperasse amar alguém de novo.

— Nunca mais quero ficar com outra pessoa, só com você. — A voz dele estava baixa, e seu rosto, sério.

— Espero que nunca fique — falei, a voz falhando, sentindo uma onda de emoção tomar conta de mim. — Porque eu teria de matar você.

Eu adorava o sorriso dele, adorava como seus olhos se fecharam quando ele me deu outro beijo. Uma das mãos subiu por debaixo da minha blusa e pela cintura da minha calça jeans. Ele a abriu e passou os dedos de forma delicada por cima da minha calcinha.

— Nem consigo sentir a cicatriz — murmurou ele. — Vai sumir logo.

Assenti e virei a cabeça para beijar a pele macia do seu pescoço, sentindo a pulsação tão firme e forte.

— Já se passaram dois meses. Deve ficar bom quando for época de usar biquíni.

Ao ouvir isso, Reyn voltou a se afastar, os olhos pareciam sorrir.

Abri os botões da sua camisa, um de cada vez, e me deleitei com o peito lindo e dourado, revelado centímetro a centímetro. Jamais conseguia deixar de passar os dedos pela cicatriz, de pressionar os lábios nela como se um dia pudesse fazê-la sumir.

Não importava se não sumisse, e nem se a minha nunca sumisse também. Tantas outras coisas sumiram.

— Essa cor é horrível! Que tom é esse, bege lixo do lago? — Dray olhou criticamente para a parte da parede na qual havia passado uma demão de tinta. Ela mastigou mais batatas fritas e balançou o saco para juntar todos os farelos.

— É marshmallow torrado — falei, irritada.

— Não é tão ruim — opinou Meriwether, com lealdade, erguendo o olhar da revista.

— Este é seu *quarto* — disse Dray. — E seu namorado é a coisa mais deliciosa de todas que já vi na minha vida intei... — Ela parou quando a olhei com raiva. — O que estou dizendo é que você deveria pintar de vermelho-sangue, de alguma cor apaixonante e sexy.

— Na verdade, é impressionante o quanto o sangue não é sexy.

— Pêssego é uma cor legal — disse Meriwether. Ela pegou outra das minhas balas Now and Laters de maçã verde e a tirou da embalagem.

— Eu gosto dessa cor! — exclamei.

— Você que sabe.

— Sabe, você é minha vizinha. Não minha mãe — falei para Dray, e ela sorriu.

— Toc toc! — A voz de Brynne soou pelo corredor. — Ei, garota! Você vem? Oi, Dray, Meriwether. Já estão de férias? Hum, essa é a primeira demão?

— Mais quatro dias — disse Meriwether, animada. — Vou poder ver Lowell o tempo todo, papai arrumou um emprego para ele na farmácia.

— Ah, isso é ótimo — falei, com satisfação.

— É — concordou Meriwether, ficando corada.

— É, eu vou entrar lá, e vocês vão estar se pegando no banheiro — disse Dray sombriamente.

— Não vamos — discordou Meriwether, mas percebi que ela achava que a ideia tinha mérito.

— Você vai assim? — Brynne apontou para minhas roupas manchadas de tinta. A longa cicatriz em uma das suas bochechas estava sumindo, diminuindo a cada dia, e virara uma linha muito fina. Em pouco tempo, desapareceria. Como acontece conosco.

— Que droga, já são 5 horas? — Coloquei o rolo no chão e tampei a lata de tinta. — Um segundo. Reyn vai nos encontrar lá.

— Que cor você vai colocar por cima desta? — perguntou Brynne.

— Querem saber? — perguntei, enquanto entrava no banheiro. — Vão todas para o inferno.

As gargalhadas das minhas amigas preencheram o quarto. E meu coração.

Eu sei. Tão meloso. Tão, tão meloso. Revoltantemente meloso. Mas verdade.

***

River's Edge tinha mudado muito em alguns aspectos, e nada em outros. Grandes partes da propriedade foram completamente reconstruídas depois do incêndio, e a maior parte da mobília da sala era nova. O fogo foi justificado como consequência de um problema elétrico e já tinha sido apagado quando um vizinho reparou na fumaça e chamou o corpo de bombeiros.

Meu tio matou Ottavio dentro da casa. Jess e Solis morreram lutando contra os seguidores sem nome que Egthor e Agata reuniram por todo o mundo. Descobri mais tarde que a mulher apavorante era na verdade Miss Edna, a dona daquele bar grotesco para o qual Incy me levou. Eu estava feliz por ela estar morta.

Tive pesadelos com a morte de Roberto durante semanas.

Dos quatro irmãos, River perdeu dois. Daniel fora acorrentado e levado para uma prisão/reabilitação imortal na Califórnia, que pertencia a um conhecido de Solis. Até o momento, nem Daniel, Egthor ou Agata pareciam estar contraindo o vírus do remorso, mas River não perdeu a esperança.

Os ataques por todo o mundo acabaram, mas a maior parte de nós acreditava que era questão de tempo até que algum outro Terävä ambicioso decidisse acelerar seu progresso mágicko.

Você está se questionando quanto aos corpos? É claro que está, porque você é macabro, xereta e tem sede de sangue. E quem pode culpá-lo?

Como você deve ter desconfiado, havia uma grande quantidade de imortais mortos depois da luta, e não há uma pessoa no mundo que pudesse explicá-los de forma adequada para qualquer autoridade moderna. No final, nós os levamos para os túneis e os deixamos em um dos becos sem saída. Fazendo magick, um grupo conseguiu reduzi-los essencialmente a pó. Foi nojento e muito, muito deprimente. Depois, aquele túnel foi fechado e selado, como se nunca tivesse existido, e feitiços com duração de pelo menos um século foram feitos para impedir que o descobrissem. Tive medo de olhar os rostos, medo de ver Stratton, Cicely ou até mesmo Nell, qualquer pessoa que eu conhecia. Mas, exceto pelo casal apavorante, eram estranhos para mim, embora River, Asher e Anne tenham ofegado ou murmurado várias vezes em reconhecimento.

Então, os dias sombrios chegaram ao fim.

Brynne estacionou o mais novo carrinho da fazenda na área de cascalho, e nós saímos. Reyn e eu tínhamos decidido não comprar uma casa chique e enorme em algum lugar e estávamos morando na cidade, em um dos *meus* apartamentos, havia quase três semanas. Mas eu passava em River's Edge quase todos os dias para ter aulas ou só para matar o tempo.

As plantas nos campos e na horta estavam crescendo. A primavera tinha sido quente e úmida, e o mundo todo parecia estar explodindo com vida. De vez em quando, só para não perder a prática, eu cuidava de um cavalo ou tirava leite de

uma vaca. A galinha que depenei agora estava igual às outras, e os pintinhos da galinha do demônio haviam crescido.

Henrik, o último filhote de Molly, ficava cada dia mais lindo, com a cabeça delicada e firme, um porte belo e perfeito, e um gingado elegante. Dúfa continuava sendo Dúfa, mas estava maior.

Quando Brynne e eu estávamos nos dirigindo à casa, eu a cutuquei com o ombro.

— E aíííí?

Para minha surpresa, ela corou e baixou a cabeça. Os cachos saltitantes formavam uma auréola ao redor da cabeça.

— Ele sucumbiu — murmurou ela, e eu parei no primeiro degrau da varanda, boquiaberta.

— É meeeeesmo? — perguntei. — E estamos dando pulinhos de alegria? Ouvimos anjos cantarem?

Brynne assentiu, ainda corada, e fiz uma anotação mental de dizer alguma coisa constrangedora para Joshua mais tarde. Ele tinha decidido ficar um tempo em River's Edge, primeiro para ajudar a consertar a casa e deixar tudo de volta no lugar, depois porque percebeu o quanto tinha sentido falta do contato com a família, e, agora, aparentemente, para ficar com Brynnster.

— Muito bem, garota — falei, e tocamos a mão uma da outra.

— Bem — disse ela, com timidez —, achei que, se ele e Reyn podiam ser amigos do peito, não havia motivo para ele *me* dar o fora.

— Verdade — concordei, e nós duas entramos.

Pois é. Joshua e Reyn, inimigos mortais por *várias centenas de anos*, agora eram unha e carne. A cada quinze dias, eles se envolviam em lutas horríveis, apavorantes e barulhentas no quintal de River's Edge. Anne implorava para que parassem, porque eles se acertavam de vez em quando e precisavam de pontos, chá e feitiços de cura. Mas as lutas pareciam satisfazer algo dentro deles.

No interior da casa, River estava saindo do escritório. Ela havia mudado desde março. Depois de 1.300 anos enfrentando o que aparecia no seu caminho, aquela

última batalha acabou lhe tirando alguma coisa. Ela perdeu peso e parecia ter envelhecido dez anos (humanos) nos últimos dois meses. Eu estava preocupada, mas River insistia que estava bem.

— Oi, minha querida — disse ela, e nos beijamos em ambas as bochechas. — Como está seu império imobiliário? Eu me esqueci de perguntar ontem.

— Está indo bem — respondi, e esfreguei as mãos uma na outra como um magnata. — Eu estava conversando com aquele cara que dá uma camiseta quando você compra uma, sabe? Acho que posso tê-lo atraído para minha velha fábrica na rodovia Devan. Acredito que a equipe consiga reformá-la em umas dez semanas, e depois podemos abrir uma filial do conglomerado de camisetas dele ali. Talvez Gambá possa ser um dos designers.

— Parece incrível — disse Brynne.

— Muahuahua — ri. — Em pouco tempo, serei dona da cidade inteira!

River deu risada e me abraçou. Eu amava meu império imobiliário.

Na sala de jantar, Rachel colocava um prato de salmão na bancada, e Charles vinha atrás dela com o resto do espinafre da estação. Eu estava feliz por eles terem voltado, mas Lorenz não tinha vindo. A reabilitação é assim: você vem e vai quando precisa, pelo tempo que precisa. Eu achava que ele acabaria voltando.

Amy fora embora algumas semanas depois daquela noite. Ottavio tinha morrido, e ela parecia um pouco perdida. Todo mundo pediu para que ficasse, mas ela foi embora assim mesmo. Eu sabia como era isso: em um novo lugar, ela não ficaria se lembrando de tudo cada vez que se virasse. Poderia ser uma pessoa diferente, uma pessoa que não tinha acabado de passar pelo que ela passou. Mas Amy também voltaria um dia.

Reyn chegou quando estávamos nos sentando. Tudo bem, não havia muito tempo que estávamos juntos, mas eu ainda ficava surpresa pelo quanto ficava feliz em vê-lo. Ele beijou minha bochecha ao se sentar ao meu lado, e, então, todos nos demos as mãos e agradecemos pela comida.

Asher ficou de pé e bateu com a faca na taça de vinho.

— Pessoal? Posso ter a atenção de vocês, por favor?

Peguei rapidamente um pedaço de salmão. Quem sabia o quanto sobraria na próxima vez que o prato fosse posto à mesa?

— Gostaria de anunciar que meu amigo Petrov vai se juntar a nós no verão — disse Asher. — Não conheço ninguém com melhor conhecimento da história dos imortais, e ele também tem habilidade em elaborar feitiços. Sua vinda será um grande benefício para nossa comunidade.

— Viva! — exclamou Anne, e levantou a taça. — Conheço Petrov, ele é adorável. Sei que vão gostar dele.

River sorriu e ergueu a taça conosco.

— E outra coisa — prosseguiu Asher, se virando para olhar para River. Ela ergueu uma sobrancelha curiosa. — As últimas sete décadas com você foram as melhores da minha vida — disse ele, e todos ficamos imóveis e em silêncio. Por baixo da mesa, Reyn segurou minha mão. — Na verdade, também foram bem difíceis, é claro.

Todos rimos, inclusive River.

— Mas foram as melhores porque as dividi com você.

O rosto de River se anuviou, e seus olhos brilharam ao olhar para ele.

— E estou pedindo, na frente da família e dos amigos, que se case comigo.

Ninguém estava esperando isso, e houve vários olhares rápidos e arregalados ao redor da mesa.

Quanto a River, ela pareceu atônita e ficou olhando para Asher com a boca aberta.

Parecendo inseguro, mas esperançoso, Asher tirou uma caixinha do bolso e a abriu. Dentro havia um lindo anel antiquado, com uma esmeralda enorme no centro e mais dois diamantes, um de cada lado. Mesmo de onde eu estava, consegui ver que o aro de ouro era entalhado de flores.

Reyn segurou minha mão com mais força.

River continuava em silêncio, só olhando.

— Uau, é difícil surpreender River, mas você conseguiu, Ash — disse Anne para quebrar o silêncio tenso. Rimos de nervoso, torcendo para que aquela

situação não virasse um desastre bem na nossa frente.

Mas Asher continuou ali parado, o rosto ficando quente enquanto esperava.

— Casar! — exclamou River, com voz fraca.

— Sim. — Asher ergueu o queixo.

— Casar!

— Você me ouviu.

— Eu... eu nunca fui casada. — River parecia temer aquela perspectiva.

— Uau, nunca? — perguntou Rachel.

— Adoro casamentos — disse Charles. — Imagine só um casamento em setembro.

— Não... nunca — disse River, ainda parecendo atônita.

Asher só aguardou.

— Ah... bem, sim — disse River, com perplexidade. — Sim. Aceito me casar com você.

Andava tão emotiva e de coração mole ultimamente, que cheguei a ficar com lágrimas nos olhos e precisei fungar. Reyn passou o braço ao redor dos meus ombros e beijou meu cabelo.

Anne começou a bater palmas, e é claro que todos nós nos juntamos a ela. River estava rindo e chorando ao mesmo tempo quando Asher colocou o anel no seu dedo, depois a beijou e abraçou ali, com todos nós gritando e aplaudindo.

Reyn se inclinou e sussurrou no meu ouvido.

— Então... até River cedeu.

Parei de rir e olhei rapidamente para ele. Reyn tinha uma expressão de "serei vitorioso", e senti um arrepio de alarme.

— Ah, não — falei, com desconforto, e me lembrei das *cinco* folhas no galho da minha visão. — River é diferente. É claro que ela deve experimentar uma vez. Mas *ninguém* quer *ficar fazendo* isso.

Reyn só deu um sorrisinho.

Humm.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

Inimigo sombrio - Amada imortal vol.3

Skoob do livro
http://www.skoob.com.br/livro/387279-inimigo-sombrio

Skoob da autora
http://www.skoob.com.br/autor/7973-cate-tiernan

Site da autora
http://catetiernan.net/

Sinopse do livro
http://paixaoporlivros-vick.blogspot.com.br/2014/06/inimigo-sombrio-amada-imortal-volume-3.html

Sobre o livro
http://livrosecitacoes.com/category/immortal-beloved/

Sobre a serie
http://livrosemserie.com.br/sagas/a/amada-imortal/

Notícia sobre o livro

http://o-livreiro.com/galera-record-divulga-previsao-de-lancamento-para-eternally-yours-ultimo-livro-de-amada-imortal/

Wikipedia da autora
http://en.wikipedia.org/wiki/Cate_Tiernan

Goodreads da autora
http://www.goodreads.com/author/show/191456.Cate_Tiernan

Resenha do livro
http://www.livroseblablabla.com/2012/08/amada-imortal-cate-tiernan.html

SUMÁRIO

Capa
Outras obras do autor publicadas pela Galera Record
Rosto
Créditos
Dedicatória
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16

Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Colofon
Saiba mais